ESTORIA
DE
DOM NUNO ALVREZ PEREYRA

ACTA UNIVERSITATIS CONIMBRIGENSIS

ESTORIA DE DOM NUNO ALVREZ PEREYRA

EDIÇÃO CRÍTICA DA «CORONICA DO CONDESTABRE»
COM INTRODUÇÃO, NOTAS E GLOSSÁRIO
DE *ADELINO DE ALMEIDA CALADO*

POR ORDEM DA UNIVERSIDADE
COIMBRA
1991

PREFÁCIO

A edição crítica da Coronica do condestabre *é a concretização de um projecto antigo que nos propuséramos depois de termos dedicado alguns anos a estudos sobre a vida e a obra de Frei João Álvares. Apercebemo-nos, nessa altura, da singularidade e interesse da* Coronica *no plano da historiografia medieval portuguesa, e dos problemas que rodeavam as edições então existentes, e sabíamos que o próprio texto apresentava problemas que constituíam um desafio a qualquer editor de textos. Porém, as exigências de uma actividade profissional que se tornou absorvente obstaram à realização dos trabalhos que o empreendimento requeria. Quando voltámos a prestar alguma atenção ao assunto, verificámos que, entretanto, continuava a não existir uma edição que em rigor pudesse chamar-se crítica, pelo que os estudiosos não dispunham de um texto seguro para utilização nas suas vertentes de documento histórico e de peça literária e linguística. Sem uma edição desse tipo, a chamada* Coronica do condestabre *continuava a ser menos conhecida do que merecia, para o que também contribuía a rarefacção de exemplares no mercado livreiro, mesmo se pensarmos somente nas edições mais recentes.*

Embora este volume seja fundamentalmente uma edição crítica da Coronica, *julgámos dever, na oportunidade, abordar os problemas textuais que ela ainda suscita, mas fizemos um esforço para nos mantermos estritamente nesses limites, embora a extensão da introdução pareça desmentir-nos. Fica, por isso, um vasto campo para os historiadores revolverem, numa perspectiva complementar daquela em que nos colocámos.*

Com alguma felicidade encontrámos no nosso prezado Amigo Professor Doutor Aníbal Pinto de Castro o indispensável apoio para a execução material desta edição, apoio esse que foi determinante para a realização do nosso trabalho.

Não queremos deixar de assinalar também o incentivo que para o nosso projecto recebemos do Professor Doutor Salvador Dias Arnaut, Mestre e Amigo cuja orientação nos nossos primeiros trabalhos nunca poderemos esquecer.

Como o leitor atento bem verá, a quase totalidade da recolha de dados foi feita na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, onde felizmente prossegue a tradição de gentileza e solicitude que sempre encontrámos no pessoal de atendimento, e que muito contribuiu para melhorar as condições em que este trabalho foi realizado.

No respeitante à execução gráfica, a edição fica a dever muito ao dedicado empenho profissional com que o Senhor Honório Madeira, da Coimbra Editora, acompanhou os pormenores de revisão.

Deixamos para todos o nosso sincero reconhecimento.

ADELINO DE ALMEIDA CALADO

INTRODUÇÃO

1. AS EDIÇÕES

Com data de 6 de Novembro de 1526 saiu impressa, ao que sabemos pela primeira vez, da oficina de Germão Galharde em Lisboa, a *Coronica do condestabre de purtugall Nuno aluarez Pereyra*. Materialmente, a *Coronica*, de que podemos ver exemplares na Biblioteca Nacional e na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, é um volume *in-folio* pequeno (30 × 21 cm) com uma página de título que a gravura 1 reproduz melhor do que qualquer descrição. No verso aparece uma gravura muito conhecida, que representa um cavaleiro armado e equipado, de pé sobre um chão de mosaicos triangulares, enquadrado, em primeiro plano, por um arco de volta redonda assente sobre colunas de secção quadrada. No chão repousa um elmo emplumado.

O texto, que começa no fólio seguinte, estende-se por sessenta e cinco fólios numerados de II a LXVI e está composto em caracteres góticos, a duas colunas, repartido em capítulos numerados de I a LXXX. Cada capítulo é precedido da respectiva epígrafe e abre com uma capital decorada.

Ao longo de todo o volume, as páginas são encabeçadas por um título corrente que, como seria de esperar, se reparte entre o verso de um fólio e o recto do seguinte, e contém apenas os elementos iniciais da página de título, com pequenas variantes.

No fim há uma «Tauoada dos capitollos», com remissão para os respectivos fólios.

Coronica do
condestabre
de purtugall
Nuno aluarez Pereyra: principiador da
casa q̃ agora he do Duque de Bragãça
sem mudar da antiguidade de suas pa-
lauras nem stillo. E deste Condesta-
bre procedem agora o Empera-
dor ⁊ em todolos Reynos de
xp̃aos de Europa ou os
Reys ou as raynhas
delles ou ambos.

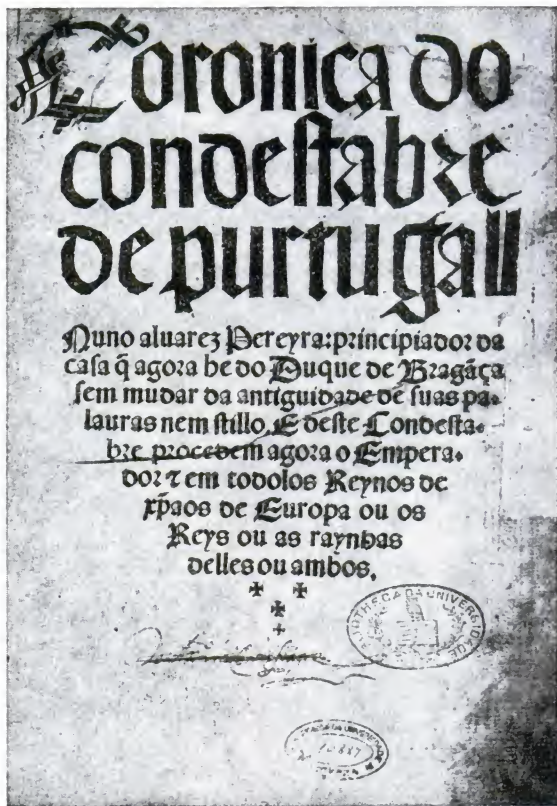



Fig. 1 — Página de título (fol. I r) da edição de Germão Galharde, Lisboa, 1526. Exemplar da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.

Voltaremos aos pontos aqui rapidamente tocados para uma análise mais aprofundada, mas, antes, abordaremos a hipótese de tei existido uma edição anterior a esta.

O problema foi levantado pelo Prof. Mendes dos Remédios, que fez em 1911 uma reedição da *Coronica*, a que adiante nos referiremos. Para ele, as palavras «sem mudar da antiguidade de suas palauras nem stillo», que se lêem na página de título, «significam, parece, que uma outra edição havia precedido a que se dava, a qual se procurava fielmente reproduzir». Isto era o que deduzia do «sentido das palavras, natural e intuitivo» (1). No entanto, em ciência bibliográfica as afirmações não se baseiam em argumentos dessa natureza, e o próprio Mendes dos Remédios não pôde sustentá-las com inteira convicção. António Machado de Faria, ao editar pela sexta vez a *Coronica* em 1972, já demonstrou a impossibilidade de se aceitar tal hipótese, concluindo relativamente à edição de 1526: «À falta do manuscrito em que ela se baseou fique-nos, ao menos, tal consolação e assentemos ser edição *princeps* e se desconhecer qualquer exemplar de outra anterior, assim como alusão clara de a ter havido» (2).

Mas gostaríamos de acrescentar, em breves palavras, algumas novas perspectivas.

Em primeiro lugar, a análise do texto, como adiante veremos, proporciona uma determinada explicação para a expressão em causa (3), explicação essa que não é de modo algum a que ocorreu a Mendes dos Remédios, mas que tem a ver apenas com a medida em que o texto foi conservado.

Por outro lado, a «antiguidade» de uma edição anterior a 1526 era extremamente improvável, porque teríamos de situá-la numa época em que os assuntos nacionais em língua

---

(1) Prefácio da edição citada, p. VII.

(2) Introdução à edição citada, p. XXXIX.

(3) V. adiante cap. *3. O manuscrito*.

nacional estavam fora do horizonte dos nossos impressores. Como se sabe, do que anteriormente se publicara em Portugal, a menor parte eram obras em português [1], e não parece crível que alguém tivesse pensado em lançar um volume impresso sobre um herói nacional, quando os critérios de selecção de textos para publicação andavam muito arredados desses temas. E se pensarmos que o próprio Germão Galharde teria produzido tal trabalho (e que outro, se não ele?), então as probabilidades descem quase para zero, porque o início da sua actividade, por volta de 1519 [2], nem sequer deixa margem temporal para aceitarmos que ele tivesse publicado uma edição da *Coronica* de tão fulgurante escoamento que justificasse uma nova edição em 1526.

Mas as impossibilidades (mais do que improbabilidades) não param aqui. Podemos postular que a raridade dos exemplares de uma edição antiga não é sempre a mesma ao longo dos séculos: ela vai aumentando à medida que o desleixo humano e os acidentes naturais vão destruindo exemplares. Isto quer dizer que, se, por um lado, as referências antigas fidedignas a uma edição hoje totalmente desaparecida nos permitem acreditar que ela existiu, embora não a conheçamos, por outro lado, e muito logicamente, a falta total de referências antigas a uma suposta edição permite-nos acreditar com bastante segurança que tal edição nunca existiu. Ora precisamente o que sucede no caso de que nos ocupamos é que nem sequer há, em qualquer época, a mínima referência (nem fidedigna nem suspeita) à edição que se afigurou a Mendes dos Remédios.

Aliás, este professor teve à vista a contraprova do que dizemos. Ao referir-se ao desaparecimento da primeira edição da *Chronica do Infante Santo Dom Fernando*, de Frei João

---

[1] Cf. ANSELMO, Artur — *Origens da imprensa em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1981, p. 255 e seg.

[2] V. nota 2 da p. XVI.

Álvares (1), referida por alguns bibliógrafos como impressa por Germão Galharde em 1527, para estabelecer o paralelo com o desaparecimento da que ele julgou existir da *Coronica do condestabre* antes de 1526, Mendes dos Remédios aproximava dois casos que, na realidade, estão muito distantes entre si: à *Chronica do Infante Santo* há referências explícitas e possuimos dela descrições bibliográficas pormenorizadas que tornam a sua existência perfeitamente aceitável em termos de rigorosa crítica (2), e o próprio facto de Germão Galharde ter editado em 1526 a *Coronica do condestabre* torna mais verosímil que no ano seguinte tenha editado uma biografia do Infante D. Fernando; a uma edição da biografia de Nun'Álvares anterior à que conhecemos não há, pelo contrário, em qualquer dos muitos bibliógrafos que podemos consultar, nenhuma referência ou descrição que nos leve a crer seriamente na sua existência.

Um último argumento agarrado por Mendes dos Remédios é francamente inconsistente: «Pode compreender-se então que decorresse quase um século, precisamente 95 anos [...] até ao aparecimento da redacção da crónica? O facto é, à simples consideração, inteiramente inverosímil» (3). Parece haver aqui uma confusão entre a redacção e a edição que não deve reter-nos por mais tempo.

Podemos agora ocupar-nos das características materiais da edição produzida em 1526 por Germão Galharde, e não será demais toda a atenção que lhe possamos dedicar como

---

(1) Prefácio citado, p. IX.

(2) V. o nosso trabalho *Frei João Álvares: estudo textual e literário-cultural*, Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade, 1964, p. 93-96.

(3) Prefácio citado, p. X. Levado pelo seu raciocínio, Mendes dos Remédios viria até a admitir (p. XII) que tivesse havido uma crónica impressa no tempo de Nun'Álvares, isto é, antes de se ter criado a imprensa.

espécie bibliográfica dotada de valor intrínseco. É com ela que começa a história do texto conhecido por «Crónica do Condestável». O próprio texto e tudo o que poderíamos saber daí para trás se reduziria a nada se essa edição não existisse, e é com base nela que temos não só o texto mas também todo o conhecimento que dele se pode extrair, nos seus múltiplos aspectos.

Começando pela página do título, notamos facilmente que a sua composição tem duas partes.

A parte superior (as três primeiras linhas), em letra de grande formato, é, na realidade, uma xilogravura [1], o que se reconhece facilmente pelas diferenças bastante acentuadas no desenho das várias ocorrências da mesma letra — nomeadamente *a*, *d* e *o* — e, em grande parte dos pormenores, pelo recorte um tanto irregular de todas as letras. A xilogravura supria a falta de caracteres tipográficos do formato pretendido (que variava de caso para caso) e era um processo técnico corrente na época, com origem mesmo no século anterior, pelo menos desde que os incunábulos começaram a ter página de título.

Um elemento notável desta parte é a capital de estilo caligráfico. Sem ser uma novidade (as capitais caligrafadas vinham já, também, do século anterior e tinham sido insistentemente usadas, por exemplo por Valentim Fernandes), Germão Galharde conseguiu com ela um bom efeito ao enriquecer o título com uma nota de arte e mestria. Deve-se dizer, porém, que há, mesmo na produção tipográfica portuguesa (e é o caso, mais uma vez, de edições de Valentim Fernandes), capitais caligrafadas de composição muito mais

[1] O facto é já mencionado por Inocêncio no *Diccionario bibliographico portuguez*, tomo II, p. 109; e por António Anselmo na *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVI*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1926, p. 165.

complexa e que revelam muito maior habilidade do desenhador e do entalhador (1).

Também é verdade que, não obstante os prováveis objectivos com que aplicou na página do título um bloco xilogravado expressamente preparado para a obra, Germão Galharde teve alguma infelicidade na qualidade desse bloco, cuja perfeição e regularidade de caracteres deixa bastante a desejar. Se compararmos com atenção as letras repetidas, como acima referimos, verificaremos que houve pouca preocupação ou pouca capacidade de as fazer iguais, e o próprio recorte de todas elas apresenta irregularidades que não existiam em outros trabalhos muito anteriores.

Não pode passar também despercebido o desrespeito pela grafia já estabilizada na época. Passemos sem grande reparo sobre a forma «coronica» que, embora rara, ainda podia aparecer em alguns manuscritos e de facto aparece em cópias de crónicas de Fernão Lopes, mas não deixemos de estranhar a grafia «purtugall», que já então se podia considerar errónea, não pela inicial minúscula, mas pelo *u* da primeira sílaba e pelos *ll* finais.

Mas, apesar de todos os senões, é de notar o relevo que essas palavras adquirem pelo seu grande formato, e a harmonia que resulta da sua combinação com a composição tipográfica que se lhes segue, em triângulo invertido rematado no vértice por três cruzes. E do conjunto ressalta uma outra qualidade que nos parece bem conseguida: a sua sobriedade e dignidade, recusando o recurso a uma composição sobrecarregada que a aproximaria da vulgaridade.

---

(1) Podem ver-se reproduzidas, p. ex., as da *Vita Christi* e das *Epistole Cataldi* em Artur Anselmo, *ob. cit.*, p. 153 e 158. Esta última também no *Catálogo dos Reservados da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*, Coimbra, Por ordem da Universidade, 1970, est. n.º 53.

Dignidade é, de facto, o que Germão Galharde parece ter pretendido dar a esta edição, e para ela convergem outros elementos materiais do livro:

— o formato, que se situa na área do *in-folio*,
— a composição a duas colunas,
— o emprego de caracteres góticos de forma,
— as letras capitulares decoradas,
— a gravura ao tamanho da mancha.

Com efeito, o formato in-folio num volume de apenas sessenta e seis folhas não era indispensável: a extensão do texto suportava bem um formato menor, o que teria apenas como consequência irrelevante um ligeiro acréscimo do número de folhas. É razoável, portanto, admitir que a escolha do *in-folio* é intencional.

Por seu lado, a composição a duas colunas num formato grande é sempre uma boa opção, na medida em que proporciona comodidade de leitura e um resultado estético feliz. Noutros casos Galharde optou pela composição em mancha compacta e o resultado prático é, de facto, sob todos os aspectos, inferior.

Não deixemos de notar que a composição a duas colunas tinha uma longa tradição nos manuscritos, onde era preferida para os grandes formatos e para os códices a que se queria dar um toque de imponência e grandeza, ou que se destinavam às bibliotecas das personalidades de alto nível social ou político. Dos manuscritos transitou, naturalmente, para os primeiros livros impressos, uma vez que estes seguiram durante bastante tempo as concepções estéticas daqueles, tanto na composição como na decoração das margens e das capitais. Mas Germão Galharde estava já, em 1526, a contrariar uma tendência, que se vinha manifestando desde o século anterior, para se generalizar a composição numa só coluna, mesmo em formatos de certo porte. No mesmo

ano publicava ele a *Ordenaçam da ordẽ do juizo* (1), que se inseria nesta nova tendência. Estamos, pois, em crer que o impressor francês usava as duas colunas numa perspectiva estética de sentido tradicionalista, da qual adviria ao livro aquela nota de dignidade que talvez, mesmo, ele quisesse relacionar directamente com o tipo e o tema do texto.

Isso explicaria também a escolha dos caracteres góticos de forma, de corpo grande, que aliás teve tendência para usar com frequência. A letra gótica de forma era também antiga, remontando aos primeiros tempos da imprensa (2), sem perder a sua nobreza através do longo período do seu uso, e, de entre os alfabetos disponíveis, esse terá parecido a Germão Galharde perfeitamente adequado a uma obra que tratava de uma personalidade de tão grande relevo como o Condestável. Também é verdade que esses caracteres estavam a cair em desuso, suplantados progressivamente pelos caracteres romanos que os humanistas acabariam por fazer generalizar (3). Mas mais uma vez terá prevalecido o critério estético a que o impressor pretendia subordinar todos os aspectos da edição.

Relativamente a estes caracteres levantamos uma hipótese que não podemos documentar, mas que se mostra bastante verosímil: Germão Galharde pode tê-los adquirido a Valentim Fernandes no fim da actividade deste, ou aos seus herdeiros. Há algumas bases para esta suposição:

— genericamente, sabemos que os caracteres tipográficos mudavam de mãos por motivos variados: encerra-

---

(1) Existe um exemplar na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, com a cota *R-58-19*. Cf. *Catálogo dos Reservados...*, p. 448, sob o n.º 1760.

(2) V. Artur Anselmo, *ob. cit.*, p. 347-348.

(3) V. Febvre, Lucien; Martin, Henri-Jean — *L'apparition du livre*, Paris, Albin Michel, 1958, p. 109-118.

mento de uma oficina de impressão, falência do impressor, e outros;

— de Valentim Fernandes sabemos que terá terminado a sua actividade por fins de 1518 ou, o mais tardar, em Janeiro de 1519, altura em que faleceu (o seu último trabalho conhecido é o *Repertorio dos tempos*, de 1518) (1);

— Germão Galharde, por sua vez, terá começado a imprimir em Portugal em 1519 (2) e usou com bastante insistência caracteres de recorte precisamente igual aos que Valentim Fernandes usou (por exemplo nas *Epistole Cataldi*, de 1500) (3).

Assim, os caracteres da oficina de Germão Galharde poderiam muito bem ser os que havia utilizado por largos anos Valentim Fernandes, e que parecem ter sido adquiridos em Sevilha a Pedro Brun (4). Estas migrações de alfabetos (e também de gravuras) eram frequentes na época, e não se verificavam só dentro do mesmo país, mas por vezes percor-

---

(1) V. Artur Anselmo, *ob. cit.*, p. 197-198.

(2) Tito de Noronha, em *A imprensa portugueza durante o seculo XVI*, Porto, Imprensa Portugueza, 1874, p. 26-27 nota, informa ter visto o *Tratado da pratica Darismetyca ordenada por Gaspar Nycolas*, impresso em 1519 por Germão Galharde, exemplar pertencente na altura ao Visconde de Azevedo.

(3) Há um exemplar nos Reservados da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, com a cota *R-37-10*. Recentemente foi publicada deste volume uma edição fac-similada: *Epistolae et orationes*, com introdução do Prof. Américo da Costa Ramalho, Coimbra, Por ordem da Universidade, 1988.

(4) Cf. Artur Anselmo, *ob. cit.*, p. 352. Luís Chaves, em *Subsídios para a história da gravura em Portugal*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1927 («Subsídios para a História da Arte Portuguesa», 24), p. 7, já se referira ao facto de G. Galharde ter aproveitado «o material alemão dos seus antecessores», o que reforça a nossa hipótese.

riam, ao longo de muitos anos, variados países, nem sempre geograficamente próximos (1).

Segundo a nossa hipótese, teriam transitado de Valentim Fernandes para Germão Galharde não só os caracteres tipográficos, mas também algumas concepções estéticas, por assimilação. Isso explicaria a identidade de composição dos títulos de obras produzidas por ambos os impressores, pelo menos em dois pormenores: o recurso a blocos xilogravados e o uso da inicial caligráfica de desenho similar — apenas tudo isso com alguma vantagem qualitativa por parte do impressor moravo. Lembremos, por exemplo, os casos da *Vita Christi*, de 1495, e as *Epistole Cataldi*, e comparemo-los com a edição de 1526 da *Coronica do condestabre*.

Para o aparato gráfico dessa edição contribuem ainda (intencionalmente, sem dúvida) as letras capitais que abrem o prólogo e os oitenta capítulos. São quadradas, ilustradas com motivos zoomórficos e fitomórficos (estes em parte estilizados) e, em alguns casos, com figuras humanas. Pertencem na sua quase totalidade a quatro séries alfabéticas, de formatos idênticos entre si e correspondentes, na vertical, a cinco linhas de texto. Há ainda as grandes capitais do prólogo e do capítulo XI (sete e seis linhas, respectivamente) e as de formato mais reduzido, que aparecem excepcionalmente no texto do capítulo XI (três linhas) e no início dos capítulos XXXIX e XLIV (três e quatro linhas, respectivamente). Todas elas aparecem em outras publicações de datas muito díspares (2) e podem considerar-se de uso cor-

---

(1) V. MARTINS, José V. de Pina — *Para a história da cultura portuguesa no Renascimento: a iconografia do livro impresso em Portugal no tempo de Dürer*, Lisboa, Lysia, 1972. Foi publicado nos «Arquivos do Centro Cultural Português», Paris, vol. 5, 1972, p. 80-189. Sobre as viagens das matrizes, v. p. 98 e o cap. 10.

(2) Sem termos procedido a uma busca exaustiva, registamos ter encontrado a capital do prólogo no cap. XXII de *Da regra e perfeyçam da conuersaçam dos monges* e nos cap. III e XVII do *Liuro*

Fig. 2 — Fol. I v da edição de 1526.

rente, sobretudo as de fundo fitomórfico estilizado. As menores não contribuem significativamente para valorizar a edição, mas acompanham as outras soluções que Germão Galharde fez convergir nesse sentido.

Resta acrescentar que a maior parte das capitais eram, tal como os caracteres, de modelo quatrocentista, visto que idênticas figuram, na totalidade ou pelo menos no recorte da letra, em obras impressas no século xv. A inicial do prólogo faz lembrar, a alguma distância, um alfabeto importado da Alemanha por Valentim Fernandes [1] — não na exuberância da decoração, mas nas linhas gerais do traçado.

Dos elementos da edição da *Coronica* de 1526 falta-nos referir a gravura do fol. iv. Não é necessário voltar a descrevê-la (o que já fizemos sumariamente), porque a sua reprodução torna indispensável fazê-lo.

É sabido, e já foi dito há muito, que se trata de uma xilogravura, e outra coisa não seria de esperar na época. Desta gravura disse Inocêncio sucintamente: «No verso do rosto há um retrato do Condestável em pé, gravado em madeira» [2]. Não foi dessa opinião Sousa Viterbo, que, como em resposta, contrapôs tratar-se simplesmente da «figura, de corpo inteiro, dum cavaleiro que Inocêncio, não sei com que fundamento, diz ser de Nuno Álvares Pereira». E concluíu rapidamente: «Parece-me contudo de fantasia» [3].

Talvez possamos repartir um pouco de razão para cada lado. Realmente, a gravura não inclui nenhuma legenda que identifique o figurado: está-lhe apenas sobreposta, em composição tipográfica, a metade do título corrente que vai

---

da vida solitaria, de Lourenço Justiniano (Reservado *RB-30-14* da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra).

[1] V. Artur Anselmo, *ob. cit.*, p. 385.

[2] *Ob. cit.*, tomo ii, p. 109. Cf. nota 1 da p. xii.

[3] *A gravura em Portugal: breves apontamentos para a sua história*, Lisboa, Casa da Moeda, 1909, p. 4.

aparecer no verso de todos os fólios do volume. Os pormenores do vestuário e os traços do rosto também não correspondem, com certeza, à realidade já então distante: tratar-se-á apenas da expressão que o desenhador quis dar a uma figura para a qual não dispunha de qualquer modelo. Que saibamos, não existiu ou não sobreviveu nenhum retrato de Nun'Álvares do tempo dos seus feitos militares (1). Mas quanto a tratar-se de uma representação do Condestável, essa é a parte de razão que temos de dar a Inocêncio. A gravura, quanto a nós, representa naturalmente Nun'Álvares. Pois no lugar em que está, quem mais poderia representar? A resposta parece-nos óbvia, e outra qualquer seria decididamente rebuscada — isto sem prejuízo de, como retrato, ter um valor muito relativo, como qualquer outra gravura em circunstâncias idênticas, mesmo que seja cópia de um retrato porventura existente na sala do capítulo dos bispos, no convento do Carmo (2).

De resto, mais do que pela autenticidade dos traços, a gravura vale pelo seu impacto, decorrente do enquadramento da figura central (mais cuidado na concepção do que no acabamento) e do formato em que foi executada, ocupando toda a superfície da mancha. Ernesto Soares, embora não a considere obra dum profissional, admite tratar-se de «um arranjo saído de mãos expeditas no manejo do lápis e da ponta» (3). É, assim, um elemento mais no aparato da edição e, apesar de tudo quanto possa dizer-se, acabou por perdurar através do tempo como a representação mais significativa da vertente militar e cavaleiresca de Nun'Álvares.

Conjugando agora os elementos que integram o aspecto

---

(1) Sobre o assunto é obra fundamental: COUTINHO, Bernardo Xavier — *Iconografia e bibliografia condestabrianas*, Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1971.

(2) Cf. Bernardo Xavier Coutinho, *ob. cit.*, p. 43.

(3) *Evolução da gravura de madeira em Portugal: séculos XV a XVIII*, Lisboa, Câmara Municipal, 1951, p. 13.

gráfico global da *Coronica*, bem nos parece de crer que Germão Galharde terá querido dar a essa edição o tal carácter de dignidade em que falávamos há pouco e que, inclusivamente, não implicava o emprego de meios dispendiosos. Inseria-se, portanto, plenamente numa linha estética da tipografia portuguesa que Jorge Peixoto sintetizou nas seguintes palavras: «De uma maneira geral podemos dizer que a tipografia em Portugal, desde 1487 até meados do séc. XVI, se caracterizou por o livro ter um aspecto severo e digno. Papel encorpado, magnífica implantação da página, boa marginação, tudo cuidado e de efeito impressionante» (1).

Em termos de execução também se pode considerar que Germão Galharde produziu um bom trabalho: o aspecto gráfico é uniforme e regular (no bom sentido), não há desalinhamentos na composição, a tintagem é também uniforme, resolveram-se razoavelmente os problemas de encaixe das capitais na composição do texto (a do cap. I é uma excepção).

Não é, pois, de qualquer rasgo de génio ou de grandes inovações que advém algum mérito à edição, mas concretamente da sensata combinação de todos os elementos disponíveis e da sua adequação à consecução de um resultado harmónico, de que sobressai a convergência para um objectivo bem definido.

É, no entanto, possível fazer algumas críticas a pormenores de pouca monta. Por exemplo, as epígrafes dos capítulos não têm uma composição rigorosamente uniforme: tendo-se adoptado para elas uma composição recolhida à esquerda relativamente aos alinhamentos das colunas, aparecem alguns casos em que esse modelo não foi respeitado. É o caso dos capítulos IV a VII, IX, XX e outros onze, com epígrafes recolhidas de ambos os lados, e o dos capítulos XII, XXX, XXXVI, XXXIX, XLVI, LXX, LXXVII e LXXIX, que estão

---

(1) *História do livro impresso em Portugal*, «Arquivo de Bibliografia Portuguesa», Coimbra, vol. 10-12, 1964-1966, p. 1-26. A citação é da p. 11 da separata.

Dom Nuno alvrez pereyra. Fo. II

Antigamente foy custume fazeré memoria das cousas que se faziam: assy erradas como dos valentes & nobres feitos: dos erros porq se delles soubessé guardar. E dos vallentes & nobres feytos aos boõs fezessem cobiça auer peras semelhátes cousas fazerem. E por nom fazer longo prollego farey aqui começo em este virtuoso señor: do qual decéo o valléte & muy virtuoso cõde estabre dõ Nuno alvrez pereyra. E assy dehy em diãte siguiremos nossa estoria. Capi. j.

Em portugall ouue huũ grande cavaleyro muy fidalgo & de grande sangue: que auia nome dom Gõçallo pereyra. E este era nobre de linhagem & de condiçé: & de grande casa & acompanhado de muytos boõs parétes & criados. E este era muy grado: & daua de boõ coraçam do que auia: assy aos que o seruiam como aaquelles que o nõ seruiam em tanto que por sua grandeza era prassmado dalguũs seus chegados por assy dar tã grandemente. E elle por cousa que lhe em isto [illegible] nõ curaua tanto era inclinado a esta cõdiçam: antre as outras muytas & muy boõas que auia. E este dom Gõçallo pereyra ouue filhos & filhas de que aqui nõ faz mẽçom: se nõ de huũ que ouue nome dom Gõçallo pereyra: como seu padre. O qual foy arçebispo de bragaa. E este arcebispo dom Gonçalo pereyra: ouue huũ filho a que chamarõ dõ frey aluaro gonçallez pereyra que foy prioll do espitall. O qual foy grãde & hõrrado & rico de muytas riquezas: & de muytas virtudes: ca era nobre de cõdiçam: & boõ cavalleyro & muy entẽdido. E foy fora deste regnõ ao cõuento de rrodes muy grandemente & bem acõpanhado: assy de cavalleyros & escudeiros como de cavallos muy boõs. E doutras cousas que lhe compriam. E fez na hordé muytas obras & boõs cousas por acreçentamẽto della. Antre as quaes fez o castello damoeyra que he castello forte & muy fermoso. E os paços & assentamento do boõ jardim que he obra assaz vistosa & fermosa. E fez mais frol de rosa lugar muy forte & bem obrado. E edificou em elle huũa muy honrrada ygreja de sancta Maria muy deuota em que deos faz muytos millagres. E por mais honrar o lugar de noite he (?) [illegible] deixou delle convẽtos (?). [illegible] muytas rendas em que (?) [illegible] conuẽto delle vivere bem & [illegible]

B ij

Fig. 3 — Primeira página (fol. II r) do texto da edição de 1526.

Dom Nuno alurez pereyra. Fo. LXVI.

de comer. E a segunda nõ se chamaar nẽ cõsijntir q̃ lhe chamassem outro nome se nõ nuno por humildade. E a terceira hir fora da terra ⁊ acabarlla q̃ nom soubessem delle parte. Desta tençõ q̃ elle asy tinha hordenada soube parte o muy nobre príncepe dom Eduarte primo genito E tãto q̃ o soube porq̃ o amaua ⁊ prezaua muyto: ho veeo veer ao moesteyro hõde estaua ⁊ fallou cõ elle sobre estas cousas q̃ q̃ria fazer: ⁊ lho disse rogãdolho ⁊ mãdãdo p mãdamento que as nõ fezesse mas todauia assessegasse na terra ⁊ seruisse a d̃s: ⁊ nõ se fosse fora della. ⁊ q̃ em seus dias todauia se chamasse cõdestabre: ⁊ nõ mudasse seu nome: ⁊ q̃ em nẽhũa maneira nõ pidisse por d̃s como tijnha em võtade: se nõ se pidisse a elrey seu padre ⁊ a elle ⁊ sobre esto o aficou muyto. E veẽdo o condestabre atẽçom do señor príncepe: ⁊ como era sua merçee de o fazer asy por lhe seer obediẽte: ou torgoulhe de o fazer asy como elle mandaua posto que fosse cõtra sua

vontade. E esto asy acabado elrey ⁊ o príncepe poserom ao cõdestabre boa tẽça de dinheiros em cada huũ anno em q̃ se bẽ mãteuesse elle ⁊ os que com elle estauã: a qual lhe era muy bẽ paga em cada huũ ãno E desta tẽça o condestabre ⁊ os q̃ cõ elle estauã eram asaz abastados do que lhe fazia mester: ⁊ ajnda ho condestabre della fazia muytas esmollas: ⁊ doutras muytas virtudes ⁊ bõas obras husou o condestabre tantas q̃ se nõ poderiam lembrar pera se poer em esta estoria. E ajnda o dya de oje depoys de sua morte d̃s por sua merçee fez: ⁊ faz muytos millagres naquell lugar honde seu corpo jaz: que som asaz denotados ⁊ magnifestos. Porq̃ deuemos de entẽder que sua alma he cõ d̃s na sua gloria. A qual elle por sua merçee nos de. Amen.

¶ Deo gratias.

✠

Memento mei.
Mater dei.

✠ ✠
✠

¶ Acabou se de empremir a cronica do condestabre de Portugal: Dõ Nunaluarez Pereyra na cidade d̃ Lixbõa. a seis dias do mes d̃ Nouẽbro na era d̃ mill ⁊ q̃nhẽtos ⁊ vinte ⁊ seis ãnos p Germã Galharde empremidor.

Fig. 4 — Última página (fol. LXVI r) do texto da edição de 1526.

compostos à largura total das colunas. Diríamos também que a variedade de modelos dos alfabetos utilizados como letras capitulares não favorece a uniformidade gráfica da composição. Mas tudo isto é afinal bem pouco relevante quando cotejado com o esforço que se fez para realizar um trabalho de bom nível estético.

Se aprofundarmos a nossa análise até ao interior do texto, podemos dizer que, ao compararmos a *Coronica do condestabre* com outros trabalhos de Germão Galharde, especialmente os de formatos grandes, nos pareceram eles mais cuidados na grafia, mas isso talvez signifique apenas que algumas irregularidades tiveram origem em problemas já existentes no manuscrito ou decorrentes da sua interpretação.

Procedemos mesmo a um exame mais atento de um trabalho publicado em 1526 e acabado de imprimir em 7 de Julho. Trata-se da já referida *Ordenaçam da ordẽ do juizo*, que pudemos compulsar na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (1). É um folheto de 18 páginas, composto no mesmo tipo gótico utilizado na *Coronica*, com a composição em mancha única. Graficamente a composição é cuidada, embora apresente algumas gralhas, mas há que notar um facto que nos será útil mais adiante: há muitos casos em que a grafia se assemelha muito à da *Coronica*, o que não deixa de ser interessante se nos lembrarmos de que esta deveria ser bastante diferente, uma vez que foi transcrita de um texto mais antigo «sem mudar da antiguidade de suas palauras». Sem pretendermos fazer uma recensão exaustiva, notam-se casos de *ij=ii (artijgos, vijr)*, *ss* intervocálicos com valor sonoro (*casso*=caso), o uso de *n* por *u* (*pronou*=proucu), a flutuação entre formas diversas do artigo indefinido *(hũa, huũa, huũ)*. A pontuação, também superabundante no uso dos dois pontos, é contudo mais adequada na *Ordenaçam* do que na *Coronica*. Outra parti-

(1) V. nota 1 da p. xv.

cularidade que se nota é a união indevida de palavras: *aaproua, ofeyto, amãdar,* etc.

Mas fiquemos por aqui quanto aos aspectos estritamente gráficos e procuremos saber alguma coisa da edição como acto de lançamento de um texto no mercado do livro. Infelizmente não temos conhecimento documental da actividade de Germão Galharde, mas algo se poderá dizer com base no conhecimento do mercado livreiro da época.

Se quisermos começar por apurar que factores terão levado o impressor francês a empreender uma edição da biografia de D. Nuno Álvares Pereira, deparamos logo com algumas dificuldades de ordem prática que deveriam levá-lo a desistir.

Como se sabe, a vida de um impressor de livros não era fácil naquela época. Uma oficina tipográfica instalava-se por um custo razoável, mas a sua manutenção tinha encargos pesados, onde avultavam ainda o preço e a raridade do papel, embora bastante menores do que os do pergaminho. Acrescia a dificuldade de escoamento das tiragens, que se mantinham baixas para não darem origem à imobilização do investimento durante um período de tempo por vezes bastante longo. Por outro lado, a venda dos exemplares produzidos não se processava ao mesmo ritmo para todas as publicações: era mais compensador editar livros de temas religiosos ou edificantes, ou textos de estudo que pudessem ter um consumo aceitável nos estabelecimentos de ensino, sobretudo nas universidades; os textos jurídicos, as novelas de cavalaria e as vidas de santos tinham também uma saída razoável; juntemos-lhes ainda as obras de história clássica, que entretanto tinham feito a sua aparição no mercado livreiro [1].

Com a edição da *Coronica do condestabre* Germão

---

[1] V. o desenvolvimento de todos estes aspectos em Lucien Febvre e Henri-Jean Martin, *ob. cit.*, especialmente o cap. IV — «Le livre, cette marchandise».

Galharde situava-se num terreno pisado muito raramente na época: a biografia de um herói nacional com uma forte componente de história também estritamente nacional — e em língua portuguesa. Isto significa que a venda da obra estaria rigorosamente limitada ao mercado nacional, não podendo aspirar a entrar nos circuitos comerciais da Europa Central (onde, aliás, as tiragens continuavam a ser baixas e o escoamento lento), nem, pelo seu conteúdo específico, em Espanha. Em termos comerciais, portanto, a ousadia podia ter resultados negativos — e mais nos convencemos disso quando vemos que a edição teve uma tiragem especial em pergaminho.

Mas temos alguns motivos para concluir que esse problema não afligiu Germão Galharde.

Em primeiro lugar, admitimos que a tiragem (a normal em papel e a especial em pergaminho, juntas) terá sido limitada: não cremos que fosse além de quinhentos exemplares, atendendo à média das tiragens que se faziam então em Portugal, necessariamente inferiores às que se produziam nos grandes países europeus e que se sabe terem-se mantido longo tempo na ordem dos mil e quinhentos exemplares [1]. A limitação da tiragem explicaria a raridade dos exemplares a que há referências e dos que chegaram até nós, e é confirmada pelo facto de o próprio Germão Galharde se ter abalançado a uma segunda edição em 1554, facto este que também confirma não ter tido prejuízo com a primeira.

Além disso, embora o impressor nada tenha confessado, quando lemos na página do título, que Nun'Álvares havia sido o «principiador da casa q̃ agora he do Duque de Bragãça» (ponto a que voltaremos adiante) consideramo-nos perante uma pista que, sem distorção do sentido, nos faz crer que houve da parte do duque de Bragança, D. Jaime

---

[1] Continua a ser ponto de referência a *ob. cit.* de L. Febvre e H.-J. Martin, especialmente p. 329-331.

(o que era duque «agora» em 1526), um suporte financeiro que terá colocado Germão Galharde ao abrigo das dificuldades de comercialização da obra. A própria tiragem especial em pergaminho pode ser invocada em apoio desta ideia, porquanto se destinava claramente a uma personalidade importante que a havia encomendado ou a quem seria devida pelos encargos que assumira na edição da obra. Seguramente não se tratava, como se poderia supor com base nos critérios de hoje, de uma tiragem destinada a bibliófilos, ou a ser lançada nos incipientes circuitos comerciais da época.

A hipótese muito verosímil que acabamos de expor tem confirmação no que conhecemos da biografia de D. Jaime (1479-1532): não só o vemos, sobretudo para o fim da vida, preocupado com benesses espirituais, mas também sabemos (e este é o pormenor que mais importa) que mandou construir (nos seus paços de Vila Viçosa?) um mausoléu para os restos mortais de D. Nuno Álvares Pereira [1]. Este interesse pela figura do Condestável pode tornar compreensível o financiamento de uma biografia do seu antepassado, sobretudo se a edição desta não reunisse condições para se saldar pelos seus próprios meios; se (recorrendo agora a uma pura hipótese) admitirmos que do mesmo D. Jaime tenha partido a iniciativa da publicação; se, finalmente, ele tivesse cedido o manuscrito, eventualmente existente nos arquivos da Casa de Bragança.

Mas ainda temos uma confirmação extrínseca de que Germão Galharde não teve problemas de ordem comercial com a sua edição da *Coronica do condestabre*: no ano seguinte, e dentro da linha de biografias de grandes figuras nacionais, ele edita a *Cronica do sancto, e virtuoso Iffante dom Fernando*,

---

[1] Não conhecemos precisamente a origem desta informação, que aparece no artigo dedicado ao duque na *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, s. v. Bragança (Duque de).

o que talvez não sucedesse se estivesse a debater-se com dificuldades económicas.

Já nos referimos atrás à raridade dos exemplares desta edição de 1526. O facto é confirmado desde há muito por todos os bibliógrafos, e, na verdade, só conhecemos no País dois exemplares: um impresso em pergaminho, existente nos Reservados da Biblioteca Nacional com a cota *26 Azul*, e outro impresso em papel, nos Reservados da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra com a cota *R-28-2*.

Ao exemplar em pergaminho referiram-se alguns bibliógrafos (Brunet [1], António Anselmo [2]) e já antes Inocêncio se havia referido a dois exemplares dessa matéria que existiriam na Biblioteca Nacional [3].

Não surpreende que o exemplar ainda hoje existente desperte a atenção dos estudiosos. Trata-se de um exemplar muito bem conservado, encadernado em pele preta com gravação de figuras geométricas e de fantasia, a ouro, a que, infelizmente alguém colou na lombada um despropositado remendo com pele acastanhada. O pergaminho é de excelente qualidade, consistente e ainda muito branco, de uma espessura uniforme em todo o volume. A impressão, toda a preto, sobressai nesse fundo e apresenta uma tintagem de grande qualidade.

Quem comparar reproduções das páginas de título do exemplar da Biblioteca Nacional e do exemplar da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra notará que a palavra que aparece grafada como «purtugal:» no primeiro, aparece grafada como «purtugall» no segundo. Como na época

---

[1] *Manuel du libraire et de l'amateur de livres*, Paris, Dorbon-Ainé, s. d., tomo I, col. 1884: «Livre fort rare, dont la bibliothèque publique de Lisbonne conserve un exemplaire imprimé sur vélin».

[2] *Ob. cit.*, p. 165, sob o n.º 576. Refere a existência de dois exemplares na Biblioteca Nacional, sendo um em pergaminho.

[3] *Ob. cit.*, tomo II, p. 109.

se praticavam frequentes contrafacções, convém desfazer o equívoco decorrente dessa discrepância — o que é fácil em presença do exemplar da Biblioteca Nacional: o segundo *l* foi raspado e no seu lugar desenhou-se a tinta, manualmente, dois losangos ligados por um fino traço curvo. Com efeito, vê-se bem que se trata de exemplares impressos com o mesmo bloco xilogravado, e ao longo do texto aparecem os mesmos erros tipográficos, corrigidos no exemplar de pergaminho por rasura e impressão das correcções ou mesmo por correcção manual, e no exemplar de papel por colagem de um rectângulo de papel com a correcção impressa. Há vários casos, mas mencionaremos como exemplos os que ocorrem no fol. vr, col. 1, linha 11 (a sílaba *çom*) e no fol. xxv, col. 2, linha 36 (sílaba *da* de «çidade»).

Uma edição, em 1526 como em todos os tempos, não tem apenas implicações de ordem financeira, técnica, estética e comercial, mas tem-nas também sempre de ordem textual, e estas podem mesmo ser as primeiras na sequência cronológica. De qualquer modo, elas são fundamentais porque nelas reside propriamente a razão de ser de uma edição.

Obviamente, para que Germão Galharde tivesse editado a *Coronica do condestabre* tinha de lhe vir às mãos um texto cujo conteúdo correspondesse a esse título ou a outro semelhante, mas o impressor francês foi extremamente avaro em elementos que nos ajudassem a reconstituir como as coisas se passaram. Há duas hipóteses possíveis: ou ele próprio obteve de qualquer modo um manuscrito com a biografia do Condestável e, ciente das dificuldades de comercialização, procurou o apoio do duque de Bragança, D. Jaime, a que já nos referimos; ou o próprio duque, possuidor de tal manuscrito, se interessou pela sua publicação, tendo escolhido para o efeito Germão Galharde com a garantia de lhe prestar apoio financeiro — mas não podemos optar por qualquer delas, por carência absoluta de pistas seguras. O único elemento que nos atrevemos a reter é a verosímil ligação

entre o impressor e o duque, sugerida pelas palavras da página de título da obra.

Seja como for, Germão Galharde terá obtido um manuscrito em boas condições de conservação, pois não se notam no texto impresso vestígios de lacunas nem truncagens de capítulos, nem saltos na narrativa que denunciem falta de folhas ou folhas rasgadas. Por outro lado, o manuscrito seria bastante legível para um vulgar compositor tipográfico, pois as dificuldades de interpretação detectáveis situam-se na área dos nomes de pessoas e de lugares, e podem atribuir-se inclusivamente ao copista do próprio manuscrito.

Outra questão que temos de levantar, mas que não poderemos dilucidar concludentemente, é a da eventual existência de um «editor intelectual».

A questão não é tão moderna como se poderia hoje acreditar. São conhecidos muitos casos, desde os primórdios da imprensa, em que um indivíduo com formação académica adequada dava assistência aos trabalhos de edição, sobretudo quando se tratava de textos clássicos ou de autor desconhecido. Esse trabalho culminava com a revisão de provas — trabalho tão antigo como a própria imprensa [1]. Ora a *Coronica do condestabre* era precisamente uma obra sem autor conhecido que pudesse acompanhar a edição, acrescendo que, por determinação de alguém a ela ligado, a composição tipográfica deveria respeitar a antiguidade das suas palavras e estilo, o que significaria zelar pela cópia fiel das palavras e pela rigorosa manutenção da sua ordem nas

---

[1] Cf. *L'apparition du livre*, p. 197, 217 e 244. Mas repare-se no que diz Alphonse Dain: «Au début, il faut bien le dire, la reproduction mécanique du texte d'un manuscrit a été affaire d'imprimeur plutôt que d'éditeur. C'est ce qui fait que tant d'éditions *princeps* portent simplement la marque d'une officine, sans mention d'éditeur» (*Les manuscrits*, 3.ª ed., Paris, Société d'édition «Les Belles-Lettres», 1975, p. 161).

frases. Isto exigiria o apoio de alguém com competência para o fazer. Esse alguém não se terá desempenhado impecavelmente da sua tarefa, mas tê-lo-á feito melhor do que o impressor francês que estava na posição de editor material, e não admira que tivesse permanecido no desconhecimento dos vindouros porque era isso que, salvo raras excepções, sucedia a quem fazia esse trabalho. A sua presença é possivelmente atestada pelo subtil equilíbrio entre a manutenção de formas já então arcaicas e a modernização gráfica de algumas outras que poderão ter parecido tão semelhantes no sentido e no uso ainda corrente, que pouco sofreriam com uma ligeira «actualização». Esse trabalho não seria fácil para um estrangeiro fixado em Portugal cerca de sete anos antes. Teremos ocasião de voltar a este assunto quando nos ocuparmos do texto. Por agora fique registado o serviço inestimável que ficámos a dever a Germão Galharde, executando e difundindo em 1526 a *Coronica do condestabre*, que para nós tem a valorizá-la não só o facto de ser uma edição «princeps», mas também o de não se conhecerem versões manuscritas anteriores.

Germão Galharde, de nacionalidade francesa (portanto Germain Gaillard na origem), instalado como impressor em Lisboa desde 1519, ano em que publicou o *Tratado da pratica Darismetyca* de Gaspar Nycolas [1], trabalhou até 1560 [2] e já em 14 de Fevereiro de 1530 merecia o alvará que D. João III lhe concedia para que «todos os corregedores, juizes e justiças e quaisquer outros oficiais ... ajam o dito germao galharte por meu oficial e como tall ho honrem e tractem e o leixem gozar de todos os preuilegios de que gozam os meus ofi-

---

[1] V. nota 2 da p. XVI,

[2] Em 1561 a tipografia era já dos seus herdeiros, e, em 1563-64, da sua viúva. Cf. SAMPAIO, Albino Forjaz de — *A tipografia portuguesa no século XVI*, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1932, p. VIII («Arte», 2).

ciaes» [1]. Foi por essa altura que introduziu a tipografia em Coimbra, imprimindo no Mosteiro de Santa Cruz o *Repertorio pera se acharem as materias no liuro Spelho da Conciencia* [2]. Germão Galharde é um impressor conceituado entre os estudiosos modernos. Albino Forjaz de Sampaio define-o como «notabilíssimo e sabedor» [3] e Jorge Peixoto considera-o como um «dos tipógrafos mais operosos» da sua época [4], enquanto que para Luís Chaves «a grande impressão do século XVI, trabalho perfeito que absorve o de todos os mais, é de Germão Galharde» [5].

Foi ele também que lançou em 30 de Outubro de 1554 uma nova edição que, só pelo facto de ter sido possível ou necessária, testemunhava a exiguidade da tiragem da primeira [6], então certamente esgotada havia bastante tempo; significava também que o impressor havia sido bem sucedido no empreendimento anterior, inclusive no modelo gráfico; e denotava a sustentação do interesse pela personalidade do Condestável. Tudo isto se passou estritamente no mercado livreiro nacional, pelas razões a que já nos referimos.

Com excepção de alguns elementos de que trataremos daqui a pouco, a comparação gráfica das duas edições denuncia claramente a intenção de fazer a segunda à imagem e semelhança da primeira. Quase tudo contribui para isso: é o

---

[1] V. Deslandes, Venâncio — *Documentos para a história da typographia portugueza nos seculos XVI e XVII*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1888, p. 15.

[2] V. Albino Forjaz de Sampaio, *ob. cit.*, p. XI; e Artur Anselmo, *ob. cit.*, p. 230.

[3] *Ob. cit.* na nota anterior, p. VII. Forjaz de Sampaio insere reproduções reduzidas da página de título da edição de 1526 (p. 12) e do retrato do Condestável, da mesma edição (p. 13).

[4] *Ob. cit.*, p. 14.

[5] *Ob. cit.*, p. 6-7.

[6] Já Mendes dos Remédios admitiu que os exemplares da 1.ª edição foram impressos «em número restrito» (p. VIII do Prefácio cit.).

Coronica do Conde-
estabre d Portugall dom
Nuno alurez Pereyra
principiador da casa de
Bragãça. Sem mudar
dãtiguidade de suas pala
uras nẽ estilo. E dste Cõ-
deestabre procedẽ agora
elrey dom Johã terceyro
nosso senhor: e o Empera
dor: e nos mays dos
reynos de chris-
tãos d Europa
os Reys: ou
Reynhas:
ou ãbos.

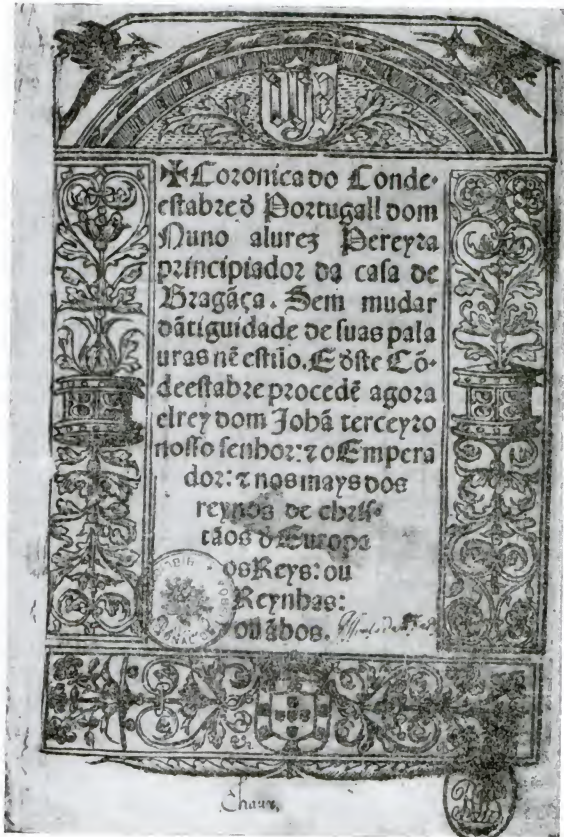



Fig. 5 — Página de título (fol. I r) da edição de Germão Galharde, Lisboa, 1554. Exemplar da Biblioteca Nacional.

formato, o número de fólios, o plano gráfico da página com a composição a duas colunas, o tipo e formato da letra (gótica de forma), a composição das epígrafes dos capítulos, a aplicação de capitais decoradas no início de cada capítulo e até a procura de coincidência no texto contido em cada página (coincidência que, sofrendo por vezes pequenos desvios, é retomada tão rapidamente quanto possível), sem omitir o aproveitamento da gravura em madeira que apresenta o retrato do Condestável no fol. IV.

No entanto, apesar desse esforço, não se pode dizer que a segunda edição tenha um aspecto gráfico superior ao da primeira. Os caracteres parecem mais cansados (o que é natural, se pensarmos que podiam ser os mesmos utilizados vinte e oito anos antes) e, duma maneira geral, as capitais são mais pobres do que as empregadas anteriormente. Muitas delas não apresentam quaisquer ornamentos, e os casos em que contêm figuras estão em minoria: há temas antropomórficos nos capítulos XXII, XXXVI e XXXIX, temas zoomórficos nos capítulos XXXVII e LIII, um tema fitomórfico no capítulo XXXV e pouco mais. As capitais não têm o mesmo formato ao longo de todos os capítulos: a sua altura oscila entre o equivalente a três linhas de texto e o equivalente a seis, o que resulta numa irregularidade que não se via na primeira edição. O próprio estado de conservação das capitais é inferior na segunda edição.

Em resumo, forçoso é concluir que nos pontos que foram clara e intencionalmente imitados (e onde, por isso, a comparação é mais pertinente) não houve nenhuma melhoria no aspecto gráfico.

Relativamente ao texto, o cotejo de alguns passos das duas edições revela, através da identidade de certas particularidades, o acompanhamento que a segunda faz da primeira, sobretudo quando ambas apresentam expressões que só poderiam ser iguais quando uma delas copiasse literalmente a outra. Os exemplos mais elucidativos são, natu-

ralmente, as expressões erróneas ou de interpretação difícil contidas na primeira edição, e que são transpostas para a segunda tal como se encontram. Vejam-se, entre outras, as concordâncias em erros como *ferzerom* por *fezerom* (9.26) ([1]), *embargauaao* por *embargauao* (82.5), *tornarõ* por *toruarõ* (94.25-26), *entẽdo* por *entendendo* (113.1), *esfuados* por *esfriados* (157.21). Há, no entanto, divergências textuais que importa caracterizar desde já para estabelecer uma relação correcta entre as duas edições.

Tais divergências podem classificar-se em três grandes categorias:

1.ª Erros da segunda edição face à primeira. Nestes casos a primeira apresenta uma lição susceptível de ser considerada correcta e a segunda modifica-a, dando origem a um erro ou desvio: *arauto* → *arauato* (77.26), *a souereda* → *aouerada* (85.24).

2.ª Introdução de formas pretensamente arcaizantes. Trata-se de uma intervenção frequente, mas limitada a um número restrito de casos, que são sobretudo ditongos nasalados: *gente* → *geẽte*, *homẽs* → *homeẽs*.

3.ª Autênticas correcções intencionais ao texto da primeira edição. São produto de uma leitura, digamos, atenta do texto que se estava a copiar tipograficamente e pretendem eliminar, corrigir ou acrescentar algumas formas que pareciam não estar bem na primeira edição. Há aqui dois casos distintos: aqueles em que o revisor, deparando com um verdadeiro erro, o corrige acertadamente; e outros em que introduz uma leitura divergente quando a primeira edição está correcta. Como se verá através das notas ao texto da presente edição, surgem ainda alguns casos em que nenhuma das edições quinhentistas apresenta a forma correcta.

([1]) Os números indicativos de referência a pontos específicos do texto da presente edição indicam a página e a linha, separados por ponto.

ESTA HE A FIGVRA DO CONDE ESTABRE, AO
NATVRAL, QVANDO ESTAVA EM RELIGI
AM, NO CARMO DE LIXBOA, ONDE IAZ

EPITAPHIVM AD IPSIVS TVMVLVM.

Ille Comestabilis Braganti nominis autor
Nunnus adest Dux maximus hic, Monachusq; beatus,
Qui regnum asseruit viuens, sortitus in aeuum
Coelum cum superis. Nam post numerosa tropea,
Reiecit pompas: humilisq; ex Principe factus,
Hoc templum posuit, coluit, censumq; dicauit.

Fig. 6 — Fol. inum. 67 da edição de 1554.

Aparentemente haveria lugar a uma investigação à possibilidade de as correcções da segunda edição poderem ter origem numa revisão perante o manuscrito em que se baseou a primeira, ou até noutro qualquer que entretanto tenha vindo à mão do editor. Mas há um argumento muito forte contra essa possibilidade: é que a proximidade entre os textos das duas edições é tão apertada, e as divergências que referimos tão irrelevantes no contexto, que eliminam qualquer hipótese de se detectar na segunda a menor interferência de outro texto que não seja o da primeira.

O próprio recurso ao manuscrito-base aparece como muito improvável. As divergências que se podem caracterizar como correcções de erros são as que obviamente faria um revisor atento, sem necessidade de recurso a outro elemento. Por outro lado, as divergências que consistem na substituição de um erro por outro, ou mesmo na introdução de um erro onde ele não existia, podem ser reduzidas, em alguns casos, à categoria de gralhas, noutros a uma pretensa correcção desnecessária. Em nenhum destes últimos casos resultou para o texto da segunda edição uma melhoria sensível que evidencie o regresso ao texto original.

Quanto à sobrevivência do manuscrito aos trabalhos de composição tipográfica da primeira edição, é extremamente improvável, como veremos adiante.

No meio de tanta coisa que foi deliberadamente imitada, as novidades da segunda edição são, evidentemente, a página do título e a xilogravura do fol. 67 (inumerado), colocada entre o fim do texto e a primeira página da «Tavoada».

Na página do título rendeu-se Germão Galharde ao gosto da época: página muito cheia, com uma moldura de grossas tarjas de composição artística variada [1], predominando nas laterais e na inferior os motivos fitomórficos estilizados,

---

[1] Sobre o emprego de tarjas, v. Artur Anselmo, *ob. cit.*, p. 381.

e na superior uma combinação de motivos fitomórficos estilizados, separados de duas figuras de aves voltadas para o centro por um arco de dupla composição com motivos geométricos em contínuo. Após uma primeira impressão de simetria, verifica-se que nenhuma das tarjas tem os seus elementos dispostos simetricamente, nem as tarjas laterais são iguais entre si. A tarja que mais se aproxima da simetria é a superior, onde apenas se excluem desse conceito as figuras de aves. Nesta tarja há a notar, ao centro, um escudo com as letras emblemáticas IHS [1], e na inferior está, também ao centro, o escudo real, com a respectiva coroa sobreposta.

As tarjas, mais largas ou mais estreitas, radicavam no século XV e eram usadas em várias edições pelo mesmo impressor e até por impressores diferentes, transitando por vezes, tal como muitas das gravuras xilogravadas, de país para país. Germão Galharde não foi mais perdulário do que outros impressores do seu tempo, e utilizou em diversas edições as tarjas da segunda edição da *Coronica do condestabre*: já antes, em 1537, no *Tratado da sphera*, de Pedro Nunes; em 1539, na *Ley que despõe quãto tẽpo;* em 1540, nos *Statutos e constituiçoens dos Conegos Azuis;* e mais tarde, em 1555, nas *Constituiçoens da jurisdiçam de Tomar* [2].

No espaço central da página a que estávamos a referir-nos, e enquadrado pelas tarjas, lê-se o título, semelhante ao da primeira edição até à palavra «agora» (com acrescento do apelativo «dom» a Nun'Álvares), seguido de uma actuali-

---

(1) Aparentemente estas letras sugeririam alguma ligação à Companhia de Jesus. Não há, no entanto, nenhuma circunstância que nos induza a tal ligação, tanto mais que o Condestável ingressou num convento carmelita.

(2) SOARES, Ernesto — *A ilustração do livro (séculos XV a XIX)*, Lisboa, Excelsior, [1954], p. 16. Aos *Statutos* referiu-se também António Anselmo, *ob. cit.*, p. 165.

zação requerida por aquele advérbio de tempo: em 1554, quem procedia do Condestável era o Rei de Portugal D. João III e o Imperador (Carlos V), além de outros reis e rainhas de vários reinos cristãos da Europa. É uma composição em dezasseis linhas de gótico redondo, das quais dez à largura do espaço disponível e as restantes em trapézio invertido.

A dissemelhança entre as páginas de título de 1526 e de 1554 é, forçosamente, deliberada por parte de Germão Galharde, agora a uma distância temporal considerável das sóbrias portadas de Valentim Fernandes. Na verdade, quem pretendeu tão rigorosamente imitar o aspecto gráfico da primeira edição, só por um acto de vontade terá posto de parte o bloco xilogravado que aí figurava na página do título e que, provavelmente, ainda existia no seu arquivo de xilogravuras.

Na simples comparação entre as duas páginas detecta-se a permanência da referência à Casa de Bragança e à disseminação dos descendentes de Nun'Álvares pelas casas reinantes da Europa. Isto significa, provavelmente, que a motivação das duas edições foi idêntica, isto é, decorrente de um acordo com aquela Casa estabelecido directamente por Germão Galharde, sem intervenção de qualquer outra personalidade, o que, em nosso entender, foi benéfico para o texto, impedindo que algum editor intelectual o alterasse e deformasse, afastando-o ainda mais do manuscrito-base. A este propósito, é de notar que à actualização dos termos da página do título na segunda edição sobreviveu teimosamente a frase «sem mudar dãtiguidade de suas palauras nẽ estilo», decerto tão útil em 1554 como em 1526 para Germão Galharde assegurar aos seus leitores que o texto não havia sofrido profundas alterações relativamente ao manuscrito — frase que, dado o rigor com que a segunda edição imitou a primeira sem alterações de maior, continuava a ter justa aplicação.

O outro elemento novo na edição de 1554 é a gravura intercalada entre o final do texto e a *Tavoada* dos capítulos.

Representa o Condestável com o hábito de donato e é, naturalmente, mais uma gravura em madeira. Ao contrário da que representa o Condestável em trajo militar (também repetida no fol. IV da nova edição), esta colheu a admiração de Sousa Viterbo, que não lhe poupou encómios: «Bela estampa, que merecia ser reproduzida integralmente, com todo o escrúpulo e fidelidade, como um dos mais importantes documentos da iconografia portuguesa». Para o mesmo autor «é muito possível que fosse executada em Portugal» (1).

A gravura tem na parte superior a seguinte legenda, já transcrita por Sousa Viterbo: «¶ ESTA HE A FIGVRA DO CONDE ESTABRE, AO NATVRAL, QVANDO ESTAVA EM RELIGIAM, NO CARMO DE LIXBOA, ONDE IAZ». Estas palavras não podem, evidentemente, significar que a gravura fora desenhada em vida do Condestável, porque ela nem sequer existia quando a *Coronica* foi editada em 1526, mas sim que deriva de um retrato feito em vida, ao que parece indirectamente, pois é mais provável que se baseie no quadro a óleo da Casa Oeiras-Pombal-Santiago, de princípios do século XVI, do que no primitivo retrato que existiu, segundo o Prof. Bernardo Xavier Coutinho, no arcaz da sacristia do Convento do Carmo e que, esse sim, teria sido executado em vida de Nun'Álvares por ordem do seu genro D. Afonso, Conde de Barcelos, e atribuível a Mestre António Florentim (2).

Na parte inferior da gravura há um «EPITAPHIVM AD

---

(1) *Ob. cit.*, p. 4. Também Afonso de Dornellas, numa comunicação à Associação dos Arqueólogos Portugueses em Junho de 1917, afirmou que «continua a ter o maior crédito a xilogravura da segunda edição da Chronica do Condestabre como documento fiel e exacto» (cit. por Bernardo Xavier Coutinho, *Iconografia...*, p. 32). Na mesma página o próprio Prof. B. X. Coutinho considera que «a *xilogravura* da Crónica do Condestabre (1554) é um documento importantíssimo».

(2) *Ob. cit.*, p. 25-26 e 32.

IPSIVS TVMVLVM», composto por seis versos latinos, de autoria desconhecida, e que não importa para o fim deste trabalho.

A edição de 1554, embora já publicada em plena actividade da Inquisição (os primeiros livros censurados são de 1539 e o primeiro index de livros defesos saíra em 1551), não apresenta vestígios de ter sido submetida à censura, porquanto contém integralmente o texto de 1526 e não há passagens cortadas por tinta negra. É evidente que a matéria da *Coronica* não era de molde a ofender os princípios que a Inquisição se propunha preservar, bem pelo contrário diversas passagens exprimiam a sólida formação religiosa do autor, e a própria matéria, embora descritiva de feitos militares, tinha a sua vertente piedosa que a colocava, sem favor, entre os livros edificantes.

A raridade dos exemplares (a denotar, em princípio, mais uma tiragem limitada) é quase tão grande como a dos que haviam saído vinte e oito anos antes. António Anselmo refere dois exemplares na Biblioteca Nacional, um no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, outro na Biblioteca da Ajuda [1] e um quinto em Estugarda.

Passaram mais sessenta e nove anos até à saída da terceira edição, uma das que menos têm ocupado os bibliógrafos, que concentram a sua atenção nas edições quinhentistas: trata-se da edição publicada em Lisboa por António Álvares, impressor e mercador de livros, em 1623.

Esta edição fala mais de si própria do que qualquer das anteriores. A própria página de título contém já bastantes informações. Embora o editor faça um esforço por transcrever o que lhe pareceu que era fundamental no texto que lhe serviu de base (e adiante veremos qual foi), não evita algumas pequenas alterações que julga dever introduzir para

---

[1] Este exemplar já não se encontra na Biblioteca da Ajuda, mas sim no Palácio Ducal de Vila Viçosa.

CHRONICA
DO CÒDESTABRE
DE PORTVGAL DOM
NVNALVREZ PEREYRA
PRINCIPIADOR DA CASA
DE BRAGANÇA.

Sem mudar dantiguidade de ſuas palauras, nem eſtilo.

E deſte inuictiſsimo Condeſtabre procedem el Rey Dom Ioão terceiro, & o Emperador Carlos V. Reys, Principes, Potentados, & grandes Senhores da Chriſtandade, deſta noſſa Europa.

AO EXCELL.MO SENHOR
DOM THEODOSIO DVQVE
DE BRAGANÇA, &c.

EM LISBOA.

Com todas as licenças, & aprouações neceſſarias.

Por ANTONIO ALVAREZ Impreſſor, & Mercador de liuros,
E a ſua cuſta, Anno de 1623.

Fig. 7 — Página de título da edição de António Álvares, Lisboa, 1623.

não chocar os seus leitores ou mesmo para os atrair. Como se pode ver na reprodução que inserimos, a primeira palavra do título já não é *Coronica* mas sim *Chronica;* o Condestável, na oitava linha da composição, passa a ser *inuictissimo;* o advérbio *agora* desapareceu, para eliminar o anacronismo; explicita-se que o *Emperador* era Carlos V; e daí para diante refaz-se completamente a redacção dos complementos do título. Subsistem a ligação do Condestável à Casa de Bragança e a garantia de não ter havido alteração do arcaísmo da linguagem e da redacção.

Mas há mais informações na página de título.

A relação entre a edição e o duque de Bragança, na altura D. Teodósio (pai do futuro rei D. João IV), não é uma simples suspeita ou uma probabilidade, mas uma realidade declarada numa dedicatória formal, acompanhada pela estampagem, logo por baixo, das armas ducais em artística composição. E relativamente à edição o próprio impressor assegura ter obtido todas as licenças e aprovações necessárias, e tê-la feito «à sua custa».

O recto da segunda folha inumerada também está repleto de informações. Abre com o parecer do censor jesuíta Doutor Baltasar Álvares [1], que se saíu da incumbência com um equilíbrio e um bom senso que repassam através da formalidade das palavras. Não é só a vida do Condestável que merece a aprovação do censor, que até se dá ao trabalho de elaborar cuidadosamente uma justificação para dois passos menos gratos à doutrina da Igreja (os capítulos X e XI) — justificação, aliás, desajustada das verdadeiras motivações de

---

[1] O Padre Baltasar Álvares (1560-1630) é uma figura notável no panorama intelectual dos fins do século XVI e primeiras décadas do século XVII. Exercia o cargo de revedor dos livros desde 1613 e foi autor do *Index Auctorum damnatae memoriae*, publicado em 1624. V. a sua bibliografia no artigo correspondente da enciclopédia *Verbo*, da autoria do Dr. João Pereira Gomes.

Nun'Álvares dois séculos e meio antes; também, no fim do parecer, a sóbria linguagem da *Chronica* foi louvada pelo seu contraste com o rebuscado maneirismo dos historiadores que o P.e Baltasar Álvares conhecia no seu tempo: «Tambem da mesma obra poderã tirar os que escreuem historia, quanto mais val a sincêra, & chãa narração do que passou, que as flores, & encarecimento com claro risco da verdade, & mingoa no credito». Este parecer tem a data de 18 de Setembro de 1622.

Seguem-se os restantes trâmites: as autorizações para se imprimir, do Santo Ofício e do Ordinário, datadas respectivamente de 20 e 22 de Setembro de 1622; a da Mesa Censória, datada de 6 de Abril de 1623, logo seguida da confirmação dada por Baltasar Álvares de estar conforme o original; e finalmente a taxação: 150 réis para a impressão em papel, datada de 1 de Junho seguinte.

No verso da mesma folha, e ocupando toda a página, em caracteres itálicos, está a dedicatória AO DVQVE. É uma peça de termos redundantes e convencionais, de que reteremos apenas as expressões em que se refere ao Condestável como «S. Religioso, Inuitissimo Capitão ... honrra da nação Portuguesa, & Prosapia, não só da Casa de Bragança, mas de Emperador, Reys, Principes, Potentados, & grãdes Senhores da Christandade desta nossa Europa ...» (a mesma tecla em que já havia batido e insistido Germão Galharde); e a passagem em que António Álvares se acha com direito moral a «pedir a V. Excellencia humildemente aceite e ampare este primeiro fructo de meu cabedal», isto é, a tomada sobre si dos encargos da edição, conforme claramente o diz na própria página do título.

Nas duas folhas seguintes (3 e 4 inum.) está a «Taboada dos capitulos da Chronica ...».

Fisicamente, esta edição é um volume de 4 inum. + + 73 folhas com o formato de 25,5 × 18 cm. A composição é, mais uma vez, a duas colunas, em caracteres redondos,

que há muito se haviam instalado definitivamente na produção tipográfica. A primeira linha das epígrafes dos capítulos é composta em maiúsculas e as restantes em minúsculas iguais às do texto. No início dos capítulos continuam a aparecer capitais decoradas com motivos fitomórficos e figuras humanas, todos apresentados em composições e formatos muito diversos.

O colofon indica que o trabalho de impressão terminou em 20 de Maio de 1623, e logo a seguir à identificação do impressor-livreiro, este repete, para que ninguém o esqueça: «E feyta a sua custa».

Uma simples leitura do texto denuncia rapidamente que esta edição foi baseada na de 1554 e não na de 1526. Dão-nos essa certeza várias passagens divergentes entre as duas edições quinhentistas, passagens em que verificamos estar a ser seguida a versão da segunda edição e não a da primeira. São elucidativos os seguintes casos, em que indicamos sucessivamente as três edições na sua sequência cronológica: *peras* / *pera as* / *pera as* (Prólogo); *esguardar* / / *resguardar* / *resguardar* (cap. III); *vinrrã* / *vinhã* / *vinham* (cap. XII); *torne* / *tornasse* / *tornasse* (cap. XXIV); *daguardar* / *da guarda* / *da guarda* (cap. XXXI); *de d's* / *d'l rey* / *de el Rey* (cap. LIII); *miiçe* / *mijçer* / *miçer* (cap. LXXII). Não esgotamos os exemplos, mas com estes fica demonstrado não só o que afirmámos, mas também o facto de a confirmação se manter ao longo de todo o texto. Se atentarmos em alguns pormenores dos exemplos ficamos a saber também que na edição de 1623 se procedeu a ligeiras alterações de grafia, e podemos acrescentar que se adoptou inicial maiúscula para todos os nomes próprios.

Relativamente a esta edição só queremos concluir recordando o facto (muito importante, aliás) de ter sido publicada em pleno período de governação filipina, com o pormenor de ter sido dedicada a D. Teodósio, duque de Bragança e presumível ocupante do trono de Portugal em caso de res-

CHRONICA
DO CONDESTABRE
DE PORTUGAL DOM
NUNALVREZ PEREYRA
PRINCIPIADOR DA CASA
DE BRAGANÇA.

Sem mudar dantiguidade de ſuas palauras, nem eſtilo.

E deſte inuictiſsimo Condeſtabre procedem el Rey Dom Ioão terceiro, & o Emperador Carlos V. Reys, Principes, Potentados, & grandes Senhores da Chriſtandade, deſta noſſa Europa.

PORTO:
TYPOGRAPHIA CONSTITUCIONAL,
Rua do Correio n.º 10. — 1848.

Fig. 8 — Página de título da edição da Tipografia Constitucional, Porto, 1848.

tauração da soberania nacional. A *Chronica do Condestabre* iria, assim, alinhar na falange de obras que, durante esse período, se conjugaram para manter bem desperto o espírito nacionalista que em 1640 teria projecção em termos práticos. Lembremos, de passagem (sem averiguar qualquer ligação) que a figura de Nun'Álvares fora já evocada treze anos antes por Francisco Rodrigues Lobo no poema épico *O Condestabre de Portugal D. Nuno Álvares Pereira* (Lisboa, por Pedro Craesbeeck), que ainda conheceria nova edição em 1627.

A quarta edição da *Chronica* foi publicada no Porto em 1848, na Tipografia Constitucional. É um volume de 23 × 16 cm, com 2 inum. + 273 páginas, agora composto numa mancha única por página.

À página de título quis-se dar uma composição sóbria, o que se conseguiu através de caracteres tipográficos de linhas simples, onde só a palavra «chronica» apresenta caracteres que simulam relevo, e com arabescos no interior do desenho.

As letras capitulares são simples caracteres tipográficos idênticos aos que foram usados no título, enquadrados por uma larga moldura quadrada com motivos fitomórficos estilizados, mas aparecem quatro modelos diferentes ao longo do texto (cap. I a XIII, XIV a XXX, XXXI a XLIX e L a LXXX). Há vinhetas variadas no fim dos capítulos que terminam próximo de fim de página.

Por esta rápida descrição física se vê que estamos perante uma apresentação gráfica muito típica dos meados do século XIX.

Antes do texto há uma «Advertência do editor», que ocupa uma página inteira. Não sabemos quem a escreveu, mas ficamos por ela a conhecer a motivação do empreendimento e o critério a que obedeceu. É interessante notar que a motivação não parece residir tanto na figura do Condestável como no próprio texto: a crónica aparece aureolada ao longo do tempo pela «grande e geral aprovação que tem

encontrado no conceito dos sábios»; por outro lado, «quer a consideremos pela índole do assunto, quer pelo lado literário, é uma obra eminentemente nacional, e no seu género clássica». E logo a seguir: «Nesta publicação oferecemos aos amadores da literatura Portuguesa um monumento mais da nossa antiga linguagem, para ser colocada a par doutros modernamente impressos — o Leal Conselheiro — e a Chronica de Guiné, cujo estilo basto de arcaísmos, e chã narração muito se assemelham».

Os parâmetros da edição são explicados no parágrafo seguinte: «... procuramos que a presente edição fosse não só nítida e bela, quanto comportam os nossos prelos, mas em tudo conforme à citada pela Academia, impressa em 1623, a qual nos serviu de modelo (1); sem alterar o texto, nem variar nada, por mais acidental que fosse, porque em nosso entender, deve cada escritor aparecer, como ele é na realidade. Até na ortografia, e pontuação mui diversa da que hoje usamos, não se fez a mais leve mudança».

Esta edição — em que se baseou Oliveira Martins para a arquitectura e redacção de *A vida de Nun'Álvares* (2) — pretendia-se, no dizer da «Advertencia», valorizada por uma gravura com o retrato do Condestável «conforme a que anda no original latino de 1723» (3), mas nenhum dos exemplares que compulsámos continha essa gravura nem vestígios dela.

---

(1) O cotejo de termos significativamente idênticos entre a 2.ª e 3.ª edições, com particularidades próprias nesta última, comprova ter sido a 3.ª que serviu de base à 4.ª Inocêncio assinalara que esta fora feita «sem discrepância da precedente» (*ob. cit.*, tomo II, p. 110).

(2) É incluída, logo em primeiro lugar, no Apêndice *B* — *Bibliografia* da obra.

(3) O autor da Advertência referia-se à obra de António Rodrigues da Costa, *De vitae et rebus gestis Nonni Alvaresii Pyreriae*, Olisipone Occidentali, Paschalis á Sylva, 1723.

A quinta edição saiu sessenta e três anos mais tarde, em 1911, e deve-se ao Prof. Mendes dos Remédios. É o n.º XIV da sua prestigiada série «Subsídios para o estudo da História da Literatura Portuguesa», e diz a página de título que tem revisão, prefácio e notas (1). Embora aquele professor não o declare, baseia-se obviamente na edição de 1526, de que dá os fol. Ir (página de título) e Iv (retrato do Condestável) em fac-símile reduzido. O exemplar utilizado foi o da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, o que é denunciado pela grafia da palavra «purtugall», e deve-se notar que Mendes dos Remédios não conhecia a edição de 1554, porque no prefácio (p. XIV) se refere à edição de 1623 como seguinte à de 1526.

O prefácio tem três capítulos, mas só o primeiro nos interessa por se ocupar do texto. No âmbito da epígrafe «Sobre o Condestável e os que acerca dele escreveram», Mendes dos Remédios aborda um tema de que já aqui tratámos: a probabilidade de existir uma edição anterior à que hoje conhecemos como primeira. Estabelece, a seguir, um paralelo entre o estilo literário da *Chronica do Infante Santo D. Fernando*, que havia editado pouco antes, e a *Chronica do Condestabre*, demorando-se mais nesta última, naturalmente, e encaminhando as suas considerações para a conclusão, perfeitamente lógica, de que a obra «existia contemporânea do seu herói ou imediatamente a seguir a ele» (p. XII). Refere-se depois às relações entre a *Coronica do condestabre* e os aproveitamentos que dela fez Fernão Lopes, para confirmar aquela asserção. Menciona e comenta, depois, algumas obras que, com base na *Coronica*, trataram

(1) *Chronica do condestabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira.* Com revisão, prefácio e notas por Mendes dos Remédios, Coimbra, F. França Amado, 1911 («Subsídios para o estudo da História da Literatura Portuguesa», 14).

a vida do Condestável. Voltaremos a alguns destes pontos quando analisarmos mais detidamente o texto.

Mendes dos Remédios não dá, no prefácio, qualquer informação quanto ao seu critério de transcrição, mas no «Vocabulário» anexo (s.v. *Atallaya*) explica-o em breves palavras: «Manteve-se o que se lia no texto, aqui como em todos os lugares, mesmo naqueles em que era bem evidente o lapso». E desabafa logo a seguir: «Antes ser acusado de idólatra do que de iconoclasta. E os mestres que decidam» (p. 215). A resolução foi mantida com bastante rigor e poucas excepções: adoptou maiúscula em todos os nomes próprios e pontuou os discursos directos, abrindo os parágrafos adequados. É a isto que provavelmente chamou «revisão», porque as intervenções não foram mais além.

Nesta edição não há notas, ao contrário do que pareceria deduzir-se dos dizeres da página de título, mas sim um complemento com muito interesse: o «Vocabulário» a que acima nos referimos. Trata-se de um misto de glossário e índice toponímico, não exaustivo nem como uma coisa nem como outra, mas muito útil para o leitor menos enfronhado na linguagem escrita antiga, e até muito interessante nas suas explicações etimológicas, baseadas em trabalhos de comprovada segurança, que cita. A identificação e descrição de lugares espanhóis é também útil e quase sempre acertada.

Infelizmente, a edição de Mendes dos Remédios alinha com as anteriores em raridade, e só pode hoje ler-se em algumas bibliotecas. Mas durante muitos anos foi o único texto acessível da *Chronica do Condestabre* e, na sua transcrição declaradamente minuciosa, a edição mais digna de confiança desde a primeira. Em conclusão: um bom subsídio para a história da literatura portuguesa.

Antes de passarmos à edição seguinte, há que referir, no seu lugar cronológico, a reimpressão fac-similada da primeira

edição que, em 1969, comemorou a inauguração das novas instalações da Biblioteca Nacional. É um trabalho de excelente nível, tanto na qualidade do suporte como na execução do fac-símile, tudo subordinado à preocupação de reproduzir condignamente o exemplar pergamináceo da Biblioteca, incluindo a cor e o desenho da encadernação.

A sexta edição saiu em 1972, a expensas da Academia Portuguesa da História, integrada com o n.º 4 na série «Fontes narrativas da História Portuguesa», com introdução, preparação do texto, glossário, índice onomástico e índice toponímico pelo académico de número António Machado de Faria [1].

A introdução é o melhor trabalho realizado sobre os problemas textuais não literários que a *Coronica do condestabre* suscita. Machado de Faria foi provavelmente tão longe quanto a escassez de dados certos o permitia, e muitos pormenores das suas conclusões ficarão longo tempo no ponto em que ele os deixou. Machado de Faria teve o cuidado de documentar exaustivamente todos os aspectos ventilados e, tanto quanto pudemos verificar, é muito completa a sua tabela de concordâncias entre os capítulos da *Coronica* e as crónicas de Fernão Lopes, trabalho realizado pela primeira vez de forma global (p. LXXI-LXXVII).

O glossário é, na quase totalidade, seguro, embora o método seguido para apresentar as formas verbais não seja o mais correcto, e os índices onomástico e toponímico encerram um conjunto importante de identificações de pessoas e lugares que muito ajudam a interpretar o texto, completando o trabalho já adiantado por Mendes dos Remédios.

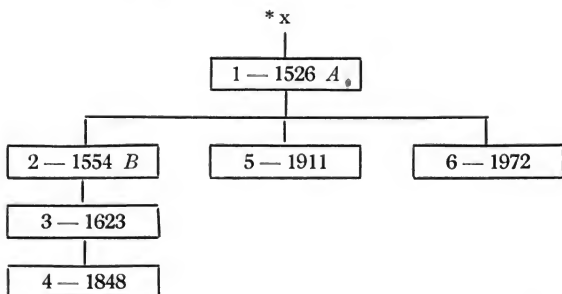
---

[1] *Crónica do condestável de Portugal D. Nuno Álvares Pereira.* Preparação do texto e introdução pelo académico de número António Machado de Faria, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1972 («Fontes narrativas da História Portuguesa», 4).

A nossa discordância total vai para a «preparação do texto», isto é, para o critério de transcrição da edição de 1526 (p. XIII). Apesar de Machado de Faria ter procurado munir-se de um critério adequado (p. LXVI) os resultados ficaram longe de corresponder ao rigor de uma edição crítica. Ao decidir-se por adoptar as regras de transcrição que o Prof. Luís Filipe Lindley Cintra utilizou na sua edição de *A lenda do Rei Rodrigo* (extraída da *Crónica Geral de Espanha de 1344*) Machado de Faria optou por uma grafia com intenção de acessibilidade a um público não erudito. Podemos dizer que o resultado foi desastroso: o texto ficou descaracterizado pela supressão de caracteres que são constantes na grafia do século XV, ou pela introdução de outros em casos em que o original os omitia sistematicamente, pela exagerada aplicação de acentos (que deveriam ser reduzidos a meros auxiliares da leitura), pelos equívocos da pontuação. Paralelamente não se efectuou qualquer correcção nos erros e lacunas do texto de 1526, mesmo nos passos em que ela era sugerida pela edição de 1554, como, aliás, se registou em notas de rodapé. Também outras correcções óbvias, mesmo não constando da segunda edição, não foram feitas.

É, pois, lícito concluir que, a par de uma introdução de bom nível, a edição de Machado de Faria foi uma oportunidade perdida do ponto de vista do texto: situando-se algures entre uma exigente edição crítica e uma edição decididamente modernizada, quedou-se num ponto intermédio para o qual não há nenhum público definido. O próprio autor diz: «A presente edição fica longe de ser definitiva, nem esse foi o nosso intento» (p. XIII).

A análise das várias edições, e a necessidade de admitirmos a existência de uma versão manuscrita (*x) como base óbvia da primeira edição, permite-nos agora estabelecer as relações de derivação entre elas, expressas pelo fluxograma seguinte, onde já identificamos a edição de 1526 pela sigla *A*

e a de 1554 pela sigla *B*, por serem essas as iniciais a que recorreremos na presente edição crítica:

Para textos antigos só entendemos três tipos de edição:

— a *edição diplomática* (acompanhada ou não de uma reprodução fac-similada), apenas admissível em situações anteriores a qualquer estudo textual, e caracterizada como elemento de base para futuras edições, que não dispensa;

— a *edição crítica*, resultante de um estudo acurado do texto, e funcionando, tanto quanto possível, como reconstituição e apuramento da forma original;

— a *edição de vulgarização*, destinada exclusivamente a facilitar a difusão de um texto junto de diversos tipos de leitores não especializados.

Como se pode verificar, o que faltou até agora ao texto conhecido como *Coronica do condestabre* é uma edição crítica no sentido moderno — um texto em que se aliem o respeito pelas formas vocabulares arcaicas e a transcrição digna de confiança, de leitura fácil e segura, que permita aos historiadores e aos estudiosos da língua e da literatura a sua utilização sem um esforço suplementar de interpretação.

Para a consecução desse objectivo, a vetusta edição de 1526 tem, mais uma vez, de desempenhar o papel de original, como se de um manuscrito se tratasse.

2. O TÍTULO

Esta edição, ao contrário de todas as anteriores, não apresenta o título de *crónica*, mas sim o de *estória*. A razão deste facto precisa de ser explicada desde já, antes de prosseguirmos a introdução.

A opção assenta em três pontos que procuraremos documentar suficientemente:

1.º o texto não é, no âmbito das concepções historiográficas da sua época, uma crónica, mas sim uma «estória»;

2.º o título de «crónica» é, no caso em questão, uma criação do seu editor quinhentista;

3.º o próprio texto fornece elementos que justificam e sugerem o título que agora lhe atribuímos.

A distinção que julgamos poder estabelecer entre «crónica» e «estória» é, como disse Duarte Leite, «a de espécie para género» (1) e decorre da análise das referências que os textos da época fazem a uma e outra, e que, na realidade, conduzem a conceitos bastante claros, que não chegam a ser afectados no essencial por alguns passos que poderiam tornar menos nítida a fronteira entre ambas as designações. Digamos que a distinção existia, mas que por vezes não se fazia questão de a respeitar com extremo rigor, e por isso vemos o próprio Fernão Lopes designar a sua obra por crónica e também por «estória», talvez até por simples deliberação de variar a terminologia.

---

(1) *Acerca da «Cronica dos feitos de Guinee»*, Lisboa, Livraria Bertrand, 1941, p. 183, nota 188.

Mas a oposição — ou diríamos melhor complementaridade? — entre os dois tipos de textos está bem clara naquela conhecida carta do Rei D. Duarte passada em Santarém em 19 de Março de 1434 em que precisamente encarregava Fernão Lopes de «poer em caronyca as estorias dos Reys que antygamente em portugal forom» (1). Sem prestarmos atenção ao que essa frase significava na vida profissional do cronista e no desenvolvimento da historiografia portuguesa, notamos que, realmente, do que se tratava era de fazer uma crónica (com todo o peso que a palavra comportava) coligindo textos parcelares dispersos que não eram outra coisa senão as «estórias» que se tinham redigido ao longo dos tempos como registos mais ou menos sistematizados dos acontecimentos.

É costume ligar-se à palavra «crónica» uma ideia de ordenação cronológica, atendendo-se exclusivamente à etimologia. É um conceito certo mas demasiado estreito. Se admitirmos linearmente que é «crónica» qualquer narrativa de acontecimentos históricos ou biográficos ordenados cronologicamente, então basicamente todos os géneros historiográficos seriam crónicas, desde os velhos anais até às biografias de heróis. Ora esse critério não parece correcto, não só por ser estritamente etimológico, mas também porque a ordenação cronológica é normal e generalizada em textos de história, incluindo, portanto, aqueles que ao tempo se designavam como «estórias». Temos, por isso, de aceitar que a palavra «crónica» adquiriu o significado de um determinado tipo de obra historiográfica, isto é, a historiografia a nível

---

(1) Pode ver-se transcrita por Anselmo Braamcamp Freire em apêndice à sua Introdução à edição da *Primeira Parte da Crónica de Dom João I*, Lisboa, Arquivo Histórico Português, 1915, p. XLV. É, porém, mais acessível a reimpressão desta edição, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1973, com prefácio do Prof. Luis Filipe Lindley Cintra. Esta é a edição a que nos referiremos em todas as futuras citações da 1.ª parte da crónica.

nacional e, mais concretamente, a crónica geral do Reino e as crónicas de reinados que a compunham.

Uma crónica régia caracteriza-se por ser a história de todos os acontecimentos (relevantes e menos relevantes) ocorridos durante o respectivo reinado ou mesmo (caso da *Crónica de D. João I*, na sua primeira parte) durante o período precursor de um reinado. A presença constante do Rei não é preocupação do cronista, nem a isso o levaria a índole do seu trabalho. Numa «estória», pelo contrário, o critério de relevância dos acontecimentos é a presença da figura central. Isto verifica-se muito claramente no texto que agora editamos, onde a narrativa de acontecimentos em que Nun'Álvares não está presente é reduzida ao mínimo, e sempre como elemento de ligação ou de compreensão do desenrolar dos acontecimentos.

As «estórias» ficaram, na sua quase totalidade, reduzidas ao esquecimento pelo seu desaparecimento como textos autónomos, para o que terá contribuído o facto de se manterem à margem da historiografia oficial. O Prof. Rodrigues Lapa, após verificar que Fernão Lopes não cita os nomes dos autores das «estórias» que aproveita nas suas crónicas, dá uma explicação que caracteriza muito bem o que se passava: «Estamos em crer que os não cita, porque efectivamente os não tinham; ou antes, teriam mais de um autor, como era costume então, para obras históricas, que eram um produto de várias gerações: daí o seu frequente anonimato» [1]. Mas, apesar de condições tão adversas, as «estórias» sobreviveram exuberantemente nas páginas das crónicas, e até nas páginas de outras «estórias», como vamos ter ocasião de ver ao longo deste trabalho.

---

[1] *Froissart e Fernão Lopes*, in «Miscelânea de língua e literatura portuguesa medieval», Coimbra, Por ordem da Universidade, 1982, p. 372.

Zurara contribuiu também para a ideia de bipolarização dos textos historiográficos, dizendo ter consultado, para a *Crónica da tomada de Ceuta*, «muy gram parte das cronicas e liuros estoreaaes ...» (1), e é dele a conhecida passagem em que faz uma distinção muito clara entre as crónicas régias e as narrativas de vidas de heróis singulares pelos seus feitos: «Ca sem embargo de se em em todollos regnos fazerem geeraaes cronicas dos rex delles, nom se leixa porem de screver apartadamente os feitos dalgũus seus vassallos, quando o grandor delles he assy notavel de que se com razom deve fazer apartada scriptura; assy como se fez em França do duc Joham senhor de Lançam e em Castella dos feitos do Cide Ruy Diaz, e ainda no nosso regno dos do conde Nunalvarez Pereira...» (2). Estas palavras foram sempre interpretadas não só como uma distinção entre a crónica do Reino e as biografias dos heróis, mas também como uma alusão inequívoca à *Coronica do condestabre*. Com efeito, delas deduzimos, logicamente, que esta não era uma crónica, mas sim um outro tipo de texto, certamente redigido de acordo com outras regras e, evidentemente, com outros objectivos. E se Zurara o diz, também já Fernão Lopes tivera o cuidado de a designar por «estoria» (3), além de a citar em vários passos referindo-se ao

---

(1) *Cronica da tomada de Ceuta por el-rei D. João I*, publicada por Francisco Maria Esteves Pereira, Lisboa, Academia das Sciencias de Lisboa, 1915, cap. XXXIX, p. 124.

(2) *Chronica do descobrimento e conquista de Guiné...* precedida de uma introducção e illustrada com algumas notas, pelo Visconde de Santarém... Pariz, J. P. Aillaud, 1841, p. 4. Zurara teria particulares razões para mencionar a «estória» dos feitos de Nun'Álvares como obra independente, uma vez que ele seria o autor do rol dos seus milagres, como peça fundamental do processo de canonização. V. TAROUCA, Carlos da Silva — *Onde está o Rol dos Milagres do B.º Nuno Álvares Pereira, escrito por Gomes Eanes de Azurara?*, «Brotéria», Lisboa, vol. 47, 1948, p. 155-163.

(3) Note-se, a propósito, que a palavra significava também os acontecimentos em si próprios, como nesta passagem muito conhe-

seu autor como «outros» («outros dizem ...»), o que poderia significar que ele sabia que a obra era de vários autores — asserção que não confirmaremos.

Fica, portanto, assente, com base no que autorizados contemporâneos escreveram, que a *Coronica do condestabre* não era uma crónica, mas sim uma «estória», isto é, um daqueles «liuros estoreaaes» a que se referia Zurara.

Como se explica, então, que, ao editá-la em 1526, Germão Galharde a apresentasse como *Coronica do condestabre de purtugall*?

Quando comparamos as páginas de título das três primeiras edições, sem dificuldade notamos que os termos em que o título é apresentado variam de edição para edição, denotando uma preocupação de actualizar determinados elementos expressamente ligados ao momento histórico em que a edição era lançada. Assim, quando em 1526 se dizia «E deste Condestabre procedem agora o Emperador ⁊ em todolos Reynos de xp̃aos de Europa ou os Reys ou as raynhas delles ou ambos», ao passo que em 1554 se escreveu «E d'este Cõdeestabre procedẽ agora elrey dom Johã terceyro nosso senhor ⁊ o Emperador: ⁊ nos mays dos reynos de christãos d'Europa os Reys: ou Reynhas: ou ãbos» e ligamos este facto ao de o editor ser o mesmo, podemos logo concluir duas coisas: 1.ª que os termos de 1554 são uma actualização dos de 1526, devida, evidentemente, ao editor; 2.ª que o editor se teria sentido autorizado a fazê-la por ser ele o próprio responsável pelos termos de 1526. Com ou sem conhecimento destas circunstâncias, também em 1623 António Álvares, trabalhando sobre a segunda edição, achou que

---

cida do prólogo da 1.ª parte da *Crónica de D. João I:* «Se outros per ventura em esta cronica buscam fermosura e novidade de pallavras, e nom a çertidom das estorias...» (ed. cit., p. 2). Aqui não se trata evidentemente de textos, mas da narrativa dos acontecimentos.

podia modificar os termos, adaptando-os mais uma vez à actualidade.

Podemos, por tudo isto, concluir que toda essa parte, que funcionava como complemento do título, não podia Germão Galharde tê-la encontrado no manuscrito de que se serviu na primeira edição, e então qualquer editor poderia modificá-la sem contrariar a expressão que imediatamente a antecede: «sem mudar da antiguidade de suas palauras nem stillo».

Esta frase, por mais voltas que lhe demos, é indubitavelmente da responsabilidade de Germão Galharde, que a pôs logo na primeira edição e fez questão de a repetir na segunda. Portanto, também não é atribuível ao título do manuscrito original, restando averiguar a origem das palavras que figuram em todas as edições como título propriamente dito, isto é, *Coronica do Condestabre de purtugall Nuno aluarez Pereyra* ou suas variantes,

Na sua edição de 1972, António Machado de Faria, a quem, evidentemente, não escapou o carácter tardio de tudo o que vem a seguir, admite que o título do manuscrito se resume apenas a essas palavras [1]. Já em 1911 Mendes dos Remédios as adoptara sem as discutir, limitando-se a actualizar a grafia.

Parece ter chegado agora a altura de contestarmos definitivamente que o texto editado em 1526 tenha tido alguma vez semelhante título.

Como vimos há pouco, não se trata de uma «crónica», mas sim de uma «estória», e isso deve ter sido tomado em conta pelo autor quando a redigiu, em pleno século XV, como é geralmente sabido. Mas mais convencidos ficaremos de que a designação *coronica* é tardia se nos lembrarmos do que se passou com a *Cronica do Sancto, e virtuoso Iffante dom Fernando*, saída com este título um ano mais tarde da oficina do mesmo

[1] Introdução, p. XLIII.

Germão Galharde: a existência providencial de um manuscrito coevo da sua redacção veio demonstrar que a obra se intitulava *Trautado da vida e feitos do muito vertuoso senhor ifante dom Fernando.* Quer dizer: uma obra do mesmo tipo que a biografia do Condestável, publicada pela mesma altura pelo mesmo impressor com o título de «crónica», não era, afinal, uma crónica nem assim se chamava num manuscrito inquestionavelmente quatrocentista ([1]). O paralelismo de circunstâncias merece ser tido na conta de um argumento comprovativo de considerável importância, que não deve dissociar-se da tendência, crescente ao longo do século XVI, para generalizar a designação de «crónica» aos mais variados tipos de historiografia — desde a História nacional até às monografias, biográficas ou não.

Chamemos agora o testemunho do próprio texto.

Este nunca se designa por «crónica», mas apenas por «livro», por «estoria» e por «conto». A primeira designação tem um valor tão genérico que podemos considerá-la neutra em qualquer circunstância temporal ou espacial, e a última ocorre apenas em epígrafes de capítulos. «Estoria», pelo contrário, reune condições para ser considerada como elemento do título da obra: ocorre várias vezes no texto e tipifica-o como género historiográfico.

Mas um título completo (como o do *Trautado* que mencionámos acima) não existe em qualquer ponto do texto, e esse facto, adicionado ao de Germão Galharde lhe ter atribuído um título que não se lhe adaptava (e que era apenas «moderno» em 1526) leva-nos a crer que o manuscrito não apresentava qualquer título, circunstância bem vulgar na época em que terá sido redigido, e mesmo característica bem conhecida dos mais antigos incunábulos, que nem portada tinham. Uma confirmação dessa ausência de título parece

---

([1]) V. o nosso trabalho cit., p. 88-90.

vir de Zurara, que o não menciona ao referir-se à «estória» do Condestável no capítulo I da *Crónica dos feitos de Guinee* (passagem que transcrevemos atrás), ao passo que o vemos mencionar diversos títulos de obras que cita, nomeadamente o *Leal conselheiro* no capítulo XXIX da *Cronica da tomada de Ceuta* («... aquelle livro que elle compos que sse chama ho liall comsselheiro ...»).

Teremos, assim, de optar por um título factício que corresponda a uma hipótese admissível e que reuna, pelo menos, as seguintes características: corresponder ao tipo de obra, definir inequivocamente o assunto e ser tanto quanto possível sugerido pelo texto. São precisamente estas as condições que encontramos na seguinte passagem do capítulo I: «E este priol dom Alvaro Gonçalvez Pereira viveo longamente e ouve trinta e dous filhos, antre filhos e filhas, de que por agora este livro nom faz mençom senom de dous, convem a saber, de dom Pedr·Alvrez Pereira, que depoys de seu padre foy prioll do Espritall, que era filho de hũa madre, e de *dom Nuno Alvrez Pereyra*, do qual he a *estoria*, filho de outra madre ...» (3.4-11). A solução que propomos, e que já figura à testa da presente edição, consiste em recorrer às palavras sublinhadas e adoptar como título — factício, como já dissemos — ESTORIA DE DOM NUNO ALVREZ PEREYRA.

Acreditamos que este título vai de encontro à noção que de há muito se impunha aos estudiosos. Carolina Michaëlis de Vasconcelos e Teófilo Braga terão sido os primeiros a notar que se tratava de uma «estória» [1]. O Prof. Salvador

---

[1] *Geschichte der portugiesischen Literatur*, in «Grundriss der romanischen Philologie», organizado por Gustav Gröber, vol. II, parte 2, Strassburg, Karl J. Trübner, 1897, p. 258. Teófilo Braga refere-se-lhe do mesmo modo na *História da literatura portuguesa — Idade Média* (1.º volume), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984, p. 411-412.

Dias Arnaut cita-a como «*estoria* conhecida por *Crónica do Condestabre*» (1). A situação também não passou despercebida a António Machado de Faria, como se depreende de alguns pormenores da sua introdução.

Digamos que o título adoptado é a expressão global de uma ideia radicada nos espíritos pela sua flagrante evidência, mas que teve dificuldade em abrir caminho perante a resistência de um título que se tornara tradicional desde o século XVI.

3. O MANUSCRITO

Ao preparar a edição de 1972, confessa A. Machado de Faria na introdução: «Resultaram improfícuas as diligências que fizemos no País e fora dele para encontrar um exemplar manuscrito» (p. XIII). Não diz o autor concretamente que diligências fez nem qual o grau de certeza da sua afirmação, mas vamos aceitar a conclusão quanto ao desconhecimento actual de um manuscrito, que só poderá ser encontrado por feliz casualidade. Mesmo nesse caso é bastante provável que não se trate do que serviu para a edição de 1526.

Em todo o caso, temos de admitir que houve um manuscrito original, produzido, naturalmente, pelo autor, numa data subsequentemente próxima da morte do Condestável (1 de Abril de 1431), conforme adiante diremos. Há provas concretas da existência desse manuscrito: Fernão Lopes, nas crónicas de D. Fernando e de D. João I, cita, critica e transcreve largas passagens dele, a ponto de o integrar quase na totalidade; e Gomes Eanes de Zurara, na *Cronica dos feitos de Guinee*, como vimos, refere-se-lhe como narrativa dos feitos de Nun'Álvares escrita «apartadamente» dos textos que

(1) *A batalha de Trancoso*, Coimbra, Instituto de Estudos Históricos da Faculdade de Letras, 1951, p. 39-40.

constituiriam, em módulos correspondentes aos reinados, a crónica geral do Reino.

Da referência de Zurara não se infere se existia mais do que uma narrativa, mas, se bem interpretamos as suas palavras, inclinamo-nos a acreditar que, se houvesse várias, ele se teria exprimido de modo a dá-lo a entender.

Entretanto as transcrições de Fernão Lopes (que, aliás, levantam problemas textuais que trataremos mais adiante) ter-se-ão baseado no manuscrito original ou numa cópia cronologicamente muito próxima deste. Isto é evidente pela necessária proximidade entre a data da redacção da *Estoria* e a da redacção da *Crónica de D. Fernando*.

Uma referência mais tardia, a de Frei António da Purificação, em 1642, a um exemplar «de mão» (1) torna-se irrelevante pela sua imprecisão: não se fica a saber a data desse manuscrito nem o seu conteúdo, nem as suas relações com as edições impressas, nem onde existiria. E depois dessa referência nada mais se soube.

O desaparecimento até agora total da versão manuscrita original deve-se, provavelmente, ao facto de eventuais cópias coevas terem existido em reduzido número, mas é também de estranhar (como já nota Machado de Faria) (2) que dela não tenham ficado cópias de várias épocas, como as que se fizeram de outros textos, tanto mais que se tratava da biografia de um vulto histórico com o impacto e a projecção do Condestável, que, normalmente, teria desencadeado uma grande procura logo a partir da data da sua morte, ou mesmo logo que foi adquirindo fama pelos seus feitos militares e qualidades espirituais.

---

(1) A informação, que não pudemos conferir, é dada por Mendes dos Remédios, Prefácio cit., p. XII nota, e refere-se à *Chronica da antiquissima Provincia de Portugal da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho*, Parte I, Lisboa, Manuel da Silva, 1642.

(2) Introdução cit., p. XIV-XVI.

Podemos, pois, concluir que, a respeito do manuscrito original, estamos actualmente no mesmo ponto em que nos encontrávamos há pelo menos três séculos.

No entanto, temos razões para crer que não foi esse manuscrito ou uma sua cópia fiel que Germão Galharde teve presente quando editou a chamada *Coronica do condestabre*. Esta questão está directamente relacionada com as interpolações existentes nos capítulos LXXVI e LXXX da edição de 1526 e, claro está, repercutidas em todas as subsequentes. Trata-se, realmente, de passagens do texto actualmente conhecido que, pelos seus elementos intrínsecos, só podem ter sido introduzidas em data bastante posterior à redacção do texto, por mão alheia à do autor.

Vamos transcrevê-las em colunas paralelas para nos apercebermos melhor da identidade de conteúdo que há entre elas e dos problemas de cronologia que, em conjunto, levantam. O assunto é a série de títulos nobiliárquicos recebidos pelos netos do Condestável, D. Afonso e D. Fernando, nascidos do casamento de sua filha D. Beatriz com D. Afonso, filho bastardo de D. João I.

Cap. LXXVI

E o conde [Nun'Álvares] deu em casamento a sua filha com dom Afonso o condado de Barçellos... E pedio a el·rey por merçee que, pois lhe dava o condado de Barçellos a seu filho, que o fezesse conde, e a el·rey prouve dello o feze·o conde, o qual conde ouve de sua molher ... dous filhos: hũu que chamavam dom Affonsso, que depoys foy conde d'Ourem e marques de Valença, e foy muy sisudo e viio muyta terra, que foy em Jerusalem

Cap. LXXX

E quando [Nun'Álvares] se quis apartar a servir Deos ... repartyo todas suas terras que tiinha em esta guisa ...; e o condado d·Ourem ... a dom Affonso, seu neto, que foy conde d·Ourem e depois marques de Valença; e o condado d·Arrayollos ... deu a seu neto dom Fernando, que he conde d·Arrayollos e depois foy duque de Bragança e conde de Barcellos e conde d·Ourem e d·Arrayollos e marques de Villa Viçosa ...

e Cayro e Damasco, e levou a emperatriz ao emperador d·Alemanha per mandado do muy ilustre e vertuoso rey dom Affonsso o quinto, o qual marques foy la mui grandemente; e outro filho que chamarom Dom Fernando, conde de Rayollos, o qual depoys foy duque de Bragança, do qual o conde seu padre depois foy feito duque, asi que este dom Fernando foi duque e conde de Barçellos e d·Ourem, de Rayollos e marques de Villa Viçosa, dando·lhe o condestabre em sua vida ao dom Affonso o condado d·Ourem e ao outro o d·Arrayollos, segundo se adiante dira em seu lugar.

De todos os títulos nobiliárquicos mencionad s nestas duas passagens, alguns não oferecem dúvidas quanto à possibilidade de constarem do manuscrito original, por terem sido concedidos ou tıansmitidos em vida do próprio Condestável: é o caso de conde de Ourém a D. Afonso (neto) e o de conde de Arraiolos a seu irmão D. Fernando, ambos atribuíveis ao ano de 1422, quando o Condestável ingressou em religião. Mas outros ficam muito para além da data em que se presume tenha sido redigida a *Estoria*, como veremos adiante. Este é o caso dos títulos de marquês de Valença para D. Afonso (11 de Outubro de 1451), de marquês de Vila Viçosa para D. Fernando (25 de Maio de 1455) e dos outros títulos que este veio a receber por morte de seu irmão D. Afonso (conde de Ourém em 29 de Agosto de 1460) e de seu pai em Dezembro de 1461 (conde de Barcelos e duque de Bragança).

Podemos, assim, assegurar que as interpolações só pude-

ram ser feitas depois de fins de 1461, data em que, por morte de D. Afonso, genro do Condestável, seu filho D. Fernando possuíu o título de duque de Bragança [1].

A determinação do limite *ad quem* para a data das interpolações poderá encontrar-se na referência ao Rei D. Afonso V, que não é acompanhada por nenhuma expressão que indicie ter já falecido, nem é formulada de modo a sugerir tal facto. Isto, em princípio, leva-nos a situar as interpolações entre Dezembro de 1461 (data da morte de D. Afonso, genro) e 28 de Agosto de 1481 (data da morte de D. Afonso V). Este período parece-nos bastante próximo das personalidades referidas no texto para suscitar a oportunidade de acrescentar aos seus nomes os respectivos títulos nobiliárquicos, os quais, por força do seu escalonamento no tempo, não podiam figurar no texto original, redigido algures na década de 1430; e é confirmado pela ausência de referências a acontecimentos posteriores à última data.

De qualquer modo, o conjunto dos dados cronológicos é suficiente para nos certificarmos de que entre aquelas duas datas foi produzido um manuscrito que seria cópia do original, modificado pelo menos por aquelas interpolações, e em relação ao qual poderíamos suspeitar que apresentasse outras variantes — hoje, naturalmente, impossíveis de detectar.

Partindo dos dados acima registados, vamos agora delimitar a extensão e o conteúdo das passagens espúrias.

Uma vez que todo o texto do capítulo LXXVI atrás transcrito, até à menção, inclusive, do primeiro título nobiliárquico de conde de Ourém referido a D. Afonso, neto do

---

[1] Não usamos neste raciocínio as referências contidas na interpolação do cap. LXXVI à ida da infanta D. Leonor para a Alemanha (onde casou com Frederico III) porque esse facto se deu em 1451-52, e com essa data não importa ao fim em vista. Cf. no entanto Anselmo Braamcamp Freire, Introdução cit., p. XXVI.

Condestável, é passível de ter sido redigido mesmo antes da morte deste («que depois foy» não significa aqui necessariamente que tivesse morrido) — a interpolação começa no título que foi concedido a D. Afonso em data muito posterior pelo monarca D. Afonso V, isto é, o de marquês de Valença, em 11 de Outubro de 1451, e abrangendo o que se lhe refere logo a seguir.

O início da referência ao segundo filho de D. Afonso (genro do Condestável), D. Fernando, ou seja a frase que diz ««e outro filho que chamarom dom Fernando, conde de Rayollos», é atribuível com propriedade à redacção primitiva, mas o que vem logo a seguir, isto é, a menção de todos os seus outros títulos, constitui também uma interpolação, visto não poder ser anterior a 25 de Maio de 1455. Mas, desde a expressão «dando-lhe o condestabre ...» até ao fim do capítulo, tudo pode pertencer à redacção primitiva.

No capítulo LXXX, a frase «que foy conde d·Ourem e depois marques de Valença» é posterior a 29 de Agosto de 1460, data a partir da qual se poderia empregar um pretérito em relação a D. Afonso, embora ele fosse marquês de Valença a partir de 11 de Outubro de 1451. Um pouco adiante, a frase «e depois foy duque de Bragança e conde de Barcellos e conde d·Ourem e d·Arrayollos e marques de Villa Viçosa» também contém elementos só possíveis a partir de 1461: duque de Bragança, conde de Barcelos e conde de Ourém, embora não exactamente por esta ordem. Outros há, como marquês de Vila Viçosa e conde de Arraiolos que são anteriores a essa data, mas que estão integrados na frase que constitui interpolação: o primeiro é de 1455 e por isso seria um acrescento posterior em qualquer caso; e o segundo é repetição do que estava dito, pouco antes, no texto primitivo.

A estas interpolações se referiram já Anselmo Braamcamp Freire e António Machado de Faria.

O primeiro fê-lo na introdução à sua edição da *Crónica*

de D. João I, p. XXVI-XXVII. Para ele, aquelas referências «foram intercaladas posteriormente, na ocasião da impressão da crónica» [do Condestável]. Tratar-se-ia de um caso «mais ou menos de falsificação de textos», do qual teria ficado como denúncia aquela forma gramatical de presente do indicativo referida a D. Fernando, que mencionámos há pouco, e que parecendo imprópria aquando da segunda edição, em 1554, foi passada ao pretérito imperfeito. Mas Braamcamp Freire explica as interpolações pela comprovada «intervenção de membros da Casa de Bragança na composição de crónicas, a fim de as acomodar às suas vaidades» (p. XXVII), e conclui: «Não pode pois causar estranheza o acrescentamento, tanto mais, serei justo, que pode ele até provir de adulação da parte do editor Germão Galharde, que já se revela bem inclinado à lisonja no frontispício do livro ...». Braamcamp Freire deixa clara a sua convicção de que as interpolações se ficaram a dever a Germão Galharde na edição de 1526, por motivos que hoje consideraríamos pouco honestos, mas que naquela época eram perfeitamente explicáveis e aceites.

Do que atrás dissemos já se pode concluir que não alinhamos com tal hipótese. Além de que é possível determinar com razoável segurança o período em que as interpolações teriam sido introduzidas (1461-1481), parece-nos que a expressão «sem mudar da antiguidade de suas palauras nem stilo», se não garante uma fidelidade absoluta ao manuscrito utilizado, significa, com razoável certeza, que foi respeitada a integridade do texto, tanto no sentido de eventuais cortes como na adição de elementos novos. Dificilmente imaginamos o impressor, ou alguém a quem ele tenha entregue os cuidados da edição, a alterar, em pontos secundários da economia da narrativa, um texto que se propunha publicar tal como se apresentava. O que nos parece mais lógico é admitir, perante a muito provável participação do duque de Bragança D. Jaime na iniciativa da edição, é que este

tenha fornecido a Germão Galharde um manuscrito «antigo» proveniente da Casa de Bragança, onde as interpolações já figurariam, podendo realmente ter sido introduzidas no período que referimos. Esta hipótese conciliaria vários elementos a que atribuimos importância: o manuscrito que serviu à edição não seria o original nem uma sua cópia rigorosamente fiel, mas uma cópia em que se haviam introduzido modificações pontuais, e que em 1526 se apresentaria, portanto, com uma redacção de certo modo obsoleta, quer no vocabulário, quer na construção frásica. Tratava-se, portanto de um manuscrito intermediário, pela sua posição entre o original e a edição impressa.

António Machado de Faria, que dedicou um capítulo às interpolações [1], não se colou decididamente à interpretação que delas fez Braamcamp Freire e denunciou, com razão, uma certa inépcia do interpolador, ou melhor, dos interpoladores: «Há, portanto, duas pessoas a tratar dos títulos, mas a segunda escrevia pior do que o autor do texto; ela não soube integrar o aditamento no corpo da Coronica, nem mencionar os titulos pela sua ordem de concessão e entrada no uso, fazendo-o atabalhoadamente» (p. LX). No entanto, partiu do princípio de que todos os títulos nobiliárquicos haviam sido acrescentados em época posterior à redacção primitiva, sem reparar que estavam lá títulos já existentes à data desta, como o de conde de Ourém, atribuído a D. Afonso, e o de conde de Arraiolos, atribuído a D. Fernando, ambos susceptíveis de figurar já naquela redacção.

Temos de notar também que Machado de Faria reduz a uma questão de somenos as interpolações, o que confirma conservando-as integralmente no texto da sua edição (p. 232 e 244). Desta posição discordamos francamente,

---

(1) Introdução cit., cap. VI — *Interpolações*, p. LVII-LXI.

por se tratar de passagens que convinha delimitar com rigor para se excluirem como alheias ao que o autor da *Estoria* escreveu. Pena é que não se possa actuar com tanta segurança noutros pontos em que certamente a grafia e até alguma terminologia se afastaram do original.

Entretanto, e só de passagem, veja-se como o texto correspondente ao capítulo LXXVI da *Estoria* na *Crónica de D. João I*, 2.ª parte, cap. CCIII, foi também permeável a interpolações paralelas: «Este comde dom Afonsso ouve da condessa sua molher huma filha, que chamaram dona Issabel ... E ouue mais dous filhos; a hum dysseram dom Afonsso, que foy depois comde dOurem, e (a) outro dom Fernando, que foy comde dArayollos; ambos comdes depois da morte de seu avoo, como depois falaremos homde conver de ser contado. Este comde dOurem foy depois marques de Vallença, e o comde dArayollos foy depois marques de Villa Viçossa e duque de Bragança» (p. 458).

Mas deixemos finalmente este assunto para nos fixarmos num ponto que reputamos comprovado: em 1526 Germão Galharde terá utilizado não o manuscrito original nem uma cópia inalterada, mas um manuscrito copiado, com ligeiras intervenções estranhas, entre 1461 e 1481.

Que aconteceu a este manuscrito? Tanto quanto sabemos, desapareceu como todos os outros que alguma vez contiveram a biografia do Condestável, mas na verdade era o que tinha mais probabilidades de desaparecer.

No século XVI, o respeito por um manuscrito que teria então entre quarenta e cinco e sessenta e cinco anos não era o mesmo que hoje lhe dedicaríamos. Na realidade, ele não poderia considerar-se materialmente uma antiguidade, e o seu conteúdo não era de molde a despertar sequer o interesse dos homens que nessa época mais apreciavam manuscritos — os humanistas. Não terá, por isso, beneficiado de cuidados de preservação, tanto mais que, uma vez passado a letra de forma, correria o risco de perder total-

mente o seu valor intrínseco, mesmo que proviesse da livraria de uma Casa de Bragança. Lembremos, ainda, que a edição «princeps» teve uma tiragem em pergaminho, cujo nível qualitativo já atrás assinalámos, e que faria dela um substituto condigno do manuscrito.

Além do mais, o que sucedia normalmente com os manuscritos que entravam numa tipografia para passarem à edição impressa era serem desmembrados em cadernos ou conjuntos de folhas distribuídos por vários oficiais para serem compostos simultaneamente. No fim do trabalho de composição e revisão, o estado destas peças estaria suficientemente afectado para as tornar impróprias para reconstituir o volume inicial (1). Os trabalhos da edição da *Coronica do condestabre* não constituiram excepção, com certeza, e assim o manuscrito teria reduzidas probabilidades de sobreviver.

4. DATA DA REDACÇÃO

Há um acordo generalizado entre os estudiosos quanto à data da redacção da *Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereyra*: entre 1431 (ano da morte do Condestável) e 1443 (ano em que Fernão Lopes redigia o capítulo CLXIII da 1.ª parte da *Crónica de D. João I*).

Os elementos que induzem a esta localização no tempo são conhecidos. A primeira data assenta na declaração expressa de Fernão Lopes de nada haver sido escrito sobre o Condestável em vida deste (2); a segunda data decorre da existência, na *Crónica de D. João I*, de largos trechos em que Fernão Lopes transcreve, com maior ou menor fidelidade, o texto da «estória» de Nun'Álvares, que, logicamente, teria de ser-lhe anterior.

---

(1) Cf. Alphonse Dain, *ob. cit.*, p. 160-161.
(2) *Crónica de D. João I*, 1.ª parte, p. 56.

Aquela declaração de Fernão Lopes não é inteiramente correcta porque, como veremos, somos forçados a admitir a existência de narrativas avulsas e parcelares redigidas em vida de Nun'Álvares e que funcionaram como fontes da «estória» de que nos ocupamos, mas reputamo-la verdadeira relativamente a esta porque a própria *Estoria* contém elementos que permitem atribuir-lhe seguramente uma data posterior à morte do Condestável. Por um lado, há passagens que o dizem concretamente: «... ca elle nunca se doutros ... contentou em seus dias» (12.12-13); o capítulo LXXIX refere expressamente que ele «acabou seus dias, em muito serviço de Deos» (197.22-23); e ainda o cap. LXXX diz que o biografado serviu a Deus, «em cujo serviço morreo» (201.12-13). Por outro lado, a «estória» é uma biografia global, introduzida por dados genealógicos dos antepassados mais próximos e rematada por uma apreciação recapitulativa das qualidades morais e espirituais do biografado. Não é um trabalho que, pelas suas características, pudesse ter sido realizado em vida do Condestável, nem mesmo na sua fase final. Representa uma perspectiva que só se adquire após a morte do indivíduo, quando se tem uma visão completa do que ele foi, do significado dos seus actos e da impressão que causou nos seus contemporâneos. Ainda que Fernão Lopes nada dissesse, teríamos de reconhecer que o texto em questão não teria sido escrito durante a vida de Nun'Álvares.

Entretanto, não passa despercebida a proximidade temporal da *Estoria* relativamente ao desaparecimento do biografado. Mendes dos Remédios não exagera quando diz: «Um século mais tarde, cinquenta anos, mesmo, depois diessa data, a factura desse trabalho seria impossível como está» (p. XI). Na verdade, o que o próprio texto sugere é um lapso de tempo muito mais curto. Há expressões que parecem indicar terem sido escritas muito perto dos acontecimentos, como a frase que se encontra a poucas linhas do fim do

texto: «... E ainda o dya de oje, depoys de sua morte, Deos, por sua merçee, fez e faz muytos millagres ...» (203.6-7). Não há aqui nenhum pormenor que indicie afastamento no tempo, e a singeleza da expressão «depoys de sua morte» reforça a ideia de proximidade.

Parece-nos, perante isto, que podemos realmente estabelecer como limite cronológico *a quo* para a redacção da *Estoria* o ano de 1431, não chegando ao preciosismo de fixar como marco o próprio dia 1 de Abril, mas também não enjeitando a possibilidade material de, ainda no decurso desse ano, alguém ter lançado mãos à obra.

O estabelecimento do limite *ad quem* tem de recorrer a outra ordem de argumentos. A base do raciocínio reside na geminação de quase todo o texto da *Estoria* com uma parte considerável das crónicas de D. Fernando e de D. João I de Fernão Lopes, circunstância suficientemente conhecida para que nos dispensemos, por agora, de quaisquer considerações.

O ponto fulcral a definir é a ordem por que foram redigidas aquelas duas crónicas, e que pode não corresponder à ordem cronológica dos reinados respectivos. Mas se a *Crónica de D. Fernando* é anterior à de D. João I, a tal data de 1443 em que Fernão Lopes estava ao redigir o capítulo CLXIII da 1.ª parte desta última nada tem a ver com a «estória» do Condestável, pois esta foi aproveitada em ambas e, portanto, é anterior à que tiver sido redigida em primeiro lugar.

Ora, quanto à cronologia, atenhamo-nos à reconhecida autoridade do Prof. Salvador Dias Arnaut, para quem a *Crónica de D. Fernando* foi escrita sem dúvida antes da de D. João I [1]. E é ainda o mesmo Professor que, na

---

[1] *A batalha de Trancoso*, p. 150 nota.

introdução à sua edição da crónica, em 1966, admite que esta «deve ter sido escrita, ao menos parcialmente, entre 1436 e 1443» (1).

A conclusão óbvia, se admitirmos, como parece razoável, que, ao iniciar a *Crónica de D. Fernando*, Fernão Lopes teria já, entre os materiais recolhidos, a «estória» do Condestável, é que esta estaria redigida em 1436 — e talvez este limite possa recuar um pouco se admitirmos, além disso, que Fernão Lopes precisou de algum tempo para preparar e começar a redigir a referida crónica.

E que diz o texto dela que possa ajudar a nossa conclusão? Nada de concreto, evidentemente, mas algo de significativo. Vejamos.

Enquanto aproveitava matéria da «estória» para doze capítulos da *Crónica de D. Fernando*, Fernão Lopes prometia tratar mais largamente dos feitos de Nun'Álvares quando se ocupasse do reinado de D. João I (2), o que realmente fez — podemos dizê-lo — com pompa e circunstância no capítulo XXXI e seguintes da crónica deste rei, que constituem a abertura de uma «crónica» do Condestável dentro dela. Duas ilações queremos tirar deste conjunto de dados: uma, é que a promessa feita na *Crónica de D. Fernando*, se interpretada à letra, comprova a anterioridade desta crónica relativamente à de D. João I; outra, é que, ao redigir a *Crónica de D. Fernando*, Fernão Lopes tinha na sua posse, entre outras fontes, um texto completo da «estória» de Nun'Álvares, o que lhe permitia distribuir a matéria dispo-

---

(1) Introdução à edição da *Cronica do Senhor Rei Dom Fernando nono rei destes Regnos*, p. IX.

(2) Cap. CXX. Futuras citações do texto da *Crónica de D. Fernando* referem-se à edição do Prof. Giuliano Macchi, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1975. Trata-se da primeira edição crítica da crónica e apresenta um texto que podemos considerar definitivo.

nível consoante a sua adequação à época de que tratava a propósito de cada um dos soberanos, aproveitando-a tão exaustivamente quanto desejasse.

Mas nesta tentativa de precisar tanto quanto possível a data da redacção da *Estoria* podemos ainda invocar um outro acontecimento que não lhe tem sido devidamente associado: o processo de canonização do Condestável.

Quem estabeleceu pela primeira vez alguma relação entre a *Estoria* e o processo foi o P.e Carlos da Silva Tarouca, num denso artigo publicado na *Brotéria* em 1949 (1). São nele referidos dois elementos fundamentais: uma carta do Rei D. Duarte para o abade de Florença D. João Gomes e o *Sumario que o ifante deu a mestre Francisco pera pregar do Condestabre D. Nuno Aluares Pereyra.*

A carta de D. Duarte é datada de 21 de Julho de 1437 e dela transcreve uma passagem que comprova ter-se já iniciado (algum tempo antes, naturalmente) o processo de canonização: «Fazemos uos saber que nós nam ouuemos ajnda ho desenbargo que ssayo do calinozamento do SSanto Condestabre per que se tire a jnquiriçom sobresto custumada ...» (2). A carta e a respectiva data devem ser complementadas pelo *Sumario*, que Silva Tarouca transcreve integralmente e que é, evidentemente, uma peça importante no processo de canonização, e portanto atribuível pelo menos ao mesmo ano que a carta. Como Silva Tarouca notou, há bastantes pontos de contacto entre ambos os textos, e alguns pormenores de redacção denotam que um deles é *uma* das

---

(1) *O «Santo Condestável» pode ser canonizado?*, «Brotéria», vol. XLIX, fasc. 2-3, Ago.-Set. 1949, p. 129-140.

(2) A esta carta se referira também o Dr. Domingos Maurício no artigo *Para a história do culto do B. Nun'Alvres: um documento inédito*, «Brotéria», vol. VII, 1928, p. 393-399.

fontes de outro. Ponhamos lado a lado algumas dessas passagens:

Estoria	*Sumário*
... El·rey e o ifante lhe mandarom fazer suas exequias muy honrradamente, como em Espanha se nom fez a homem de seu estado ... (cap. LXXIX, 197.24-26)	E agora lhe prouve [ao rei, à rainha e seus filhos] de fazer em sa fym, como em nenhuma memoria se acha que na Espanha a outro caualeyro se fizesse. (p. 136)
E estando ja per tempo no moesteyro, a el·rey veeo recado que rey de Tunez se viinha sobre Cepta ... foy desposto pera iir com elles. E com sua çamarra foy veer a naao ... (cap. LXXIX, 197.3-5 e 15-16)	... por se dispoer a muytos perigos por seu seruiço em grandes e honrrados feitos; é o que fez na vynda delRey de Tunez, estando já no Mosteiro, e a ordem que com ello teue, pera hir em auto de caualleiro, nom leixando seu abyto, nem sa maneira de ujuer ... (p. 137).
Praza a Deos que em seu regno lhe dê gloria e honrra tanta, como em este mundo lhe foy feita. (cap. LXXIX, 197.27-198.1-2)	... e o leuou pera Sy, onde perfeitamente de gloria e honrra pera todo o sempre o coroou. A Deos graças. (p. 138)
... porque elle com outra molher nunca dormio senom com a sua ... (cap. LXXX, 198.13-14)	... depois que casado foy a sua molher manteue lealdade (p. 137).

Ao detectar as aproximações entre algumas destas passagens, que, relativamente à *Estoria*, se concentram nos capítulos LXXIX e LXXX, Carlos da Silva Tarouca não teve dúvida em concluir: «Estes dois capítulos parecem depender do 'Sermão', ao menos o autor da crónica parece conhecer o 'Sermão', e ele é certamente de testemunha coeva» [1].

---

(1) Art. cit., p. 139.

Esta relação de dependência partia da hipótese de que a «estória» do Condestável seria uma biografia compilada por mandado de D. Duarte para integrar a «inquiriçom sobresto custumada».

Nestes dois pontos a nossa opinião é diametralmente oposta: não é a «estória» que depende do sermão (aliás, um esboço de sermão), mas sim o contrário; nem a «estória» é peça do processo de canonização.

Com efeito, o capítulo LXXIX, intitulado «Como se o condestabre apartou do mundo pera servir a Deos», está na sequência lógica de toda a narrativa e constitui o seu remate. Além disso, não contém elementos que testemunhem, de forma concreta, a santidade do Condestável.

O capítulo LXXX, por sua vez, é um complemento da biografia, como as suas primeiras linhas claramente denunciam, e não se compreenderia sem todos os outros que o precedem. Só este capítulo (e não toda a *Estoria*) poderia servir como peça de um processo de canonização, tanto mais que se apresenta como abrangente de toda a vida de Nun'Álvares no seu aspecto religioso. Mas não há nele nenhum indício de ter sido redigido com tal intenção, acrescendo que a referência aos milagres é estritamente genérica (portanto de nulo valor documental junto das instâncias pontifícias) e pode considerar-se «literária» na medida em que é elemento comum às biografias medievais, onde os elementos panegíricos estão, em regra, presentes.

Fundamentalmente, a *Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereyra* é uma biografia com três vectores: o genealógico (cap. I), o militar (quase todos os restantes) e o religioso (cap. LXXX), em que o relevo da vertente militar é de longe, como se vê, o mais notório. A figura que se destaca da *Estoria* é a do Nun'Álvares que praticou uma longa sucessão de feitos militares e que terá desejado praticar outros tantos se as circunstâncias e a sujeição hierárquica aos reis lho tivessem permitido. E a «estória» diz-nos mesmo qual a sua

motivação dominante: ganhar nome e fama, sem quebra do serviço ao rei.

Por isto e além disto, não vemos como, a partir de algumas reminiscências textuais, uma obra de fôlego e globalmente estruturada possa considerar-se derivada de um esboço de sermão. E quanto a ser peça do processo de canonização, encerramos a questão fazendo notar que nem Fernão Lopes (que a transcreve em larga extensão) nem Zurara (que a refere como obra escrita «apartadamente» das crónicas régias) dão o menor indício de a relacionar com o processo.

Voltemos, para concluir, à questão da data da redacção da *Estoria*.

Não nos atrevemos a fixar uma data com indicação do ano provável, como fez P. E. Russell, que a situou «à volta de 1435» (1). O que os elementos disponíveis nos permitem é estabelecer um período em que necessariamente terá sido escrita, procurando contrair o mais possível esse período. Assim, se a «estória» do Condestável é fonte do esboço de sermão elaborado em 1437 e não foi redigida como peça do processo de canonização, sendo-lhe, assim, anterior, podemos admitir que estava escrita mesmo antes desse ano, o que equivale a colocá-la entre 1431 e 1436 — e isto coincide com a data em que teria de estar pronta e divulgada para ser fonte da *Crónica de D. Fernando* de Fernão Lopes.

5. O AUTOR

A *Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereyra* parece destinada a ser, definitivamente, uma obra anónima. Depois de ter sido convictamente atribuída a Fernão Lopes por investiga-

---

(1) *As fontes de Fernão Lopes*, tradução do original inédito inglês de A. Gonçalves Rodrigues, Coimbra, Coimbra Editora, [1941], p. 30 («Universitas», 3).

dores da craveira de Francisco Maria Esteves Pereira [1], Anselmo Braamcamp Freire [2] e Aubrey Bell [3], caíu no anonimato em que a deixou Germão Galharde desde 1526, anonimato que o Prof. Hernâni Cidade, com argumentos sólidos e abundantes, ajudou a consolidar [4]. Mais recentemente, o Prof. Costa Pimpão revalidou os fundamentos dessa argumentação [5], e Machado de Faria, ao editar o texto em 1972, passou em revista todas as hipóteses possíveis de atribuição da autoria e viu-se obrigado a rejeitá-las todas por falta de base consistente que apoiasse alguma delas [6].

---

[1] *A Chronica do Condestabre de Portugal D. Nuno Alvarez Pereira*, «Boletim da Segunda Classe» da Academia das Ciências de Lisboa, vol. IX, Lisboa, 1915, p. 380-389.

[2] Introdução à edição cit. da *Crónica de D. João I*, p. XXII-XXV.

[3] *Fernão Lopes*, tradução de António Álvaro Dória, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1931, p. 33 36. Entre os defensores da atribuição a Fernão Lopes esteve Alfredo Pimenta, que assim exprimia a sua convicção ainda em 1946: «Já nem merece discussão o problema da autoria da *Cronica*. Tudo leva à mesma conclusão: é de Fernão Lopes. O que se tem aduzido a favor da tese contrária são leviandades ou infantilidades, ou teimosias suspeitas» (*Fontes medievais da História de Portugal*, Lisboa, Sá da Costa, 1948, vol. I, p. 310).

[4] *É Fernão Lopes o autor da «Crónica do Condestabre»?*, trabalho publicado pela primeira vez em «O Instituto», vol. 81, n.º 1, Coimbra, 1931, com um título ligeiramente diferente. Pode ver-se incluído nas *Lições de cultura e literatura portuguesas*, 6.ª edição, Coimbra, Coimbra Editora, 1975, p. 70-91.

[5] *História da literatura portuguesa: Idade Média*, 2.ª edição, revista, Coimbra, Atlântida, 1959, p. 244. Com razão afirma o autor: «A atitude diferente perante os mesmos factos é um argumento muito mais importante do que o da superioridade estilística. Fernão Lopes poderia muito bem ter-se corrigido a si mesmo em obras posteriores, sem que, por esse motivo, fosse necessário recusar-lhe a autoria da *Crónica do Condestabre*, formalmente menos cuidada».

[6] V. o capítulo *III. Autoria*, da Introdução já cit., p. XVI-XXXVII.

Dada a exaustão com que o assunto foi tratado, a busca do nome do autor é ociosa no estado actual dos dados disponíveis. É, no entanto, possível (e isso poderá ter algum interesse) caracterizar a sua personalidade através do que se lê e se entrevê no seu texto, o que tentaremos fazer após uma breve revisão de alguns pormenores do problema.

Antes de mais, queremos fazer notar que o anonimato do autor da *Estoria* existe desde sempre.

Fernão Lopes, escrevendo pouco depois as suas crónicas régias, foi o primeiro a colocá-lo nessa situação, seguindo-o e citando-o sem mencionar o seu nome. Sabemos que o cronista foi parco em referenciar nominalmente os autores seus contemporâneos (o doutor Christophorus foi uma excepção privilegiada), mas também é verdade que poucas das suas fontes terão tido um impacto tão forte nos seus textos. Nestas condições, não seria provável que Fernão Lopes tivesse omitido pelo menos uma referência directa ou indirecta ao autor ou autores da *Estoria* se ele ou eles fossem seus conhecidos, ainda que sentisse forte discordância em relação a algumas passagens polémicas. Também é hoje insustentável que o tivesse feito por ser ele próprio o autor, como argumentou Esteves Pereira (¹).

Alguns anos mais tarde, como vimos, Zurara fez uma referência bastante explícita à *Estoria* do Condestável sem mencionar qualquer nome de autor.

As omissões coincidentes de Fernão Lopes e de Zurara, tão próximas da data em que a *Estoria* terá sido redigida, são, quanto a nós, significativas (eventualmente por razões diferentes) e só podem levar a crer que já no tempo de ambos o autor era desconhecido, embora a referência de Zurara signifique, além disso, que a obra ganhara individualidade

---

(¹) *Ob. cit.*, p. 387.

entre muitas outras «estórias» menores que correriam então sobre a vida do Condestável.

No século seguinte, a edição anónima de Germão Galharde irá contribuir de forma decisiva para tornar esse problema definitivamente insolúvel, porque qualquer referência que venha a surgir a um determinado indivíduo será sempre motivo de dúvidas: se for anterior a 1526 ficaremos possivelmente sem saber se se refere ao autor do texto que conhecemos; se for posterior está prejudicada por ser tardia.

Outro ponto que queremos deixar esclarecido é o da autoria individual ou múltipla. Por outras palavras: a *Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereyra* foi redigida por um só indivíduo ou é obra de vários, eventualmente compilada por algum deles ou ainda por um outro alheio ao grupo? É um pormenor que nunca foi questionado. Todos os estudiosos que até hoje se referiram à autoria da *Estoria* falam do «autor» ou «autor anónimo» ou ainda simplesmente «o anónimo». Parece não ter ocorrido a nenhum deles a ideia de que o texto pudesse ser obra de mais do que um indivíduo, ou terão considerado a solução tão óbvia que se limitaram a aceitá-la pacificamente.

Convém notar que, sem argumentos intrínsecos ao próprio texto, a autoria individual não é líquida, sobretudo quando é muito provável que, como adverte o Prof. Rodrigues Lapa, por detrás do anonimato das narrativas historiográficas medievais esteja muitas vezes uma autoria múltipla, irremediavelmente dissolvida para sempre (1). Em ajuda desta hipótese, no caso da *Estoria* poderiam mobilizar-se citações de Fernão Lopes que designam a sua autoria no plural, em expressões frequentes como «dizem alguns» ou «huns dizem». Mas este argumento perdeu a validade desde que William Entwistle fez notar que Fernão Lopes procedeu

---

(1) *Ob. cit.*, p. 372.

de modo idêntico para com um homem tão notável como Pero López de Ayala ([1]). Assim, diríamos simplesmente que o cronista se limita, com aquelas expressões, a distanciar-se das suas fontes, sobretudo quando se prepara para contrapor-lhes a sua versão pessoal ou o seu juízo opinativo.

E na própria *Estoria* encontramos elementos que militam a favor da sua autoria individual:

1.º a uniformidade estilística da redacção ao longo de toda a obra, e que é acompanhada duma uniformidade idêntica nos processos narrativos;

2.º o facto de a obra ter obedecido a um plano, que transparece não só na sequência dos capítulos, mas também na existência de remissões de uns pontos para outros;

3.º a referência que o autor faz a si próprio numa passagem do prólogo utilizando a primeira pessoa do singular numa forma verbal.

Deixaremos para o capítulo seguinte um desenvolvimento dos dois primeiros pontos, mas deter-nos-emos já no terceiro.

A passagem a que nos referimos é a seguinte: «E por nom fazer longo prollego *farey* aqui começo em este virtuoso senhor [D. Gonçalo Pereira] do qual veeo o vallente e muy virtuoso conde estabre dom Nuno Alvrez Pereyra, e assy de hy em diante siguiremos nossa estoria» (1.5-9). Como vemos, logo a seguir ao emprego da primeira pessoa do singular aparece uma forma verbal na primeira pessoa do plural («siguiremos») — pessoa normalmente usada em narração, tal como fez logo a seguir Fernão Lopes e daí por diante a generalidade dos historiadores até aos nossos dias. Na *Estoria*

([2]) *Prolegómenos a uma edição de Fernão Lopes*, trabalho aproveitado para introdução à edição da 2.ª parte da *Crónica de D. João I*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1968, com Nota prévia do Prof. Luís Filipe Lindley Cintra, p. XXIII. Esta é a edição a que nos referiremos em todas as futuras citações da 2.ª parte da crónica.

é a forma que predomina nos raros casos em que o autor se integra no texto, incluindo os casos em que a forma do plural pode ter a intenção de uma associação autor-leitor. Noutros casos o autor esconde-se atrás de uma entidade impessoal — a própria «estória» que está a escrever: «Ora leixa a estoria de falar de Nun·Alvrez ...» (epígrafe do cap. VI), «Mas ora leixa o conto de falar na dita batalha ...» (epígrafe do cap. XXIX); ou recorre ao pronome pessoal indefinido na terceira pessoa: «Ataa·qui se fallou das cousas ...» (epígrafe do cap. XV); ou, ainda, combina estas duas opções: «Porque por falecimento seria contado a esta estoria fallar·se em ela dos feytos ...» (início do cap. LXXX). Perante todos estes casos e muitos outros não citados, que constituem, em conjunto, uma regra de expressão, o emprego, uma só vez, da primeira pessoa do singular é uma pura excepção — digamos mesmo uma distracção, mas, como tal, extremamente significativa: só um autor entregue individualmente à redacção de uma obra e à sua própria capacidade de a realizar poderia empregar inadvertidamente uma forma verbal do singular quando se propusera a regra de empregar sempre o plural correspondente.

A conclusão é óbvia e fica documentada: a *Estoria* deve-se a um só indivíduo — afinal um anónimo que tem resistido a todas as tentativas para ser identificado.

Quem melhor sistematizou, até hoje, as hipóteses possíveis de autoria foi António Machado de Faria, e as conclusões a que chegou (negativas, naturalmente) estão correctas, embora possamos discordar de uma ou outra consideração intermédia.

As quatro hipóteses de Machado de Faria são as seguintes:

1.ª Fernão Lopes;

2.ª Gil Airas, escrivão da puridade de Nun'Álvares;

3.ª alguém da casa do Condestável, eventualmente um companheiro de armas, ou seja, um militar;

4.ª um frade do mosteiro do Carmo.

Não está aqui contemplada uma quinta hipótese aventada em 1915 por Francisco Maria Esteves Pereira (1), curiosamente um dos defensores da atribuição a Fernão Lopes. Depois de fazer notar que, por motivos bem conhecidos, a memória de Nun'Álvares devia ser muito grata ao Rei D. João I e a seus filhos, sugere: «É pois de presumir que fosse na corte do próprio rei que surgisse a ideia de pôr por escrito os memoráveis feitos do condestabre, como do seu mais fiel e dedicado servidor ... É possível que fosse o infante D. Duarte, herdeiro do trono ... que logo depois da morte do condestabre, sucedida a 1 de novembro de 1431, encarregasse pessoa idónea de inquirir a verdade dos feitos do condestabre e de os escrever».

Esta teoria, aparentemente sem uma base documental que a suporte, poderia, no entanto, ser significativamente apoiada

1.º pelo facto de a *Estoria* ter sido redigida durante o tempo em que D. Duarte esteve associado ao governo do Estado no tempo de D. João I e nos primeiros anos do seu próprio reinado;

2.º pelo carinho pessoal que D. Duarte dedicava ao Condestável, testemunhado no capítulo LXXX da *Estoria*, quando este ingressou no Carmo e pretendeu impor-se atitudes extremas de pobreza e humildade;

3.º pela referência — «aquele santo condestabre» — que D. Duarte lhe faz no cap. XX do *Leal conselheiro;*

4.º pelo interesse posto por D. Duarte na canonização do Condestável.

Mas, em face do texto da *Estoria*, é uma hipótese sem consistência, que não resiste à mais elementar análise. Um indivíduo que anda na área de influência da corte, que é escolhido para escrever a biografia do Condestável porque lhe é reconhecida competência para tal, que se desempenha desse honroso encargo por incumbência pessoal do Rei

---

(1) *Ob. cit.*, p. 384.

D. Duarte e, no fim, quando se encontra no centro desta sequência de condições privilegiadas, cai no anonimato — é algo de extremamente insólito. Quem trabalhasse nessas condições não precisaria de que os seus contemporâneos fizessem qualquer esforço para fixar o seu nome porque ele próprio cuidaria de deixar-se claramente identificado em algum ponto do texto, provavelmente num prólogo suficientemente desenvolvido, em que salientaria a honra da intervenção real e as relações que o teriam ligado, porventura, ao ilustre biografado. Seria uma atitude de natural vaidade, comum àquela época e às que proximamente se lhe seguiram, e que se estendeu aos próprios editores. Em circunstâncias análogas, Frei João Álvares, o biógrafo do Infante D. Fernando, descreveu minuciosamente, num prólogo, todas as razões que justificavam a sua obra e os altos apoios que teve, sem deixar a outros o cuidado de perpetuarem o seu nome. Ora o autor da *Estoria* do Condestável, embora consciente de que tem de escrever um prólogo por princípios de ordem literária, redu-lo à expressão mais simples e escapa-se rapidamente para a explanação alongada dos antecedentes genealógicos do seu biografado. Era decisivamente uma pessoa capaz de realizar a obra que deixou, mas agia, ao que parece, por iniciativa própria e não solicitado por alguém tão altamente colocado na hierarquia do Estado.

Mas voltemos às hipóteses de Machado de Faria.

De Fernão Lopes pouco há a dizer. A argumentação do Prof. Hernâni Cidade contra a sua autoria é perfeitamente convincente, sobretudo a chamada de atenção para o misto de agressividade e mordaz ironia do cronista nas suas discordâncias em relação às versões que o autor anónimo dá de certos acontecimentos.

Apesar disso, não queremos deixar esquecida uma observação de Esteves Pereira que, depois de um estudo atento da *Estoria* do Condestável, acaba por colher a nossa inteira concordância. Diz ele no fim da nota apresentada à Acade-

mia das Ciências em 1915: «... a linguagem e o estilo das passagens da *Chronica do condestabre* transcritas verbalmente na *Chronica de D. João I* não diferem da linguagem e do estilo de Fernão Lopes, antes nos parecem tão conformes em ambas as crónicas, como se fossem de um mesmo autor». É verdade: se abstrairmos de um certo desnível literário entre a prosa do anónimo e a de Fernão Lopes, temos de confessar que há muitas afinidades entre ambas na maneira de conduzir a narrativa e em alguns comentários de pormenor, que em ambas apresentam semelhanças inegáveis, além de que o emprego de concepções literárias convencionais as aproximam bastante. Mas estas circunstâncias, por si só, não se podem constituir em argumento. Há muitas razões que podem estar na base dessa aproximação e que são extrínsecas à autoria: a proximidade da data de redacção, a identidade do assunto, o estado da língua e até o facto de Fernão Lopes ter copiado extensamente a *Estoria* com alterações meramente superficiais.

Há um outro argumento contra a autoria de Fernão Lopes a que não tem sido dado relevo, mas que nos parece ter grande força. É aquele que o Prof. Joaquim Veríssimo Serrão exprime deste modo: «... incumbido de redigir as crónicas dos antigos reis de Portugal, como poderia o historiador abalançar-se à história de uma figura nacional, sem dúvida, mas que não entroncava na Casa Real? Seria um desvio da missão concreta que lhe fora confiada» (1).

Realmente, tudo nos leva a crer que as funções cometidas a Fernão Lopes em matéria de historiografia foram expressamente as de elaborar as crónicas régias e essas funções implicariam, por força da dedicação exclusiva à pesada tarefa, o impedimento, em termos práticos e funcionais, de se aplicar à redacção de obras historiográficas menores.

(1) *A historiografia portuguesa: doutrina e crítica*, Lisboa, Verbo, 1972, vol. I, p. 49.

O diploma de 19 de Março de 1434 testemunha, mesmo nas entrelinhas, o empenho de D. Duarte em fazer prosseguir a redacção do que se convencionou ser a crónica geral do Reino, e era com esse objectivo bem explícito que Fernão Lopes passava a beneficiar de uma tença anual de 14 000 réis.

Depois de termos demonstrado que a chamada «crónica do condestabre» nunca foi, na origem, uma crónica mas sim uma «estória», aquele argumento fica reforçado, podendo-se dar como nulo o suporte que a esse diploma foi buscar Braamcamp Freire para apoiar a sua teoria.

Faz notar este investigador que, segundo Zurara, D. Duarte dera a Fernão Lopes o encargo de «apanhar os avisamẽtos que pertẽciã a todos aquelles feitos [da demanda entre Castela e Portugal] e os juntar e ordenar segundo pertençia aa grandeza delles e autoridade dos principes e doutras notavees pessoas que os fezerõ». E prossegue o raciocínio mais adiante: «Pois foi também durante este período [1434-1443] que, no meu entender, dando cumprimento, talvez já depois de sua morte, às determinações de D. Duarte, pusera outrossim em 'caronyca' os feitos de uma das mais 'notavees pessoas', da mais notável seria melhor dizer, que nas contendas entre Castela e Portugal pela sua independência pugnaram decisivamente» (1).

Ora o contexto não permite tal interpretação. O que D. Duarte pretendia não era que Fernão Lopes se encarregasse de escrever crónicas individuais de personalidades notáveis, a par das crónicas régias, mas sim que se encarregasse de fazer crónicas dos feitos em que intervieram não só os reis, mas também diversas personalidades notáveis — o que é muito diferente.

Em conclusão, os argumentos verdadeiramente decisivos conjugam-se para negar a atribuição da *Estoria* à pena de Fernão Lopes, sem esquecermos que, de passagem, veri-

(1) Introdução cit., p. XXIV-XXV.

ficámos também não estar documentada a intervenção de D. Duarte na escolha do autor nem no patrocínio da obra.

Deixemos por momentos a candidatura de Gil Airas para examinarmos rapidamente as hipóteses de se tratar de um militar ou de um eclesiástico.

Esta última é, de todas, a mais remota. A hipótese de o autor ser um religioso carmelita, ou mesmo de qualquer outra congregação, é insustentável. Tem contra si a ausência de pormenores sobre o longo período da vida conventual do Condestável, a falta de um evidente recurso à documentação arquivística do convento em que viveu os últimos anos da sua vida (como já notou Machado de Faria) e ainda a inexistência de qualquer citação escriturística ou patrística em todo o texto. Um certo fervor religioso, saliente em diversas passagens do texto, não chega para se concluir que o autor fosse um elemento do clero nem, muito menos, um monge regular. Falta-lhe, para isso, uma linguagem que o conotasse claramente com o exercício sacerdotal (1), além de que o lugar reservado às obras pias do Condestável tem uma limitada expressão na economia do texto, limitando-se praticamente ao último capítulo.

A hipótese de se tratar de um militar é bastante mais plausível. Com excepção de um reduzido número de capítulos, o texto da *Estoria* é fundamentalmente um relato de acções militares, descritas com uma terminologia adequada, a denotar um conhecimento suficiente das formações e das

---

(1) Registe-se, em abono do que dissemos, uma lição do carmelita Simão Coelho: [O Condestavel]... foi semifrater... que sam meios Frades, & os que exercitão os officios de maior humildade, & nam trazem habitos: mas huns tabardos cõpridos & barbas. Pelo qual o que compos sua chronica, nam sabendo a Ordem & regra que nisto se tem na Religião, disse que se vestia de hum tabardo de pano de Calez, a que chamou samarra...» (*Primeira parte do compẽdio de chronicas da ordem da muito bemaventurada sempre Virgem Maria do Monte do Carmo*, Lisboa, Antonio Gonçalvez, 1572, p. 91).

operações bélicas, do armamento utilizado e do equipamento individual dos homens de armas. Não se lhe pode assacar o emprego de expressões impróprias ou desajeitadas para descrever as simples escaramuças e as grandes batalhas — as que se travaram e as que ficaram por travar — ou ainda os reptos pessoais para se matarem dez por dez ou trinta por trinta, ou ainda os êxitos obtidos por golpes de astúcia. Tudo o que há para contar (isto é, todos os factos de que há informação disponível) é contado com demora e pormenor, ocupando extensos capítulos ou mesmo transitando de capítulo para capítulo, de modo a que nada se perca. Em contraste, toda a matéria que não diz respeito a acções militares é objecto de narração abreviada, em capítulos curtos de conteúdo apressado e fugidio. É elucidativo, neste aspecto, o capítulo XLII, no qual as cortes de Coimbra de Março-Abril de 1385, que levaram à decisiva aclamação de D. João I, são descritas em pouco mais de uma coluna das edições de Germão Galharde.

Não há dúvida, pois, de que a vertente militar é de longe a mais importante da *Estoria*, aquela que mobiliza quase integralmente o interesse e a capacidade narrativa do autor. «É por isso de crer — disse Mendes dos Remédios — que algum contemporâneo de D. Nuno Álvares Pereira, companheiro das suas lides de guerra, testemunha ocular das suas façanhas heróicas, fosse o autor da *Chronica*, na qual não quis deixar o seu nome, que nada era, em frente do do seu herói, que era tudo» (p. XII).

Mas não se confunda a probabilidade de o autor ser um indivíduo dedicado às armas com a necessidade de ser um especialista na arte e na técnica da guerra, como parecem ter pretendido William Entwistle e Machado de Faria [1].

---

[1] O Prof. William Entwistle considera o autor da *Estoria* tão ignorante como Froissant e Fernão Lopes na ciência militar (*The English archers at Aljubarrota, 1385*, «Revista de História»,

De resto, é preciso termos em conta uma circunstância muito importante: qualquer biografia de Nun'Álvares, em qualquer época (portanto mesmo logo após a sua morte), tinha de ser forçosamente subordinada a um forte vector militar, porque esse era o vector predominante da sua vida e a razão do seu impacto no mundo do seu tempo. Isto é suficiente para retirar um carácter de necessidade à hipótese de o autor da *Estoria* ser um militar.

E Gil Airas? Que possibilidades pessoais teria o escrivão da puridade do Condestável de redigir a biografia deste? Lembrando que Fernão Lopes também foi escrivão da puridade do Infante D. Fernando, diríamos que tinha todas as possibilidades.

Foi o Prof. William Entwistle que, em 1928, ventilou a possibilidade de ser Gil Airas o autor da *Estoria* (1). Depois de se referir, pela negativa, a Fernão Lopes, diz em relação àquele: «As to the latter, the intimacy of certain details and the citation of documents suggests to me his identification with the Constable's secretary, Gil Airas». Entwistle escreveu isto numa simples nota de rodapé e não explorou a hipótese, além de que se referia apenas ao capítulo LXVII. No entanto, regressou mais tarde à mesma ideia, no trabalho *A lenda arturiana nas literaturas da Península Ibérica*, admitindo que o autor «não era o mesmo Lopes, mas algum familiar do herói, talvez Gil Airas, escrivão da puridade» (2). Mas vale a pena determo-nos um pouco nele porque, mesmo que consideremos não existirem provas concludentes, Gil

---

Lisboa, vol. 16, 1928, p. 199). Segundo Machado de Faria, que cita Entwistle, «faltavam-lhe grandes conhecimentos militares e escasseava-lhe a penetração no que presenciou» (Introdução cit., p. XXVII).

(1) *Ob. cit.*, p. 199 nota.

(2) Tradução de António Álvaro Dória, Lisboa, Imprensa Nacional, 1942, p. III.

Airas ainda é o candidato com mais possibilidades de ter escrito a *Estoria*.

Os dados biográficos que conhecemos através de alguns documentos confirmam esta asserção [1].

Não sabemos quando nem onde nasceu, mas sabemos que seu pai era nascido ou residente em Alegrete, lugar do actual concelho de Portalegre, e sua mãe seria Maria Trabuca. Há, portanto, algumas probabilidades de Gil Airas ser alentejano, e a proximidade de Flor da Rosa pode explicar as suas relações pessoais e de parentesco com Nuno Álvares Pereira.

O primeiro documento conhecido que o dá como escrivão da puridade do Condestável é uma escritura datada de 28 de Julho de 1404. O mesmo título, associado ao de criado, é-lhe atribuído numa escritura de 29 de Setembro do mesmo ano. Terá sido feito cavaleiro pouco tempo depois, visto que como tal é designado noutra escritura de 9 de Setembro de 1406, onde conserva também os títulos anteriores. Em 4 de Abril de 1422, o Condestável, que então se estava a desligar dos bens terrenos, fez-lhe doação, em vida, da quinta de Morfacém, no termo de Almada. No mesmo dia, o próprio Gil Airas redigiu o documento pelo qual o Condestável fazia doação do condado de Ourém a seu neto D. Afonso. Nesse documento se declara que o Condestável havia feito doação, em vida, a Gil Airas, da barca de Sacavém, com suas rendas e direitos, e do reguengo de Alviela, no termo de Santarém. No ano seguinte, uma escritura de 28 de Julho designa-o como cavaleiro e vedor para as coisas de Ceuta, o que leva a crer que entre essa

---

[1] Sobre Gil Airas, v. SOUSA, António Caetano de — *Provas da historia genealogica da Casa Real Portugueza*, Lisboa, Regia Officina Sylviana e da Academia Real, 1746, tomo V, p. 567; e FREIRE, Anselmo Braamcamp — *Brasões da Sala de Cintra*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1973, vol. III, p. 50-52.

data e a anteriormente referida cessara as funções de escrivão da puridade do Condestável, facto certamente determinado pelo ingresso deste no mosteiro do Carmo.

Da vida particular do escrivão sabe-se também alguma coisa. Casou com Leonor Rodrigues, que lhe sobreviveu, e teve dois filhos: Diogo Gil e Gil Moniz, por esta ordem ou pela inversa.

Gil Airas morreu antes de 1 de Setembro de 1437 e foi sepultado no convento do Carmo, na capela de Nossa Senhora do Pranto (mais tarde chamada da Piedade) que também lhe havia sido doada pelo Condestável.

Os documentos acima citados confirmam repetidamente, com todo o seu peso, o cargo de escrivão da puridade que lhe é atribuído nos capítulos LXVII e LXXIII da *Estoria*, duas vezes no primeiro e uma vez no segundo. Mas o primeiro destes, que narra a doença de Nun'Álvares, provavelmente localizada no ano de 1398, permite-nos saber que já neste ano Gil Airas ocupava o cargo e talvez desde há algum tempo, a julgar pelo tom dos diálogos reconstituídos na narrativa.

Que idade poderia ter Gil Airas por essa altura? Sem dúvida a idade suficiente para assumir um cargo de responsabilidade junto duma personalidade altamente colocada na estrutura militar e social do País — diríamos não menos de vinte e cinco anos. Assim, com base neste cálculo (porque de um simples cálculo se trata) teria cinquenta e oito anos quando o Condestável morreu, e entre cinquenta e oito e sessenta e três anos no período em que colocámos a redacção da *Estoria*. A indicação de ter falecido antes de 1 de Setembro de 1437 diz-nos que teria podido redigir a obra, em termos cronológicos.

Também em termos de situação pessoal isso poderia ter acontecido: o cargo exercido durante largo tempo (até 1422, pelo menos) proporcionava-lhe íntima convivência com o biografado, intervenção na elaboração da sua documentação

particular e acesso aos arquivos. Pode dever-se a essa circunstância a transcrição de dois documentos nos capítulos LXVIII e LXIX, e, paralelamente, não repugna admitir que, com a preparação que teria para ser escrivão da puridade, Gil Airas seria perfeitamente capaz de escrever uma obra como a *Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereyra*.

Teríamos, assim, um indivíduo que não era um militar nem um eclesiástico, que já vimos serem improvavelmente qualidades do autor da *Estoria*. Nestas condições, Gil Airas até poderia ser a pessoa que o rei D. Duarte escolheria para escrever a biografia do Condestável, na hipótese de Esteves Pereira.

A posição de Gil Airas nos capítulos LXVII e LXXIII também tem muito interesse.

O capítulo LXVII pressupõe, em toda a sua extensão, a presença constante do escrivão da puridade junto do Condestável. Isto não tem nada de surpreendente, mas o que se torna digno de nota é que, num capítulo com tão poucos intervenientes, o nome de Gil Airas seja mencionado *dezoito vezes*, e o seu cargo explicitado duas vezes. Não vamos ao ponto de supor que ele fosse a única companhia de Nun'Álvares durante os três meses da sua neurastenia, mas na situação de isolamento em que este se encontrava, bem poucos estariam com ele (o texto menciona a sua mãe e a sua filha). E desses poucos acreditamos que Gil Airas seria o que estava em melhor posição para escrever o capítulo.

No capítulo LXXIII também Gil Airas é figura de primeiro plano, incumbido de missão diplomática junto do Rei D. João I, o que dá azo a que seja mencionado *quatro* vezes. O Condestável enviara-o como pessoa de particular confiança («hum de que fiasse») e ele desempenhou-se da missão, segundo o texto, com um discurso directo metodicamente organizado, de notável clareza, e uma posição de firmeza que abalou

a decisão anteriormente tomada pelo soberano quanto à escolha do prior da Ordem do Hospital.

Poderemos aceitar, com base nestes factos, que Gil Airas é o autor destes dois capítulos? E se o aceitarmos como tal poderemos, por extrapolação, admitir que ele é o autor de toda a «estória»? Não vamos tão longe, nem num ponto nem no outro, e já diremos porquê.

É certo que o facto de o seu nome estar lá escrito — tantas vezes, como se estivesse decidido a não se deixar esquecer pela posteridade — não é argumento contrário, embora o Prof. Costa Pimpão o tivesse utilizado para lhe negar a autoria da *Estoria* (1). Com efeito, além de que é frequente, em todas as épocas, um autor referir-se a si próprio na terceira pessoa, lembremos o caso, muito próximo, de Frei João Álvares, que, na biografia do Infante Santo, se introduz como «o seu secretario» e mesmo «Joham Alvarez».

Quanto ao capítulo LXVII, temos de convir que tem características muito próprias, quer pelo tema, quer pela condução da narrativa, mas isto só é válido para admitirmos que pode ter como fonte directa uma informação oral ou escrita do próprio Gil Airas, e não para reconhecermos formalmente a este o papel de autor, sem uma indicação concreta nesse sentido.

Por sua vez, o capítulo LXXIII, correctamente inserto na sequência cronológica da narrativa, não difere sensivelmente dos restantes, e a menção de Gil Airas não assume significado que o individualize na estrutura da *Estoria*, além de que os pormenores de testemunho presencial nesse capítulo não são mais impressionantes do que os que estão espalhados por todo o restante texto.

Assim, alargando a perspectiva a todo o texto, é impossível conceder a autoria deste ao escrivão da puridade.

---

(1) *Ob. cit.*, p. 263.

Aqueles dois capítulos são os únicos em que as suas funções e o seu nome aparecem referidos, e, dada a clareza e insistência com que isso é feito, seria muito de estranhar que ele não figurasse em nenhum outro passo da *Estoria*, uma vez que, como vimos, exercia aquelas funções antes dos factos narrados no capítulo LXVII e durante os narrados nos capítulos seguintes até ao LXXVIII, após o qual vemos Nun'Álvares abandonar a vida secular (partindo da suposição, algo fundada, de que nessa altura Gil Airas terá deixado de o servir, passando a outras funções).

E quanto à determinação da autoria não temos mais hipóteses a ventilar. Nas que passámos em revista procurámos não partir de ideias preconcebidas, antes tentámos chegar às conclusões possíveis por caminhos alternativos aos seguidos até agora pelos estudiosos da questão. Mas a grande conclusão é que a *Estoria* continua a ser uma obra anónima, visto não conseguirmos mobilizar argumentos irrefragáveis para lhe atribuir concretamente um nome de autor.

Isto não obsta a que conheçamos alguma coisa da sua personalidade através do texto que nos deixou: o seu nível cultural, a sua capacidade de estruturar uma obra de fôlego, a sua veracidade como historiador, as suas reacções ao contexto em que se desenvolveram os acontecimentos, a metodologia da recolha de elementos, a sua perspectiva temporal das pessoas e dos factos.

Comecemos por destruir a ideia de que o autor da *Estoria* foi, tal como parece, uma testemunha presencial dos acontecimentos narrados.

Se abstrairmos do primeiro capítulo, de carácter meramente introdutório e consagrado apenas aos antecedentes genealógicos de Nun'Álvares, verificamos que a biografia deste começa quando ele tinha treze anos, isto é, em 1373, e daí para diante mantém uma sequência cronológica regular sem outras interrupções que não sejam os períodos de inactividade

ou de actividade não significativa do ponto de vista histórico ou de interesse biográfico. E a sequência só termina com a morte do Condestável, em 1431, visto que o texto contém elementos suficientes para garantirem ter sido redigido depois dessa data. Temos, portanto, uma extensão de cinquenta e oito anos. Ora não acreditamos que alguém, em 1431 ou num dos anos subsequentes, pudesse ter redigido a *Estoria*, com todos os pormenores que contém, recorrendo exclusivamente à recordação dos acontecimentos que presenciou. Forçoso é admitirmos que lançou mão de outros elementos — e, na verdade, veremos mais adiante que o texto revela o recurso a diversas fontes.

Tampouco poderíamos admitir que a *Estoria* fosse obra de um companheiro de armas do Condestável. Uma grande parte dos capítulos relata acontecimentos passados na sua juventude (em Aljubarrota ele tinha completado recentemente vinte e cinco anos) quando os seus companheiros seriam da sua idade ou até mais velhos. Isto significa que os companheiros de armas que poderiam ser também testemunhas presenciais dos factos teriam (os que fossem vivos ...) mais de setenta anos quando a biografia foi redigida.

Por tudo isto, quando nos damos conta de que toda a narrativa parece estar a ser elaborada a par dos acontecimentos que se desenrolam perante o autor, temos de convencer-nos de que esse autor é o de uma determinada fonte e não o do texto que possuimos. Com efeito, não se pode concluir, do pormenor e intimismo de muitos episódios, que o autor da *Estoria* tenha sido testemunha presencial deles, embora possa tê-lo sido de alguns (dos mais recentes, naturalmente). Também em Fernão Lopes aparecem extremamente vivos certos episódios que se terão passado antes do seu nascimento e durante a sua infância. A explicação só pode estar na utilização de narrativas, certamente parcelares, escritas ou transmitidas por testemunhas que participaram nos acontecimentos ou que deles obtiveram uma

versão oral. Naturalmente, hoje é impossível distinguir entre os pormenores que tiveram uma ou outra origem.

Mas voltemos ao «nosso» autor. Que mais podemos saber a seu respeito?

Antes de mais, que era um admirador convicto de Nun'Álvares. Não nos referimos, claro está, ao simples facto de ter escrito a sua biografia, o que seria demasiado óbvio para mobilizar a nossa atenção. Referimo-nos, sim, ao extremo cuidado em pôr bem em relevo os actos de Nun'Álvares, que fizeram dele uma figura de excepcional projecção, da qual os seus próprios contemporâneos se aperceberam. Os actos de bravura a que nunca era estranha uma ponta de temeridade, a ambição de ganhar rapidamente fama e honra, as qualidades de chefia que o sobrepunham à indiferença e à cobardia de alguns, os sentimentos humanos que o moviam à piedade, a disciplina que (quase sempre) o fez acatar as imposições de dois reis que lhe eram inferiores — tudo isso e muito mais caracteriza o Nun'Álvares que o seu biógrafo faz ressaltar das páginas da *Estoria*. A profundidade do sentimento religioso, tocado aqui e ali de misticismo, a larga prática de caridade e generosidade para com todos os que o rodeavam, a humildade e despreocupação do mundo que fizeram do grande guerreiro um pobre donato — essas estão lá todas nos últimos capítulos.

Mas o biógrafo tem uma outra maneira muito especial de exprimir a sua admiração pelo biografado: são as frases exclamativas que insere em vários pontos do texto à guisa de comentário e chamada de atenção para um acto de impressionante bravura ou humanidade praticado pelo Condestável. Bem sabemos quanto há de literário nas frases exclamativas, mas no contexto em que são empregadas assumem claramente o valor de uma espontânea e irreprimível apreciação pessoal.

Outra faceta do autor é a sua qualidade de verdadeiro português. «Verdadeiros portugueses» é a expressão que ele

aplica aos portugueses que de alma e coração se empenharam na independência nacional através de uma indefectível lealdade ao seu Rei e à sua Pátria. Naqueles tempos conturbados em que os espíritos andavam em busca de um sentido definitivo para a nação portuguesa e para si próprios, não bastava ser português: havia que distinguir entre os que permaneciam agarrados à terra que os criara e aqueles que procuravam no apoio a um rei estrangeiro a segurança dos seus haveres e das suas posições sociais. Ao atribuir aos primeiros o qualificativo de «verdadeiros portugueses» o autor da *Estoria* não inventou certamente a expressão (que Fernão Lopes também usou), mas colocou-se na posição de ser um deles.

A par deste firme nacionalismo, e misturando-se um pouco com ele, sobressai no autor um omnipresente fervor religioso. Para ele, respeitar as igrejas e os objectos do culto são ponto de fé, assim como dar graças a Deus pelos benefícios recebidos ou aspirar à salvação após a partida deste mundo.

Na sua interpretação, as vitórias do Condestável e dos seus companheiros de armas ficam a dever-se à intervenção divina, que ele próprio agradece expressamente. O reduzido número de mortos numa refrega, em contraste com o elevado número de mortos do inimigo, é objecto de gratidão a Deus, e até a aclamação de D. João I foi como que o resultado de uma inspiração da Graça, que desceu sobre os espíritos que estiveram envolvidos nas Cortes de Coimbra.

Entretanto, por tudo isso e apesar de tudo isso, o autor da *Estoria* é bem um homem do seu tempo. Deleita-se com as narrativas de feitos militares, com que ocupa quase todo o texto, e deixa no seu retrato de Nun'Álvares um reflexo do espírito cavaleiresco que este bebera nas aventuras de Galaaz. Mas ao longo desse brilho glorioso, que aliás é mais sugerido do que explicitado pela simplicidade chã dos acontecimentos, surgem aqui e além pequenas erupções de augúrios e prenúncios (bons ou maus) que a crendice popular ligara a

determinados factos, muito deles, por inexplicáveis, classificados como «maravilhas».

Não deixemos, entretanto, de assinalar a vertente cultural da personalidade do autor.

Por várias vezes tem sido salientada a singeleza da narrativa, a ausência de artifícios literários, a maneira directa como os factos são descritos. Da análise que o Prof. Hernâni Cidade conduziu no sentido de negar a autoria a Fernão Lopes, e dos cotejos textuais que daí resultaram, pode ter emergido a ideia de que a prosa da *Estoria* era primitiva e desajeitada. Mas uma leitura atenta mostra-nos que não é bem isso. Com certeza que estamos em presença de um autor menos dotado que Fernão Lopes, mas há que conceder-lhe uma formação cultural de base que lhe permitiu

— prospectar e recolher as fontes que serviam ao seu objectivo;

— ordenar os elementos disponíveis numa ordem cronológica dotada de sequência;

— estruturar a obra e desenvolvê-la de acordo com um plano lógico;

— conferir-lhe características literárias próprias da época;

— utilizar um vocabulário razoavelmente rico e sempre adequado.

Veremos com mais vagar estes aspectos no capítulo seguinte. Por agora só queremos advertir que, se, por um lado, temos razões para admitir que o autor possuía uma certa cultura literária, por outro devemos afastar a ideia de que essa cultura possa considerar-se «livresca», por mais amplo sentido que possamos atribuir a esta expressão. De facto, não aparecem no texto citações literárias de qualquer espécie — nem bíblicas nem clássicas — que denunciem uma pretensão ou uma capacidade real de estadear erudição. O autor da *Estoria* fica, assim, bastante mais próximo de Fernão Lopes do que de Zurara ou mesmo de Frei João

Álvares, e não há que subestimá-lo por isso. Ao redigir a *Estoria* parece fazê-lo com a firme resolução de não se afastar do objectivo estrito que é a biografia do Condestável, e é nesse sentido que ele se mostra interessado apenas em dois tipos de acontecimentos:

1.º os episódios biográficos relevantes para desenhar a figura de Nun'Álvares, ainda que irrelevante para os grandes planos da História nacional; e

2.º os episódios que, sem deixarem de ser relevantes para a biografia, constituem grandes acontecimentos nacionais.

A ambos os níveis dedica o esforço que lhe é possível, consoante os elementos de que dispõe, sem perder de vista a figura central que o motiva. E, apesar de, aparentemente, não ter condições para ser imparcial (visto tratar-se de um nacionalista convicto, de um crente religioso, de um venerador do Condestável), o autor consegue fazer da *Estoria* uma obra independente sob o ponto de vista político, isto é, não dedicada a nenhuma alta personalidade do Estado nem encomendada para um objectivo político específico. Assim sendo, não teve com certeza a posição e os meios materiais de que dispuseram os cronistas oficiais do reino, pelo que a obra levada a cabo representa um esforço pessoal digno de admiração.

Estas condições materiais, sociais e até profissionais poderão explicar em parte a inexistência de cópias manuscritas coevas da redacção, porque se teriam reproduzido em tão reduzido número (se é que se reproduziram) que o seu desaparecimento total seria praticamente inevitável.

6. O TEXTO

6.1. Génese e estrutura da obra

Se o silêncio de Germão Galharde se abateu para sempre sobre as circunstâncias que o levaram a publicar por duas

vezes o texto a que chamou *Coronica do condestabre*, também o espesso mutismo do autor continua a resistir à nossa curiosidade sobre a origem da sua obra e os processos que empregou na sua preparação e redacção.

Teremos, assim, de recorrer à análise dos elementos intrínsecos que for possível detectar e ao conhecimento dos mecanismos circunstanciais que nos permitam reconstituir, com alguma aproximação, o processo de elaboração do texto.

De acordo com os dados expostos em capítulo anterior parece dever-se concluir que a *Estoria* foi empreendida por um indivíduo motivado por iniciativa própria, uma vez que não encontramos vestígios de o ter feito por encargo de pessoa ligada a altas esferas sociais ou políticas. Também não podemos admitir, por imperiosas razões de ordem cronológica, que toda a matéria narrada seja produto de uma participação do autor nos acontecimentos. Se alguém imaginar que, pouco depois da morte do Condestável, um simples mortal se dispôs a escrever a *Estoria* e foi capaz de introduzir nela tantos pormenores, deverá notar, como já fizemos atrás, que o período abrangido (1373-1431) é de nada menos que cinquenta e oito anos.

Finalmente, ao verificarmos, ainda, que a obra não é uma amálgama desordenada de episódios avulsos, e que estes apresentam um elevado grau de pormenorização só possível em testemunhos presenciais, temos de concluir que o autor

1.º procedeu previamente a uma operação de recolha de textos narrativos e documentais, com larga predominância dos primeiros, textos esses que justamente podemos designar como *fontes*;

2.º ordenou cronologicamente os textos disponíveis, de modo a constituirem uma sequência correspondente à ordem cronológica dos acontecimentos, ordem essa que ele conhecia pelo menos com um razoável grau de generalidade;

3.º harmonizou as versões (que eventualmente divergiriam entre si em alguns pormenores), seleccionando a que

lhe pareceu ou pôde considerar mais aproximada da verdade ou da verosimilhança;

4.º deu ao resultado deste trabalho uma compartimentação em capítulos, cada um deles (com excepção do primeiro) com uma epígrafe descritiva do respectivo conteúdo.

Comecemos, naturalmente, pelas fontes.

Podemos admitir que as fontes escritas da *Estoria* são de dois tipos:

1.º as fontes narrativas, a que o autor teve necessariamente de recorrer para poder abranger um período tão longo;

2.º as fontes documentais, de que há seguros indícios no texto.

A par de umas e doutras, a proximidade cronológica entre a *Estoria* e os acontecimentos mais recentes que ela narra permite suspeitar do recurso a algumas fontes orais, mas não podemos passar da suspeita porque o texto não apresenta, nos últimos capítulos, qualquer vestígio, explícito ou implícito, de uma contribuição pessoal seja de quem for. É certo que há numerosos pormenores em que seríamos tentados a ver o recurso a testemunhos presenciais, mas dificilmente acreditaríamos que se tratasse de inquirições orais directas, visto que esses pormenores incidem sobre acontecimentos muito distantes no tempo. Até os episódios em que esteve envolvido o escrivão da puridade Gil Airas estavam já bastante afastados, uma vez que teriam ocorrido por 1398-99. Podemos, no entanto, admitir que alguns episódios da vida e acção do Condestável iriam sendo transmitidos oralmente ao longo de algumas gerações, podendo, assim, ser incorporados na narrativa através de pessoas que deles tinham conhecimento indirecto.

Esta dificuldade de dispor de testemunhos orais, principalmente para a época de maior actividade do Condestável, sentiu-a e declarou-a também Fernão Lopes ao escrever o capítulo XXXI da 1.ª parte da *Crónica de D. João I*, lamen-

tando que estivessem «mortos os mais dos que lhe foram companheiros».

Vejamos então as fontes documentais expressamente indicadas como tal: duas cartas textualmente transcritas nos capítulos LXVIII e LXIX.

A primeira foi dirigida pelo Condestável ao mestre de Santiago de Castela, informando-o de que se propunha dar-lhe batalha onde quer que ele se encontrasse: «...prazendo a Deos, eu entendo de seer honde quer que vós fordes, tam toste e mais do que vós podees viir». Foi escrita em Évora a 17 de Junho, sem indicação de ano, mas atribuível ao ano de 1398.

A segunda carta foi escrita em Castelo Branco («... chegei aqui a Castelo Branco ...») e é dirigida ao infante D. Dinis, irmão de D. João I, por ocasião da sua incursão pela Beira, de onde sem demora retirou, e por isso pode-se deduzir que é de Agosto de 1398, se bem que, na realidade, não tenha data nem indicação de lugar.

E por aqui se ficam as transcrições de documentos. Ocorre, todavia, perguntar: será por casualidade que os dois únicos documentos transcritos integralmente na *Estoria* se localizam em dois capítulos seguidos, e ambos intercalados entre os que atribuem intervenções importantes a Gil Airas? Esses documentos teriam sido facultados pelo escrivão da puridade a propósito dos elementos que podia ter fornecido para os capítulos LXVII e LXXIII? Trata-se, evidentemente, de uma simples possibilidade que não podemos comprovar.

O recurso a fontes documentais não transcritas pode, porém, entrever-se nos passos em que há referência a doações de propriedades ou de títulos.

É o caso do capítulo LXI, em que se dá conta da distribuição de bens que o Condestável fez pelos seus companheiros e servidores mais próximos, por alturas de Maio de 1393. A longa lista de nomes de pessoas e de lugares, e os pormenores de que as doações são acompanhadas, pode basear-se

directamente em documentos de arquivo ou seus traslados, se é que não constava já de um texto a que o autor tenha recorrido.

É, ainda, o caso dos capítulos LXXVI e LXXX, em que se explicitam com pormenor as doações do Condestável a sua filha, D. Beatriz, aquando do casamento desta em 1 de Novembro de 1401, e as que fez aos seus netos D. Afonso e D. Fernando quando abandonou a vida secular em Abril de 1422.

Entre prováveis fontes documentais devemos contar igualmente os recados enviados por Nun'Álvares a D. João I ou vice-versa, que, pelo menos em parte, devem ser baseados em cartas que o autor da *Estoria* conheceu, o que explicaria o pormenor com que esses recados são referidos. Por exemplo: «Estando o condestabre em Evora, lhe veeo recado del·rey que lhe fazia saber que hum miiçe Anbrosiio, genoes, que antre elle e el·rey de Castella andava tractando por juntar bem, viera a elle e que trazia firmadas antre elle e el·rey de Castella tregoas por seis somanas, e que era tractado que em este tempo se fosse o condestabre a Olivença, e o bispo que entom era de Coymbra, que depois foy cardeal, com elle, e que de Castella aviam de viinr a Villa Nova o mestre de Sanctiago de Castella e Ruy Lopez d·Avillos, que depois foy condestabre, pera tractarem tregoa por mayor tempo, e que lhe mandava que se perçebesse logo pera ello» (181.5-15).

Entretanto, as fontes narrativas é que são o grande bloco de informação subjacente à *Estoria*, tal como seriam, poucos anos depois, relativamente às crónicas de Fernão Lopes. Essas fontes são, no fundo, um enorme acervo de «estórias» parcelares, avulsas, de cuja extensão hoje mal podemos aperceber-nos porque o tempo (e por vezes um curto tempo) se encarregou de as dissipar e esquecer. De facto, tendo em conta apenas os textos que sobreviveram (e ainda sobreviveram menos autores do que textos) seríamos levados a concluir que bem pouco se teria produzido ao longo do período medieval da nossa existência como povo.

Mas se atentarmos na quantidade de fontes narrativas que as obras existentes citam ou pressupõem, então não nos restam dúvidas de que as «estórias» eram abundantes e variadas [1], quer na extensão, quer no conteúdo, cobrindo entre si os mais importantes acontecimentos da História nacional.

É aos obscuros e esquecidos autores das «estórias» que ficámos a dever o conhecimento de tantos pormenores dos acontecimentos e dos indivíduos que lhes estiveram ligados. Devemos a esses desconhecidos, que nem sequer apuseram o seu nome aos seus trabalhos, a dimensão humana da História que outros puderam escrever. Sem o seu esforço anónimo, como seria a História que hoje poderíamos reconstituir apenas com base nos arquivos e nos vestígios materiais? Como teriam sido possíveis, mesmo no tempo em que eles viveram, as grandes crónicas régias?

E quando falamos de «estórias» não haja dúvida de que elas eram textos escritos e não frágeis especimes de tradição oral. Fernão Lopes, que não é parco em referências genéricas às suas fontes, deixa bem clara a forma que elas tinham. Eis apenas alguns exemplos provenientes da 1.ª parte da *Crónica de D. João I*:

— «... achamos *escripto* que contam delle [Frei João da Barroca] algũas estorias ...» (cap. XXIII, p. 42);

— «... segundo alguũs em seus *livros* assinam ...» (cap. LXI, p. 105);

— «... segundo *escpreve* huũ autor em sua estoria ...» (cap. LXII, p. 106);

— «... onde segumdo achamos *escprito* ...» (cap. LXXIII, p. 124);

— «... e sse o alguũs doutra guisa *escprevem* ...» (cap. LXXV, p. 129).

---

(1) Cf. a *ob. cit.* do Prof. A. J. da Costa Pimpão, p. 248.

Não nos parece que a citação de fontes seja um processo de puro estilo literário convencional, porque as citações múltiplas invocadas em cada caso são acompanhadas de outras tantas versões dos acontecimentos, que o cronista compara e selecciona.

É de crer que o autor da *Estoria* do Condestável tenha recorrido, com frequência comparável à de Fernão Lopes (salvas as proporções) a variadas fontes, embora não as mencione, de acordo com a discreção que o caracteriza. Da sua avareza em confessar-nos os seus métodos escapou este passo único, em que o cotejo de duas fontes divergentes é desvendado ao leitor: «E em o dia seguinte fez o condestabre alardo ally com sua gente, e huns dizem que levava oytocentas lanças e seis mil homens de pee, outros dizem que, por todos, nom eram mais que tres mil e quinhentos» (124.2-5).

Expressões como «tres ou quatro homens bõos» (93.19), «oytocentas ou noveçentas lanças» (127.19-20), «sete ou oyto mill castellaãos» (129.15-16) e outras idênticas podem traduzir também o recurso a fontes divergentes.

Uma tal escassez de referências às fontes decorre, em boa parte, da técnica adoptada pelo narrador, e também, certamente, de elas serem, em regra, «estórias» avulsas sem autor, sem título e até sem valor literário. Mas é com certeza das suas fontes que o autor recolhe aqueles pormenores só possíveis a uma testemunha ocular, que não podia ser ele. Contar tão vivamente o episódio do alfageme de Santarém (cap. XVII); dizer que um dia Nun'Álvares não tinha que comer e «buscaron·lhe alguũa cousa de comer per a companhia e nom lhe acharom outra cousa senom hũu pam, e ainda ençetado, e huũ pequeno de rabom e hum pouco de vinho que um piom levava em hũa cabacinha» (81.7-11); que João Rodrigues de Castanheda fugia de Nun'Álvares «quanto podia pera o castello, hindo vistindo hũu gibom pouco a seu prazer» (87.3-4); que o Condestável, numa campanha em terras de Castela, esperava «assentado em hũu

almafreixe, armado como vinha de caminho, emquanto lhe faziam de comer» (170.20-21) ou que foi às negociações de tréguas «em çima de hũu cavallo ruço, grande, queymado, com cotas e braçaaes e huũa jaqueta preta vestida e hum arnes de pernas de malha so huũas botas e hũu cuytello solto na çinta» (182.7-10) — isso são coisas que só um indivíduo presente nessas ocasiões já distantes poderia escrever como hoje as lemos na *Estoria*.

É claro que nem todas as «estórias» existentes na época teriam a ver com a figura de Nun'Álvares, mas apenas com os acontecimentos que sucederam no seu tempo e que foram considerados dignos de registo historiográfico. No entanto, a projecção do Condestável e a sua intervenção nos acontecimentos decisivos era de tal monta que as «estórias» que se lhe referiam eram, com certeza, a maior parte das existentes. O facto de Fernão Lopes expor, com frequência, diversas versões de um acontecimento, a par da «estória» do Condestável ou mesmo em contraposição a esta, assegura que o cronista dispôs de mais do que uma fonte em que se narravam os seus feitos ou simples episódios da sua vida não ligados aos acontecimentos de nível nacional. Ora por entre todos esses textos, aquele que sobreviveu impresso com o título de *Coronica do condestabre* deve ter assumido importância singular, pelo menos a suficiente para que Fernão Lopes o aproveitasse largamente e Zurara o referisse a par de narrativas biográficas de alguns heróis estrangeiros.

Essa importância deve-se, certamente, ao facto de se apresentar como uma biografia completa, ordenada numa sequência cronológica, rica de pormenores, viva na sua maneira de relatar os acontecimentos e de retratar as personagens. Tais qualidades ficam a dever-se ao trabalho de recolha de fontes e à selecção das que apresentavam maior veracidade e maior proximidade presencial dos autores. Isto implica considerarmos a *Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereyra* mais como uma obra de compilação criteriosa de

fontes (outras «estórias» menores) e concatenação de episódios do que um trabalho de exaustiva investigação histórica, pelo menos como esta já se entendia no tempo de Fernão Lopes.

A afirmação do cronista de que nada se escrevera sobre o Condestável em sua vida só pode ser verdadeira relativamente à *Estoria* que hoje possuímos e a alguma outra que entretanto tenha desaparecido, mas não ao material abundante que, a julgar pelo que foi aproveitado, só poderia ter sido redigido a par dos acontecimentos relatados.

É certo que a redacção em data bastante próxima da da morte do Condestável deve ter contribuído para que a *Estoria* beneficiasse do concurso de fontes narrativas que, com o passar do tempo, tenderiam a dispersar-se e a desaparecer, mas isso também pode ter obstado a uma recolha exaustiva de tais fontes, o que explicaria o aparecimento, nas crónicas de Fernão Lopes, de trechos relativos a Nun'Álvares que não foram introduzidos na *Estoria.* Como se sabe, este facto foi notado por P. E. Russell, que dele inferiu ter existido uma versão mais extensa da obra, com toda a matéria de Fernão Lopes relativa ao Condestável (1).

A dedução tem a sua lógica, mas as coisas podem não se ter passado bem assim — porque:

1.º os casos em que Fernão Lopes intercala episódios, pormenores ou desenvolvimentos que não figuram na *Estoria* não significam necessariamente que esta tivesse tido maior extensão numa versão primitiva, podendo tratar-se de recurso a outras fontes (2); aliás, é fácil provar que Fernão Lopes utilizou para os feitos de Nun'Álvares mais do que uma fonte narrativa: basta relembrar os casos em que coteja

(1) *Ob. cit.*, p. 30.

(2) Convém notar, adicionalmente, que Fernão Lopes tinha recursos literários suficientes para intercalar num texto passagens que colhia noutro, sem que a redacção denunciasse a transição.

a versão da *Estoria* com outra ou outras tão desenvolvidas como ela, discutindo-as e escolhendo a que lhe parece mais conforme à verdade;

2.º a *Estoria* pode não estar completa como biografia de Nun'Álvares, mas não tem indícios de ser uma obra provisória ou o rascunho-base de uma versão mais extensa, nem apresenta lacunas cronológicas notáveis na sequência da narrativa que denotem o desaparecimento de partes de capítulos, de capítulos inteiros ou até de sequências de capítulos;

3.º a sequência cronológica dos acontecimentos apresenta um fluxo regular, sobretudo na época de mais intensa actividade do Condestável, só aparecendo intervalos de tempo sensíveis em fases de abrandamento de ritmo dos episódios relevantes da biografia (este facto parece-nos significar que os episódios omitidos nunca estiveram neste texto);

4.º não se compreenderia que uma cópia (caso que julgamos ser o do texto que Germão Galharde utilizou) omitisse arbitrariamente passagens do original que contribuíam para o valor intrínseco da obra, e que não contrariavam os seus objectivos; se se pretendia obter um texto mais breve que o original, a metodologia a aplicar seria o resumo e não o corte de várias passagens.

É até muito mais lógico admitir que o autor não teve meios para reunir exaustivamente as fontes narrativas que se referiam aos feitos do Condestável, ou não quis levar mais longe o seu esforço de compilação depois de reunir material que considerou satisfatório em volume e em conteúdo, do que supormos que o actual texto seja resultado de uma truncagem, cujos objectivos, causas e localização no tempo seriam muito difíceis de explicar. Assim, se hoje não possuíssemos a *Estoria* tal como a conhecemos, e a imaginássemos constituída por todos os textos de Fernão Lopes que se referem ao Condestável, ficaríamos

com uma ideia totalmente falsa do que ela alguma vez teria sido.

Também o juízo depreciativo de P. E. Russell segundo o qual a *Estoria* tem uma redacção irregular e com falhas de continuidade (o que poderia decorrer, ainda, de o autor ter posto de parte matéria que estava na hipotética versão mais extensa) (1) não é de modo algum defensável.

Em primeiro lugar, não é verosímil que um autor que tem por objectivo escrever uma biografia completa do Condestável desperdice matéria disponível, directamente relacionada com o fulcro do seu interesse, só para conseguir um resultado de menor extensão. Não é suprimindo episódios inteiros que se abrevia, mas sim relatando-os de modo mais sucinto.

Por outro lado, a ideia de falhas de continuidade é muito relativa. Quem seguir «pari passu» o texto da *Estoria* e a cronologia que é possível estabelecer ao longo desta (como fazemos nesta edição, à margem do texto) concluirá que a sequência cronológica dos acontecimentos mais importantes não apresenta lacunas sensíveis, e as que existem correspondem a períodos da vida do Condestável em que não aconteceu nada de notável que pudesse ter interesse para a sua biografia, quer se trate de acontecimentos estritamente pessoais, quer se trate da sua inserção na vida histórica da nação.

Para compreendermos integralmente o que a *Estoria* é, temos de reconhecer também aquilo que ela não é:

1.º A *Estoria* não é um rascunho nem uma primeira redacção das crónicas de Fernão Lopes (2). Poderíamos ser

---

(1) *Ob. cit.*, p. 31.

(2) A hipótese é defendida pelo Prof. Torquato de Sousa Soares no prefácio à sua edição de extractos da *Crónica de D. Fernando*, 2.ª edição, Lisboa, Coimbra Editora, 1966, p. 9-10 («Clássicos Portugueses — Trechos escolhidos»). A esse trabalho referiu-se desenvolvidamente o Prof. Hernâni Cidade no seu trabalho já citado, p. 72 nota.

levados a considerar aceitável esta hipótese, com base no aperfeiçoamento estilístico que o cronista introduziu ao aproveitar passagens da *Estoria* para as suas crónicas, mas há dois argumentos insuperáveis contra essa possibilidade: se o cronista fosse o autor dessas passagens, limitar-se-ia a melhorar-lhes a redacção e não as censuraria nem lhes oporia outras versões; paralelamente, tal hipótese é anulada pelo próprio autor da *Estoria*, cujo prólogo e o capítulo I são claros ao afirmarem a intenção de escrever uma «estória» (naturalmente autónoma) de D. Nuno Álvares Pereira.

2.º A *Estoria* não é um extracto das crónicas de Fernão Lopes com a matéria relativa a Nun'Álvares. A hipótese, aflorada por Esteves Pereira [1], de a *Estoria* ser extraída das crónicas é insustentável, não só pelas razões que aduzimos contra a hipótese anterior, mas também pelo facto de nas crónicas haver matéria que não figura na *Estoria*. Seria admissível ter alguém feito um apanhado das passagens das crónicas referentes ao Condestável, mas é absurdo acreditar-se que o teria feito num estilo frásico e vocabular mais pobre, e omitindo muitos episódios que se enquadrariam no plano de uma biografia do herói.

3.º A *Estoria* não é parte da crónica geral do Reino constituída pela matéria relativa ao Condestável [2]. Além de não haver quaisquer indícios de que essa fosse a sua origem, e de ser forçoso admitirmos que ela não deriva das crónicas de Fernão Lopes, com maioria de razão nos é vedado considerá-la derivada da crónica geral do Reino — e aqui invocamos mais uma vez o testemunho decisivo de Zurara: crónica geral era uma coisa, a «estória» do Condestável era outra, «apartadamente» escrita [3]. Aliás, as palavras de

(1) V. Nota cit., p. 387.

(2) Também esta hipótese foi levantada pelo Prof. Torquato de Sousa Soares no trabalho cit., p. 9.

(3) É esta a interpretação do Prof. Joaquim de Carvalho no estudo *Sobre a erudição de Gomes Eannes de Zurara: notas em torno*

Zurara destroem qualquer hipótese que não seja a de uma obra autónoma, na concepção e na redacção.

A íntima relação entre todas estas questões leva-nos directamente a outra que não podemos prostergar: a da subordinação da *Estoria* a um plano próprio, que no fundo se assume como argumento seguro a favor da sua autonomia como texto. De facto, não é difícil verificar que há uma organização interna a que não é descabido dar o nome de *estrutura*.

Os elementos mais visíveis dessa estrutura são, naturalmente, o prólogo e um conjunto de oitenta capítulos, assim expressamente designados nas respectivas epígrafes. Pela forma de que se revestem, estes elementos são sem dúvida do manuscrito original e não apenas excrescências introduzidas na primeira edição impressa.

O prólogo é um curto pedaço de prosa, limitado a uma sentença sobre o sentido moralizador do conhecimento dos valentes e nobres feitos como estímulo para a prática de feitos semelhantes pelos vindouros que os lerem.

Mas o conjunto dos capítulos tem, por sua vez, uma compartimentação.

O primeiro capítulo é dedicado a dados genealógicos e biográficos sumários, relativos à ascendência varonil de D. Nuno Álvares Pereira até à quarta geração; o último é a descrição das benfeitorias e actos piedosos praticados ao longo da sua vida, em simultâneo com os feitos militares. A biografia propriamente dita preenche o espaço entre os dois marcos e apresenta também, por indicação expressa de epígrafes de capítulos, três partes bem individualizadas:

— a primeira é a que decorre entre o início da biografia, quando Nun'Álvares ia já em treze anos (1373) e a morte do

---

de alguns plágios deste cronista, publicado definitivamente em *Estudos sobre a cultura portuguesa do século XV*, Coimbra, Por ordem da Universidade, 1949, p. 180.

frase que já citámos: «... dom Nuno Alvrez Pereyra, do qual he a estoria...». E no último capítulo pode-se ler, quase a terminar: «E doutras muytas virtudes e boas obras husou o condestabre tamtas que se nom poderiam lembrar pera se poer em esta estoria». Os capítulos II a VI também não deixam a menor dúvida quanto a tratar-se de uma biografia de Nun'Álvares e não de mera inserção da sua vida no plano dos acontecimentos nacionais. Mais: o autor dá-nos a certeza de ter como objectivo único a redacção de uma biografia do Condestável, afastando-se dos possíveis desvios, evitando dar relevo a personagens episódicas e reduzindo ao mínimo a narração de factos alheios ao biografado, os quais trata como elementos subsidiários de enquadramento. Os dois únicos capítulos em que Nun'Álvares não participa são excepcionais e curtos: o VII e o XLV. Bem elucidativa é aquela passagem do capítulo LVII em que se lê: «El·rey tomou çertos lugares e fez outros grandes feytos de que aqui nom faz meẽçom, senom de çertas escaramuças que o conde estabre, yndo aas forragẽes sem el·rey, per sy soo fez» (141.15-18).

Tudo isto deixa bem claro que o autor concentrou a incidência da narrativa no envolvimento de Nun'Álvares, fazendo convergir nesse sentido duas linhas de força:

1.ª reduzindo drasticamente a narração de episódios em que Nun'Álvares não figurava ou utilizando-os parcimoniosamente como simples elos de ligação;

2.ª seleccionando, de entre os episódios conhecidos através das fontes recolhidas, apenas aqueles em que Nun'Álvares interveio (o que não deve confundir-se com aquela hipótese de estarmos perante um extracto de alguma crónica geral).

Mas até da vida de Nun'Álvares só parecem ter merecido a preferência do autor os episódios em que aquele aparece entregue a uma febril actividade militar. As pausas mais ou menos prolongadas nessa actividade não o interessaram,

Fernão Lopes, com o seu proverbial gosto em se explicar ao leitor, diz como resolveu o problema: «Certo he que quaaesquer estorias muito melhor sse emtendem e nembram se som perfeitamente e bem hordenadas, que o seemdo per outra maneira; e posto que nossa teençom seja, de estas que escprever queremos, ho seerem em boom e claro istillo, porem tam grande aaz destorias nos som prestes, moormente em este logar, que desviam muito de tall hordenamça nosso desejo e voomtade .... E segumdo nosso juízo, melhor he dizer huũas e depois outras, posto que a alguũs isto nom apraza, que as emvurilhar confusamente e seerẽ peores muito de emtemder» (1).

Foi exactamente o que fez o autor da *Estoria*, embora agindo mais discretamente: dedicou cada capítulo a um só assunto, para não os «emvurilhar», e ordenou-os alternadamente de modo a seguir, em paralelo, duas sequências simultâneas de factos. Para isso utilizou mais uma vez as epígrafes dos capítulos, ao contrário de Fernão Lopes, que faz as transições no próprio texto. Veja-se a seguinte sequência, entre outras:

Capitulo .iiii. Ora leixa a fallar o conto da dona que el·rey mandou chamar pera casar com dom Nun·Alvrez, e torna ao prioll da maneyra que teve com Nuno Alvrez, seu filho, sobre este casamento

Capitulo .v. Mas ora leixa o conto a fallar em dom Nun·Alvrez, que ja tem teẽçom de casar, e torna aa dona que el·rey pera ello mandara chamar

Capitulo .vi. Ora leixa a estoria de falar de Nun·Alvrez, que está a seu prazer em sua casa com sua molher e filha, que lhe ja Deos dera, e torna ao prioll, seu padre, de como e per que guisa prougue a Deos de acabar seus dias e se partir deste mundo.

---

(1) *Crónica de D. João I*, 1.ª parte, cap. XXIX, p. 51-52.

Outro argumento da mesma linha é constituído pelas remissões, isto é, pelas referências, em dados pontos do texto, a outros pontos em que o mesmo assunto será ou foi tratado, do tipo «segundo se adiante dira no lugar honde deve» ou «como ja en·çima faz mençom», esta última bastante frequente.

Cada par de referências que se complementam num e noutro sentido constitui uma remissão cruzada. Há um caso destes: o episódio passado entre Nun'Álvares e o alfageme de Santarém. O episódio começa no capítulo XVII, onde é suspenso com uma promessa de conclusão em capítulo futuro — que é o LII. No primeiro lê-se: «E assy foy verdade que de hy a pouco tempo tornou hy conde d·Ourem e elle pagou bem o corrigimento da espada, como se adiante dira em seu lugar» (42.15-18). E no outro, depois de uma breve recapitulação do início do episódio, conclui-se: «... segundo ja no começo deste livro faz mençom» (122.3-4).

Na estrutura da obra desempenham um papel importante as epígrafes dos capítulos. Já vimos como o autor as utiliza na economia da narrativa, mas pode-se acrescentar que elas têm, por si próprias, um carácter narrativo que, nas suas poucas linhas, fornece ao leitor um resumo da matéria desenvolvida no respectivo capítulo. São exemplos disso as epígrafes dos capítulos II, VIII, XVIII e muitos outros.

Naturalmente, muitas das epígrafes têm um carácter meramente indicativo, sem desvendarem qualquer pormenor do conteúdo. É o caso dos capítulos XIV, XXIII, XXXIII, LXVI, etc.

Casos há também — e esses são os mais curiosos — em que a epígrafe é desproporcionadamente sucinta em relação à importância do conteúdo do capítulo. São ilustrativos desta situação os capítulos em que se narram, com extensão adequada, as batalhas de Atoleiros, Aljubarrota e Valverde.

Do primeiro, que paira sobre toda a *Estoria*, lembramos como exemplar aquele episódio (sucedido por fins de 1383) em que a mãe de Nun'Álvares foi ao seu encontro em Lisboa para o demover do apoio ao mestre de Avis e fazê-lo passar para o lado do rei de Castela, a troco de tentadoras benesses. Nun'Álvares respondeu que «Deos nom quisesse que por dadivas e largas promessas elle fosse contra a terra que o criara, mas que ante despenderia seus dias e espargeria seu sangue por emparo della ...» (45.21-24).

Para bem caracterizar o misticismo de Nun'Álvares (que o autor da *Estoria* várias vezes acentua) parece-nos lapidar o episódio da batalha de Valverde, mais conhecido através da colorida prosa de Fernão Lopes [1] do que pela narrativa linear do anónimo (132.4-20). Este episódio constitui por certo um elemento importante da figura que se foi desenhando, tanto mais que ficou ligado a uma importante vitória militar, obtida em condições muito mais difíceis do que as de Aljubarrota.

Não é de surpreender que, pouco tempo depois da morte de D. Nuno Álvares Pereira, se possa ter escrito uma biografia com a riqueza, a diversidade e a autenticidade dos elementos que a *Estoria* contém. A figura de Nun'Álvares não precisou da perspectiva do tempo para ganhar estatura. A sua vida foi suficientemente vibrante para impressionar fortemente os seus contemporâneos, o que explica que por ocasião da sua morte lhe tenham feito tão grandiosas exéquias como nunca se viram a homem da sua condição em toda a Península (197.24-26), e logo a seguir se tenha encetado o processo da sua canonização, já a decorrer na primeira metade de 1437. É que ele era simultaneamente um herói e um santo na perspectiva de quantos o haviam conhecido. Como nem todos os heróis são santos nem todos os santos

---

[1] *Crónica de D. João I*, 2.ª parte, cap. LVII-LVIII, p. 140-142.

Rei D. Fernando, em 22 de Outubro de 1382, e ocupa os capítulos II a XIV;

— a segunda decorre entre a morte de D. Fernando e a aclamação de D. João I nas Cortes de Coimbra em 6 de Abril de 1385 (data em que Nun'Álvares foi nomeado Condestável), e ocupa os capítulos XV a XLII;

— a terceira contém todos os acontecimentos que se situam entre aquela nomeação e a morte do biografado, em 1 de Abril de 1431, e ocupa os capítulos XLIII a LXXIX.

Ao longo destas três partes (bem delimitadas, como acabamos de ver), há uma efectiva solidariedade entre os capítulos, para o que o autor utiliza as epígrafes e as palavras iniciais, estabelecendo a sequência cronológica e a ligação dos acontecimentos entre si. O primeiro exemplo que aparece é a ligação do capítulo II ao III. Nos últimos períodos do capítulo II diz que o prior D. Álvaro Gonçalves Pereira falou com o rei D. Fernando «e lhe pedio por merçe que tomasse dom Nun·Alvrez, seu filho, por morador em sua casa. E el·rey ... foy muy ledo de lho tomar por morador ...». A epígrafe do capítulo III é a seguinte: «De como andando assy dom Nun·Alvrez por morador em casa del·rey, pello prioll seu padre lhe foy tratado casamento, e per que guisa e com quem». E as primeiras linhas do capítulo acentuam a ligação: «Andando assy dom Nun·Alvrez por morador em casa del·rey dom Fernando ...». Exemplos semelhantes podem ver-se nos capítulos VII-VIII, XVIII-XIX, XXVI-XXVII, etc.

Mas ainda há mais argumentos abonatórios do planeamento da obra.

Como se sabe, um dos problemas que preocuparam os nossos historiadores medievais foi a «planificação» dos acontecimentos, isto é, a redução, a um único plano de narração, de acontecimentos simultâneos decorridos em lugares diferentes e com um desenvolvimento aparentemente autónomo.

sendo eliminadas pura e simplesmente da narração. O exercício rotineiro das funções do Condestável em tempo de paz não merece qualquer referência. Daí resultam, evidentemente, lacunas cronológicas na sequência da narrativa, sem que isso signifique tratar-se de partes de texto perdidas, porque este apresenta nesses casos uma expressão de ligação entre acontecimentos distanciados no tempo: «Depois desto espaço de gram tempo ...» (cap. LXXVII), «Depoys da morte da condessa grande tempo ...» (cap. LXXVIII).

O que temos, pois, na *Estoria*, apesar de uma atitude religiosa que aflora bem viva em diversos pontos, é sobretudo uma narrativa de sucessivos feitos militares, de que emerge um retrato de Nun'Álvares bem adequado a um ambiente de guerra — precisamente aquele que a sobrevivência e a integridade da Pátria exigiu no espaço e no tempo.

Como acertadamente notou Fernão Lopes, a *Estoria* conta os feitos de Nun'Álvares «em seu louvor» (1). Ele era o «vallente e muy virtuoso conde estabre» (1.7), «como era moço, era muy vergonhoso e misurado» (5.8-9), «a todos se offerecia e dava gasalhado» (11.28-29), era obediente às ordens que vinham dos reis: «... tanto que vio o rrecado del·rey, prouve·lhe dello e logo sem outra tardança se guisou do que lhe compria» (15.17-19), «elle nom sayriia do mandado del·rey ...» (22.10), «... elle, tanto que seu mandando vyo, logo se foy a Bragaa ...» (142.26-27). A ambição que Nun'Álvares tinha de se tornar notável é patente: «... avia gram vontade de ganhar nome e honra ...» (17.27-28), «... muyto desejava ... de seer conhecido e aver nome de boom ...» (19.20-21), «...desejando ser em cousa que el·rey se ouvesse delle por servido, e elle conhecido ...» (26.7-8). Por isso as batalhas eram o que ele mais desejava — «... nom sei ora cousa que mais deseje» (66.9) — e quando a oportunidade se frustrava, ele ficava «anojado e muy quebran-

(1) *Crónica de D. João I*, 1.ª parte, cap. LXX, p. 120.

tado» (151.5). É ainda a vertente militar que está presente na surtida de Santos (cap. XII), nos reptos a Juan de Ozores (cap. X-XI) e ao conde de Mayorgas (cap. XXII), na condução das grandes batalhas — Atoleiros (cap. XXVIII), Aljubarrota (cap. LI) e Valverde (cap. LIV) — e, afinal, em quase todos os outros capítulos da *Estoria*. Nun'Álvares é, apesar dessa qualidade de grande cabo de guerra, um homem humilde («... e elle foy o primeyro que ajudou tirar o esterco fora ...», — 70.5-6), superior, pela inteligência e pela fé, aos presságios e agouros que a sua época respeitava e temia (88.26-89.5, 93.22-27, 101.20-28). É o jovem arrebatado que, em Elvas, deita ao chão a mesa em que não lhe reservaram lugar (cap. XIV) [1], mas também o homem que respeita religiosamente os seus juramentos (cap. XXXVIII) e os objectos do culto (cap. LVI), que aplica a justiça com o maior rigor, a ponto de concitar a malquerença dos seus principais amigos e parentes (cap. LV e LXXIV), que tem as suas fraquezas («aas vezes fazia na terra das suas ...» — 12.16) e, a par delas, a capacidade do perdão (138.15-16, 173.24-25) e da benevolência («Oo que humano e caridoso senhor!», exclama o biógrafo — 98.12), enquanto parece sofrer com resignação as cobardias dos seus companheiros de armas, que frequentes vezes o abandonaram (28.27-29.7, 49.16-18, 51.25-26, 62.23-24, 63.20-24, 110.9-11, 118.6-10).

Por sobre todas estas facetas da personalidade de Nun'Álvares que fazem dele um homem excepcional, não deixa o biógrafo esquecidas as duas em que as suas qualidades se sublimam: o patriota incorruptível e o místico fervoroso.

---

[1] É interessante notar o que diz o Prof. Salvador Dias Arnaut a este propósito: «Perguntamo-nos: não traduzirá esse episódio também discordância com o casamento? A obediência impunha-se ao vassalo, mas a desconsideração de não lhe deixarem lugar à mesa faria libertar sentimentos recalcados» *(A crise nacional dos fins do século XIV. I. A sucessão de D. Fernando*, Coimbra, 1960, p. 55 nota).

Pois apesar da reconhecida importância dos acontecimentos, as epígrafes ignoram-nos decepcionantemente:

Capitulo .xxviii. Como Nun'Alvrez chegou a Setuvall e a maneyra que com elle teverom em o nom receberem na villa
Capitulo .li. Como el'rey em Abrantes teve seu conselho em feito da batalha que aviam de poer a el'rey de Castella
Capitulo .liiii. Como o meestre de Santiago e os senhores que com elle eram mandarom desafiar ho condestabre, e da reposta que a ello deu.

De qualquer maneira, a conjugação de todos os elementos apontados faz da *Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereyra* uma obra autónoma, fundamentada em fontes narrativas e documentais, e subordinada a um plano coerente que estabelece a solidariedade entre todas as suas partes. Estas circunstâncias seriam suficientes para afastar a ideia — certamente radicada nas comparações com passos de Fernão Lopes — de que se trata de um trabalho rudimentar, primitivo e falho de qualidade, ou mesmo de um simples extracto de outras obras compostas com outros objectivos.

Daqui a pouco veremos que o autor pôs em prática alguns princípios de carácter especificamente literário.

6.2. **Biografia e história**

A *Estoria* foi concebida e realizada como biografia de Nun'Álvares, e só os cenários em que o biografado se moveu a fizeram saltar para o terreno da História nacional. Há elementos intrínsecos para provar esta asserção.

Logo no prólogo diz o autor que vai começar pelo bisavô D. Gonçalo Pereira, de que descendeu «o vallente e muy virtuoso conde estabre dom Nuno Alvrez Pereyra, e de hy em diante siguiremos nossa estoria». De quem era a «estória», isto é, a biografia, está declarado no capítulo I, em

e dia: 17 de Junho. Neste caso o ano era irrelevante, pois a carta chegaria ao destino dentro de um ou dois dias. Fernão Lopes, que a transcreve no cap. CLXIII da 2.ª parte da *Crónica de D. João I* (p. 343) com data de 16, também não lhe coloca o ano, dado esse que a fonte não lhe fornecia nem ele procurou, decerto, averiguar. Já veremos que o ano que lá falta é 1398.

A segunda carta, escrita em Castelo Branco, menciona esta localidade e é dirigida ao infante D. Dinis, que invadira a Beira. Esperava o Condestável que ela estivesse nas mãos do destinatário, que estava na Covilhã (177.27-28), antes de três dias, pois esse era o prazo que marcava para o atacar: «... porque, Deos querendo, eu serey convosco daqui a tres dias, pouco mays ou menos» (178.16-17). Esta nem sequer precisava (e não tem) menção de mês e dia. Quanto ao ano, ainda mais irrelevante, pode-se indicar, pelo sucesso a que está ligada, o de 1398 — e o mês era Agosto.

Como se vê, pode-se, através de outras fontes, ou pelo conhecimento de certos factos inequívocos mencionados no texto, fazer-se a datação que não existe na *Estoria*. Foi o que fizemos na presente edição, inscrevendo na margem exterior do texto as datas certas ou aproximadas correspondentes à narrativa, e a conclusão a que podemos chegar é que a *Estoria* está ordenada numa sequência cronológica correcta — com uma excepção que analisaremos dentro de momentos. Isso não significa, é certo, que entre duas datas conhecidas consecutivas se possa com rigor estabelecer a data exacta dos acontecimentos situados entre ambas, mas a aplicação desta metodologia permite utilizar a *Estoria* como documento historiográfico de valor seguro. Para isso contribui também a clareza com que o texto está delimitado por factos marcantes (o fim do reinado de D. Fernando, a ascensão do mestre de Avis a rei, as grandes batalhas, etc.) e até pelas epígrafes dos capítulos e pelas ligações estabelecidas entre capítulos contíguos.

base nos feitos militares de Nun'Álvares. Era em torno desses núcleos que se agrupavam as referências às qualidades dos biografados, e o remate traduzia-se em louvores às suas qualidades morais e religiosas, desembocando em relatos ou referências a milagres. Assim, o pormenor com que um biógrafo se detém na narração de um episódio pode ser condicionado pela minudência da fonte de que dispõe, mas é-o sobretudo pelo interesse que o episódio tem na perspectiva em que a biografia é encarada.

Não esqueçamos, entretanto, que o autor da *Estoria* propõe ao leitor também uma figura secundária: o irmão mais velho de Nun'Álvares, Pedro Álvares Pereira, que sucedeu ao pai de ambos, Álvaro Gonçalves Pereira, no priorado da ordem do Hospital, cargo que, aliás, não lhe era devido segundo a regra consuetudinária da sucessão. Ao referir que o prior tivera trinta e dois filhos, o autor da *Estoria* propõe-se mencionar apenas dois, Pedro e Nuno (3.6-10), embora sem deixar de notar que era deste último que o livro tratava. Com efeito, Pedro Álvares Pereira é mencionado em parte dos primeiros capítulos até ao capítulo XXXIII, e ainda no capítulo LI há uma referência ao seu desaparecimento na batalha de Aljubarrota. Mas, em última análise, o papel de Pedro na *Estoria* resume-se ao de comparsa em episódios que têm Nuno como figura principal. Mais fugidiamente aparecem os irmãos Diogo Álvares e Fernão Pereira, mas desses não se propunha tratar o autor.

Entretanto, uma biografia do Condestável, pela natureza do universo militar e político em que este se moveu, não poderia deixar de ser um trabalho densamente historiográfico. É por isso que uma elevada proporção dos capítulos constitui História nacional, necessariamente transposta por Fernão Lopes para as crónicas régias.

Como historiador, o autor da *Estoria* guarda um silêncio quase tão profundo sobre a metodologia seguida, como sobre todas as circunstâncias que rodearam o seu trabalho. Apenas

as primeiras palavras do prólogo desvendam sobriamente a sua concepção de História, encarando-a como espelho de virtudes e de erros para que as gerações vindouras pudessem praticar umas e evitar os outros: «Antigamente foy custume fazerem memoria das cousas que se faziam, assy erradas como dos valentes e nobre feitos: dos erros por que se delles soubessem guardar, e dos vallentes e nobres feytos por que aos bõos fezessem cobiça aver pera as semelhantes cousas fazerem». Trata-se de uma concepção clássica, designada como «pragmática» no plano das teorias da História [1], que o autor não bebeu, com certeza, na origem nem aprendeu com os mestres que a praticaram (Tucídides, Tito Lívio, Salústio ...), mas que leu em qualquer fonte ao seu alcance, hoje impossível de determinar. Era, aliás, a concepção que já andava na *Crónica Geral de Espanha* de 1344: «... os sabedores antigos ... escreverõ outrossy as estorias dos principes, assy dos que bem fezerom como dos que fezerom o contrayro, por que os que despois veessem trabalhassem de fazer ben per exemplo dos bõos e que pello dos maaos se castigassem» [2]. Para o autor da *Estoria* a frase não está ali por mera casualidade, pois, ainda que sem uma consciência nítida do facto, ele aplicou na prática o seu conteúdo. Com efeito, vemo-lo, aqui e acolá, a extrair da narrativa dos acontecimentos uma lição para os vindouros.

Pelo lado positivo, poderíamos dizer que toda a acção desenvolvida pelo Condestável ao longo de tantos anos era uma perene lição de valentes e nobres feitos. Mas é-o sobretudo porque algumas oportunidades são aproveitadas para chamar a atenção dos futuros leitores. É nesse sentido que apontam as já referidas frases exclamativas, que interrompem

---

[1] Cf. ROCHA, Filipe — *Teorias sobre a História*, Braga Faculdade de Filosofia, 1982, p. 275.

[2] V. edição do Prof. Luís Filipe Lindley Cintra, vol. II, p. 5.

ter-lhe sido facultados por fontes que exprimiam testemunhos presenciais. Sem condições aparentes para a isenção, o autor compensa essa desvantagem narrando linearmente os acontecimentos sem a preocupação de os moldar às suas convicções e só no fim rende graças a Deus por as coisas terem corrido bem — a vitória numa batalha, uma decisão das Cortes, ou o facto de os nossos mortos e feridos serem em número muito inferior aos do inimigo.

E com esta simplicidade acaba por apresentar-se para a posteridade com um valor objectivo que não receia confrontar-se com o do próprio Fernão Lopes.

6.3. **Perspectiva literária**

A *Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereyra* é uma obra literária?

Para responder não vamos chamar aqui os especialistas da teoria da literatura para nos dizerem se a obra se conforma com definições, cânones ou escolas, porque a perspectivação da *Estoria* no plano da literatura portuguesa medieval não pode pôr-se nesses termos.

Com efeito, por detrás das suas palavras não há nenhuma teoria, nenhuma filosofia da literatura. Precisamente o que tem impressionado os estudiosos é a sua redacção chã, sem entrelinhas, muito agarrada à narração rectilínea dos acontecimentos. Já Inocêncio dizia, com a sua autoridade de bibliógrafo: «É livro recomendável pela simplicidade do estilo, e graça da sua antiga linguagem» (1). Tocando apenas alguns marcos de opinião, lembraremos a de Mendes dos Remédios: «É duma sobriedade espartana ... Nada mais que o natural, nada senão o natural» (2). E, mais perto de nós, o Prof. Lindley Cintra define o seu estilo como «simples mas

---

(1) *Ob. cit.*, tomo II, p. 110.

(2) Prefácio cit., p. XI-XII.

são heróis, era quase fatal que dele houvesse logo pelo menos uma biografia completa e várias narrativas parcelares de episódios ou conjuntos de episódios, interpenetrando-se e complementando-se de tal modo que hoje não sabemos exactamente quanto estas ficaram a dever umas às outras e aquela a todas estas.

A *Estoria* é uma biografia tipicamente medieval. As biografias medievais não pretendiam ser cronologicamente completas, nem exaustivas quanto à vida do biografado. Este não era descrito fisicamente [1], e as datas que marcavam a sua vida importavam pouco. Faltavam também dados completos sobre circunstâncias que hoje consideramos balisas obrigatórias de uma biografia: lugar e data de nascimento, sucessos de certos períodos da vida, lugar e data da morte. Entretanto, dava-se importância a dados genealógicos, como acontece na *Estoria*. O facto de começar aos treze anos do biografado está dentro da normalidade em obras biográficas da época. Pouco depois, Frei João Álvares também escreveria uma biografia do Infante Santo sem esse tipo de informação. O que podemos dizer é que as biografias giravam em torno de um «núcleo de interesse», caracterizado pelos acontecimentos que, no entender do biógrafo ou de acordo com a finalidade que presidia à biografia, constituíam o motivo de maior valorização do biografado. Frei João Álvares elegeu o longo e penoso cativeiro do Infante D. Fernando, que preenche quase totalmente o seu *Trautado*; o autor da *Estoria* desenvolve quase toda a narrativa com

---

[1] Zurara foi o primeiro a descrever fisicamente um biografado, precisamente o Infante D. Henrique, na *Crónica dos feitos de Guinee*. «O retrato físico não cabe no plectro medieval: dir-se-ia que lhe repugna; ou se não lhe repugna, sai sem vivacidade nem vinco do desferir» (Nemésio, Vitorino — *Alguns aspectos da prosa medieval, principalmente através da primeira parte da Crónica de D. João I, de Fernão Lopes*, «O Instituto», vol. 80, p. 492).

A ausência total de datas parece confirmar que, embora constituindo uma biografia global do Condestável, a *Estoria* é também uma sequência de episódios que interessariam por si mesmos e pela relação entre eles, sem que o compilador se tenha preocupado com a localização desses episódios no tempo — pelo menos no tempo histórico preciso com que hoje nos preocupamos. Mas repare-se: quantas datas regista Fernão Lopes ao longo das centenas de páginas das suas crónicas? Proporcionalmente muito poucas — e aos capítulos que foi buscar à *Estoria* não acrescentou uma só data.

A primeira das cartas atrás referidas (a de Évora, 17 de Junho) levanta um problema cronológico que, em nosso entender, se manterá enquanto não for esclarecido por novos dados.

Pelo contexto em que se localiza, essa carta é de 17 de Junho de 1398: ela precede imediatamente a incursão que o Condestável fez por Castela nesse ano. Mas, sendo assim, a data entra em conflito com as que, logo a seguir, no mesmo capítulo, e referentes a acontecimentos posteriores, são indirecta mas precisamente indicadas por referências a festividades religiosas. Assim, são localizados determinados factos nas seguintes datas:

— «E hũu sabado, *vespera da Triindade*, per huũa muy grande e destemperada calma, hyndo o condestabre com sua hoste ... ho mestre de Santiago a vinha olhar ...» (170.2-6);

— «... e logo o conde estabre acordou com elles que folgassem o dya seguinte, que era *domiingo da Triindade*, e que aa segunda feyra partissem pera a batalha» (171.8-11);

— «Ao *dia da Triindade* folgou o condestabre em Villa Alva com sua hoste ...» (171.25-26);

— «... e elle partiu·se em outro dia de Çaffra a Burguilhos hũa quarta feira, *vespera do Corpo de Deos*» (173.27-29);

— «E ao dia seguinte, *do Corpo de Deos*, teve hy o conde estabre sua festa ...» (173.31-174.1).

Ora em 1398, a véspera do dia da Santíssima Trindade caiu em 1 de Junho (1); o dia da Santíssima Trindade, portanto, em 2 de Junho; e o dia do Corpo de Deus na quinta-feira seguinte, 6 de Junho. Como se vê, todas estas datas são anteriores à da carta, mas relatam sucessos que lhe são posteriores. Não temos elementos para corrigir ou compreender esta anomalia cronológica, mas uma hipótese a considerar seria haver erro no mês da carta, que seria Maio e não Junho.

A aceitação das datas das festividades religiosas referidas tem reflexos retrospectivos na localização temporal da crise de neurastenia do Condestável, que a *Estoria* relata no capítulo anterior (LXVII), atribuindo-lhe uma duração de três meses. Se aceitarmos, pelo menos por enquanto, que, no dia 1 de Junho o Condestável estava em plena actividade militar, e que a preparação desta exigiria alguns dias, pelo menos, a sua doença não poderia ter-se dado de Abril a Junho, inclusive, como supôs Oliveira Martins (2), mas provavelmente entre meados de Março e meados de Maio.

Recapitulando agora tudo quanto dissemos neste capítulo e todo o texto da *Estoria*, sentimo-nos à vontade para admitir que, na sua faceta de biógrafo e historiador, o autor conseguiu angariar um número importante de dados: factos, números, nomes de pessoas e de lugares, cargos e títulos que os indivíduos tiveram antes e depois da sua intervenção, elementos para a composição dos discursos directos e dos diálogos, e sobretudo pormenores de acção que só poderiam

---

(1) Baseamo-nos em *L'art de vérifier les dates des faits historiques, des chartes, des chroniques, et autres anciens monuments, depuis la naissance de Jésus-Christ* ... par un religieux de la Congrégation de Saint-Maur, Paris, chez l'éditeur, 1818-1819, vol. I. William Entwistle, na sua edição da 2.ª parte da *Crónica de D. João I*, p. 345, nota 4, coincide na definição do dia.

(2) *A vida de Nun'Álvares*, Lisboa, Guimarães & C.ª, 1984, p. 372, nota 756, e 404.

a sequência da narrativa para porem em relevo aquelas acções do biografado que alcançam nível excepcional.

Pelo lado negativo, há comentários que chamam a atenção para erros cometidos, nomeadamente quando envolvem desrespeito por objectos de culto. É o caso do episódio referido no capítulo LXVI: gente do Condestável, numa correria em terras de Castela (Garrovillas e Alcantara) roubou de uma igreja «hũa caldeyra, que foy aazo, por asy prazer a Deos, de logo aver seu guallardom do mal que fezerom na ygreja» (160.19-22). A lição vem no fim do episódio: «... o que devia ser grande enxempro aos que na guerra andam, nunca fazerem nojo em nẽhũa ygreja, ante as honrrarem muyto e fazerem guardar» (161.2-4).

Como trabalho de História, a *Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereyra* apresenta uma particularidade notável, pelo menos à primeira vista: não menciona uma única data. Este facto deixou perplexo António Machado de Faria, que, na introdução à edição de 1972, o verberou asperamente: «Grave erro, este, que um bom historiador não cometeria, tanto mais notório quanto é certo andar ao tempo no uso a datação» (p. LIII).

Talvez a situação não seja tão grave como parece.

Veja-se, para já, o caso das cartas transcritas nos capítulos LXVIII e LXIX. Na realidade, não haveria razão para os originais serem datados rigorosamente: trata-se de simples cartas missivas, como o próprio Machado de Faria reconheceu, e, ligadas como estavam a acontecimentos presentes, partia-se do princípio de que seriam entregues aos seus destinatários poucas horas ou poucos dias depois.

A primeira, como vimos, é dirigida de Évora ao mestre de Santiago de Castela, que estava próximo da fronteira, pronto a invadir o Alentejo com «duas mill lanças e oytoçentos ginetes e muytos beesteiros e pioões» (168.9-11), e acrescenta o texto: «Esta carta enviou ho condestabre ao meestre per hum seu moço da estribeyra ...» (169.4-5). Tem mês

conciso e enérgico» [1] e Óscar Lopes e António José Saraiva consideram-na «notável pelo seu realismo sóbrio» [2]. Mas não esqueçamos injustamente a opinião expendida antes de qualquer outra pelo ponderado censor Doutor Baltasar Álvares, ao examinar a edição da *Chronica do condestabre* em 1623, salientando-lhe «a sincera e chã narração do que passou» [3].

Estas posições e outras com o mesmo sinal podem significar, implicitamente, que o autor da *Estoria* não estava preparado nem vocacionado para uma composição literária de largo alcance capaz de ombrear com a viva capacidade pictórica de Fernão Lopes, com o denso discurso oratório de Zurara, ou mesmo com a sólida formação escriturística de Frei João Álvares. É verdade: a linguagem do autor da *Estoria* é muito menos elaborada do que a de qualquer deles, e até podemos avançar que é veículo dum pensamento menos profundo do que o dum D. Duarte ou dum Infante D. Pedro. Mas também é certo que a ausência quase intencional de uma pretensão literária (a brevidade do prólogo é disso um exemplo) reverte a favor de uma alta densidade da narrativa factual, que torna a obra um sério concorrente do próprio Fernão Lopes no plano historiográfico.

Foi, aliás, a insistente comparação entre o anónimo e Fernão Lopes, feita pelo Prof. Hernâni Cidade com o objectivo bem determinado de provar a superioridade literária deste para dilucidar a questão da autoria, que colocou a *Estoria* num plano de primitivismo literário que não lhe assenta com inteira justiça. Teremos ocasião, adiante, de pôr o problema em termos um tanto diferentes.

---

(1) *Dicionário de literatura*. Direcção de Jacinto do Prado Coelho, 3.ª ed., Porto, Figueirinhas, 1973, s.v.

(2) *História da literatura portuguesa*, 12.ª edição, Porto, Porto Editora, 1982, p. 144.

(3) Lembramos ter já referido este facto na p. XLIV da presente introdução.

Se a *Estoria* deve, ou não, considerar-se parte integrante do património da literatura portuguesa medieval — isso é outra questão. Mas aí deparamos com um consenso generalizado entre os historiadores da especialidade: em todos os manuais, compêndios e tratados se lhe faz referência. Com todas as suas qualidades e defeitos, ela não pode ser excluída da literatura, mais concretamente da historiografia medieval como género literário de características definidas (1). Seria difícil de explicar, entre outras coisas, como se excluiria a *Estoria* e se continuaria a incluir as crónicas de Fernão Lopes que a transcrevem tão de perto.

A análise literária da *Estoria* tem de incidir sobre dois vectores:

1.º a capacidade estética do autor para transmitir ao leitor a sua interpretação do perfil do biografado e o realismo dos acontecimentos que se propôs relatar;

2.º a aplicação de determinadas características convencionais à elaboração e à condução do texto.

A capacidade estética do autor tem os seus limites. Jogando sobretudo na sobriedade da narrativa, consegue por esse meio traçar um quadro nítido dos acontecimentos, mas não se preocupa em valorizá-los através das potencialidades linguísticas que já então estavam ao seu alcance. Esta negação para grandes voos literários é particularmente evidente na descrição da batalha de Aljubarrota, onde, sem, na verdade, faltar com os elementos essenciais (melhor diríamos esquemáticos) dos movimentos dos exércitos, os reduz ao mínimo que se poderia esperar. Quer isto dizer

---

(1) O Prof. Costa Pimpão sintetizou assim, lapidarmente, a relação entre a historiografia e a literatura: «O conceito de veracidade é, em si, um conceito extra-literário. ... na medida em que o historiador subordina aquele conceito à sua visão poética ou dramática dos acontecimentos, nessa medida a sua história se torna literária, e nessa medida o homem de ciência se converte em artista» (*ob. cit.*, p. 244).

que, embora na posse de dados suficientes, o autor não soube tirar partido deles. Mas a narrativa nada perdeu em objectividade e em honestidade. Atente-se no resultado deste trabalho, que ocupa a parte final do capítulo LI, mais exactamente, nesta edição, 118.19 a 120.19. Entretanto havia sido dado grande desenvolvimento aos preparativos da batalha, que começaram a ocupar o capítulo XLVIII e se prolongaram até grande parte do LI, incluindo neste uma detida referência à ruptura do Condestável com o conselho do Rei e sua partida para Tomar, decidido a enfrentar o Rei de Castela só com as suas próprias forças militares.

Já no capítulo XXVIII o autor tinha tratado de maneira muito semelhante a batalha dos Atoleiros, cuja descrição, precedida de longos preliminares, se resume a estas poucas linhas: «E conçertarom suas batalhas a cavallo e toparom muy de riigo em Nun·Alvrez e nos seus, mostrando grande esforço e dando grandes alaridos como mouros, cuydando·os espantar. E ally foy a batalha envolta e bem pelejada, e nos primeiros golpes foram mortos e feridos muytos cavallos de castellaãos e, com as feridas, os cavallos alvoraçavam, e derribavam sy e seus donos e retrayam atras. E vinham os outros de refresco que estavam detras pera esto apartados e asy lhes aveo como aos primeiros, de guisa que prouve a Deos de os castellaãos serem desbaratados» (68.10-19).

Relativamente a Valverde (cap. LIV), a par do desenvolvimento dos antecedentes, há um desenvolvimento muito maior do desenrolar da batalha, o que se compreende pela sua maior duração e pela complexidade da situação que se viveu. Aí desempenha um papel importante o episódio do Condestável recolhido «em giolhos antre hũas pedras a rezar e a louvar a Deos» (132.5), que deve ter impressionado fortemente os que o presenciaram e que, por isso, terá figurado, com as naturais variantes, em várias «estórias» contemporâneas, até vir a fixar-se, enriquecido de pormenores, na *Cronica de D. João I* de Fernão Lopes.

A desproporção entre um acontecimento e a sua expressão literária é menos flagrante nos relatos de outros sucessos de menor projecção, mas muitos destes são narrados com uma extensão que, embora aparentemente desproporcionada em relação à sua importância no plano nacional, é tida pelo autor (e bem) como adequada ao relevo que tiveram na vida do biografado ou à contribuição que trazem à caracterização da sua maneira de ser e da sua actividade. Por estes motivos ou por quaisquer outros (p. ex. disponibilidade de fontes desenvolvidas) o autor da *Estoria* empenha-se em dar-lhes quanta vivacidade pode, bem secundada pela riqueza do pormenor. É assim que, por entre uma narração de nível uniforme surgem, ainda que raramente, fugazes lampejos de uma vivacidade a que o autor não se mostra muito atreito:

— «E estando asy Nun·Alvrez em sua cillada ... *nesto vem* hum batell da frota ...» (27.3);

— «... quebrou sua lança e *mete* maão à espada, com que dava muytos e grandes golpes ...» (29.15-17);

— «E em teendo ja suas atalayas postas ... *aqui vem* huũa das escuytas ...» (74.12-14);

— «E, hiindo per o dito cabeço ... *ally veriades* repartir pedradas e lançadas e seetadas ...» (131.12-14);

— «E hindo o condestabre per hũa travessa do arravalde ... *leixam·se a elle viir* dez homens d·armas ...» (146.9-11).

Aliás, é bom notar que, na economia da *Estoria*, assumem grande relevo os «episódios», amplamente representados, e sempre narrados com o vagar que o interesse do autor lhes atribui. Recordemos, entre os muitos que emergem da superfície plana da narrativa, o repto de Nun'Álvares ao castelhano Juan de Ozores «pera se com elle matar dez por dez» (cap. X e XI); a surtida junto ao mosteiro de Santos contra os soldados castelhanos que vinham a terra e que resultou no envolvimento de Nun'Álvares com duzentos e cinquenta *(sic)* inimigos, de que escapou ileso graças à

intervenção dos seus companheiros, galvanizados pelo apelo do clérigo Vasco Eanes do Couto (cap. XII); a ousada reacção de Nun'Álvares no banquete oferecido em Elvas ao rei de Castela, quando viu que os convivas não tinham deixado lugares à mesa para ele e seu irmão Fernão Pereira se sentarem (cap. XIV); o conhecido episódio do alfageme de Santarém, iniciado no capítulo XVII e concluído no capítulo LII; a tentativa feita pela mãe de Nun'Álvares, Iria Gonçalves do Carvalhal, para o fazer aderir à causa do rei castelhano (cap. XIX) — e tantos outros que podemos encontrar nos capítulos XX, XXV, XXVII, XXXII, XXXVII, XLVIII, etc.

Como homem medieval que era, deu o autor lugar no seu livro a vários momentos de superstição popular.

É o caso daquela noite de 1 de Setembro de 1384 em que, estando Nun'Álvares para se meter, com alguns dos seus homens, em dois batéis, em Aldeia Galega, um dos escudeiros lhe disse: «Senhor Nun·Alvrez, eu sonhava, a outra noyte passada, como vos partices deste lugar em batees e que, passando per antre a frota del·rey de Castella, vos prhendiam, pollo qual eu vos peço por merçee que nom partaaes». Nun'Álvares limitou-se a responder ao escudeiro que ficasse com o seu sonho, deixou-o ficar em terra e embarcou (88.26-89.5).

Noutra ocasião, quando Nun'Álvares saía do Porto a caminho de Leça, «a sua azemella da cama sayo de tras de toda a gente e, sayndo per huũa porta da cidade que chamam do Olivall, per honde o conde estabre sayra, a azemella com a cama cayo morta em terra, o que todollas gentes ouveram por maravilha e grande sinal» (101.20-24) — mas ele não deu qualquer significado ao facto e ordenou que pusessem a cama sobre outra alimária e o seguissem [1].

---

[1] Este episódio está, logo a seguir, ligado ao aparecimento de uma figura muito medieval — nada menos que um possesso: «E aveo esse dia, assy, que, à porta honde a azemella morrera, o esprito maligno tomou hy hum homem e fallou delle muytas cousas...» (101.28-102.7).

É semelhante o que sucedeu um dia (fins de 1384) quando a hoste portuguesa saía de Elvas para tomar posse de Vila Viçosa: «E, sayndo a sua bandeyra per a porta da villa, quebrou a aste della ao alferez que a levava, antre as portas, o que toda gente ouve por forte signal, e diziam a Nun·Alvrez que nom partisse. E elle nom curou de cousa que disessem, mas mandou poer a bandeira em outra aste e foy seu caminho ...» (93.22-27).

As grandes batalhas tiveram também os seus presságios.

No dia 11 de Agosto de 1385, uma sexta-feira, em Ourém, «como o arrayal foy assentado e a teenda del·rey armada, levantou·se hũu corço no meeo do arrayal e correo todo arredonda e per o meeo, e todos apos elle com lanças pera o matar e nunca o poderom matar nem soomente ferir, e foy·se dereito à tenda mayor del·1ey e ally o matarom. E o dizer de todos do arrayal era grande, avendo por bom sinal a morte do qual corço em tall lugaı em como morreo. E deziam todos que esperavam em Deos que seria el·rey de Castella morto ou preso na teẽda del·rey, e outras muytas cousas que se deziam» (116.1-10).

E alguns dias (2 de Outubro de 1385) antes da batalha de Valverde, já em território castelhano, aconteceu que, quando as gentes do Condestável se instalavam, «se levantou do arayal hum muyto grande porco sem mesura e foy logo morto e todallas gentes tomavam por ello gram prazer, avendo·o por bom sinal e dizendo que algum grande senhor de Castella avia de morrer, e asy prouve a Deos de ser, como ao diante veredes» (123.22-124.2).

Por vezes toca-se o limite da profecia. Foi profeta o alfageme de Santarém ao vaticinar a Nun'Álvares o título de Conde de Ourém; e as crianças de Coimbra que acolhiam o mestre de Avis à sua chegada para as Cortes foram profetas ao clamarem «Em bõa ora venha o nosso rey!» — «da quall cousa todos se maravilharam, dizendo que verdadeiramente cryam que aquello era mandado de Deos, que falava pellas

bocas daquelles moços como per bocas de prophetas» (98.21.24).

A sabedoria popular também está representada pela presença de alguns provérbios.

Numa conversa entre Nun'Álvares e seu irmão Pedro, julgou o autor vir a propósito de um repto do primeiro ao castelhano Juan de Ozores, que o rei D. Fernando estaria disposto a impedir, o seguinte provérbio: «al cuyda o bayo e al cuida quem no sela», que exprimiria, na ocasião, a sobreposição das decisões de um superior hierárquico às intenções dos seus subordinados (21.21).

Um segundo provérbio surge quando os dois irmãos estão juntos em Lisboa (Agosto de 1382) e Nun'Álvares pretende sair para Elvas, onde D. Fernando se propõe combater D. João I de Castela. A dada altura, Nuno invoca um provérbio que ouvira diversas vezes «a alguns entendidos»: «milhor cousa he obedecer que sacrificio» (34.24-25).

Finalmente, numa ocasião em que o Condestável se arvorou, solicitado, em defensor de interesses da classe nobre que desagradavam ao Rei D. João I, e aquele se viu isolado pela falta de apoio dos seus pares, surgiu como apropriado outro provérbio (um «enxempro antiigo»): «quem serve comũu nom serve nenhũu» (143.9-10).

Ao longo de todo o texto torna-se notada a atribuição dos êxitos militares, ou pelo menos a limitação das suas consequências adversas, à intervenção divina. Assim, quando os acontecimentos têm um desfecho favorável às armas portuguesas e porporcionam a Nun'Álvares mais uma vitória pessoal, o facto é atribuído e agradecido a Deus: «E aquelle dia deu Deos vitoria e grande honrra a Nun·Alvrez e aos que com elle hiam» (32.14-15). Vejam-se também 68.18-19, 69.12-13, 133.1-2, 133.7, 141.22-23 e 146.15-16.

Mas se os resultados se cifraram em reduzidas perdas de vidas humanas, aliás praticamente inevitáveis perante a dureza dos combates, também isso se deve à protecção

divina: «E dos de Nun·Alvrez, a Deos graças, nenhũu nom morreo ...» (32.17-18). Há outros exemplos em 130.5-7 e 132.26-28.

Não admira, portanto, que em alguns momentos o texto insira breves mas autênticas preces. Vem a primeira a propósito da morte do prior Álvaro Gonçalves Pereira (13.24-26) e as restantes a propósito da morte do Santo Condestável (197.27-198.1-2 e 203.9-10), a última das quais fecha a obra com as seguintes palavras: «... devemos entender que sua alma he com Deos na sua gloria, a qual elle por sua merçee nos dê. Amen». E por baixo: «Deo gratias / Memento mei, / Mater Dei».

Quanto ao segundo vector a que acima nos referimos, detectamos a introdução de elementos literários convencionais que comprovam existir no autor um substrato cultural que lhe dava o conhecimento dos parâmetros a que deveria subordinar o seu trabalho.

Em primeiro lugar recordaremos ter já verificado a preparação prévia de um plano da obra, que permitiu não só estruturá-la em capítulos com as respectivas epígrafes descritivas do conteúdo, mas também as remissões para passagens anteriores ou posteriores que versam determinado assunto. As remissões, na sua aparente naturalidade, fazem a ligação entre pontos distantes do texto, conferindo-lhe unidade, em conjugação com os outros elementos que apontam no mesmo sentido.

O prólogo, mesmo curto como é, constitui também um elemento convencional: encerra abreviadamente uma das filosofias possíveis da História e revela o conhecimento de que os prólogos eram tradicionalmente extensos (como bem o demonstra a *Crónica Geral* de 1344), ao que o autor se escusa deliberadamente, talvez por falta de bagagem cultural para dissertar longamente, talvez por decisão de manter logo de início uma linha de sobriedade. Em tão poucas palavras o autor conseguiu certificar-nos de que se propunha fazer

um «livro», querendo com isso dizer, se bem o interpretamos, que pretendia escrever obra completa, extensa e concebida como um todo. Mas a pressa não permitiu que ele incluísse no prólogo as convencionais garantias de veracidade e isenção, nem o relato dos esforços na busca de informação, nem mesmo as razões do trabalho que empreendia.

Importante é o processo de utilização do discurso directo, largamente utilizado na época. Num texto medieval (e isto é válido praticamente até ao século XX), o discurso directo é por si só, uma composição literária, quer do autor do texto, quer da fonte que utilizou, e constitui um factor de animação da narrativa, não só pela vivacidade que lhe confere, mas também porque abre caminho ao diálogo. Este é conseguido por três vias: pela alternância de discursos directos atribuídos a duas personagens, pela combinação do discurso directo com o discurso indirecto, e ainda pela combinação do discurso directo com o resumo narrativo das respostas. Há exemplos frequentes no texto, pelo que não se justifica uma referência específica à sua localização.

O emprego dos discursos directo e indirecto, independentes ou combinados, não parece explicável, no caso da *Estoria*, pela assimilação dos processos narrativos de Tito Lívio ou Salústio (o que deixaria no texto outros vestígios que realmente não existem), mas já é perfeitamente compreensível se admitirmos que ele era usado nas vulgares «estórias» da época como processo literário corrente, ao alcance de qualquer autor de cultura mediana. É esta a explicação que sugere o Prof. Rodrigues Lapa, defendendo que Fernão Lopes, ao usar «a forma dialogada que dá às suas crónicas ... extraordinário encanto», «teria imitado simplesmente a maneira das *estórias* antigas, onde o diálogo, como na *Crónica de Santa Cruz*, é cheio de vida e de pitoresco» (1).

---

(1) *Miscelânea* cit., p. 390.

Apesar de tudo, não consideramos inteiramente esclarecida a origem dos discursos directos. Estes podem ser tirados, «com pequenas alterações ou *ipsis verbis*» de esboços anteriores, como diz ainda Rodrigues Lapa, mas o processo pode ter seguido outro percurso, sendo os discursos directos uma reformulação retórica de esboços simplesmente narrativos.

Também já atrás nos referimos à técnica de «planificação» que recorre à alternância da narração de acontecimentos simultâneos. Trata-se de um processo de clarificação indispensável à historiografia para desenredar a complexidade criada pela acumulação de acontecimentos no tempo, com dispersão no espaço. Mas daí até se converter num processo literário ia um simples passo, porque a alternância dos episódios implicava a introdução de expressões ou frases de ligação que tornassem a interconexão dos factos perfeitamente inteligível para o leitor. O autor da *Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereyra* usou conscientemente esta técnica recorrendo quase exclusivamente às epígrafes dos capítulos, do tipo «Ora leixa a estoria a falar ...» ou suas variantes.

Outro recurso literário muito ao gosto da época era a frase exclamativa, que já vimos aparecer na *Estoria*.

Poderíamos ser tentados a dizer que, pelas suas frases exclamativas, o autor se guindava ao nível de Fernão Lopes, se esse pormenor fosse o padrão para aferir a qualidade literária, como parece decorrer do juízo de Aubrey Bell. Como se sabe, este professor inglês defendia a autoria da *Estoria* por Fernão Lopes a partir de uma exclamação — «Oo, que humano e caridoso senhor!» — que havia descoberto no capítulo XLI (98.12), argumentando que não era possível terem existido dois Fernão Lopes no mesmo século [1]. Aubrey Bell não se lembrava, nesse momento, das numerosas exclamações disseminadas pelas obras de Frei João Álva-

---

[1] *Fernão Lopes*. Tradução do inglês de António Álvaro Dória, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1931, p. 33-34.

res ... Pois bem: na *Estoria* do Condestável não há apenas uma frase exclamativa, mas sim quatro, ou seja a que acima citámos mais as seguintes:

— «Oo virtuoso e de gram piedade, sobre seu corpo seer posto em tam gram trabalho e periigo, e, assy maçado, seer lembrado de tanta piedade!» (32.7-9);

— «Oo que vontade de servir seu senhor e, por emparo da terra, asy avia gana de pelejar!» (66.17-18);

— «Oo vallente e verdadeyro cavalleiro, que nom desimulava, mas compria o per elle promitido!» (68.1-3).

Estas três só poderão ser encontradas na presente edição, onde foram objecto de restituição a partir da forma deturpada que se lê em todas as anteriores — *E o* — certamente produto de uma leitura errónea do manuscrito logo na primeira edição de Germão Galharde, facilitada pela superabundância de ocorrências da copulativa *E*.

As frases exclamativas aparecem no texto como elementos puramente parentéticos, autênticos apartes, sobre os quais a narrativa passa sem sofrer qualquer desvio ou perturbação. Nisto se parecem com as que Fernão Lopes usou, apenas divergindo na extensão e na ênfase. Mas não vamos ao ponto de as considerar traços de génio, porque frases como essas são frequentes na prosa historiográfica do século XV. Preferimos considerá-las simplesmente como testemunho de um toque de composição literária de que o autor soube valer-se.

O mesmo se diga das frases de sabor sentencioso que aparecem em vários pontos da *Estoria*. As sentenças tinham raízes muito antigas nos textos patrísticos e vinham entroncar na concepção pragmática da História. Não admira, por isso, que fossem prática corrente na historiografia medieval, a precederem a crescente invasão de citações de autores da Antiguidade Clássica. Mas um autor como o da *Estoria*

do Condestável não precisava recorrer a uma sólida formação clássica ou patrística para ter à mão alguma *defloratio* anónima que lhe fornecesse as sentenças que poderia integrar no seu texto. E encontramos várias, adequadas a diversas situações, sobretudo ao serviço do sentido moralizador da obra, como esta, a propósito de uma quebra de juramento de Fernão Pereira: «... ao vertuoso e bõo, tanto he guardar a verdade ao ymiigo como ao amigo ...» (93.9-10). Entrevemos até uma relação entre o uso de sentenças e as locuções proverbiais que também aparecem na *Estoria*, mas estas integralmente formadas no interior da sabedoria popular.

Em alguns pontos vêem-se ligeiros afloramentos duma também ligeira ironia, pormenor literário que os escritores da época já sabiam aplicar. Apenas dois exemplos:

— «Estando Nun·Alvrez em Evora, ouve recado que Joham Rrodryguez de Castanheda chegara a Badalhouçe com trezentas lanças e mays ... e que dizia que o queria viir buscar. E, como esto foy dito a Nun·Alvrez, logo se partyo d·Evora caminho d·Elvas a o buscar *pollo escusar do trabalho*» (77.18-25);

— «E, sabendo el·rey que elle nom tinha pera çeear nenhuũa cousa, mandou·lhe bem de çeear e *atal çeea se poderia bem chamar saborosa*» (120.24-26).

É bastante frequente na *Estoria*, como seria de esperar, o uso da duplicação vocabular, muito comum aos autores da época, possivelmente com a intenção de enriquecer e variar a frase, ao mesmo tempo que se dava aplicação às já vastas potencialidades da língua. Encontramos exemplos de duplicação substantívica, adjectívica e verbal: «bons e grandes feytos», «mal e dampno», «senhores e fidalgos», «grandes e bõos», «castidade e abstinencia», «amarom e prezarom», etc.

É também utilizada com alguma insistência uma construção muito cara aos autores da época — o ablativo oracio-

nal ou absoluto, de profunda origem clássica: «E, *concordado* o casamento e *feytas* as firmezas delle ...» (36.7-8).

O ablativo é, porém, largamente suplantado pelo uso intensivo do gerúndio, que se estende uniformemente por todo o texto, afirmando-se como uma constante no processo de narração: «*Seendo* dom Nun'Alvrez criado a gram viço em casa de seu padre, e *chegando* à hydade de treze anos e *avendo* el·rey dom Fernando guerra ...» (3.24-26).

As frases interrogativas, directas ou indirectas, são outro dos recursos do autor, que domina perfeitamente a sua técnica: «... e fez pergunta ao alfajeme se lhe corregeria asy huũa sua e elle lhe respondeo que sy ...» (42.1-2).

Da figura estilística da metáfora (de que Fernão Lopes tão bem soube tirar partido), há apenas um exemplo que melhor se caracteriza como imagem: «E forom logo hy mortos huũa gram cama de castellaãos e, *asy bastos como som os feixes no rrestolho do bõo trigo e bem basto*, especialmente morreram logo todos, a mayor parte chamoros ...» (119.10-13).

E a relação entre o autor e o leitor? É praticamente nula, como já Mendes dos Remédios notou [1]. Com efeito, o autor coloca-se numa posição exterior à narrativa e prescinde da participação do leitor na sua perspectiva dos acontecimentos. Apenas uma vez quebra esta conduta quando, talvez tocado por um fugaz entusiasmo, ao descrever o fragor da batalha de Valverde, resolve introduzir nele o leitor, apelando para a sua capacidade de visualizar o quadro que se deparava a ambos: «E, hiindo per o dito cabeço, sobindo ja pella ladeyra do cabeço, ally *veriades* repartir pedradas e lançadas e seetadas que davam sem doo ...» (131.12-14).

Aliás, o autor procede de igual modo para consigo próprio. Só no prólogo, e um tanto distraidamente, se refere ao seu

---

[1] Prefácio cit., p. XI.

trabalho na primeira pessoa do singular. Durante o restante texto fica de fora dos acontecimentos, apesar dos numerosos pormenores introduzidos, que lhe dariam oportunidade para se colocar na posição de testemunha presencial. Só voltamos a dar pela sua presença quando, aqui ou ali, reza umas breves preces em que se inclui.

De qualquer modo, todos estes elementos convergem no sentido de podermos afirmar que a *Estoria* é uma obra literária, caracterizada pela aplicação intencional de um conjunto de técnicas de narração ao serviço de um estilo simples e directo enquadrado por uma capacidade de concepção, planeamento e execução. Ela utiliza, afinal, aquela linguagem «correntia, popular, sem ser inculta, sem os arrebiques e neologismos tão em voga no seu tempo», de que fala Rodrigues Lapa (1). Talvez não deixe de ser a irmã pobre das crónicas de Fernão Lopes, mas assenta nos mesmos princípios e tem a seu favor a qualidade da precedência no tempo.

6.4. Aspectos linguísticos e lexicais

Qualquer análise linguística e lexical que se pretenda fazer sobre a *Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereyra* tem de ter em conta as condições em que ela chegou até nós: editada no início do segundo quartel do século XVI sobre um texto atribuível ao início do último quartel do século XV, que, por sua vez, era uma cópia (mais ou menos fiel) do manuscrito original redigido entre 1431 e 1436.

A garantia do editor quinhentista de ter respeitado a «antiguidade» das palavras e do estilo, isto é, do vocabulário e da construção frásica, tem de ser interpretada com uma certa margem de tolerância, admitindo que terá havido algumas modernizações, mesmo que involuntárias. Já vimos

(1) *Miscelânea* cit., p. 391.

atrás que em algumas palavras a grafia é igual à de uma publicação do mesmo ano e do mesmo editor, mas se isso nos leva a adoptar uma certa reserva para com a grafia, e até para com a forma de algumas palavras, estamos em crer que a sintaxe foi pouco ou nada afectada, visto que a posição relativa das palavras dificilmente seria modificada pelas vicissitudes da composição tipográfica: gralhas, tendência para os usos ortográficos da ocasião, dificuldades ou equívocos na leitura do manuscrito, modernização intencional de formas obsoletas de difícil compreensão para o leitor, etc. Tudo isto, adicionado aos condicionalismos próprios da época, em que ainda não havia um sentido extremamente apurado de fidelidade na transcrição de textos, faz da edição de 1526 exactamente aquilo que poderíamos esperar, se bem que a modernização global então levada a cabo nos pareça um pouco mais acentuada do que a que se detecta em cópias manuscritas de crónicas de Fernão Lopes executadas já no século XVI, pouco antes daquela data.

Entretanto, não devemos esquecer que do mesmo texto houve uma segunda edição em 1554, que provámos (no 1.º capítulo desta introdução) ter sido feita sobre a primeira e não sobre o manuscrito. Tem interesse para uma breve análise linguística e lexical da *Estoria*, e até para a presente edição crítica, vermos as relações existentes entre as duas edições quinhentistas, que aqui designamos, como no aparato crítico, por *A* e *B*, conforme a ordem de publicação.

Os dois textos não são rigorosamente coincidentes porque em *B* se introduziram intencionalmente determinadas alterações que pretendiam corrigir *A*. As correcções de erros ou omissões revelam o exercício de uma leitura, que pode dizer-se atenta, na feitura da nova edição. Muitas delas coincidem com as que actualmente, e só com os elementos de que dispomos, acabaríamos por introduzir após um exercício idêntico. Em certos casos, as alterações de *B*

não resolveram problemas existentes em *A* ou substituiram-nos por outros, provavelmente devido a deficiente entendimento do erro existente. Em muitos casos os erros de *A* são transferidos para *B* sem qualquer modificação, devido, por um lado, ao desconhecimento da solução, e por outro ao facto de não terem sido detectados como erros.

Há que notar, ainda, um outro elemento de divergência entre *B* e *A*: as grafias de *B* que os estudiosos — entre eles, naturalmente, António Machado de Faria — têm considerado mais arcaicas do que as correspondentes de *A* («dão ideia de maior arcaísmo» (1)). Estes são sobretudo os casos de duplicação de vogais nasaladas, que afinal constituem a quase totalidade dos casos *(homẽs/homeẽs, gente/geẽte, hũ/huũ, Lixboa/Lixboõa)*, mas repare-se que onde *B* adopta vogal nasal dupla contra vogal nasal simples de *A*, isso acontece a partir de certa altura do texto, depois de se ter verificado uma situação inversa no início. Isto parece significar que, ao compor-se a segunda edição, se pretendeu restabelecer formas mais antigas que apareciam no início da primeira edição e que, ao longo desta, tinham sido abandonadas para darem lugar a formas mais modernas. Outros casos como *mestre/meestre, condestabre/conde estabre* têm, a nosso ver, explicação semelhante. Em contrapartida, é bem evidente que em muitos outros casos (de que as notas ao texto dão conta) houve modernização sistemática da grafia em *B*.

Outro pormenor notou Machado de Faria: «Há, ainda, formas diversas de escrever as palavras achando-se por extenso na segunda edição alguns vocábulos abreviados na primeira e vice-versa» (2). Com esta observação não perderemos mais tempo, visto que as abreviaturas são apenas um hábito gráfico herdado dos manuscritos (principalmente do

---

(1) Introdução cit., p. LXIV.

(2) Introdução cit., p. LXII.

tempo em que o elevado custo da matéria escriptória impunha economias de espaço) e não representam qualquer problema textual, limitando-se a impor alguns cuidados no seu desdobramento.

Com o que fica dito queremos apenas chegar a uma conclusão: as variantes da edição de 1554 caracterizam-se como simples rectificações que decorrem obviamente de uma revisão do texto de 1526, revisão essa feita, certamente, com algum cuidado, mas que contempla apenas pormenores superficiais, muitos deles meramente gráficos; parece bastante evidente que não foram feitas na presença do manuscrito que serviu à primeira edição, nem representam um retorno às formas arcaizantes que essa edição alterou no sentido da modernização. Tampouco terão alguma coisa a ver com o rigor na transcrição do manuscrito ao fazer-se a primeira edição.

O certo é que, apesar de tudo o que possa ter acontecido na passagem do manuscrito para a impressão, o texto conservou provas genuínas do seu arcaismo, isto é, de ter sido redigido no período de tempo em que atrás o situámos — e isso deve-se ao facto de Germão Galharde ter realmente respeitado terminologia e fraseologia que já eram obsoletas no seu tempo.

A sobrevivência de arcaismos em transcrições tardias é um fenómeno conhecido (1). Desde que não haja a intenção deliberada de os eliminar, a simples sujeição a um processo normal de cópia, que respeite minimamente o original, não determina o seu desaparecimento. Poderá haver deslizes involuntários ou uma displicente noção de fidelidade, mas em regra não os atinge na totalidade. A própria ignorância

(1) V. NETO, Serafim da Silva — *Textos medievais portugueses e seus problemas*, Rio de Janeiro, Casa de Rui Barbosa, 1956, p. 15-16.

do significado, aliada a um consequente escrúpulo de transcrição letra a letra, terá ajudado a salvar muitos arcaísmos.

É assim que, na *Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereyra* vamos encontrar número suficiente de formas antigas para nos tranquilizar a esse respeito, tais como as seguintes: *aadur, aaz, al, alo, atees, bitalha, ca, cansaçom, degredos, des, huu, osmar, seestra,* a que é preciso juntar algumas terminações também arcaicas como *-om, -ees* e outras.

Em apreciável número aparecem formas verbais arcaicas em algumas das quais avulta a conservação do *d* intervocálico na desinência da segunda pessoa do plural e os particípios com terminação *-udo(a)* [1]: *anojedes, avedes, avudos, declarade, dedes, deviades, emader, entendede, fazede, percalçaredes, retheudas, sabudo, sodes, soffrades, tornedes.*

É de notar, a propósito, que a maioria destes casos ocorre em discursos directos. A explicação deste facto parece-nos dever-se procurar na antiguidade das fontes a que o autor recorreu, a par de outras em que as formas mais modernas, com queda do *d* intervocálico, eram já correntes ou foram adoptadas pelo autor da *Estoria.*

Como traço de arcaismo apontamos ainda um caso de artigo partitivo na expressão *assaz de.*

Surpreendente, por vários motivos, é o aparecimento de um pequeno núcleo de castelhanismos. Não nos referimos, evidentemente, à terminologia que, na época, era comum ao português e ao castelhano e que pouco depois evolveu para uma diferenciação total *(ello, esso, padre, pero ...),* mas sim a palavras que estavam já diferenciadas e que como tal aparecem na *Estoria* em outros lugares, na sua forma portuguesa. São os seguintes casos: *batalla, creya* (= cria), *defension, encaminava, fondo, milagros, pocos, primera, reyna.*

---

[1] Sobre estes casos, v. Nunes, José Joaquim — *Gramática histórica portuguesa,* Lisboa, Clássica Editora, 1951, p. 314-315.

Os castelhanismos da *Estoria* têm de ser encarados, claro está, como formas espúrias, uma vez que todos os factores intervenientes na redacção militam contra qualquer contaminação de castelhanismo na origem da obra. Com efeito,

1.º o texto é sem sombra de dúvida de autor português, e não um português qualquer, mas um «verdadeiro português» pela forma como exprime a sua posição perante os acontecimentos que relata e perante a figura biografada;

2.º não há razão para duvidar de que era portuguesa a cópia em que se baseou a edição;

3.º ao longo do texto há numerosos casos de aportuguesamento de nomes de pessoas e lugares castelhanos: *Joham Afonsso de Guzmão, Pero Exarmento, Pero Gonçalvez de Sevilha, Cidade Rodrigo, Çafra, Feyra, Fonte do Meestre*, etc.

A responsabilidade pelos castelhanismos parece dever-se repartir entre o compositor tipográfico e o revisor de provas. Um e outro (sobretudo o último) poderão simplesmente tê-los deixado escapar pensando que seriam formas «antigas». De qualquer modo, confusões esporádicas entre vocábulos castelhanos e portugueses eram perfeitamente possíveis numa oficina tipográfica do século XVI, onde com frequência se imprimiam textos castelhanos.

Estes elementos aconselham, efectivamente, a neutralização dos castelhanismos no estabelecimento de um texto crítico, e foi o que fizemos na presente edição, substituindo-os pelas formas portuguesas que o restante texto abona largamente.

Quanto às características da linguagem utilizada na *Estoria*, podemos notar-lhe algumas limitações, quer no volume do vocabulário, quer na maneira como ele é trabalhado, quer em deficiências de clareza de expressão, que é procurada à custa de repetições vocabulares ou redundâncias evitáveis: «Nun'Alvrez se partyo de Tomar, honde estava ...» (73.21); «E Nun'Alvrez estava desviado da estrada per onde os castellaãos vinham, e antre elle e a estrada per

onde os castellaãos vinham ...» (74.24-26); «E o condestabre foy muy ledo de as no Porto achar, como achou, sua molher e sua filha» (100.24-25).

Mas há que reconhecer um esforço permanente para conseguir que o leitor fique com uma ideia precisa de como as coisas aconteceram, onde se situaram e desenvolveram, e quem nelas interveio. São relativamente raros os casos (como se pode ver nas notas ao texto) em que é necessário acudir com um esclarecimento para tornar uma frase perfeitamente inteligível.

Alguns processos de construção e encadeamento de frases, que se tornam notados pela sua insistência, situam-se ao nível da prosa corrente na época, e vamos encontrá-los mesmo em Fernão Lopes.

Mencionemos, por exemplo, a alta frequência de frases iniciadas pela copulativa *E/e* (que põe alguns sérios problemas de pontuação): «E, hindo seu caminho, os homens bõos de Villa Nova de Çerveira ... e temendo·se de hiir sobre elles ... E desto foy o conde estabre muy ledo e deu muytas graças a Deos e mandou allo çerta gente ... E, hindo seu caminho, chegou ao ryo do Minho e, por nom poder passar, ... E hy lhe chegou rrecado ...» (104.13-26); a anteposição dos complementos ao sujeito e ao predicado; o já assinalado uso do gerúndio, só ou combinado com o ablativo oracional; etc.

Os problemas de construção decorrentes do recurso frequente ao discurso indirecto e à sua combinação com o discurso directo são, na sua quase totalidade, resolvidos com correcção: «Digo·vos, senhores, que vós tendes aqui o mestre de Santiago de Castella ... e ora escuso he vosso trabalho de o mais hirdes buscar. E elles todos logo ledamente *responderom que*, com taes novas como elle trazia, lhes prazia muyto e que davam muytas graças a Deos, em o quall esperavam que os ajudaria contra elle, avendo esforço de bõos como elles eram» (18.2-9).

Em conclusão: sob o ponto de vista linguístico, a *Estoria*

é um texto sem rasgos de notoriedade, bem próprio, como noutros aspectos, da sua época, fluindo com facilidade na direcção do objectivo que o autor se propôs, sem recurso ao que exceda o estritamente necessário.

7. FERNÃO LOPES E A *ESTORIA*

Não se pode abordar a problemática da *Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereyra* sem se reexaminar a relação entre ela e as crónicas de D. Fernando e de D. João I, de Fernão Lopes.

A identidade entre alguns trechos de uma e outras não pode ter passado despercebida a quem quer que as tenha lido, ainda que sem grandes preocupações analíticas, mas a formulação do problema daí resultante foi posta formalmente em 1915 por Anselmo Braamcamp Freire e por Francisco Maria Esteves Pereira, quase simultaneamente. Alguns anos mais tarde — para só referirmos os marcos fundamentais do trajecto — Hernâni Cidade estudou detidamente o assunto numa perspectiva literária, mas a extensão das concordâncias só foi exaustivamente estabelecida por António Machado de Faria na introdução à sua edição da *Estoria* em 1972, onde inseriu uma resenha completa dos capítulos de Fernão Lopes que correspondem a cada um dos capítulos daquela.

Braamcamp Freire e Hernâni Cidade centraram a questão em torno da autoria da *Estoria*, e fizeram-no em campos diametralmente opostos — o primeiro para atribuí-la a Fernão Lopes e o segundo para a contestar.

Ponderando os argumentos de ambos e os elementos que atrás lhes acrescentámos, damos a questão por arrumada: Fernão Lopes não é o autor da *Estoria*, pelo menos enquanto não aparecerem elementos incontroversos que levem a uma conclusão diferente. Não é, pois, uma questão de autoria que aqui nos interessa, mas sim uma reapreciação global da

posição de Fernão Lopes perante esse texto enquanto sua fonte.

Ponhamo-nos, tanto quanto possível, no lugar do cronista.

Tendo reunido, ao longo de vários anos, vasto material de diversos tipos e proveniências para reconstituir a sequência dos acontecimentos que preencheram os períodos dos sucessivos reinados (visto que se tratava de elaborar crónicas de reis), Fernão Lopes deparou com várias «estórias» que se ocupavam dos feitos e bondades do Condestável D. Nuno Álvares Pereira. Algumas seriam narrativas parcelares, escritas por testemunhas presenciais dos acontecimentos, e descreviam, com realismo e pormenor, episódios ilustrativos da sua figura e da sua vida. Entre elas havia uma biografia completa, que começava com a genealogia ascendente de Nun'Álvares, continuava com a vida deste a partir dos treze anos (significando isso que a vida de tão singular indivíduo só tinha interesse desde o momento em que toma as primeiras armas) e acabava com o rol das suas práticas religiosas e actos de benemerência.

Era ainda uma «estória», sem indicação de autor e sem título que a individualizasse, mas já não era uma «estória» qualquer: era um «livro», como o próprio autor lhe chama mais do que uma vez — obra de razoável extensão, feita com recurso a outras «estórias» menores, redigida de forma aceitavelmente interessante, realista na maneira despretensiosa de narrar, e prenhe de conteúdo. Digamos, pois, que tinha todas as condições para despertar o interesse de Fernão Lopes como fonte de primordial importância para duas das suas crónicas régias: a de D. Fernando e a de D. João I.

É lógico admitir que, ao redigir essas duas crónicas, Fernão Lopes tinha previamente uma perspectiva global dos acontecimentos desenrolados nos dois reinados. Isso permitia-lhe ter, pelo menos em esboço, um plano do que pretendia narrar no âmbito de um e doutro e, particularmente no

respeitante a Nun'Álvares, ele podia aperceber-se de que o maior impacto da sua figura e das suas acções militares se tinha produzido no reinado de D. João I. Mas sabia também que possuía matéria a integrar na *Crónica de D. Fernando* e que a notoriedade de Nun'Álvares no tempo do Rei Formoso era uma projecção retrospectiva da que veio a alcançar no tempo de D. João I. De facto, há naquela crónica alguns episódios da vida de Nun'Álvares que lá não figurariam se não se tivesse dado a conjugação de dois factos: Fernão Lopes ter ao seu dispor uma «estória» completa do herói e este ter-se tornado uma figura de primeiro plano na crise de 1383-85 e no subsequente reinado de D. João I.

De qualquer modo, este conjunto de circunstâncias permitiu a Fernão Lopes gerir o texto da *Estoria* no sentido do seu aproveitamento quase total, remetendo parte da narrativa para doze capítulos da *Crónica de D. Fernando* [1] e introduzir na *Crónica de D. João I* o grosso da narrativa dos feitos de Nun'Álvares, fazendo-o preceder de um formal capítulo introdutório que só tem paralelo nos prólogos das crónicas régias.

Com efeito, após uma breve referência no capítulo IV da 1.ª parte da *Crónica de D. João I*, é o capítulo XXXI — «Razões do autor desta obra ante que falle dos feitos de NunAllvarez» — que constitui o pórtico para uma entrada solene na matéria em que o herói vai assumir plenamente o seu papel, com base num aproveitamento da *Estoria* em grande escala. Concretamente, isto significa que quase todos os capítulos desta (com excepção dos que ficavam fora do âmbito cronológico da 2.ª parte da *Crónica de D. João I*) foram transpostos para as duas referidas crónicas.

Não temos dúvida de que o texto de que se serviu Fernão

---

[1] São os seguintes: CXX, CXXI, CXXII, CXXIII, CXXVII, CXXVIII, CLI, CLIV, CLVII, CLVIII, CLXI e CLXVI. Cf. Introdução de A. Machado de Faria, p. LXXI-LXXII.

Lopes é o que Germão Galharde veio a publicar. Além de ser, possivelmente, a única obra completa, estruturada, extensa, pormenorizada e credível sobre a vida do Condestável, seria demasiada coincidência que, desconhecendo-a, Fernão Lopes ordenasse um conjunto avulso de «estórias» parcelares quase exactamente pela mesma ordem por que se encontram, e com tantos pontos comuns entre a *Estoria* e as crónicas.

Da hipótese, levantada por P. E. Russell, de ter existido uma versão mais completa da biografia de Nun'Álvares já dissemos o essencial (p. C-CI). Podemos, no entanto, acrescentar, ainda, que não era necessário haver outra «estória» mais extensa do que a conhecida (quer esta fosse ou não resumo daquela) para que Fernão Lopes pudesse inserir nas suas crónicas episódios da vida de Nun'Álvares que não se encontram na actual *Estoria*: os seus feitos seriam inevitavelmente narrados em quaisquer «estórias» relativas aos acontecimentos da época, mesmo naquelas que não pretendessem ser uma biografia sua.

Mas o texto de Fernão Lopes não é uma cópia fiel e passiva da *Estoria*, mesmo nos passos em que mais se aproxima dela. Do grau de fidelidade nos ocuparemos mais adiante; da maior ou menor passividade vamos tratar já a seguir.

Podemos dizer que esta atitude se traduz positivamente, em termos genéricos, na aceitação global da *Estoria* como uma das fontes mais importantes das crónicas de D. Fernando e de D. João I. É uma asserção que não precisamos comprovar aqui, não só porque é comummente aceite pelos estudiosos (1), mas também porque é fácil verificá-la ao

---

(1) V. p. ex. P. E. Russell: «Das numerosas fontes portuguesas aproveitadas por Lopes para a *Crónica de D. João I*, a mais importante é a que já mencionámos como «crónica-mãe» do *Condestabre*, tal como hoje a conhecemos» (*ob. cit.*, p. 36-37); Salvador Dias

longo de todas as coincidências que uma simples leitura denuncia. Acresce que uma demonstração, por cotejo, dessas coincidências teria uma extensão incomportável para esta introdução, mas veremos alguns casos desses quando tratarmos de avaliar os pontos de contacto entre a redacção da *Estória* e a das crónicas.

No entanto, a atitude de aceitação por parte de Fernão Lopes é bastante frágil, o que se manifesta de diversas maneiras.

Uma delas é a eliminação de passagens ou episódios que o cronista considera não interessarem à economia da crónica que tem entre mãos. Dos numerosos casos em que isso se verifica, sirva de exemplo o capítulo CXXIII da *Crónica de D. Fernando*, que, na sequência do episódio do desafio feito por Nun'Álvares ao castelhano Juan de Ozores, omite a parte final em que a *Estoria* acrescenta uma intervenção de certos capitães ingleses (24.14-25.14).

Também no capítulo IV da 1.ª parte da *Crónica de D. João I*, Fernão Lopes, depois de anotar que Nun'Álvares fora o único cavaleiro a comparecer com gentes de armas ao trintário pela morte de D. Fernando, omite todo o resto do capítulo XV da *Estoria* (38.15 e seg.). E, só para provar que casos semelhantes sucedem em toda a extensão daquela crónica, pode-se verificar que todo o texto compreendido entre 185.5 e 187.1 (intervenção de Gil Airas no diferendo sobre a nomeação de Lourenço Esteves para prior da Ordem do Hospital) foi posto de parte por Fernão Lopes no capítulo CLXXXIII da 2.ª parte da mesma crónica.

Arnaut: «É grande o contributo da *Crónica do Condestabre*. Fernão Lopes como que transplanta para as suas crónicas essa obra ...» (Introdução à ed. da *Crónica de D. Fernando*, p. XI); A. J. da Costa Pimpão: «... o que nos leva, porém, a supor que uma das fontes foi esta mesma *Crónica do Condestabre* é o facto da sua utilização maciça e frequentemente literal» (*Ob. cit.*, p. 244).

O capítulo LXVII da *Estoria*, que é totalmente dedicado à doença de Nun'Álvares, é outro caso de eliminação por parte do cronista, que se limita a fazer o seguinte resumo: «Depois desto veo-sse o Condestabre a Euora; e prouue a Deus dadoeçer de huum dor que lhe durou bem tres meses, semdo jaa postas suas frontaryas per homde conpria; e per consselho dos fysjcos se foy a Lixboa. E estamdo per espaço de dias, e nam melhoramdo nenhuma coussa, diserão que se tornase a Euora. E chegou ate Palmella em andes; e ally começou-se dachar e sentyr mylhor. E foy-sse a Setuuel, e desy (a) Alcaçere; e desy partio pera Euora».

Uma das formas mais brandas de intervenção de Fernão Lopes é a interrupção do aproveitamento que está a fazer da *Estoria* para introduzir um comentário, como sucede no capítulo CXXXVIII da *Crónica de D. Fernando*, no ponto correspondente à transição entre dois períodos do capítulo XII da *Estoria* (29.7): «Hora aqui he de saber, que posto que os alheos louvores sejam ouvidos com iguaaes orelhas, muito he grave conssemtir, o que impossivel pareçe de seer; e por que o seguinte razoado, mais parece millagre que natural aqueeçimento, dizemos primeiro, respomdemdo a taaes, que sem duvida verdade screpvemos, mas que o poderoso Deos, que soo aaquella hora o quis livrar damtre tamtos comtrairos, temdoo guardado pera mayores cousas, nom outorgou naquella pelleja que seus emmiigos lhe podessem dar morte» (p. 382).

Antes de chegarmos ao contacto com posições mais expressivas de discordância e antagonismo, deparamos com esta crítica genérica às «estórias» pela insuficiência, intencional ou não, de elementos que o cronista desejaria encontrar nelas para satisfazer a sua legítima curiosidade de historiador: «Som algũuas cousas calladas nas estorias, nom sabemos por quall rrazom, que muitos que as leem desejam de saber; outras, acerca de mudas, nom fallom como devem

aquello de que homem queria seer certo ...» (*Cr. D. Fernando*, p. 533).

Na atitude de oposição à *Estoria* notam-se várias cambiantes.

Nuns casos prefere Fernão Lopes outras versões, sem prejuízo de transcrever ou resumir a da *Estoria*. Seja um dos exemplos o passo em que esta narra a retirada das tropas castelhanas do cerco de Lisboa, em 1 de Setembro de 1384, e a intenção de Nun'Álvares de «lhes hir atalhar ao caminho»: «E dizem aqui alguũs comtando em breve esta estoria, que mandou pera ello pedir leçemça ao Meestre; e que ell lhe respomdeo que lhe prazia dello muito, e que lhe rrogava que o aguardasse, ca queria com elle seer em tall obra ...». Segue a versão da *Estoria*, mas contrapõe: «Mas huũ outro compilador destes feitos, de cujos garfos per mais largo stillo exertamos neesta obra segumdo que compre, rrecomta isto per esta maneira: Diz que ...» (*Cr. D. João I*, 1.ª pt., p. 281).

Noutro caso bastante semelhante, a versão da *Estoria*, designada por «alguũs» («Hora aqui dizem alguũs, comtamdo os feitos de NunAllvarez em seu louvor ...»), é integralmente exposta, mas a razão de lhe preferir outra é comunicada ao leitor: «Mas huũ outro estoriador, cujo fallamento nos parece mais rrazoado, comta esta estoria muito doutra guisa, e de seu escprever nos praz mais ...» (*Cr. D. João I*, 1.ª pt., cap. LXX, p. 120). Convém acrescentar que a versão que Fernão Lopes preferiu é totalmente diferente, mais longa, mais composta de pormenores e ... mais romanesca — e este talvez fosse, no fundo, o motivo por que a preferiu. Como se vê, a preferência não tem qualquer objectividade: simplesmente a segunda versão agradou mais ao cronista. Note-se, no entanto, que a *Estoria*, embora ligeiramente acusada de contar os feitos de Nun'Álvares em seu louvor, não é atacada formalmente pelo cronista, que aliás tem para com o herói palavras de um entusiasmo laudatório que o autor anónimo está longe de atingir.

É um tanto mais dura a oposição à *Estoria* quando esta afirma, a dada altura do capítulo XXXV (84.14), que Nun'Álvares tomou Palmela: «E sse alguem aqui diz que NunAllvarez desta vegada tomou o castello de Palmella, a isto nom damos fe, nem esta em rrazom de creer; ca os logares do Meestrado de Samtiago sempre teverom voz por Portugall, depois que o Meestre dom FernamdAfomsso dAlboquerque se veo a Lixboa como dissemos; e se o ell estomçe tomou, que sse fez dos Castellaãos e do Alcaide que neelle estava e tiinha voz por Castella? ca todollos logares que sua voz mantiinham, em todos elRei pos alcaides e gentes que os guardavom; bem fora pera esto provar, dizer sequer o nome do Alcaide e muito em breve como fora tomado, moormente logar tam forte e tam maao de filhar; mas pareçe que nom ouve leçemça pera o fazer» (*Cr. D. João I*, 1.ª pt., p. 263).

Como se vê, além do desprezo («a isto nom damos fe ...»), Fernão Lopes brinda o autor anónimo com uma irónica alfinetada na última frase do passo transcrito.

É mais duro ainda o comentário ao passo da *Estoria* que, já nos movimentos preliminares da batalha de Aljubarrota, afirma ter sido o Condestável abandonado, em Muge, pela «mayor parte da jeente que levava, por temor dos castellãos que estavam em Santarem, em tal guisa que nom ficarom com elle mais de XXXV lanças» (110.10-12): «O Conde partyo com suas gentes como era hordenado pera Ryba dOdyana, e passou o Tejo ao vaao de Muja. E aquy escreuem alguuns em suas erradas estoryas que o Conde partyo dAllanquer com aquellas trezentas lanças que comsygo trazya; e passado o porto de Muja, que por temor dos castellãos que estauom em Santarem, que o leixarom logo a moor paa(r)te della(s), de guisa que nom ficarom com elle mays dhumas trinta e cinquo. E quem tal cousa pos em scripto, mal proueo a certydom deste feyto; ca o Conde nom tragya tays gentes que o sem por que leyxassem, nem per que passasse tam vergonhossa myngua; ante eram tam leaaes

e tam fieeis e prouados por boons e ardidos homeens darmas, que ja ajnda que vehera todo o poderjo de Castella, ante sse leixarom todos merrer ante seu senhor que o desemparar per nenhuma guysa. E se dizem que o deyxarom, pois contassem pera hu se forom e que se fez delles! Porem tam maa e tam errada opinyom, defamador de sseus boons e leaaes vasallos, com os geolhos em terra peça perdom aa verdade, a qual se passou desta maneyra ...» (*Cr. D. João I*, 2.ª pt., p. 49). E Fernão Lopes acrescenta a versão preferida, mais grata ao seu acendrado nacionalismo.

Paradigma acabado da selecção e cotejo de fontes pelo cronista é a história do porco montês.

No capítulo CXLVII da 1.ª parte da *Crónica de D. João I* escreve a dada altura: «Em outro dia foi NunAllvarez por espaçar e correr monte, nom longe da villa, e matou huũ grande e fremoso porco ...» — e narra o episódio da caçada, mas logo a seguir acrescenta: «Hora aqui escprevem alguũs, que NunAllvarez mandou este porco de presente a Pero Sarmento ...». «Alguũs» é, neste caso, a *Estoria* do Condestável, cuja versão Fernão Lopes transcreve, para, logo a seguir, dar outra versão («Outros enhadem sobresto e contam que NunAllvarez ...»), após a qual comenta: «Mas examinadas taaes opinioões segundo huũ estoriador sepreve, nom satisfazem ao rrazoado emtemdimento; e mostrasse claramente seer assi; porque ...» — e explica a impossibilidade, acrescentando com alguma impaciência: «Nem os que esta estoria desta guisa comtam, nom fazem meençom de Pero Sarmento aa chegada de NunAllvarez sobre Almadaã, nem cousa que lhe com ell avehesse; mas como querees vos que fezessem meemçom do que nom estava hi, nem lhe foi apresentado porco nem porca?». Mas ainda não fica por aqui: «Porem leixamdo seus errados ditos, e segumdo as rrazoões dhuũ autor, que muito escodrinhou o feito de semelhantes duvidas, devees de saber que ...». E apesar dos «errados ditos» se

aplicarem à *Estoria*, retoma esta pouco depois, como fonte de confiança.

Hoje podemos considerar discutível que um episódio desenrolado em torno de um porco montês ocupe tanto tempo a um cronista e tanto espaço numa crónica, mas a perspectiva do facto em meados do século XV era bem diferente da nossa.

Há um caso idêntico, mas com um motivo mais sério, no capítulo CLXXII da 1.ª parte da *Crónica de D. João I*, É a passagem que se refere à tentativa de ocupação de Vila Viçosa por Nun'Álvares, em Dezembro de 1384. Aí queixa-se Fernão Lopes de que a «desordenãça dos estoriadores nos poem sobrello em fadigoso cuidado». «Porque huũs dizem que ...» — e segue-se uma versão do acontecimento. A versão da *Estoria*, capítulo XXXVIII (93.22 e seg.), vem a seguir, introduzida pela expressão «Outros contam que ...», e o cronista volta ao assunto mais adiante, no mesmo capítulo, contando uma terceira versão: «Hora sabee que huũ outro estoriador comtando a partida de NunAllvarez, quamdo desta vez foy a Villa Viçosa, nom sse outorga em tall razoado, mas diz que ...». Esta é a versão preferida, por motivos que o cronista explica: «E çertamente tall fallamento he mais conforme aa rrazom, que nenhuũ dos outros ...». Mas quando tudo parecia decidido, eis que surge uma quarta versão: «Outros dizem em este passo que ...».

Nem sempre, porém, Fernão Lopes toma uma decisão. No capítulo CLXXI da 1.ª parte da *Crónica de D. João I*, ao contar que algumas pessoas importantes de Elvas queriam tomar voz por Castela, começa assim: «Omde segumdo comta huũ estoriador ...» — e dá a versão da *Estoria* (92.21 e seg.), contrapondo logo: «Outros dizẽ que ...» — e dá outra versão, após a qual, sem qualquer nota de preferência, prossegue: «Hora de quallquer guisa que fosse, himdo ell pello caminho ...» — e retoma a versão da *Estoria* (93.2 e seg.).

Esta preferência pela *Estoria*, que, em termos quantita-

tivos, é relevante ao longo das crónicas régias, tem mesmo um ponto alto no capítulo XLV da 1.ª parte da *Crónica de D. João I*, onde se trata da batalha dos Atoleiros. Tendo seguido de perto o autor anónimo na descrição da batalha, detém-se Fernão Lopes a dada altura e diz num tom de censura: «Mas neeste passo escprevem allguũs duas rrazoões rrepugnantes aa verdade: a huũa he que per maa hordenamça que os Castellãaos em ssi poserom, forom entom desbaratados; a segumda que aquelles que ficarõ vivos, que sse rrecolherom em huũ, e que os Portugueeses os nom ousarõ mais acometer. A qual cousa por favor, nem emcobrir mingua, nom se devera assi descprever; ca o autor da estoria nom deve de seer emmiigo, mas escprivam da verdade, a quall foi desta guisa ...». O que há de notável neste passo é que a invectiva de Fernão Lopes é dirigida a outro autor (indeterminado, é claro) e o «escprivam da verdade» é o autor da *Estoria*.

Nesta questão da agressividade do cronista para com o seu predecessor anónimo há que fazer uma apreciação objectiva dos dados.

Em primeiro lugar, note-se que praticamente todos os passos que exprimem de algum modo essa atitude do cronista estão recenseados nas linhas anteriores, e eles são, no conjunto, muito poucos para se poder falar de uma atitude permanente de censura ou de uma oposição sistemática: trata-se mais de situações pontuais, entre muitas outras em que a *Estoria* não é objectivamente visada. Podem mesmo considerar-se esporádicos no volume textual das crónicas. Decerto eles continuam a ser o argumento mais impressionante do Prof. Hernâni Cidade para documentar a sua tese sobre a autoria da chamada «Crónica do Condestável», mas seria errado dar-lhes uma importância que, pela sua escassez, não merecem.

É preciso notar também que nem só a *Estoria* é alvo das críticas de Fernão Lopes. Este deixa transparecer em

diversos pontos uma certa animosidade para com todas as «estórias» que corriam no seu tempo, e que chega a classificar como «livros de patranhas», expressão esta que, curiosamente, se refere a outras que não à «estória» de Nun'Álvares. Aliás, esses textos levantam-lhe um sério problema pela diversidade com que narravam certos factos, de modo a exigirem ao cronista um esforço de decisão quanto à versão mais verosímil, ou de escolha pura e simples da versão que mais lhe agrada, escolha essa em que raramente entra a lógica, muitas vezes vencida pela necessidade de preservar o bom nome das figuras gradas e do povo miúdo. O resultado é um cruzamento de subjectivismo e de nacionalismo muito mais acentuados em Fernão Lopes do que no autor anónimo.

Esta atitude, como sabemos, convive perfeitamente com a homenagem que o cronista presta às suas fontes, dando-lhes o privilégio de as aproveitar extensamente, mesmo quando se vê obrigado a transcrevê-las para mostrar ao leitor as divergências entre elas. E é interessante notar que os passos em que Fernão Lopes increpa severamente o autor anónimo da *Estoria* são precisamente aqueles que nos dão mais firme certeza de que esta foi uma das suas fontes tal como hoje se encontra, porque é nesses casos que o cronista a transcreve com maior fidelidade.

Uma das passagens de Fernão Lopes que pelos estudiosos tem sido considerada não só enigmática, mas também depreciativa para com a *Estoria* é a que consta do capítulo XXXI da 1.ª parte da *Crónica de D. João I*, referida à reconstituição histórica dos feitos de Nun'Álvares: «Certamente a nos fora singullar prazer, se em sua estoria poderamos seguir a hordenamça dos que ditam as cousas em vida daquelles a que acomteçem, deçemdẽdo a louvar cada huũa boomdade per ssi, pois que cada huũas virtudes som mereçedores de seus pregoões; mas ora depois do seu passamento, mortos os mais dos que lhe forom companheiros, ja de seus boõs feitos mais gastar nom podemos, se nom as escassas reelliquias delles»

(p. 55-56). Se bem interpretamos o pensamento de Fernão Lopes e os seus motivos para escrever tais palavras, o cronista começa por se lamentar de não poder ele próprio narrar as virtudes do Condestável como o faria se tivesse vivido no seu tempo, podendo assim louvar, com a extensão merecida, cada virtude de per si. Mas, quando se lamenta de não poder contar senão com «as escassas relíquias» do que se havia escrito sobre os feitos de Nun'Álvares, não estava a visar depreciativamente a *Estoria* (e muito menos a *Estoria* em particular), mas apenas a querer dizer que se perdera grande parte do muito material que se tinha produzido sobre o assunto durante a vida do Condestável. E ainda hoje podemos acreditar que Fernão Lopes tinha razão, porque, tanto o material em que baseou as crónicas como aquele em que se baseou a *Estoria*, tinha sido produzido em vida do Condestável, como se deduz das características de testemunho presencial que as fontes apresentam. Só que Fernão Lopes estava mais bem colocado do que nós para saber que, apesar de ter reunido tão vasto material, muito mais se teria perdido. Mas todo ele seria material avulso, parcelar, não organizado num todo, e assim o cronista continuaria a ter razão ao dizer, noutro passo, que nada, isto é, nenhuma obra de fôlego, devidamente planeada e estruturada como tal, tinha sido escrita em vida do Condestável. A ser assim, ele não se referia naquele trecho à *Estoria*, que sabemos, pelos próprios elementos intrínsecos, ter sido redigida depois da morte do biografado.

Passemos agora à análise das relações especificamente textuais entre as crónicas de Fernão Lopes e a *Estoria*, ou seja, dos vários níveis de aproveitamento desta nas crónicas régias.

A ideia que se desprende do que até agora têm afirmado os estudiosos é a de uma transposição maciça da *Estoria* para as crónicas («capítulos inteiros ...») submetida aqui e ali a ligeiras operações de cosmética frásica, para afeiçoar

a redacção «primitiva» da *Estoria* à brilhante capacidade de expressão de Fernão Lopes.

Fizemos o cotejo total das aproximações e em breve concluímos que as ideias feitas precisavam de ser revistas.

Numa primeira apanha distinguem-se logo duas situações nitidamente configuradas e de desigual interesse:

— por um lado, casos de identidade de conteúdo entre uma das crónicas e a *Estoria*, com acentuadas dissemelhanças de redacção;

— por outro lado, casos de identidade de conteúdo e de redacção, com maior ou menor divergência vocabular.

A primeira situação pode explicar-se por uma de duas razões:

1.ª preferência de Fernão Lopes por outra fonte que não a *Estoria*, fonte essa que pode ter sido utilizada também pelo autor desta, que lhe terá introduzido modificações de redacção (hipótese pouco provável quando a extensão da narrativa apresenta grandes diferenças);

2.ª preferência de Fernão Lopes por outra fonte sem prescindir da *Estoria*, o que explicaria coincidências meramente pontuais com esta.

A segunda situação, pela frequência e extensão com que ocorre, denuncia inequivocamente a utilização da *Estoria* como fonte preferida. A utilização de uma terceira fonte comum à crónica e à *Estoria* afigura-se pouco provável pela circunstância de Fernão Lopes, em numerosos casos, expor a versão da *Estoria* a par de outras versões discordantes. Nesses casos a literalidade da transcrição é evidente.

Vamos aos exemplos (e só a alguns exemplos, porque a exaustividade seria incomportável) da primeira situação, isto é, simples identidade de conteúdo sem paralelo formal.

Assim, a matéria do capítulo LXXIV da 1.ª parte da *Crónica de D. João I* corresponde à que constitui o capí-

tulo XXIV da *Estoria*, mas a redacção deve-se, provavelmente, a outra fonte, modificada ou não por Fernão Lopes.

O capítulo CXXV da mesma crónica coincide, nas suas linhas gerais, com o capítulo XXX da *Estoria*, mas este não parece ser a fonte, tão afastadas estão as redacções, sendo de notar que uma parte do último está já no capítulo CXXVI da crónica.

Caso ligeiramente diferente é o do capítulo CXLVI da 1.ª parte da *Crónica de D. João I*, em que aparecem tópicos comuns ao capítulo XXXIV da *Estoria*, a par de sensíveis divergências de redacção.

O episódio da oração do Condestável em plena batalha de Valverde, que ocupa dezasseis linhas do capítulo LIV da *Estoria* (132.3-20), deve ter proporcionado a Fernão Lopes razoável número de fontes, permitindo-lhe narrá-lo com bastante desenvolvimento nos capítulos LVII e LVIII da 2.ª parte da *Crónica de D. João I*. Mas entre essas fontes estava a *Estoria*. É um exemplo que merece ocupar-nos algum espaço:

Estoria

...feze·os logo todos levantar e correger em sua batalha como aviam de estar, e elle se pos em giolhos antre hũas pedras a rezar e a louvar a Deos, como era seu custume. E, estando asy rezando, porque as pedras e as setas eram muytas que vinham da parte dos castellaãos, toda a gente sua lhe braadava que fezesse andar por diante sua bandeira e nom os leixasse asy morrer. E ainda da reguarda veeo a elle Gonçall·Eanes d·Abreu, que em ella hya, com o priol do Sprital a

Crónica

E andando-os esforçando dhuma parte aa outra com suas boas razoões, foy achado menos e nom pareçeo antrelles...

Mas quem podera per este passo lee(r), que sse nam espante de tal apartamento? Como nom fara deteença sobre esta estorja o ssyso de todo homem razoado? Qual foy o principe nos tenpos passados de que sse conte ssemelhante obra, ou o capitam de que tal cousa jaça scripto? Leixar o negocyo da batalha na força de seu

lhe pidyr por mercee que fezesse andar a bandeyra, que a gente nom podia mays sofrer. A todas estas cousas o conde estabre nom respondya nem fazia nenhũa mudança, ante mostrava o mayor asessego do mundo e sem nenhũu cuydado, e todavia entento em rezar e louvar a Deos. E, tanto que acabou de rezar, logo riigamente se alevantou donde estava em giolhos, com geesto muy ledo, e mandou logo a Diego Gill, seu alferez, que andasse com a bandeyra, e aas gentes d·abengarda que andassem rriigamente (132.3-20).

moor trabalho, e apartar-sse dos sseus a orar, ssem lhe ante dizendo nenhuma cousa! Ajnda sse lhe dissera primero: *Soffre-uos huum pouco, ca quero hir a orar*, cobrarom fouteza em seus coraçoões e grande esforço pera pelleiarem; mas seendo assy achado menos, e nom ssabendo todos que fazer, eram en tanto seruydos aauondo de lanças e dardos e muytos viratoões, de guysa que auya hy feridas assaz, e mortos alguuns, em-na aaz onde estauom. E nom ousando aballar por deante, sem mandado de sseu capitam, disserom que o buscassem apressa perante essa gente, que lhes vehesse mandar que faryam; nom morressem estando ally quedos. Estonçe huum de cauallo, que chamauom Ruy Gonçaluez, se trabalhou de ssaber del parte. E andando-o buscando trygoso, foy-(o) achar fora da hoste logo açerca, antre dous penedos pera esto aazados, com os geolhos postos em terra, e as mãos e os olhos alçados ao çeo, e seu page de mulla açerca com a llança e barruell que tragya. E quando-(o) assy vyo tam fora de cuydado do medo e trabalho em que eles estauom, ficou espantado, e nom soube que fazer. E duuydando sse lhe fallarya, cobrou coraçom, e chegou-sse a ell. E em poucas e breues razoões lhe disse o dano que neeles faziam. E el

muyto quedo reuolueo o rrostro, e manssamente respomdeo e disse: *Ruy Gonçaluez, amygo, ajnda nom he tempo. Aguarday huum pouco e acabarey dorar.* E el afastou-se afora, e esteue quedo.

E per esta guysa veo a el Gonçalleannes de Castell da Vide, aquel boom caualleyro que ja nomeamos, pedindo-lhe por mercee que leixasse o rrezar por estonçe, e fezesse andar a bandeira, porque das gentes eram mall feridas e mortas, e nom podiam aquello mais soffrer. E el a esto nom respondeo nada, nem fez por seu dito nenhuma mudança, mas estaua que(do) em grande assessego, como sse esteuesse fallando com Deus, e per armas de oraçom ouuesse de vencer.

Pois quem sse nom espantara de tal rezar, e da reposta que deu ao sseu escudeiro, dizendo: *Amygo, ajnda nom he tempo!* Cousa diuynal pareçe. Que apartamento foy aquelle tam estranho seer çercado de sseus tam mortaaes emmygos, e nom come guyador de ssua hoste, mas come simplez jrmytam fora de todo negoçio, leixar suas gentes na pressa em que eram, e partyr-sse pera hir rezar! E sse a oraçom, ssequer feita sem empacho de nenhum cuidado (he) coussa (de louuor), que uos ssemelha deste notauel barom hu tijnha tal ora sseu penssamento? Onde era estonce

o sseu spiritu? Era com Deus, armado de virtudes, a que oraua que lhe desse vitorja, como e per que guysa nos he jncerto: o Senhor Deus he dello sabedor. E se alguem quyser dizer que assy orou Moyses, quando os judeus pellejarom com o pouo dAmallech, tal comparaçom nom he semelhante; ca Moises nom pellejou emtom nem auja de pelleja(r); mas pellejaua Josue, e Moises oraua a Deus que o ajudasse, e em quanto Moyses tijnha as maãos alçadas orando, vençia o poboo de Isrraell, e como lhe cansauom, que as amergya, logo vemcyam os emmygos. E o Conde nom era assy; ca el era aficado de muyto trabalho de pellejar, especialmente aquel dia, e em quanto el oraua matauom-lhe os sseus e feriam; e el por todo esso, pero que o ssoubesse, nom leixou a oraçom que começada tijnha.

Per que guysa se fez a batalha antre o Conde e os castellaãos, e foy morto o Mestre de Samtyago.
CAPITOLLO (LVIII)

Nom tardou muyto depois desto que o Conde acabou sua deuota oraçom; e alçou-se ryjo com gesto allegre, auendo gram fouteza em Deus, e com ardi(do) e ledo sembrante se ueo hu estauom os sseos, que de sua vista cobrarom grande esforço. E el chamou logo o

seu boom e prouado alferez, dizendo desta gujsa: *Dyego Gyl, amygo, veedes vos aquellas bandeiras que estam no comaro daquel monte, e huma mais alta, que penso que he do Mestre de Santyago.* — *Senhor,* disse elle, *vejo.* — *Pois andaae logo com essa mjnha, e hij-a poer junto com a ssua.* — *Muyto me praz, senhor,* disse el. E o Conde os oolhou todos com madura e fouta contenença, e disse contra elles: *Hora, amygos, auante todo homem, huum a quatro!*

Entom adereçarom todos em batalha per aquella ladeira ... (p. 140-142).

Lembremos, finalmente, que a matéria do capítulo LXVIII da *Estoria* está repartida por vários capítulos da 2.ª parte da *Crónica de D. João I* (p. 163-167), traduzindo-se as relações em diversos afloramentos avulsos, no meio de uma redacção muito distanciada. Mas há muitos outros casos semelhantes, de que António Machado de Faria dá conta nas p. LXXVI-LXXVII da sua introdução.

Vejamos agora algumas passagens em que Fernão Lopes seguiu de perto a *Estoria*:

Acabado o trintairo, estando o prioll dom Pedr·Alvrez, que aaquello viera, em Lixboõa, hum dia o foy veer Nun·Alvrez, seu irmaão, à pousada. E, depoys que lhe fallou e espaçou hũu pouco com os outros cavalleyros que hy estavam, apartou·se soo pollo paaço a cuydar que avia de seer do regno de Portugal, que assy ficava deserto, ... (39.16-21).

Feitas suas exequias e acabado todo, foi huũ dia NunAllvarez veer ho Prioll dom PedrAllvarez seu irmaão; e depois que lhe fallou, e espaçou huũ pouco com alguũs fidallgos que hi estavom, apartousse pello Paço soo, a cuidar que avia de seer do rregno que assi ficava dedeserto ... (*Cr. D. João I*, 1.ª parte, cap. IV, p. 8).

Dom Nuno Alvrez, aalem de seer a todos muy misurado de sua natureza, era·o muyto mays a seu padre, ca ho amava mais que a nenhũu de seus irmaãos e era·lhe muyto milhor mandado e mais obidiente. E, tanto que tal razom ouvio a seu padre, ficou como torvado hum pouco, à huũa polla vergonha que de seu padre avia, e à outra por lhe falar em casamento, porque era cousa de que elle trazia a vontade muyto afastada porque elle a este tempo era de ydade de dez e seis annos e meeo, como ja dito he, que era assaz de pequena ydade, e seu feito e cuydado nom era senom trazer·se bem elle e os seus, e cavalgar e hyr a monte e aa caça, nom entendendo em amor de nenhũa molher, nem soomente nom lhe chegava ao coraçom. E com esto avia gram sabor e usava muyto de ouvir e leer livros d·estorias, especialmente usava mais leer a estoria de Gallaaz, em que se continha a soma da Tavolla Redonda (8.4-19).

NunAllvarez aalem de seer a todos mesurado de sua natureza, era o muito mais a seu padre e muito mamdado e obediemte; e quando lhe taall razom ouvio dizer, ficou huũ pouco como torvado. A hũa por a vergonha que de seu padre avia, a outra por lhe fallar em feito de casamento, de que sua voomtade amdava muito afastada; ca elle em esta sazom era de pequena hidade, e todo seu cuidado nom era, salvo trazersse bem, ssi, e os seus; desi cavallgar a mõte e a caça, nom emtemdemdo em amor de nenhuũa molher, nem tam soomente lhe viinha per maginaçom; mas liia ameude per livros destorias, espeçiallmente da estoria de Gallaz que falla da Tavolla Redonda (*Ibid.*, cap. XXXIV, p. 60).

... chegou a Setuval ja tarde, com entençom de pousar e dormir na villa. E os da villa, porque ainda estavam defferentes, que nom tinham determinado a qual parte se teerriam, se à parte do mestre, se à parte da raynha e del·rey de Castella, nem sabiam como nem por quem Nun·Alvrez hya, nom o

Chegou Nuno Allvarez aquell dia a Setuvall com emteemçom de pousar e dormir na villa; e os moradores do logar, porque aimda estavom sem determinaçom de cuja parte teeriam, nom o quiserom rreçeber na villa, nem soomente comssentir que emtrasse demtro; e ell veendo suas emteem-

quiseram receber na villa nem tam soomente que entrasse dentro. E elle, veẽdo suas teençoões e seu acolhimento, tornou·se ao aravalde e hy se alojou com sua gente que levava (59.8-16).

çoões e seu nom boom acolhimento, tornousse a dormir ao arravalde, e hi sse alojou com as gemtes que levava. (*Ibid.*, cap. xc, p. 149).

E, como Nun·Alvrez foy em aquelle lugar, seendo ja çerto que os castellaãos vinham aa batalha, fez logo deçeer a pee terra todollos seus homẽes d·armas e, dessa pouca gente que tinha, concertou suas batalhas d·avenguarda e reguarda e allas dereyta e esquerda, e fez conçertar os beesteiros e homens de pee per as allas e per onde entendeo que milhor estariam pera bem pelejar (67.5-11).

Como Nuno Allvarez foi em aquel logar, seemdo ja certo que os Castellaãos vinham aa batalha, fez logo deçer pee terra todollos homeẽs darmas, e desa pouca gemte que tiinha, comçertou suas batalhas da vamguarda, e rreguarda, e allas dereita e ezquerda; e fez comçertar os beesteiros e homeẽs de pee pellas allas, omde emtemdeo que melhor estariam pera bem pellejar. (*Ibid.*, cap. xcv, p. 158).

Para não alongarmos excessivamente as transcrições, notaremos que o capítulo cxxxi da 1.ª parte da *Crónica de D. João I* (p. 270) narra o episódio das cortes de Braga de 1387 que se encontra no capítulo lviii da *Estoria*, com algumas variantes mas muito próximo nos pormenores, incluindo o provérbio «quem serve comũu nom serve nenhũu». Muito próximos na redacção se encontram também o capítulo cxlv da 1.ª parte da mesma crónica e o capítulo xxxiv da *Estoria*; os capítulos v, vi e vii da 2.ª parte da crónica e o capítulo xliii da *Estoria;* trechos do capítulo clxii, p. 340-341, e o capítulo lxvi da *Estoria*. O episódio do escudeiro que roubou um cálix de uma igreja é contado com muita semelhança por Fernão Lopes (*Crónica de D. João I*, 2.ª parte, cap. lxxiv, p. 172) e pelo autor anónimo (cap. lvi, 138.6-17), e o texto que vem a seguir tem também a mesma origem.

Vale a pena chamarmos a atenção para as variantes vocabulares que Fernão Lopes introduz sempre que o seu texto se aproxima do da *Estoria*, e que são patentes nos trechos que há pouco pusemos a par. Mas seria muito longa a lista se quiséssemos recolher exaustivamente variantes como *aguça/pressa* (*Estoria* e crónicas, respectivamente), *toste/aginha*, *notar/comtar*, *riigamente/a pressa*, *recado/novas*, *demorança/tardança*, *conçertando·se/corregemdosse*, *guarnida/ /corregida*, *homens de pe/pioões* etc.

É preciso interpretar o significado das variantes de Fernão Lopes: não se trata de correcções estilísticas que procurem um aperfeiçoamento da frase ou da sua inserção no contexto; não se trata tampouco de substituir uma palavra frouxa ou desagradável ao ouvido por outra mais sonora ou de sentido mais preciso — trata-se, sim, de substituições gratuitas de termos por sinónimos e outros termos de características equivalentes, quer sob o ponto de vista semântico, quer sob o ponto de vista formal.

Como se explica, então, o facto? A nosso ver, o que na realidade sucedeu é que Fernão Lopes se afastou *intencionalmente* da redacção que as suas fontes lhe forneciam, e que a sua reconhecida intuição literária recusava copiar literalmente, não por uma questão de horror ao plágio (noção que desconhecia), mas pela determinação de ser diferente — e até diferente para melhor, se possível. É esta subtil distinção que o leva umas vezes a substituir simplesmente uma palavra por outra, outras vezes a retocar o primitivismo das fontes para lhes imprimir mais leveza, mais harmonia ou maior diversidade de recursos. Tal como se impacientava com os «erros» e as «patranhas» dos autores que o precederam na narração dos mesmos acontecimentos, Fernão Lopes certamente desdenhava a sua inépcia literária e a sua maneira canhestra de redigir.

Mas os enormes recursos do cronista não o impediram de, em alguns passos escritos à vista da *Estoria*, e ao tentar

fugir da letra desta, acabar por deixar-nos uma versão que perdeu a vivacidade ou o imediatismo da acção, ou ainda o pormenor que dá realismo a uma cena. Exemplos como os que se seguem ajudam-nos a minorar um pouco a ideia de inferioridade literária que se abateu sobre a *Estoria* e a compreender o que no devido lugar dissemos a esse respeito:

E estando asy Nun·Alvrez em sua cillada falando com os seus a maneira que ouvessem de teer em topar nos da frota se fora sayssem, com grandes coraçoões e esforçados, nesto vem hum batell da frota ... (26.27-27.3).

Estando assi Nun'Allvarez fallando com os seus a maneira que ouvessem de teer em topar com os castellaãos, se sahissem fora, e elles virom viir hũu batell da frota ... (*Cron. de D. Fernando*, cap. CXXXVII, p. 482).

E, como ally chegarom, porque parte dos castelhanos da frota eram ja en·çima do baronco, Nun·Alvrez, como a elles chegou, se deceo logo à pressa do cavallo ... (27.10-12).

... e como alli chegarom, Nun'Allvarez se deceo do cavallo ... (*Ibid.*, cap. CXXXVII, p. 482).

E como se asy antre elles lançou, que fez da lança o primeiro encontro, quebrou sua lança e mete maão à espada (29.14-16).

E como sse assi lançou antre elles e fez da lança o primeiro encontro, perdida a lança, tornou aa espada ... (*Ibid.*, cap. CXXXVIII, p. 484).

E, vendo Nun·Alvrez como a reposta que no priol, seu irmão, achava era muito fria ao seu desejo, foy logo falar com Dieg·Alvrez, outrosy seu irmaão ... (42.30-41.2).

NunAllvarez veemdo que achava o Prior muito arredado de sua emteemçom, fallou com DiegAllvarez seu irmaão ... (*Cr. D. João I*, 1.ª parte, cap. XXXVI, p. 64).

E, hiindo per o dito cabeço, sobindo ja pella ladeyra do cabeço, ally veriades repartir pedradas e lançadas e seetadas que davam sem doo (131.12-14).

E sobimdo pella ladeira daquel monte, emuyauam-se sem doo dhuma parte aa outra muytas lamças e setas e assaz de pedradas ... (*Ibid.*, 2.ª parte, cap. LVII, p. 139).

... e da torre lhe foy lançado hũu canto, de que o Deos guardou que lhe nom deu em cheeo, senom vaasqueiro em hũa coxa, de que se elle nom siintyo bem ... (146.1-3).

E de çima lhe lançaram huum canto, de que o Deus quys goardar, na mulla em que hya, que lhe nam fez coussa que o toruasse de nam hyr por deante ... (*Ibid.*, cap. CXXXIII, p. 274).

... leixan·se a elle viir dez homens d·armas de castellaãos e castoões ... (146.10-11).

... vyeram dez gascõees com lanças compridas nas maãos ... (*Ibid.*, cap. CXXXIII, p. 274).

E o conde estabre hya em çima de hũu cavallo ruço, grande, queymado ... (182.6-7).

O Comde, ao dia que se avyam de ver, caualgou em hum gramde e fermoso cauallo ... (*Ibid.*, cap. CLXXVIII, p. 386).

O episódio ocorrido em Elvas em 14 de Maio de 1383, durante o banquete oferecido ao rei D. João I de Castela, constitui um exemplo acabado de como Fernão Lopes sabia introduzir, relativamente à fonte, aperfeiçoamentos de redacção, ao mesmo tempo que a sua intenção de distanciamento o fazia perder clareza e lógica na descrição dos acontecimentos. Recordemos que o episódio vem narrado no capítulo XIV da *Estoria* (37.5-24): Nun'Álvares e seu irmão Fernão Pereira, fazendo cerimónia, não se apressaram a sentar-se à mesa em que tinham lugar reservado, e em breve os lugares estavam todos ocupados. Diz então o biógrafo anónimo: «E elles, quando esto viirom, e virom o tronco da mesa todo cheo que nom tinham honde se assentar ...». Esta frase passou, em Fernão Lopes, para: «... Nun'Allvarez, veendo a mesa chea e que nom tiinham honde se asseentar ...» (*Cr. D. Fernando*, cap. CLXVI, p. 571). Parece-nos que a *Estoria* dá melhor ideia do que aconteceu: o que se encheu não foi a mesa, mas o tronco, isto é, o assento corrido ao longo da mesa. Mais significativo ainda nos parece o passo que constitui o

clímax deste episódio, descrito na *Estoria* por estas palavras: «E [Nun'Álvares] chegou·se logo aa mesa, a hũu cabo della, e, em presença del·rey e de sua vista, alçou a mesa e, com a perna, tirou o pee da mesa e cayo a mesa em chaão ...». Em Fernão Lopes lê-se: «Estomçe passeamdo mui mansso, chegousse ao cabo da mesa, veemdoo elRei dhu siia asseemtado, e com os geolhos derribou o pee da mesa, e deu com ella em terra». Pode-se notar aqui alguma melhoria de redacção, mas a descrição do ousado acto de Nun'Álvares perdeu clareza e lógica: com efeito é mais claro e lógico visualizar o jovem escudeiro a afastar o pé da mesa com uma perna enquanto soerguia o tampo com as mãos, do que imaginar como é que ele teria podido fazer isso com *os* dois joelhos.

E se nem sempre está em causa uma perda de lógica da narrativa, também nem sempre as alterações da redacção contribuem para a melhorar. Há numerosos casos que seria ocioso invocar.

Entretanto Fernão Lopes ganha relevo inegavelmente com a riqueza e abundância das fontes de que dispôs, e às quais soube juntar o valor intrínseco da sua prosa. Isto sucede com muita frequência em todas as crónicas, mas tem, naturalmente, maior incidência na de D. João I. Referiremos aqui apenas dois casos como exemplos: o episódio do sonho do soldado, que pode ler-se na *Estoria* (88.26-89.5) e é mais desenvolvido no capítulo CLII da 1.ª parte da referida crónica (p. 282); e a recepção da cidade de Coimbra ao mestre de Avis quando ali foi reunir cortes em Março de 1385 (98.17-24), narrada com mais pormenores no capítulo CLXXXI (p. 342).

Para os grandes acontecimentos militares teve Fernão Lopes à mão abundante material, que seria discordante nos pormenores e concordante nos factos mais significativos ou que mais impressionaram os participantes. Assim sucede relativamente à batalha dos Atoleiros, que denuncia mais

rica informação em Fernão Lopes, cujo capítulo XCIII da 1.ª parte da *Crónica de D. João I* apresenta alguns pontos de contacto atribuíveis à contribuição da *Estoria* (cap. XXVIII), mas se afasta dela na sua maior parte, embora ambos os textos tenham apostado numa descrição muito breve da batalha.

Também os capítulos da crónica que se centram em torno da batalha de Aljubarrota diferem quase totalmente do capítulo LI da *Estoria*, denotando uma compreensível acumulação de fontes que, pela sua relativa disparidade na condução da narrativa e nos pormenores, levaram certamente Fernão Lopes a elaborar uma redacção de síntese. Apenas alguns afloramentos, detectáveis aqui e além (por exemplo os correspondentes a 118.6-19, 119.20-120.4, 120.20-26 desta edição) nos permitem admitir que a *Estoria* foi uma das fontes presentes.

Foi também esta obra que, segundo algumas probabilidades, forneceu a Fernão Lopes o texto das duas cartas do Condestável transcritas nos capítulos LXVIII e LXIX (já referidas em 6.2), que passaram para os capítulos CLXIII e CLXXIII da 2.ª parte da *Crónica de D. João I*, com uma fidelidade que raras vezes vemos nos aproveitamentos textuais: com efeito, só apresentam ligeiras variantes de grafia, facilmente devidas às vicissitudes que os textos sofreram através de várias cópias. É certamente ao mesmo motivo que fica a dever-se uma pequena divergência na data da primeira carta: 17 de Junho na *Estoria*, 16 de Junho na crónica. Em ambas falta o ano, o que confirma as razões que atrás demos para esse facto, e que certamente são comuns a outras cartas que aparecem nas crónicas de Fernão Lopes sem indicação do ano.

Numa perspectiva estritamente literária (e sem incluir qualquer referência aos casos de diversificação vocabular invocados pelo Prof. Hernâni Cidade) notaremos, como

exemplos, dois casos de tratamento diferenciado da relação discurso directo/discurso indirecto:

E Gonçallo Vaasquez, como as ouvio, nom pôde seer tam ledo que nom respondesse como homem que lhe pesava, dizendo logo, que todos ou a mayor parte dos que hy hyam o ouviram bem, que bem sabia elle que em maa ora ally vierom e que ante o elle dissera. E preguntando a Nun·Alvrez, altas vozes, se era verdade o que dizia ... (18.13-19).

... e Gonçallo Vaasquez, como as assi ouvio, nom pôde tam ledo seer que nom dissesse estas palavras, as quaaes a moor parte dos que eram presentes ouvirom: «Bem sabia eu que muito eramaa ca vehemos, pero amte lho eu dixe». E preguntou a Nun'Allvarez se era verdade o que dizia ...» (*Crónica de D. Fernando*, cap. cxx, p. 431).

E, tanto que el·rey vyo a Nun·Alvrez, fez·lhe pergunta como estava sua obra que avia começada com Joham d·Ançores, filho do mestre de Santiago de Castella, e Nun·Alvrez lhe respondeo que a sua merçee o sabia tam bem e milhor que elle. E entom lhe fallou el·rey ... (22.15-20).

... e tanto que el-rrei vio Nun'Alvarez, preguntou-lhe cocomo estava sua obra que avia começada com Joham d'Azores, filho do meestre de Santiago de Castella: «Senhor, disse Nun'Allvarez, a vossa mercee o sabe tam bem e melhor que eu». Entom fallou el-rrei ... (*Crónica de D. Fernando*, cap. cxxiii, p. 437).

Ainda na mesma linha, verificamos que um dos recursos estilísticos do autor da *Estoria* — a frase exclamativa — não passou para Fernão Lopes, apesar de nesses passos este estar a seguir aquele. Assim, as expressões desse tipo que aparecem em 32.7-9, 66.17-18, 68.1-3 e 98.12 não têm correspondência nos passos homólogos das crónicas. A primeira coincide com a transição do capítulo xciv para xcv da 1.ª parte da *Crónica de D. João I* e não deixou vestígios.

Omitida foi também a sentença final do episódio da caldeira roubada, que ocorre em 161.2-4, apesar de Fernão

Lopes narrar o episódio, com base na *Estoria*, no capítulo CLXII da mesma crónica (2.ª parte, p. 341).

Parecem ter sido mais gratos à pena do cronista os apontamentos de ligeira ironia que referimos em 6.3 e que ele aproveitou sem alterações.

Se quisessemos fazer agora uma análise exaustiva dos trechos da *Estoria* em que Fernão Lopes intercalou um novo episódio ou até um pequeno desenvolvimento que não se encontra naquela, a extensão das transcrições seria longa e fastidiosa. Vamos dar só um exemplo:

E o mestre, seẽdo dello ledo, mandou logo chamar Nun· Alvrez e agardeceo·lhe muyto o que com Ruy Pereyra fallara e encomendo·lhe que logo da sua parte se traballiasse ... (40.15-18).

O Meestre seemdo dello ledo, mamdou logo chamar Nun Allvarez gradeçemdolhe muito o que com Rui Pereira fallara; pero que disse o Meestre comtra Rui Pereira. A mim pareçe que nom ouço ja agora murmurar as gemtes tamto nos feitos da Rainha, nem fallar em esto como sohiam. Oo Senhor! disse Rui Pereira, vos nom sabees como isto he? Quando eu amdava por casar com minha molher, todos fallavom como eu queria casar com Viollamte Lopez; e depois que fomos casados, nunca nemguem fallou em nosso casamento. E estes, Senhor, taaes som; husarom tamto de sua maldade, e per tamto tempo, que os ham ja todos por casados; e por isso nom fallam ja em elles como da primeira.
O Meestre começou de rriir desto, e emcomemdou a Nun Allvarez que logo se trabalhasse ... (*Cr. D. João I*, 1.ª parte, cap. IV, p. 9).

Em contrapartida há também, como vimos (p. CLIII), casos em que, estando a seguir de perto a *Estoria*, Fernão Lopes omite episódios ou pormenores que nela se encontram. Serve de exemplo o caso do cutelo solto no cinto do Condestável quando este se preparava para as negociações de tréguas em 1399, que se lê na *Estoria* (183.7-17) e que não aparece no capítulo CLXXVIII da 2.ª parte da *Crónica de D. João I*. Outro exemplo será o episódio contado na *Estoria*, 56.7-57.7, sem correspondência no capítulo da 1.ª parte da mesma crónica.

Depois dos elementos que alinhámos (e que pretendem ser apenas isso mesmo: exemplos) parece-nos possível enunciar um bloco de conclusões que não serão definitivas no plano dos estudos sobre Fernão Lopes, mas que possivelmente serão válidas no plano das relações entre os textos do cronista e a *Estoria* do Condestável. Vamos vê-las:

1.ª Para elaborar as suas crónicas, Fernão Lopes muniu-se abundantemente com documentos oficiais e particulares, e com textos narrativos de extensão, qualidade e origem muito heterogéneas. Esta asserção está suficientemente comprovada por quase todos os estudiosos que se ocuparam da obra do cronista, e não temos de abordá-la aqui, mas tomamo-la como base das conclusões que se seguem.

2.ª De entre os textos narrativos, torna-se por demais evidente o recurso a numerosos textos avulsos ou parcelares, designados genericamente como «estórias», que constituíam um género historiográfico menor, mas extremamente rico de conteúdo, quase na totalidade haurido no testemunho presencial dos acontecimentos. A mais simples e despreocupada leitura das crónicas (especialmente a de D. João I) faz ressaltar dezenas de referências às «estórias» compulsadas ou aos seus autores. É legítimo perguntarmo-nos como teria Fernão Lopes levado a cabo o seu trabalho se para ele dispusesse apenas dos pouco loquazes documentos de arquivo.

3.ª As «estórias» coligidas completavam-se, felizmente, entre si, mas também muitas vezes se sobrepunham, dando em certos casos versões diferentes ou contraditórias de um mesmo acontecimento. Perante as disparidades, o cronista teve de proceder à exposição sucessiva de várias versões e estabelecer critérios de preferência pela versão que deveria consagrar como autêntica, o que conduzia à refutação das restantes. A metodologia da selecção das fontes é conhecida, e vai desde a preferência pessoal do cronista até à adopção da versão maioritária, passando pela mais consentânea com o nacionalismo do cronista ou pela lógica dos acontecimentos descritos. Pode-se dizer com propriedade que as «estórias» pagaram por vezes um preço elevado pela conquista de um lugar nas crónicas de Fernão Lopes: foram desdenhadas, desmentidas, censuradas e até silenciadas pela autoridade absoluta do cronista. O processo de exposição e refutação foi totalmente integrado nos textos das crónicas, pelo que podemos aperceber-nos hoje da forma como foi levado a cabo.

4.ª A concatenação das fontes que se completavam entre si exigiu a Fernão Lopes um esforço de gestão dos elementos disponíveis no sentido de lhes conferir a lógica de uma sequência integrada correcta — ou pelo menos tão correcta quanto esses mesmos elementos permitiam. Isso conduzia, em termos genéricos, ao aproveitamento alternado ou sequencial de várias fontes, que seriam retomadas nos pontos em que o seu conteúdo se inserisse no plano da narrativa.

5.ª À medida que realizava, passo a passo, essa gestão dos elementos, Fernão Lopes tinha oportunidade de, ao mesmo tempo que seguia de perto as fontes, imprimir à redacção resultante as características do seu estilo pessoal, introduzindo aperfeiçoamentos relativamente aos textos em que se baseava. É um facto comprovado definitivamente desde os trabalhos do Prof. Hernâni Cidade.

6.ª Independentemente de qualquer objectivo de aperfeiçoamento estilístico, Fernão Lopes procurou permanentemente afastar-se da redacção das fontes, por meio de variação vocabular (sinónimos e quase-sinónimos) e pela modificação do emprego dos discursos directo e indirecto, ou da combinação de ambos.

7.ª Entre as «estórias» que Fernão Lopes conseguiu reunir para se documentar, figurava uma biografia particularmente desenvolvida de Nun'Álvares que pretendia ser global no tratamento do tema, mas que na realidade não era exaustiva, apesar de ter recorrido a outras «estórias» parcelares. Tratava-se do texto que mais tarde Germão Galharde imprimiria com o título de *Coronica do condestabre*.

8.ª Fernão Lopes agiu em relação a essa «estória» exactamente como em relação às outras que utilizou:

— aproveitou basicamente a sua redacção sempre que (e apenas quando) lhe pareceu conveniente ao plano de desenvolvimento das crónicas;

— omitiu os episódios que, no mesmo plano, considerou inconvenientes, inúteis ou de baixo valor relativo no contexto;

— preferiu-lhe, em certos casos, outras fontes que considerou de conteúdo mais adequado a determinados critérios;

— preferiu-a, noutros casos, a outras fontes pelos mesmos motivos;

— introduziu nas transcrições modificações de redacção tendentes a um aperfeiçoamento literário e a um distanciamento formal intencional (ao contrário do que afirmou Esteves Pereira, Fernão Lopes não se limita a completar e rectificar o texto da *Estoria*: reescreve-o por outras palavras).

Conjugando as conclusões atrás enunciadas com o cotejo de textos feito anteriormente, pode-se concluir mais o seguinte:

— Fernão Lopes não transpôs maciçamente a *Estoria* para as suas crónicas;

— Fernão Lopes (seja qual for o conceito de plágio) não copiou «ipsis verbis» nenhum trecho da *Estoria* e muito menos capítulos inteiros, verificando-se mesmo que não há correspondência entre os limites dos capítulos de umas e outra;

— Fernão Lopes não assumiu para com a *Estoria* nenhuma atitude excepcional de agressividade.

Mas não nos deixemos iludir pela clareza esquemática destas conclusões: a projecção das fontes (com as suas vertentes de conteúdo e forma) na *Estoria* e nas crónicas de Fernão Lopes é um processo complexo, que não se esgota nos parâmetros deste trabalho. A carência de elementos para o dilucidar totalmente requer um aprofundado estudo dos elementos disponíveis e a abertura a questões de âmbito mais genérico do que aquelas que abordámos. Como explicar, por exemplo, que todas as numerosas fontes narrativas utilizadas por Fernão Lopes tenham desaparecido, à excepção da *Estoria* do Condestável? Que responsabilidade terá o cronista no desaparecimento dos textos que conseguiu recolher e cuja utilização, aliás, não esconde ao leitor? Em que medida os processos heurísticos e hermenêuticos de Fernão Lopes se inserem na tradição da historiografia medieval portuguesa? Quanto deve realmente Fernão Lopes à prosa dos anónimos e ignotos autores das «estórias» que tanto contribuiram para enriquecer as suas crónicas?

8. A EDIÇÃO CRÍTICA

8.1. O texto-base

O facto de assumirmos que esta é uma edição crítica exige uma descrição circunstanciada do tratamento a que o texto foi submetido, a começar pela própria definição do texto que está na base da edição.

Já vimos que, no ponto actual dos nossos conhecimentos, não existe ou não foi ainda encontrado um manuscrito coevo da produção da obra, que decida toda a controvérsia que em torno desta se tem gerado. Perante esta circunstância, a escolha de um texto-base para uma edição crítica fica bastante limitada, circunscrevendo-se, no fundo, a um só: o da edição impressa mais antiga, isto é, a de 1526, levada a cabo por Germão Galharde. É este texto que no aparato crítico designaremos por *A*. Não é propriamente um bom texto: tem, naturalmente, como qualquer composição tipográfica, as suas gralhas (aliás quase sempre de fácil identificação e correcção), e apresenta também critérios flutuantes no tratamento dos grupos vocálicos nasalados, ou não, e uma indesejável coexistência de formas arcaicas com formas modernas, o que é suficiente para pormos desde logo em causa o rigor da transcrição na passagem do manuscrito para o texto impresso. Mas este é o único de que dispomos, e somos, por isso, constrangidos a elegê-lo como texto-base.

Distinguiremos, no entanto, *texto-base* de *texto possível*, entendendo este como o resultado da adopção daquele, combinada com os contributos preferenciais veiculados pela segunda edição, saída da casa do mesmo impressor em 1554, e designada no aparato crítico por *B*. Isto significa que, em todos os casos de necessidade de uma intervenção correctiva, foi analisada a eventual divergência apresentada por *B*, e adoptada esta de preferência a qualquer outra que julgássemos dever introduzir. Não se executou, porém, qualquer alteração sugerida por *B* sem uma avaliação crítica da sua pertinência e adequação à pretendida restituição do texto. Trata-se de um processo de tratamento caso a caso, à margem das regras gerais pré-estabelecidas, pelo que dele se dá conta minuciosamente nas notas de rodapé.

Vejamos agora quais são essas regras gerais, que em pouco diferem das adoptadas modernamente em circunstâncias idênticas.

8.2. Estabelecimento do texto crítico

Ao tratarmos da metodologia aplicada no estabelecimento do texto crítico não poderíamos encontrar melhor síntese para as directrizes do nosso trabalho do que aquela densa frase que Carolina Michaëlis de Vasconcelos escreveu em 1904 na p. XII do primeiro volume da sua edição do *Cancioneiro da Ajuda*: «As modificações ortográficas a que submeti o texto tendem a auxiliar a compreensão sem todavia desfigurarem o seu carácter arcaico». Foi nesta linha que mantivemos, até à fronteira duma rigorosa intervenção crítica, a grafia do original, com todas as suas variantes e irregularidades, próprias da época do desconhecido original e acrescidas, visivelmente, de outras introduzidas ao longo da composição tipográfica.

8.2.1. *Critério de transcrição*

8.2.1.1. Desdobrámos as abreviaturas, procurando, sempre que possível, fazê-lo de acordo com as formas integrais correspondentes que aparecem noutros lugares do texto impresso e que, de facto, cobrem a quase totalidade dos casos. O sinal de abreviatura empregado mais frequentemente é o vulgar til, que aparece como sucedâneo de uma variedade de sinais sobrepostos a letras ou grupos de letras nos manuscritos, com significados muito variados. O uso do til como sinal de nasalação é um caso específico que trataremos adiante.

Eis alguns exemplos de desdobramento de abreviaturas:

q̃es > quaes	*spŭ > Spiritu*
Sctã > Sancta	*outr⁹ > outros*
xp̃us > Christus	*arcebp̃o > arcebispo*

8.2.1.2. Caso especial de abreviatura é a epígrafe «Capítulo», que figura quase sempre truncada a partir da

segunda ou da terceira sílaba, sem sinal de abreviatura. Por uma questão de uniformização gráfica apresentamo-la sempre completa, de acordo com as formas integrais que aparecem em alguns capítulos (*capitolo*, *capitulo*, *capitollo*), determinando cada uma destas formas a que foi adoptada para as epígrafes que se lhe seguem, até que outra forma integral apareça.

8.2.1.3. Separámos palavras cuja junção era errónea e, inversamente, juntámos elementos de uma mesma palavra que a composição tipográfica apresenta claramente separados:

afazer > a fazer
ofoy > o foy
porq̄ > por que
ama do > amado

Se a junção ou separação, no original, correspondia ao critério actual, foram conservadas:

ja mais (= já mais)
jamays (= jamais)

8.2.1.4. Usámos, como em edições anteriores da nossa responsabilidade, o chamado ponto alto para separar: pronomes proclíticos, mesoclíticos e enclíticos; a preposição *de* quando elidida diante duma forma verbal, dum substantivo, dum adjectivo ou dum advérbio; e ainda palavras aglutinadas. O uso do ponto alto substitui o hífen e o apóstrofo, que não existiam seguramente na época do manuscrito nem ainda na época da edição «princeps», permitindo eliminar ambiguidades de leitura sem quebrar a unidade das partículas com a palavra de suporte.

Exemplos dos frequentes casos de aplicação do ponto alto:

enexoulhe > enexou·lhe
fezeromno > fezerom·no
darlhya > dar·lh·ya
dabrantes > d·Abrantes
em boora > em bo·ora

Mantiveram-se, no entanto, ligadas as proclíticas nos casos em que hoje a ligação é correntemente praticada:

dalgũus
daqui
do, da
dhy (= daí)

8.2.1.5. Fizemos a conversão de *u* em *v*, *i* em *j* e vice-versa, conforme o valor dos símbolos era respectivamente consonântico ou vocálico:

aleuantada > alevantada
preçaua > preçava
vuas > uvas
jrmão > irmão
hijr > hiir

8.2.1.6. Nos casos em que o texto apresenta *u* com valor de *n*, ou vice-versa, com origem, certamente, na semelhança que os dois caracteres têm no tipo gótico, foi dada a interpretação correcta, sem qualquer referência em nota:

graude > grande
doua > dona
sen > seu
tornarõ > torvarom

8.2.1.7. Introduzimos maiúsculas nos nomes de pessoas, de lugares e de instituições, nos nomes de datas consagradas e ainda, obviamente, em início de período e de discurso directo:

gonçalves > Gonçalvez
castella > Castella
pinthecoste > Pinthecoste
espritall > Espritall

8.2.1.8. Paralelamente passaram a minúsculas as maiúsculas sem justificação ou que, pelo nosso sistema de pontuação, não se mantiveram como início de período:

delRey > del·rey
della. Antre > della, antre

8.2.1.9. O sinal ₇ foi sempre transcrito como *e* (copulativa).

8.2.1.10. O *s* duplo sem função de sibilante surda foi reduzido a simples, sem qualquer referência pontual, dada a sua grande frequência:

prassmado > prasmado — *missurado > misurado*
vergonhosso > vergonhoso — *sisso > siso*

8.2.1.11. O *r* duplo em posição fraca foi reduzido a simples:

derreyto > dereyto

8.2.1.12. Mantiveram-se casos correspondentes a particularidades próprias da grafia da época do original manuscrito, sem incidência sobre a clareza da interpretação: foi mantido o *s* intervocálico simples com valor de sibilante surda, assim como o *r* intervocálico simples por duplo; manteve-se também *ç* em qualquer posição, mesmo antes de *e* e *i* (a cedilha foi, no entanto, suprimida em casos de aplicação decididamente errónea); coerentemente respeitou-se o uso de *g* com valor sonoro antes de *a* e *o*. Exemplos dos vários casos:

disera (= dissera) — *alogar (= alojar)*
asy (= assim) — *çerta (= certa)*
Baroso (= Barroso) — *riigo (= rijo)*

8.2.1.13. Não se alterou a variância entre *lhe* e *lhes* referidos a um complemento no plural:

... e os recebeo ... dando·lhe...

8.2.1.14. Manteve-se o *s* palatal inicial sem vogal de apoio:

scudeyro — *spantados*
starem — *specialmente*

8.2.1.15. Foi mantida a particularidade gráfica de integração do pronome pessoal *o* na forma verbal que o precede, quando a terminação desta tem a mesma vogal:

reduzindo (= *reduzindo-o*)
louvando (= *louvando-o*)
reprhendendo (= *repreendendo-o*)

8.2.1.16. Procedeu-se de igual modo nos casos, significativamente numerosos, em que a preposição ou o artigo *a* foram graficamente absorvidos quando diante de uma palavra iniciada por *a*:

augua (= *a água*)
Almadãa (= *a Almada*)
aboveda (= *a abóbada*)
Abrantes (= *a Abrantes*)
alla (= *a alla*)

Esta particularidade tem, no entanto, algumas excepções: *a Arronches; a Avis.*

8.2.2. *Correcções*

8.2.2.1. Na introdução de correcções foram tidas em conta algumas (raras) correcções manuscritas apostas em entrelinhas na edição de 1526 e as que vieram a ser feitas na edição de 1554. Nenhuma delas, porém, foi adoptada sem exame crítico, bem justificado pelo facto de algumas dessas variantes serem inadequadas, quer porque constituem adulterações de formas mais arcaicas, quer por revelarem incompreensão de algumas expressões. Todos estes casos estão referidos em nota.

8.2.2.2. Introduzimos, entretanto, outras correcções que considerámos indispensáveis para que o texto se apresentasse nesta edição expurgado de erros. Mas asseguramos que as intervenções foram reduzidas ao indispensável, não tendo sido utilizadas para instalar uma artificial uniformi-

dade ortográfica. É evidente que, em matéria de correcções, incluimos os erros claramente caracterizados como vulgares gralhas tipográficas ou devidos a defeituosa interpretação do original manuscrito, ou até a erro deste — o que, em alguns casos, nos é hoje impossível distinguir com algum rigor. O registo de todos os casos em nota permitirá ao leitor ficar a conhecer o que realmente está no texto-base.

8.2.2.3. Introduziram-se as palavras, grupos de letras ou letras isoladas que notoriamente estavam em falta, e procedeu-se à ordenação correcta de letras que se apresentavam numa ordem de qualquer modo alterada. Esta medida foi aplicada também a casos de omissão de sinal de abreviatura ou de nasalação.

8.2.2.4. Paralelamente retiraram-se as palavras indevidamente repetidas, assim como as letras indesejáveis para uma leitura correcta, dentro dos parâmetros de respeito pelas irregularidades de grafia a que já nos referimos. Está neste último caso a supressão do *h* inicial no artigo definido feminino e na preposição *a*, aliás casos excepcionais no texto-base.

8.2.2.5. Entre as rectificações introduzidas contam-se as que sofreram algumas palavras que poderíamos identificar como castelhanismos, a que já nos referimos na secção 6.4 da introdução. Estas formas foram transferidas para as portuguesas correspondentes, que em todos os casos, e em número convincente, eram abonadas por outras passagens do texto. As notas dão conta de todos os casos.

8.2.3. *Acentuação*

8.2.3.1. Foram aplicados acentos agudos, graves e circunflexos nos casos em que seria necessário distinguir pala-

vras que no original eram homógrafas, para eliminar qualquer ambiguidade de leitura:

vos (= vós) > vós
a > à ou á (= há)
de (= dê) > dê

8.2.3.2. Os acentos foram especialmente utilizados também para distinguir tempos verbais diferentes que se apresentavam homógrafos ou susceptíveis de se confundirem entre si na leitura corrente:

mandarão (pretérito) > mandárão
achárees (mais q. perf.) > achárees
recebello > recebê·llo
pode (pretérito) > pôde

8.2.3.3. Em contrapartida, não foi aplicado qualquer acento a palavras que, pela sua univocidade, não estavam sujeitas a qualquer dúvida de interpretação:

ja (= já)
merçee (= mercê)
tres (= três)
aca (= acá)
arnes (= arnês)
fe (= fé) [1]
empos (= empós)

8.2.3.4. Mesmo nos casos em que a homografia poderia induzir em erro, deixámos ao contexto um papel clarificador do sentido:

alla (= ala) e *alla (= lá)*
sayo (= saio) e *sayo (= saiu)*
porem (verbo) e *porem (conjunção)*

Neste último caso a pontuação contribui para a distinção, aparecendo a conjunção entre vírgulas.

---

[1] Repare-se no que diz Carolina Michaëlis a propósito desta mesma palavra, na sua edição do *Cancioneiro da Ajuda*, vol. I, p. XXV: «Em *fé* o acento é, na verdade, desnecessário».

8.2.3.5. Vogal com til (indicativo de nasalação) foi desdobrada em vogal + n ou vogal + m, tanto quanto possível abonadas por formas integrais apresentadas pelo próprio texto:

ãnos > *annos*	*tãbem* > *tambem*
chegãdo > *chegando*	*fazerẽ* > *fazerem*

8.2.3.6. A aplicação de sinal diacrítico às vogais duplas nasaladas foi condicionada pela impossibilidade material de sobreposição de til centrado. Assim, o til foi sobreposto à primeira ou à segunda vogal conforme os antecedentes etimológicos o sugeriam *(hũu, huũa, homẽes, castellaãos, bõos, ...)*, embora reconhecendo-se que nem todas as vogais duplas tinham conotação com a etimologia das palavras, como transparece dos próprios exemplos acima.

8.2.3.7. No entanto, o til usado sem valor diacrítico, e que aparece em numerosos casos [1], foi retirado, anotando-se em rodapé a intervenção:

bracaães > *braçaaes*	*queiraães* > *queiraaes*
maão > *maao (= mau)*	*naão* > *naao (= nau)*

8.2.4. *Pontuação*

8.2.4.1. Afastámo-nos, necessariamente, da rudimentar pontuação do texto impresso, limitada ao ponto e dois pontos, usados frequente e inadequadamente ao longo de todo o texto, e adoptámos a pontuação que considerámos necessária à correcta leitura e à apreensão do sentido das

---

[1] Como se sabe, sinais diversos sobrepostos a letras ou grupos de letras eram utilizados nos manuscritos de forma arbitrária. Muitos casos de til que a primeira edição da *Coronica* apresenta devem ter origem em sinais desse tipo que estariam no manuscrito.

frases, nem sempre fáceis sem um apoio explícito. Os casos em que, no nosso texto, a pontuação corresponde à da 1.ª edição de Germão Galharde ficam muito longe de um sistema de pontuação satisfatório. Neste aspecto, a 2.ª edição aproxima-se bastante mais dos nossos critérios actuais, que foram, naturalmente, os que aplicámos, fazendo-o mesmo com a minúcia exigida pelas características da redacção, procurando tornear as obscuridades decorrentes da ordenação dos elementos frásicos.

No entanto, admitimos que a delimitação dos períodos é permeável a alguma arbitrariedade ou, pelo menos em alguns casos, seria defensável mais do que uma solução. Por isso procurámos fixar alguns parâmetros susceptíveis de introduzirem a necessária disciplina e regularidade de critério.

Assim, tanto quanto possível tentámos fazer corresponder os períodos ao conjunto de acções praticadas pelo mesmo sujeito ou condicioná-los à mudança de acção numa sequência de acções praticadas pelo mesmo sujeito. Sem abdicar deste critério, evitámos quebrar a sequência da narrativa, mesmo que isso tenha conduzido a alguns períodos longos, que aliás não destoam num texto quatrocentista, e que convivem de perto com períodos bastante curtos.

As necessidades criadas por este processo debateram-se com uma superabundância de frases começadas pela copulativa *E* (ou ⁊), o qual levou à supressão desta em alguns casos em que a correcção e o bom sentido da frase a tornavam insustentável — e nisso muitas vezes coincidimos com o critério já posto em prática na 2.ª edição.

8.2.4.2. Na pontuação utilizámos o ponto, os dois pontos, o ponto e vírgula, a vírgula, o ponto de interrogação e o ponto de exclamação, estes últimos apenas em frases que claramente os exigiam.

8.2.4.3. Colocámos aspas (e apenas aspas) no início e no fim dos discursos directos, com o objectivo de os delimitar na massa do texto.

8.2.4.4. Não abrimos nenhum parágrafo, respeitando a compacidade do texto tal como o apresenta a edição de 1526 (acompanhada nesse pormenor pela de 1554) e que era de uso generalizado na época, quer nos situemos na do manuscrito, quer na da composição tipográfica.

8.3. Aparato crítico

8.3.1. As relações lineares entre o texto-base e o texto crítico permitiram a desejável simplicidade do aparato crítico. Este limita-se a

— indicações sucintas para apoio à interpretação, indicações aliás circunscritas a casos de inesperada dificuldade ou de possível ambiguidade;
— explicação de intervenções modificadoras da leitura do original impresso;
— justificação de formas adoptadas;
— registo de variantes.

8.3.2. Convém explicar mais detidamente que registámos as seguintes variantes:

— a forma dada por *A* quando considerada errada;
— as formas dadas por *A* e *B* quando consideradas erradas e portanto não adoptadas;
— a forma de *B* quando divergente da de *A*, mas esta é a preferida;
— a forma de *B* quando preferida à de *A*.

Entre as formas de *B* registadas encontram-se evidentes gralhas, trazidas como elemento de avaliação do nível qualitativo da 2.ª edição.

8.3.3. Não foram registadas variantes de alta frequência, devidas a divergência de critérios de cópia entre *A* e *B*, o que assumiu em certos casos um carácter sistemático. Na prática trata-se quase exclusivamente dos seguintes casos:

A	*B*
Almada *Almadaa* *Almadaã*	*almada* *almadaã*
boa(s) *bõa(s)* *boõa(s)*	*boõa(s)*
castelãos *castellãos* *castellaãos* *castellanos* *castelhanos* *castilhanos*	*castelhaãos* *castelhanos* *castellaãos*
condestabre *conde estabre*	*condeestabre* *condestabre*
gente *geente* *jeente* *geẽte*	*geẽte*

A	*B*
homens *homeẽs*	*homeẽs*
Lixboa *Lixbõa* *Lixbooa* *Lixboõa*	*lixbõa* *lixboõa*
hum, hũa *huũ, huũa*	*huũa* *huũ*
nẽhuũ(a) *nenhum*	*nẽhuũ(a)* *nenhuũ(a)*
todollas	*todallas*

8.4. Apresentação gráfica do texto

Como se poderia já deduzir do que atrás dissemos, o texto desta edição apresenta-se não só corrigido de acordo com o que julgámos dever-se ler, mas também isento de sinais convencionais indicativos de alterações ao texto-base — não há parênteses rectos nem curvos, nem também itálicos com algum significado específico. Trata-se de um critério de que já se aproximou Giuliano Macchi, mas que o ultrapassa na medida em que é aplicado sem excepções. No

entanto, o leitor interessado nada perde quanto à possibilidade de saber o que se imprimiu em *A* e em *B*, porquanto todos os desvios gráficos e vocabulares estão registados nesta introdução (as regras gerais) e nas notas ao texto (os casos particulares), neste caso acompanhados de uma explicação ou de abonações sempre que necessário.

Conforme também já dissemos, o texto apresenta-se compacto, sem abertura de parágrafos (salvo a excepção, apontada em nota, no cap. XI) e apenas com os sinais diacríticos indispensáveis à correcta interpretação. Mantivemos o caldeirão a preceder a numeração dos capítulos e nos raros casos em que aparece no texto.

Na margem interior do texto figuram os números dos fólios de *A* (recto e verso), a que correspondem, na mesma linha, dois finos traços verticais como sinal de transição entre páginas. Mas, no intuito de não introduzir demasiadas soluções de continuidade, não se sinalizou a transição da primeira coluna para a segunda.

Na margem exterior figura a numeração das linhas de cada página, de 5 em 5. Esta numeração é importante porque as notas de rodapé são referidas ao número da linha em que se encontra a expressão anotada.

Ainda na margem exterior, estão registadas as datas correspondentes aos acontecimentos narrados, tanto quanto as pudemos apurar através de várias fontes. Num texto que não refere nenhuma data pareceu-nos que esse elemento poderia ser um auxiliar com interesse, embora admitamos que o rigor de uma investigação mais aprofundada (que não está nos objectivos desta edição) possa vir a dar origem a algumas ligeiras rectificações.

8.5. Complementos

8.5.1. *Glossário*. O glossário não pretende ser um elenco total da massa lexical do texto, o que desequilibraria

o conjunto da edição. Tem apenas um carácter informativo sobre os termos que apresentam particularidades gráficas e/ou semânticas com interesse para a interpretação do texto e para o conhecimento do léxico português medieval. Regista, por isso:

— palavras que deixaram de existir no uso corrente da língua;
— palavras cuja grafia foi modificada basicamente no processo evolutivo de fixação da língua escrita;
— palavras que são usadas no texto com um significado específico;
— palavras que suscitem, por qualquer motivo, uma chamada de atenção particular.

Quanto à metodologia, condicionada pelos objectivos da edição, devemos mencionar algumas exclusões que, sem prejuízo das metas estabelecidas, contribuem para limitar o volume do glossário. Assim, não registámos:

— variantes gráficas caracterizadas pelo uso irregular de vogais simples e duplas *(a/aa, e/ee, i/ii, o/oo)*, consoantes simples e duplas *(l/ll, r/rr, s/ss)* e sibilantes surdas *(c, ç, s)*;
— variantes gráficas caracterizadas pelo uso irregular de *i/y, o/u* e *u/i*;
— contracção da preposição *de* com artigos e pronomes indefinidos;
— palavras diferenciadas da sua forma actual pelo emprego ou supressão de *h* inicial;
— palavras diferenciadas da sua forma actual pelo emprego de *i* por *e* ou vice-versa;
— palavras com terminação tónica em *-am* e *-om* = *-ão*, ou átona em *-om* = *-am*;
— palavras com terminação tónica em *-ae(s)/-aae(s)* =

= *-ai(s)*, *-aao* = *-au*, *-ee(s)* = *-ei(s)*, *-eeo* = *-eio*, *-eo* = *-eu*, *-io/-yo* = *-iu*, e átona em *-ees* = *-eis*;

— casos de grupos iniciais *sc-*, *sp-* e *st-*.

As formas verbais são sempre agrupadas sob o respectivo infinito, registando-se todas as que aparecem no texto, precedidas da indicação abreviada dos respectivos tempo e modo gramaticais.

Os particípios passados de verbos que não apresentem outras formas são tratados como adjectivos.

Os substantivos estão registados no singular, e os adjectivos no masculino do singular.

Só se indica a localização, por página e linha, da primeira ocorrência de cada termo.

A composição a negro é exclusivamente aplicada às formas que figuram no texto.

8.5.2. *Indices onomástico e toponímico.* Nos índices só figuram as formas modernas correctas e completas, independentemente da forma que cada nome de pessoa ou de lugar apresente na introdução ou no texto. É a solução que nos parece mais útil ao leitor, dada a diversidade de formas e grafias que os nomes apresentam, incluindo deturpações.

Do índice onomástico foi excluído o nome de Nuno Álvares Pereira, por ser uma figura constante ao longo de toda a obra.

Tenha-se em atenção que os nomes espanhóis foram alfabetados pelo primeiro apelido, como é de regra.

Algumas identificações aproveitam o excelente trabalho realizado para o mesmo fim por António Machado de Faria.

Aveiro, 18 de Dezembro de 1990.

ESTORIA DE DOM NUNO ALVREZ PEREYRA

Fol. 2 r Antigamente foy custume fazerem memoria das cousas que se faziam, assy erradas como dos valentes e nobres feitos: dos erros por que se delles soubessem guardar, e dos vallentes e nobres feytos por que aos bõos fezessem cobiça aver pera as semelhantes cousas fazerem. E por nom fazer 5 longo prollego farey aqui começo em este virtuoso senhoi do qual veeo o vallente e muy virtuoso conde estabre dom Nuno Alvrez Pereyra, e assy de hy em diante siguiremos nossa estoria.

Capitolo .i. 10

Em Portugall ouve hũu grande cavaleyro muy fidalgo e de grande sangue que avia nome dom Gonçallo Pereyra, e este era nobre de linhajem e de condiçam, e de grande casa e acompanhado de muytos bõos parentes e criados. E este era muy graado e dava de bõo coraçam o que avia, assy 15 aos que o serviam como aaquelles que o nom serviam, em

---

1-9 Embora sem designação (o que é frequente em textos quatrocentistas) estas linhas constituem um «prollego», o que resulta não apenas de antecederem o primeiro capítulo, mas também de assim as designar o próprio autor (l. 6).

4 *por que*: om. *AB*. A expressão acrescentada é a que nos parece ser exigida pelo duplo desenvolvimento da asserção inicial.

5 *pera as*: peras *A* pera as *B*. A versão de *B* não é abonada por qualquer outro passo do texto, mas em Fernão Lopes, *Crónica de D. João I*, 1.ª parte, cap. XCI, p. 151, ocorre: «... quando taaes cousas como as semelhantes veherem...».

10 *Capitolo .i.*: Capitulo primeiro *B*.

tanto que por sua graadeza era prasmado dalgũus seus chegados por assy dar tam graadamente. E elle por cousa que lhe em esto falassem nom curava, tanto era incrinado a esta condiçam, antre as outras muytas e muy boõas que avia.
5 E este dom Gonçallo Pereyra ouve filhos e filhas de que aqui nom faz mençom, senom de hũu que ouve nome dom Gonçallo
1326 Pereyra como seu padre, o qual foy arçebispo de Bragaa.
1314/21 E este arcebispo dom Gonçalo Pereyra ouve hũu filho a que chamarom dom frey Alvaro Gonçallvez Pereyra, que foy
10 prioll do Espritall, o qual foy grande e honrrado e rico de muytas riquezas e de muytas virtudes, ca era nobre de condiçam e bõo cavalleyro e muy entendido. E foy fora deste regno ao convento de Rrodes muy grandemente e bem acompanhado, assy de cavalleyros e escudeiros como de cavallos
15 muy bõos e doutras cousas que lhe compriam. E fez na Hordem muytas obras e bõas cousas por acrecentamento della, antre as quaes fez o castello da Ameeyra, que he castello forte e muy fermoso, e os paços e assentamento do Bõojardim, que he obra asaz vistosa e fermosa. E fez mais
20 Frol de Rosa, lugar muy forte e bem obrado, e edificou em elle huũa muy honrrada ygreja de Sancta Maria, muy devota e em que Deos faz muytos millagres. E, por mais honrrar o lugar, de novo hordenou delle comenda e enexou·lhe muytas rendas da Hordem pera o comendador della viver bem e
25 honr||radamente. E foy em muytos bõos e grandes feytos, Fol. 2 v assy por servir seu rey como por sua honrra. E partia grandemente o que avia, assy com seus parentes como com outros muytos que o nom eram, e de todos era bem servido e amado e beem acompanhado. E foy privado de tres rreys de Por-
30 tugal, convem a saber, del·rey dom Affonsso e del·rey dom

9 *Gonçallvez*: gonçallez *AB*. A correcção é justificada pela forma que o nome apresenta em 3.5.

30 *convem a saber*: .s. *AB*. Em todos os casos de idêntica abreviatura desenvolvemos conforme a expressão desdobrada que ocorre em 82.11-12.

Pedro e del·rey dom Fernando, os quaes todos e cada hũu delles se sempre delle ouveram por bem servidos e aconselhados, por seu muy gram siso e bõa discriçam, e o amarom e prezarom muyto, em especial el·rey dom Fernando. E este priol dom Alvaro Gonçalvez Pereira viveo longamente e 5
ouve trinta e dous filhos, antre filhos e filhas, de que por agora este livro nom faz mençom senom de dous, convem a saber, de dom Pedr·Alvrez Pereira, que depoys de seu padre foy prioll do Espritall, que era filho de hũa madre, e de dom Nuno Alvrez Pereyra, do qual he a estoria, filho 24 Jun. 1360
de outra madre, a quall chamaram Eyrea Gonçalvez do Carvalhal, a qual foy huũa muy boõa e muy nobre molher e estremada em vida açerca de Deos depois que ouve aquelles filhos, e viveo em grande castidade e abstinencia, nom comendo carne nem bevendo vinho per espaço de quorenta 15
annos, fazendo grandes esmolas e grandes jejũus e outros muytos bẽes. E foy grande tempo covilheyra da inffante dona Beatriz, filha del·rey dom Fernando, que depoys foy reynha de Castella, seendo pera ello escolheyta por sua grande bondade. 20

ℭ *Capitolo .ii. De como dom Nuno Alvrez foy criado em casa de seu padre e como, em hydade de treze annos, per seu padre foy dado a el·rey dom Fernando por morador em sua casa*

Seendo dom Nun·Alvrez criado a gram viço em casa de seu padre, e chegando à hydade de treze annos e avendo Fev. 1373
el·rey dom Fernando de Portugal guerra com el·rey dom Anrrique de Castella, este rey dom Anrrique de Castella se trabalhou de viir, e de feyto veo, com seu poderio à çidade de Lixbõa. E a esta sazom estava el·rey dom Fernando em

---

15 *quorenta*: quarẽta *B.*
19 *reynha*: raynha *B.*

Santarem e com elle o prioll dom Alvaro Gonçalvez Pereira com çertos cavalleyros da sua Ordem e outros, e outrosy estavam com elle alguns dos seus filhos, antre os quaes era dom Nun·Alvrez, moço de treze annos, que aynda nunca
5 tomara armas. E porque as gentes del·rey de Castella pas-
19 Fev. 1373 savam per açerca de Santarem pera Lixboa, honde seu senhor estava, o priol, por ensayar dom Nun·Alvrez, seu || filho, Fol. 3 r pero assy fosse moço, lhe mandou que cavalgasse, e esso mesmo mandou a outro seu filho, que chamavam Dieg·Alvrez,
10 que foy hũu bõo cavalleyro da Ordem, que tambem cavalgasse. E mandou com elles outros cavalleyros e escudeyros de sua casa que fossem fora a descobrir terra pera verem as gentes del·rey de Castella que passavam pera Lixboa, que gentes eram e a maneyra que levavam. E logo Dieg·Alvrez
15 e esso meesmo dom Nun·Alvrez, pero que fosse moço, e os outros que com elles mandarom, fezeram o que lhes o prioll mandou e se foram fora da villa contra aquella parte per honde deziam que as gentes del·rey de Castella passavam, e, porque nom acharom nem poderam veer nenhũa cousa,
20 tornaram·se pera a villa. E, chegando asy aa villa, ajunto com o castello honde por entom el·rey dom Fernando e a raynha dona Lianor pousavam, os quaes a essa ora siiam comendo, souberom como dom Nun·Alvrez e Dieg·Alvrez, seu irmão, e outros, asy vinham de fora, e mandaram·nos
25 chamar honde asy siiam comendo, e dom Nun·Alvrez e seu irmão se deçeram logo das bestas e se foram honde el·rey e a raynha estavam, e elles o receberom bem e lhes fezeram pregunta donde vinham e pollo que foram e que era o que lla acharom e viiram, e dom Nuno Alvrez Pereyra respondeo
30 que lhe parecia muyta gente mal acaudellada, e que pouca gente com bõo capitam, bem acaudellada, os poderia desbaratar. E em fallando estas pallavras, a raynha, como molher

---

2 *outros*: doutros *AB*.
29 *Nuno Alvrez*: Nunalurez *B*.

que era muyto paçãa e de boõa palavra, fallou contra el·rey em sabor, dizendo que ella queria tomar Nuno Alvrez por seu escudeyro, e el·rey lhe respondeo que era bem feyto e que elle queria tomar por seu cavalleyro Dieg·Alvrez, seu irmaão. E, ditas estas pallavras per el·rey e per a raynha, logo a raynha 5 disse contra dom Nuno Alvrez que ella o queria armar de sua maão como seu escudeyro e nom queria que doutras maãos tomasse armas. E dom Nuno Alvrez, assy como era moço, era muy vergonhoso e misurado, e, quando ouvio o que a raynha dezia, respondeo que lho tinha em grande 10 merçee e que prazeria a Deos que ainda lho serviria, e bei-jou·lhe por ello a mão. E, avendo a raynha em vontade de poer em obra o que disera, logo se trabalhou de mandar buscar arnes convinhavel pera dom Nun·Alvrez qual lhe compria. E, porque elle era pequeno de hydade, de treze 15 annos, como ja en·çima faz mençam, nam lhe podiam achar arnes tam pequeno. E entom disseram à rreynha de como Fol. 3 v o mestre d·Avis, que entom era irmaão del·rey dom || Fernando, tinha hũu arnes que ouvera em seendo assy moço pequeno e fezerom·lhe entender que seria bõo e bem conçertado 20 pera o dom Nun·Alvrez, e ella o mandou logo pidir ao mestre. E, tanto que o mestre sobre ello vyo recado da rraynha, logo lhe enviou o arnes com boõa vontade e a rraynha o deu logo a dom Nun·Alvrez segundo lho avia prometido. E assy tomou dom Nun·Alvrez as primeyras armas, que foram 25 do mestre d·Avis, e per maãos da rraynha dona Lyanor, e de hy em diante a rraynha o ouve sempre por seu escudeyro. E desta vez fallou o prioll, padre de dom Nun·Alvrez, a el·rey dom Fernando e lhe pedio por merçe que tomasse dom Nun·Alvrez, seu filho, por morador em sua casa. 30 E el·rey prezava muyto e amava o prioll e por elle amava muyto seus filhos e toda sua linhagem, e foy muy ledo de lho tomar por morador. E per esta guisa ficou dom

17 *rreynha*: raynha *B*.

Nun·Alvrez por morador em casa del·rey com hũu ayo que chamavam Martim Gonçalvez do Carvalhal, que era hũu bõo escudeyro e era irmaão da madre de Nun·Alvrez, que depois foy hũu muy honrrado cavalleyro, e com boõa casa,
5 assy de homens e bestas como das outras cousas que lhe eram mester como compria à honrra de seu padre e delle, dom Nun·Alvrez, sendo prezado e amado del·rey e da raynha e assy de todos os de sua casa.

¶ *Capitolo .iii. De como, andando assy dom Nun·Alvrez*
10 *por morador em casa del·rey, pello prioll seu padre lhe foy tratado casamento, e per que guisa e com quem*

Andando assy dom Nun·Alvrez por morador em casa del·rey
1376 dom Fernando e sendo ja de hydade de dez e seys annos e meeo, em esta sazom Antre Doyro e Minho avia hũa dona
15 viuva per nome chamada dona Lianor d·Alvim, a qual fora molher de hum gram fidalgo e muy honrrado a que chamarom Vasco Gonçalvez Barroso, e esta dona era muy filha d·algo e de gram guisa e ainda comprida de grande bondade e de bõas rendas e cabedall. E, sabendo o priol, padre de dom
20 Nun·Alvrez, parte de como a dona estava viuva, e seendo enformado da sua grande bondade e rriqueza, mandou·lhe cometer casamento com dom Nun·Alvrez, seu filho, per hũu cavaleyro de sua Ordem, seu criado, a que chamavam Joham Fernandez, que era comendador de Froll de Rosa e de Sam
25 Braz de Lixbõa, o qual cavalleyro era asaz bõo e honrrado e sages e bem entendido e homem de que || o priol muyto **Fol. 4 r** fiava e asaz abastante pera tall embaixada, o qual Joham

---

2 *Gonçalvez*: a última letra é correcção sobre um *s*, que ainda aparece no exemplar da BGUC.

4 *e com boõa casa*: a referência, a partir destas palavras, é a Nuno Álvares Pereira e não já ao seu aio e tio.

14 *em*: E em *AB*.

Fernandez fez seu caminho com sua embaixada e chegou Antre Doyro e Minho, honde a dona estava, e falou com ella o que lhe foy mandado, com aquelle resguardo que todo bõo embaixador deve esguardar. E porque o casamento era tal de que a Deos prazia e de que se a dona avia por contente e 5 honrrada, nom pos outra defesa senom que o fezesse saber a el·rey dom Fernando, e que ella nom sayria do que a sua merçe sobre ello mandasse. E com este recado se tornou Joham Fernandez ao prioll, do que elle foy muyto ledo. E logo ho priol o fez saber a el·rey e lhe enviou pidiir por 10 merçe que posesse em ello mañão, de guisa que se ajuntasse o casamento, e a el·rey prouve muyto dello e mandou logo chamar a dona per sua carta, que viesse a elle sem outra perlonga.

⁋ *Capitulo .iiii. Ora leixa a fallar o conto da dona que* 15 *el·rey mandou chamar pera casar com dom Nun·Alvrez, e torna aoprioll da maneyra que teve com Nuno Alvrez, seu filho, sobre este casamento*

Tanto que o priol ouve recado de dona Lianor d·Alvim que queria casar com seu filho se a el·rey prouvesse, 20 e vio que a el·rey prazia, e que a mandara sobre ello chamar, estando a essa sazom dom Nun·Alvrez em sua casa, e porque ainda sobre esto com elle nom fallara, hũu dia o apartou e lhe falou em esta guisa: «Nuno, tu pero sejas moço, parece·me que he bem e serviço de Deos e tua honrra que ajas de casar. 25

---

1 *embaixada*: embaxada *B*.
2 *Antre* = a Antre.
4 *esguardar*: resguardar *B*.
10 *pidiir*: pidir *B*.
15 *Ora*: Oa *B*.
20 *prouvesse*: puesse (*p* cortado) *AB*.

E porque Antre Doyro e Minho ha hũa mui nobre dona, mançeba e de grande bondade, minha vontade he, se a Deos prouver, de casares com ella, e quero saber de ty o que te dello parece». E nom lhe disse mais. Dom Nuno Alvrez,
5 aalem de seer a todos muy misurado de sua natureza, era·o muyto mays a seu padre, ca ho amava mais que a nenhũu de seus irmaãos e era·lhe muyto milhor mandado e mais obidiente. E, tanto que tal razom ouvio a seu padre, ficou como torvado hum pouco, à huũa polla vergonha que de seu padre
10 avia, e à outra por lhe falar em casamento, porque era cousa de que elle trazia a vontade muyto afastada porque elle a este tempo era de ydade de dez e seis annos e meeo, como ja dito he, que era assaz de pequena ydade, e seu feito e cuydado nom era senom trazer·se bem || elle e os seus, e Fol. 4 v
15 cavalgar e hyr a monte e aa caça, nom entendendo em amor de nenhũa molher, nem soomente nom lhe chegava ao coraçom. E com esto avia gram sabor e usava muyto de ouvir e leer livros d·estorias, especialmente usava mais leer a estoria de Gallaaz, em que se continha a soma da Tavolla Redonda.
20 E, porque em ella achava que, per virtude de virgindade que em elle ouve e em que perseverou, Galaaz acabara muytos grandes e notavees feytos que outros nom poderom acabar, elle desejava muyto de o parecer em algũa guisa e muytas vezes em sy cuydava de seer virgem se a Deos prouvesse, e
25 por esto elle era muy afastado do que lhe seu padre fallara em feyto de casamento. Pero, por obedecer a seu padre, veeo·lhe responder ao que lhe disera, em esta guisa: «Senhor, vós me falastes em casamento, cousa de que eu nom estava avisado, e porem vos peço por merçee que me dees lugar
30 pera em ello cuidar, e entom vos poderey em ello certamente

---

5 *todos* (= todas as pessoas): todo *AB*.
7-8 *obidiente*: obediẽte *B*.
23 *elle*: E elle *AB*.
29 *merçee*: merçe *B*.

responder do que me dello parecer». E o padre lhe disse que era bem feyto, e ainda lhe prouve por lhe assy responder cordamente, como quer que em sy se maravilhou, e nom sabia que cuydar por lhe asy responder e seer homem tam novo de dias. E, a fim de saber çertamente sua teẽçam, 5 logo falou com Eyrea Gonçalvez, madre do dito dom Nun'Alvrez, que era a molher que mays amava e de que mays fiava, toda a rrezom que com seu filho ouvera e o que elle respondera, e encomendou'lhe que todavia ouvesse com elle que casasse e se nom escusasse. E Eyrea Gonçalvez, 10 veendo que a cousa era boõa e honrrosa pera seu filho, prouve'lhe dello muyto e logo sobre ello fallou com seu filho, reduzindo quanto pôde que todavia comprisse ho mandado de seu padre. E Nuno Alvrez em breve lhe respondeo que sua vontade nom era de em nenhuũa guysa casar, e esto 15 dezia elle como homẽe que trazia cuydado em outra cousa, como ja dito he ante desto. E quando Eyrea Gonçalvez tal recado em elle achou, e vio que o nom podia dello mudar, fallou com ho prioll todo o que lhe com seu filho aviera e o que lhe a ello respondera. E quando o prioll esto soube foy 20 maravilhado e nom podia entender nem cuydar por que o fazia, e, avendo desejo da cousa que tinha começada aver fim, fallou com Alvaro Pereyra, seu primo, que depois foy marichal, e com Alvaro Gill de Carvalho, seu genrro, que aviam grande amizade, que fallassem com elle e fezessem 25 muyto que caysse no casamento. E elles assy o fezerom, (Fol. 5 r) e || afficarom'no tanto ataa que elle consintio e disse que lhe prazia de o fazer, pois que a seu padre prazia e o elles aviam por bem. E com este recado tornaram a seu padre, de que elle foy muy ledo por teer ja assy a cousa começada 30 como a tinha.

---

13 *reduzindo* = reduzindo-o.
25 *fezessem*: fizessem *B*.
26 *fezerom*: ferzerom *AB*.

ℭ *Capitulo .v. Mas ora leixa o conto a fallar em dom Nun·Alvrez, que ja tem teẽçom de casar, e torna aa dona que el·rey pera ello mandara chamar*

Tanto que dona Lionor d·Alvim ouve reccado del·rey dom Fernando per que a mandava chamar por feyto do casamento de dom Nun·Alvrez, por comprir seu mandado logo sem mays tardar cavalgou com seus parentes e cryados, de que ella avia assaz, levando delles o que entendeo que compria, como dona mui honrrada que era, e foy·se caminho da casa del·rey e achegou a hũu lugar a que chamam Villa Nova da Reynha, honde a essa sazom el·rey e a reynha sua molher estavam. E, assy pollo a dona merecer, como por viir a seu mandado, e desy por desejo que el·rey avia de a casar com Nuno Alvrez, assy el·rey como a reynha a rrecеberom muy bem e mandarom muy bem apousentar, e os que com ella vinham. E no outro dia seguinte falou el·rey com ella e concertou o casamento e ella ficou de fazer em ello seu mandado como aquella que dello avia tam grande vontade como el·rey que lho comitia. E logo el·rey mandou chamar o prioll, que estava em sua terra, e lhe mandou que trouvesse comsigo a Nun·Alvrez, seu filho, que por entom alla estava com elle per licença, e elles vierom logo como lhes el·rey mandou. E, como chegarom a casa del·rey, ao lugar de Villa Nova, honde aynda estava, o casamento foy logo feyto e Nun·Alvrez recebido com a dona per pallavras de presente, segundo a Ygreja de Roma manda, e nom se fez outra festa como era razom de fazer porque ella era vyuva. E logo se

15 Ago. 1376

---

2 *teẽçom*: a segunda sílaba é uma correcção manual no exemplar da BN; no exemplar da BGUC há um pequeno rectângulo de papel colado, impresso com a mesma composição.

19 *comitia*: cometia *B*.

26 *e nom*: nõ *B*.

em outro dia o prioll espedio del·rey e da reynha e levou con- 16 Ago. 1376
sigo seu filho Nun·Alvrez e sua nora e, com elles, outros
muytos cavalleyros e escudeyros que os acompanharam
ataa hũu lugar seu da Hordem, que ho pryoll fezera, que
chamavam Bõojardim. E em aquele lugar conheceo Nun· 5
·Alvrez sua molher assy como homem deve conhecer a sua
molher. E, como quer que muyto tempo avia que a ella
Fol. 5 v chamavam dona, com verdade || se poderia dizer que des
aquelle dia que a Nun·Alvrez, seu marido, assy conheceo se
podia assy direitamente chamar porque, posto que a d·antes 10
assy chamassem, ella era donzella, e esto em seu verdadeyro
nome, porque Vasco Gonçalvez Baroso, com que ella primeyro
foy casada, nunca della ouve tal conhecimento, e esta foy a
verdade, aynda que o ella sempre encobrisse com sua grande
bondade, do que cobrou gram fama de boom nome. E em 15
Bõojardim folgaram Nun·Alvrez e sua molher em companha
do prioll, seu padre, algũus dias, nos quaes nom forom pouco
viçosos, ca aviam todallas cousas que lhes eram mester em
grande abastança, e todos eram desejosos de lhes fazer
prazer e vontade. E depoys que dom Nun·Alvrez vyo que 20
era tempo de se partir, despidyu·se de seu padre e esso
mesmo se espidio sua molher e foram·se per·Antre Doyro
e Minho, onde sua molher tinha sua casa de morada e avia
seus herdamentos, honde forom bem recebidos e servidos
de todos os da terra e visitados dos grandes da terra que 25
vinham veer Nun·Alvrez e se lhe offerecer com grandes ami-
zades, como he custume de hũus grandes e bõos fazerem
a outros. E Nuno Alverez a todos se offerecia e dava gasa-
lhado e bõo colhimento segundo que era razom, em tal guisa

---

11 *esto*: este *AB*.
21 *despidyu·se*: despediose *B*.
22 *espidio*: espedio *B*.
22 *per·Antre* = pera Antre. Há uma deslocação *de* Bonjardim *para* Entre Douro e Minho.

que, por seu boom gasalhado e doçes pallavras, todos hiam contentes asaz muyto e nom era sem razom seer assy, ca elle era de gram misura e com esto bem rrazoado e porem de pouca e branda pallavra e de que a todos prazia. E estando
5 assy Nuno Alvrez com sua molher em sua casa, despendya seu tempo em tomar honestamente prazer com sua molher, e ella lhe dava bõos conselhos das maneiras que avia de teer em aquella terra honde avia de viver. E elle era mays monteiro que caçador, como quer que de todo usava, e em sua
10 casa avia continos de cote quatorze e quinze scudeyros e vinte e trinta homẽes de pee, segundo a terra requere, e estes todos bõos e bem homẽes, ca elle nunca se doutros contentava nem contentou em seus dias. E, à huũa polla grande custa que avia, e à outra pollo a terra asy levar e
15 pollo que elle vya fazer aos outros seus vezinhos, e desy por seer homẽe novo, aas vezes fazia na terra das suas, segundo seus vezinhos, e porem nom tanto que sempre em elle nom fosse ho temor de Deos, ouvindo suas missas e vivendo honestamente e bem com sua molher, o que elle depoys fez mays
20 perfeytamente, segundo se adiante dira no lugar honde deve. || E a poucos annos ouve tres filhos de sua molher, convem a saber, dous moços, que logo morrerom como nacerom, e hũa filha que ouve nome dona Beatriz, que depois foy condessa de Barçellos e casada com ho filho del'rey dom Joham,
25 bastardo, e foy muy nobre senhora.

Fol. 6 r

---

2 *era*: om. *AB*. Para entendimento da correcção, cf. *era razom* na p. anterior, l. 29.

2 *seer*: ser *B*.

8 *era*: em *AB*. A sequência da frase não sustenta o texto tal como está impresso. Há outros casos de erro idêntico: cf. 23.1 e 33.22. O texto de Fernão Lopes, *Cr. D. João I*, 1.ª parte, cap. XXXV, p. 61, corrobora a rectificação.

¶ Capitulo .vi. Ora leixa a estoria de falar de Nun·Alvrez, que está a seu prazer em sua casa com sua molher e filha, que lhe ja Deos dera, e torna ao prioll, seu padre, de como e per que guisa prougue a Deos de acabar seus dias e se partir deste mundo 5

Depoys que Nun·Alvrez casou, a dous ou tres annos, pouco mais ou menos, estando o prioll, seu padre, na Ameeyra, seendo ja de grande ydade, prougue a Deos de o levar e deu·lhe door natural de que falleçeo per morte. 1378
E forom hy juntos Nun·Alvrez e outros seus filhos, que eram, 10
per todos os que por entom hy forom juntos, dezoyto, convem a saber, nove filhos e nove filhas e outros muytos e grandes da terra, assy de parentes como d·amigos e criados, e junta muyta clerizia, assy de frades como de clerigos, e forom·
·lhe feitas suas exequias solennes e muyto honrradas. E da 15
Ameeyra foy levado honrradamente a Froll de Rrosa e hy lhe forom outrosy feytas outras exequias e foy sepultado no dito lugar de Froll de Rrosa, muy fermoso, que elle fez na Ordem, dentro na ygreja de Sancta Maria, que elle no
lugar fez, em hum muy fermoso e bem obrado muymento, 20
em a qual ygreja Deos fez e faz muytos milagres e grandes, e he ygreja de gram rromagem e de muytas perdoanças que lhe o dito priol em sua vida ganhou dos padres sanctos de Roma per privilegios que delles ouve. Praza a Deos que lhe dê dello
bõo galardom e o leve a sua gloria, e a nós quando deste 25
mundo partiremos.

---

14 *clerizia*: clerezia *B*.

19 *dentro na ygreja* é complemento de *foy sepultado*.

21 *milagres*: milagros *AB*.

24 *dê dello*: dello *A* dee *B*. A omissão do verbo pode ter sido facilitada em *A* pela transição de linha na composição, ou explica-se como caso de haplografia.

¶ *Capitulo .vii. Como, depois da morte do priol dom frey Alvaro Gonçalvez, foy priol dom Pedro Alvrez, seu filho, e das cousas que se seguyrom*

Passado assy per morte dom frey Alvaro Gonçalvez Pereyra,
5 como já en·cima dito he, logo dom Pedr·Alvrez, seu filho, irmão do dito Nun·Alvrez, foy feito priol e posto em posse do priollado, e esto per aazo del·rey dom Fernando, que amava muyto seu || padre e quis que o fosse, ca, segundo (Fol. 6 v) hordem, o priollado era divido de dereyto a dom frey Alvaro
10 Gonçalvez Camello, que entom era comendador de Poyares e doutras comendas e tinha delle a letra do gram mestre. E sendo assy dom Pedro Alvrez priol em pasifica posse do priorado e seendo ja morto el·rey dom Anrrique de Castella e rregnando em Castella seu filho, el·rey dom Joam, e seendo
15 guerra antre el·rey dom Fernando de Portugal e el·rey dom Joham de Castella, hũu meestre de Santiago de Castella que avia nome dom Fernando Ançores, que era hũu bõo cavalleyro, trabalhava fazer guerra a el·rey de Portugal e aa sua terra e per vezes entrava com suas gentes a fazer mal
20 e dampno em Portugal, convem a saber, Antre Tejo e Odyana,
1381 sem lho contradizendo nenhũu. E avendo el·rey dom Fernando sintimento do mal que asy o mestre em sua terra fazia, mandou poer suas frontarias na comarca d·Antre Tejo e Odiana em esta guisa: o mestre d·Avys, filho del·rey dom
25 Pedro e irmaão del·rey dom Fernando, em Elvas e Arronches e Campo Mayor, e em Olivença o conde dom Alvaro Pyrez,

---

4 *Passado*: Passando *B*.
12 *pasifica*: pacifica *B*.
13 e 14 *seendo*: sendo *B*.
14 *rregnando*: regnado *A* regnando *B*.
16 *de Santiago de Castella*: de castella de santiago *AB*.
18 *trabalhava*: ⁊ trabalhaua *AB*.
20 *dampno*: dãnno *B*.

e em Portalegre o prioll dom Pedro Alvrez, irmaão de Nun·
·Alvrez, e em Beja o mestre de Santiago dom Estevam Gonçalvez, e assy nos outros lugares das comarcas honde compria por guarda da terra, e estando ho mestre de Santiago de Castella, dom Fernando Ançores, tambem por fronteiro da 5
parte de Castella na çidade de Badalhouçe.

¶ Capitulo .viii. De como, seẽdo assy repartidas as frontarias, el·rey dom Fernando mandou hũa carta Antre Douro e Minho a Nun·Alvrez, honde estava, que se fosse a Portalegre, à ffrontaria, pera seu irmaão, o prioll 10

Estando Nun·Alvrez Pereira Antre Doyro e Minho, el·rey dom Fernando lhe mandou sua carta polla quall lhe fazia saber que por seu serviço hordenara de poer frontarias Antre Tejo e Odiana e que acordara de seu irmaão, o priol dom Pedr·Alvrez, estar em Portalegre e de elle e seus irmaãos 15 starem com elle e que, portanto, lhe mandava que se fossem logo la. Nuno Alvrez, tanto que vio o rrecado del·rey, prouve·lhe dello e logo sem outra tardança se guisou do que lhe compria e se foy a Portalegre, aa frontaria, pera seu irmaão e levou consigo xxv homens d·armas e trinta homens de pee escudados, e todos bõos homens e pera feyto. E seu irmaão o reçebeo muy bem, e esso mesmo a todolos bõos da terra prouve muyto || com sua viinda porque ho aviam por boom e aviam delle grande conhecimento.

Jun. 1381

Jul. 1381

Fol. 7 r

---

8 *Antre* = a Antre.
16 *starem*: estarẽ *B*.
22 *a*: om. *AB*.
23 *prouve*: aprouue *B*.

❡ *Capitollo .ix. Como, estando assy o priol na frontaria e Nun·Alvres com elle, forom juntos todollos das frontarias d·Antre Tejo e Odiana per mandado del·rey dom Fernando pera poerem batalha ao mestre dom Fernando Ançores, que*
5 *estava em Badalhouçe*

Estando assy Nun·Alvrez em Portalegre na frontaria com o priol seu irmaão, el·rey dom Fernando, avendo grande despeyto do mestre de Santiago de Castella, dom Fernando Ançores, pollo desprazer que lhe fazia por entrar em sua
10 terra, especialmente porque pouco tempo avia que entrara e correra grande parte d·Antre Tejo e Odiana, e as suas gentes chegaram a Pavia e Curuche e levarom grande roubo de homens e de gaados pera Castella, mandou a todollos senhores e cavalleyros que estavam na dita frontaria d·Antre Tejo
15 e Udiana que se juntassem e fossem pellejar com o mestre dom Fernando Ançores, que estava em Badalhouçe, e mandou a Gonçallo Vasquez, seu grande privado, que se viesse pera elles pera com elles seer na obra. E a fama era que o mandava por capitam de todos, que per elle se regessem,
20 mas esto era maldizer e nom verdade, ca nom era razom nem cousa de ser, que, tal como Gonçallo Vasquez, ainda que grande e bõo fosse, como era, aver de ser capitam de tam grandes senhores e fidalgos como na frontaria estavam, pero a cousa soou assy, posto que mintira fosse, do que
25 algũus que o criam eram anojados e spantados. Pero, sem
7 Jul. 1381 embargo desto, todos os da frontaria se ajuntarom, e Gonçallo Vaasquez d·Azevedo com elles, em Villa Viçosa, e forom

---

1 *assy*: ally *AB*. Cf. a primeira linha do texto do capítulo, sem esquecer outros casos que justificam a correcção, nomeadamente o início do texto dos cap. III, VI, etc.

21 *Vasquez*: Vaz *AB*. Para casos como este, cf. nota a 134.19.

25 *spantados*: espãtados *B*.

juntos, per todos, ataa mill lanças de senhores e de bõos fidalgos e cavalleyros e escudeyros, e ataa quatro ou cinco mil antre beesteyros e homens de pee, e hy ouverom conselho sobre a maneira que aviam de ter. E, avido seu conselho, ordenarom sua hyda em esta guisa: repartiram çertos 5 senhores e capitaães que levassem a vanguarda, e com elles na vanguarda hya Nun'Alvrez e outros senhores e capitaães com çerta gente, a que foy dado carrego da rreguarda, e Gonçallo Vaasquez d'Azevedo hya com elles. E, porque entenderom que ainda poderiam hiir sem empacho dos ymiigos 10 ataa Elvas, hordenarom que todollos homẽes de pee e car- Jul. 1381 Fol. 7 v riagem da hoste fossem pollo || caminho direyto ante a vanguarda e em vista della, regidos e conçertados pera qualquer cousa que acontecesse. E hindo assi per o caminho e chegando a hũu soverall que he antre Villa Viçosa e Elvas, 15 aaquem do campo honde jaz Villa Voym, Nun'Alvrez se sayo do caminho per o soverall a cuydar no que lhe prazia. E, hiindo assy cuydando, olhou pera diante do caminho contra hũas ladeyras altas que som açerca de Villa Voym e vyo nas ladeyras a carriagem e homẽes de pee que hyam 20 hordenados como compria, e o sol que entom saya, porque era bem çedo, dava nas lanças aos homens de pee, de guisa que as lanças reluziam que pareciam homẽes d'armas e a carriagem demostrava que era muyta gente posta em batalha. E Nun'Alvrez, como esto vio, leixou seu cuydar em que 25 hya e, nom se lembrando da cariagem que hya diante, e por o bõo desejo que levava na batalha e avia gram vontade de ganhar nome e honrra, outorgou-se-lhe o coraçom que era ho mestre de Santiago de Castella que ja vinha com sua batalha prestes. E, como esto conheceo em seu coraçom, 30 logo a gram pressa se tornou aa vanguarda com gram sabor, dizendo altas vozes: «Senhores, bõas novas». E os senhores e grandes que na venguarda hyam aballarom pera elle,

---

33 *venguarda*: uãguarda *B*.

dizendo: «Que novas som, Nun·Alvrez?». E elle respondeo em
esta guisa: «Digo·vos, senhores, que vós tendes aqui o mestre
de Santiago de Castella que vós hides buscar, o qual vem prestes
pera nos pooer a batalha, e ora escuso he vosso trabalho de o
5 mais hirdes buscar». E elles todos logo ledamente responderom
que, com taes novas como elle trazia, lhes prazia muyto
e que davam muytas graças a Deos, em o quall esperavam
que os ajudaria contra elle, avendo esforço de bõos como elles
eram. E como Nun·Alvrez com elles esto fallou, e delles
10 ouve a rreposta que lhe derom, logo sem se mays deteendo
se foy assy com gram prazer aa reguarda, honde vinha
Gonçallo Vaasquez d·Azevedo e deu·lhe aquellas mesmas
novas que avia dadas aa vanguarda. E Gonçallo Vaasquez,
como as ouvio, nom pôde seer tam ledo que nom respondesse
15 como homem que lhe pesava, dizendo logo, que todos ou a
mayor parte dos que hy hyam o ouviram bem, que bem
sabia elle que em maa ora ally vierom e que ante o elle
dissera. E preguntando a Nun·Alvrez, altas vozes, se era
verdade o que dizia, e elle todavia lho afirmou que sy, por-
20 que assy o entendia elle e crya, pero, porque entendeo em
Gonçallo Vaasquez que era pouco ledo de taaes novas, ouve
vergonha e foy muy rependido por lhas dizer e, assy como || Fol. 8 r
viera com as novas riigo, assy se partio riigo e se tornou pera
a vanguarda, honde hya e avia de hiir. E assi a vanguarda
25 como a reguarda foram por diante seu caminho e acharom que
nom era nada do que Nun·Alvrez dissera, da qual cousa a
muytos prouve, e assy chegarom todos a Elvas. E, estando
hy pera averem conselho da maneira que aviam de teer,

---

4 *pooer*: poer *B*.
12 *deu·lhe*: deylhe *A* deulhe *B*.
17 *ante* = antes.
20 *crya*: creya *AB*. Cf. 22.5.
21 *Gonçallo*: goçallo *A* Gõçallo *B*.
24 *a vanguarda*: a auanguarda *B*.

veeo·lhe recado çerto de como o infante dom Joham, irmaão del·rey dom Fernando, que andava em Castela, vinha de çima de Castella a gram pressa com muyta gente d·armas e besteyros e pioões em ajuda do dito mestre de Santiago, que elles hyam buscar. E, quando esto souberom, ouverom seu 5 conselho que nom fossem mais adiante buscar o mestre e que se tornassem pera suas frontarias, do qual conselho Nun·Alvrez foy muy anojado, e bem mostrava que, se elle tal poder ouvera, que fezera mudar ho conselho em outra guisa. Mas por entom elle nom era mays poderoso de ho poder 10 fazer.

ℭ *Capitollo .x. De como Nun·Alvrez mandou rretar Joham d·Ançores, filho do mestre de Santiago de Castella, que era hũu bõo cavalleyro, pera se com elle matar dez por dez, e a razom por que se a ello moveo* 15

Quando Nun·Alvrez vio que a batalha era desfeita, e que todollos senhores e gentes de Portugal se tornavam a suas frontarias sem mais fazer, foy muyto anojado. E, como homem novo e de gram coraçom, e que muyto desejava de servir el·rey dom Fernando, que o criara, e de seer conhecido 20 e aver nome de boom, cuydou em sy mesmo, sem fallando com outro nenhũu, a gram criaçam que el·rey lhe fezera e as muytas merçees que seu linhagem delle recebera, e esso meesmo elle outrosy cuydou e deu aa memoria os desserviços que lhe o mestre dom Fernamd·Ançores fezera em sua terra. 25 E como elle, Nun·Alvrez, nom era tam poderoso nem avia tanta gente que a ello podesse torvar como lhe o coraçom mandava, pensou como o mestre avia hum filho que muyto

---

1 *infante*: Iffante *B*.
28 *pensou*: ⁊ pensou *AB*.

amava, que chamavam Joham d·Ançores, que era muy bõo cavalleyro, e que o queria mandar retar pera se com elle matar dez por dez, entendendo que, se a Deos prouguesse de o matar, que faria grande nojo ao mestre seu padre, poys
5 lhe mays nom podia fazer, e grande prazer e serviço a seu senhor el·rey. E logo, sem mais trespasso, pos em obra seu
Nov. pensar e mandou retar Joham d'Ançores, que estava em
1381 Badallouçe com o mestre seu || padre, decrarando·lhe per Fol. 8 v
sua carta, com as pallavras que a tal caso compriam, que se
10 queria com elle matar dez por dez. E Joham d·Ançores era homem de gram coraçom e logo ledamente recebeo ou aceptou a desaffiaçom que lhe assy era feyta, mostrando que lhe aprazia dello muyto, e logo escolheo aqueles que com elle ouvessem de ser na obra. E Nun·Alvrez, tanto que ouve
15 recado de Joham d·Ançores que lhe prazia de tal obra, outrosy foy delle tam ledo que nom podia mais seer com outra cousa, e logo se trabalhou d·aver pera ello nove companheiros, e com elle eram dez, e ouve·os de sua criaçom e vontade, os quaes eram estes: Martin·Annes de Barvudo, que entom era
20 comendador de Pedroso e depois foy em Castella mestre d·Alcantara, e Gonçallo Annes d·Aabreu, que entom era senhor de Castelo de Vide, e Vasco Fernandez e Affonso Pirez e Vasco Nunez do Outeyro, seus criados, e outros, que eram per todos nove e, com elle, dez. E com estes elle
25 partyo grandemente do que avia, de guisa que elles todos forom contentes, e muyto mays o eram pollo grande amor que lhe aviam, de guisa que todos eram ledos de morrer e viver com elle. E Nun·Alvrez, tanto que os assy teve prestes, desejando que a obra nom fosse perlongada, mandou logo

---

6 *seu*: sem *A* seu *B*.

10 *queria*: queriã *AB*. O sujeito é Nun'Álvares, portanto singular.

25 *partyo* = repartiu.

27 *lhe*: lhes *A* lhe *B*.

pera ello pidir salconduyto a Castella, assy do iffante dom Joham, que na comarca estava, como do mestre dom Fernando Ançores, perante o quall a rrequesta era asinada e avia de ser desembargada. E os senhores iffante e mestre lhe enviarom cada hũu delles seu salconduyto, avondosos 5 e quaes compriam.

¶ *Capitollo .xi. De como el·rey dom Fernando soube parte da requesta em que Nun·Alvrez queria entrar e lhe nom prouve, e mandou recado ao priol, seu irmão, que lho nom consintisse*

Fazendo·sse Nun·Alvrez prestes pera dar fim à sua desafia- 10 çom com ajuda de Deos, e parecendo·lhe tarde o dia que avia de ser, e teendo ja pera ello concertados seus parceyros e as outras cousas que lhes mester eram, fallou com o priol, seu irmaão, em esta guisa: «Senhor irmaão, bem sabees a obra que ey começada e como, a Deos graças, de todo pera 15 ello som prestes, que nada me nom faleçe, e porem vos peço por mercee que me dees logar e licença pera me, com ajuda de Deos, della me desembargar». E o prioll, com ledo sembrante e rriindo, lhe respondeo em esta maneira: «Irmaão, bem vejo que vossa vontade he boõa, mas com razom eu vos 20 posso bem dizer que all cuyda o bayo e all cuyda quem no seella.
Fol. 9 r E esto vos digo porque vós seede çer||to que meu senhor el·rey soube parte da obra em que andavees e, segundo parece pollo que me escreveo, a elle nom praz dello e manda a mym que vos nom desse a ello lugar e que, em caso que a vós fazer quei- 25 raaes, que vo·llo nom consintisse. E porem vos rogo que vós

10 *Fazendo·sse*: Fazẽdo *A* Fazendo *B*. Há abonações da conjugação reflexa em 22.1, 107.19-20, 127.2-3.
14 *sabees*: sabes *AB*. O tratamento é na 2.ª pessoa do plural.
25-26 *queiraaes*: queiraães *AB*.

desto nom curees mays e que vos façades logo prestes, porque el·rey me manda que vaa logo laa e que vós vaades tambem, e hyremos ambos de companhia». Nun·Alvrez, quando esto ouvio, pesou·lhe dello muyto, e bem deu a entender ao
5 prioll, seu irmaão, que nom crya que lhe el·rey tal recado mandasse, senom que elle o dezia de seu. E o priol, pollo çertificar, lhe mostrou a carta del·rey que lhe sobre ello mandara. E, tanto que Nun·Alvrez vyo a carta, creeo o que lhe o prioll, seu irmaão, dezia, e tanto disse que, pois asy era,
10 elle nom sayriia do mandado del·rey, ainda que fosse muyto contra seu prazer, e que lhe prazia muyto de se hir com elle a casa del·rey. E logo, de feyto, ho priol e elle partirom pera casa del·rey.

Jan. 1382 O prioll, e Nun·Alvrez em sua companhia, chegarom a casa del·rey, a Lixboõa, honde elle estava. E, tanto que el·rey vyo a Nun·Alvrez, fez·lhe pergunta como estava sua obra que avia começada com Joham d·Ançores, filho do mestre de Santiago de Castella, e Nun·Alvrez lhe respondeo que a sua merçee o sabia tam bem e milhor que elle. E entom
20 lhe fallou el·rey em esta guisa: «Dizee·me, Nun·Alvrez, de verdade faziees vós esto que asy começastes?». E Nun·Alvrez, lhe respondeo: «Polla nossa fe sancta, de verdade e com bõa e desejada vontade». E el·rey lhe preguntou mais qual era a rrazom por que se a ello movia, e Nun·Alvrez lhe respon-
25 deo em esta guisa: «Senhor, a vossa merçee sayba que, por eu seer, como som, vosso criado, e pollas muytas merçes que meu padre e meu linhagem e esso mesmo eu ey de vós rece-

---

1 *curees*: em *A* o primeiro *e* está aposto à mão sobre uma letra impressa que identificamos como *a* pelo exemplar da BGUC (curaes). Em *B* aparece «curees».

14 O texto desta linha começa com uma capital desenhada de formato menor que o das iniciais de capítulo. É o único caso em que tal se verifica, tanto em *A* como em *B*.

20 *Dizee·me*: Dizemee *A* Dizeeme *B*.

bidas e entendo de receber mais ao diante, ey grande desejo de vos servir em tal cousa que vossa merçee se ouvesse de mym por bem servido. E, consirando como o mestre dom Fernando Ançores vos ha feytos alguns deserviços em vossa terra em esta guerra que a vossa merçee ha com el·rey de 5 Castella, e como eu nom soom em tal estado nem de tanta gente nem de tal maneyra que lho por agora, de presente, podesse contrariar, e veendo como Joham d·Ançores he bõo cavalleiro e rijo, e he seu filho, o qual muyto ama, cuidey de o requestar, como de feito fiz, pera me matar com elle 10 dez por dez, como a vossa merçee ja bem sabe. E esto por duas cousas: a primeira porque, se a Deos prouvesse de eu delle levar a milhor, por fazer nojo e grande desprazer a seu padre e emmenda do nojo que vos elle em vossa terra fez,
Fol. 9 v || poys que por agora a mays nom posso abranjer; e a segunda 15 porque, posto que eu hy falecesse, seria com minha honrra, e entendo que falleceria bem, poys he por vosso serviço. E porem, senhor, vos peço por merçee que todavia vos praza dello e que aja de vós lugar e licença pera esto comprir». E el·rey escuytou bem as pallavras que lhe Nun·Alvrez disse, 20 teendo·lho em muyto serviço e a muy gram bem, e na fim lhe respondeo asy: «Nun·Alvrez, eu vejo e entendo bem que vossa enteençom foy e he muy bõa, o que vos eu guardeço muyto e tenho em serviço, e bem sõo çerto que de tal e de tam bõo criado que eu em vós fiiz nom podia sayr senom 25 tal cousa e outras milhores, e esta fiuza ouve eu sempre em vós e ey, porque eu pera mais vos tenho e pera muyto mayor

---

1 *ey*: em *AB*. A correcção é justificada pelo sentido do contexto e a grafia é abonada na linha anterior. Cf. 12.8, 33.22.

8 *Joham*: Johão *B*.

10 *de o requestar*: d' req̃star *AB*. Supre-se assim a falta do complemento.

20 *escuytou*: escutou *B*.

25 *fiiz*: fiz *B*.

cousa. Mais quero que saybaes que a mym nom praz de vós
serdes em tal cousa, de que se vos poderia seguir priigo e nom
muy grande honrra, o que eu nom queria, que vós e os taes
como vós tempo e lugar averees, prazendo a Deos, pera ante
5 mym, em hũa batalha ou outros muy grandes feytos, provardes vossa bondade, em que eu sey que vós nom faleçerees,
com ajuda de Deos. E quando esto for eu terrey mays razom
e aazo de vos fazer mercees e vos acrecentar, como he meu
desejo. E porem de poerdes mañão em tal requesta nom me
10 praz, como ja vos dito hey, ante vos mando e defendo que
nom ponhaes em tal feyto mañão nem curees mays delle».
E quando Nun'Alvrez viio a teẽçom e mandado del'rey,
desprouve'lhe e ficou muyto quebrantado. Mais porque al
nom podia fazer, e porque os engreses que entom vierom em
15 ajuda del'rey dom Fernando eram hy na corte del'rey, pensou em seu coraçom de se hiir a miçe Rreymom, conde de
Cambriis, e ao conde estabre, que vinham por capitaães dos
ingreses, a lhes pidir que pidissem por merçee a el'rey que

---

3 *que vós*: d' vos *B*.

4 *pera ante*: p (p cortado) ante *A* perãte *B*. A abonação de «ante» = «diante de», «na presença de» aparece em 27.24 e outras, mas são particularmente elucidativas as expressões *ante sy* em 82.27 e *ante seu senhor* em 86.23. A expressão «per ante» em 41.26 não nos parece poder transcrever-se como uma só palavra. O sentido de «perante» é expresso com «presente» em 128.15. Cf. tb. Fernão Lopes, *Crón. D. João I*, 1.ª parte, cap. LIV, p. 95: «... e ell veo logo prezemte elle...». A leitura que propomos é menos exigente em termos de restituição do que a proposta por Giuliano Macchi para o passo correspondente da *Crónica de D. Fernando*, cap. CXXIII.44.

6 *faleçerees*: faleçeres *AB*.

7 *terrey*: terey *B*.

9 *mañão*: maao *A* mañão *B*.

12 *teẽçom*: tençõ *B*.

14 *engreses*: ingreses *B*.

15 *eram*: era *A* erã *B*.

18 *pidissem*: pedissem *B*.

lhe desse lugar pera acabar sua obra que tinha começada. E de feyto se foy logo a elles e lhes contou a razom, pidindo·
·lhes por merçee que pidissem a el·rey que tanta merçee lhe fezesse que lhe outorgasse a licença. E os capitaães ingreses, quando viirom o que lhes Nun·Alvrez dizia, e, porque ja 5
delle aviam enformaçom e da obra que avia começada, receberom·no muy bem e lhe derom de sy grande logar e honrra, louvando do que avia começado, e disserom que lhes prazia muyto de fallarem sobre ello a el·rey, e logo, sem mays tardar, se forom a el·rey e lhe pidirom por merçee 10
que todavia lhe desse licença. E el·rey o nom quis fazer, escusando·se delles na milhor maneyra que o fazer pôde, porque eram estrangeyros. E assy ouve a cousa fim muyto contra vontade de Nun·Alvrez.

Fol. 10 r ¶ *Capitollo .xii. De como el·rey mandou a dom Pedro Alvrez,* 15
prioll do Esprital, que estevesse por fronteyro em Lixbooã, e com elle seus irmaãos e outros cavalleiros, jazendo hy a frota de Castella

Seendo os ingreses em Portugal, como en·cima faz mençom, em ajuda del·rey dom Fernando pera a guerra que 20
avia com el·rey dom Joam de Castela, e jazendo a frota de Castella d·ante Lixboa, grande e de muyta gente, el·rey dom Fernando mandou a dom Pedr·Alvrez, prioll do Espri- Mar. 1382
tal, que estevesse hy por fronteiro, e seus irmaãos com elle, e outros cavalleiros, o qual prioll, estando na frontaria, asy 25
elle com seus irmaãos e os outros que com elle estavam, amiude trabalhavam de fazer muytas bõas cousas, fazendo muitas escaramuças, e fortes, com os da frota que sayam

8 *louvando* (= louvando-o): louuãdo o *B*.
21 *Joam*: Johão *B*.

fora, dos quaes, por asy prazer a Deos, sempre levavam a
milhor e eram porem muy louvados do bem fazer, asy del·rey
Ago. como do reyno. E, antre os feitos e escaramuças que hy
1382 forom feitas mais notavees e priigosas, asy foy hũa que
5 Nun·Alvrez per sy, com os seus, fez, nom seendo hy o prioll
seu irmaão, a qual foy asy: Nun·Alvrez, amando muyto o
serviço del·rey e desejando ser em cousa que el·rey se ouvesse
delle por servido, e elle conhecido, e veẽdo como em cada
hũu dia e amiude os castellaãos sayam fora da frota a colher
10 uvas e fruyta, porque era entom em tempo della, hũu dia
aa noyte, Nun·Alvrez, sem o fazendo saber ao prioll, seu
irmaão, nem aos outros seus irmaãos, fallou com hũu bõo
cavalleiro que era seu cunhado, casado com huũa sua irmãa,
que chamavam Pedro Afonsso do Casal, de como era sua
15 vontade de em outro dia hir lançar hũa cillada aos da frota
pera se ajudar delles se fora sayssem, dizendo a Pedr·Afonsso
que se lhe prazeria de hiir com elle, e elle disse que de muy
boamente. E per esta guisa percebeo Nun·Alvrez e juntou
dos seus e doutros ataa xxiiii de cavallo de bõos homens
20 seus chegados e de sua criaçom e ataa xxx beesteiros e homẽes
de pee e logo em outro dia, bem cedo, cavalgou Nun·Alvrez
e se foy com elles lançar em cillada aa ponte d·Alcantara,
que he allem do moesteiro de Santos, de contra Restello,
cubrindo·se elle e os seus o milhor que podiam dos vallados
25 das vinhas e antre barrancos, que hy avia muytos, e de
penedos que estavam contra a rribbeyra, por nom serem
vistos dos da frota. E estando asy Nun·Alvrez em sua cillada

---

1 *dos*: os *B*.

11 *Nun·Alvrez*: nunalarez *A* Nunalurez *B*. Adoptámos a forma usada em todo o texto, considerando que o segundo *a* é mera gralha, por *u*.

11 *fazendo*: fazeẽdo *B*.

16-17 *dizendo... que* tem sentido interrogativo indirecto.

24 *podiam*: podia *B*.

falando com os seus a maneira que ouvessem de teer em
topar nos da frota se fora sayssem, com grandes coraçoões
e esforçados, nesto vem hum batell da frota em que vinrriam
ataa xx homẽes que vinham aas vinhas por uvas. E, como
sayram a terra, Nun·Alvrez e os que com elle estavam os 5
Fol. 10 v viram || beem e olharom honde sayam e onde aviam de
recudyr, e logo fez cavalgar os de cavallo e, com elles de volta,
os beesteyros e piões, e forom·se aaquelle lugar per honde
elles sabiam, que era hum grande barronco contra as vinhas.
E, como ally chegarom, porque parte dos castelhanos da frota 10
eram ja en·çima do baronco, Nun·Alvrez, como a elles chegou,
se deceo logo à pressa do cavallo, e algũus dos seus com elle,
e enderençarom de riigo a pee contra os castelhanos, e os
castelhanos, que os consigo virom, asy como sobiram riigo
ao baronco, asy tam riigo descenderom e se lançarom em 15
fundo na praya, e Nun·Alvrez e os seus com elles de volta.
E veẽdo·se os castelhanos delles muyto afficados, e, por
escapar da morte que viam a seus olhos, se lançarom todos
à augua e, delles a nadar e outros a amirgulhar per sob a
augua, se alargarom que lhes nom poderom empecer e cobra- 20
rom o seu batell e foron·se a seus navios. E, quando Nun·
·Alvrez viio que por entom nom lhes podiam mais empeçer,
cavalgou e recolheo outrosy todollos seus e foy·se poer com
elles ante a porta do moesteyro de Santos. E, estando assy,

---

3 *nesto*: E nesto *AB*.

3 *vinrriam*: vinrrã *A* vinhã *B*. O sentido estimativo exige aqui um condicional, caso que se verifica em outros lugares do texto. Cf. p. ex. 28.4. A variante de *B* é claramente mais moderna, e, como tal, deve ser afastada. Cf. *vinriam* em 52.6, e *vinria* em 87.20.

13 e 15 *riigo*: rijo *B*.

14 e 15 *riigo*: rijgos *A* rijos *B*. Atribuimos à palavra um sentido adverbial de modo. A sequência do texto confirma esta interpretação.

19 e 20 *augua*: agoa *B*.

21 *o seu*: seu *B*.

os da frota os viram como estavam e como aviam corrido
empos os seus e os fezerom lançar à augua e, com grande
despeyto, cobrarom coraçom e sayrom logo da frota muyta
gente, asy d·armas como beesteyros e piões, que seriam,
5 per todos os homens d·armas, atee duzentos e cinquoenta, e
todos com lanças d·armas e muitos beesteiros e pioões,
todos muy desejosos pera pelejar. E Nun·Alvrez, como os
assy vyo sayr, nom lhe desprouve dello nenhũa cousa, ante
lhe prouve e foy muy ledo porque pera tall jogo nom avia elle
10 menos vontade. E começou logo a tocar seu cavallo e, com
gram ledice, esforçar todollos seus, dizendo·lhes em esta
guisa: «Amigos e irmaãos, bem sabees a tençom pera que
aca saymos, que nom cumpre de vos mais ser dito, e ora
me parece que teendes prestes o que viestes buscar, do que
15 devees de ser muy ledos, ca da minha parte eu o som asaz,
e rogo·vos que, pois nos aa mão vem o que desejamos e por
que aqui viemos, que vos praza de seerdes lembrados de
vossas honrras e de aperfyar em pellejar, que, por cousa que
avenha, nunca tornedes as costas. E pera esto, com ajuda
20 de Deos, eu serey o primeiro que em elles toparey, e vós
siguide·me e fazede como eu fezer e certos sede que os cas-
telãos nom vos sofrerã se em vós sintirem esforço de bem
fazer, mas logo volverã as costas, que nom tem esperança
doutro acorro, e asi nos ajudaremos delles e percalçaredes
25 gram fama e muita honrra que vos por sempre durará».
Estas pallavras e outras muytas e muy boõas disse Nun·Alvrez
aos seus polos esforçar, mais nom lhe prestava nada, ca elles
vyam a muy||ta gente que da frota era saida, que vinha Fol. 11 r
pera elles ja muy acerca e cada vez crecia mais, e temiam

2 *augua*: agoa *B*.
7 *desejosos*: desejos *A* desejosos *B*.
14 *teendes prestes*: teends prestes *A* tẽdes preestes *B*.
17 *que (vos)*: ⁊ q̃ *A* q̃ *B*.
19 *avenha*: venha *B*.

muito d'esperar, por o qual Nun'Alvrez era em grande cuydado. E assy, com pallavras brandas e com outras mais asperas, bradava pollos esforçar, que nom era nada e que todavia que fossem a elles, e nẽhum o nom queria ouvir, ante mostravam que o nom conheciam nem entendiam, arre- 5 dando'se quanto mais podiam, e delles fugiram logo de todo, que nom poderam soffrer a vista da muyta gente. E quando Nun'Alvrez viio que assy delles fugiam e os outros que nom queriam tornar por dizer que lhes disesse, e que os castellaãos chegavom honde elle estava, adereçou seu cavallo e, com 10 muy gram coraçom de bem fazer, o ferio rriigamente das esporas e lançou'se antre elles na mayor espessura, honde estariam juntos ataa duzentos e çinquoenta homens d'armas, nom o seguindo nẽhũu dos seus. E como se asy antre elles lançou, que fez da lança o primeiro encontro, quebrou sua 15 lança e mete maão à espada, com que dava muytos e grandes golpes de hũa parte e da outra, e em tanto que, pero os castellanos fossem muytos e elle soo, bem lhe davam lugar. E asy trabalhou fazendo muytos grandes golpes e mui sintidos daquelles que os recebiam, mas seu bõo fazer nom 20 prestava nada porque os castellanos eram muytos e elle soo, e os golpes das lanças eram tantos com elle e esso meesmo os viratoões e pedras, que era maravilha grande podê'llas

---

4 *fossem*: fosse *A* fossẽ *B*.

9 *por dizer que lhes disesse* = para que não tivesse ocasião de lhes dizer alguma coisa.

11 *rriigamente*: rijamente *B*.

13 *çinquoenta*: cincoẽta *B*.

17 *pero*: erro *B*.

19-20 *sintidos*: sentidos *B*.

18 e 21 *castellanos*: castelhanos *B*. Mantemos a grafia de *A*, que ocorre noutros passos, considerando-a um compromisso entre duas outras formas que aparecem: castellaãos (arcaica) e castelhanos (moderna). Parece-nos mais verosímil esta interpretação do que ver nela mais um castelhanismo.

soffrer. E bem era conhecida sua morte per aquelles seus parceiros que o de longe viam, mas tanto lhe aveeo bem que, por asy prazer a Deos e desy porque hya tam bem armado de bõas solhas e muy fortes que nenhũa lança o nom podia
5 entrar, senom que o maçavam os golpes, que eram muy grandes e muytos. E elle porem cuydava que era chegado à morte pollos muytos golpes que en·sy sintia, e porem todavia se esforçava de ferir vivamente de hũa parte e da outra, ataa que o seu bõo cavallo foy ferido de tantas lan-
10 çadas que se nom pôde teer em pee e cayo sobre as ancas e, estando asy com a morte, nom pôde mais sofrer e cayo em terra, e Nun·Alvrez debaixo do cavallo, da parte esquerda e, assy em terra, ainda com o braço dereyto, da espada defendia sy e seu cavallo. E veẽdo os seus, que estavam longe, que,
15 em jazendo, asy pelejava e o grande periigo em que estava, forom constrangidos de muy gram vergonha e cobrarom coraçoões e acorreran·lhe. E o primeyro que a elle chegou foy hũu clerigo de Lixboõa em cuja pousada Nun·Alvrez pousava, e este foy o primeiro que braadou que lhe acorres-
20 sem, dizendo que todos ficariam asy deshonrrados por a morte do valente Nun·Alvrez e que ouvessem vergonha, que todos morressem com elle, o qual clerigo avia nome Vasqu·E||anes do Coto, o quall trazia hũa beesta e era homem bem **Fol. 11 v** avisado. E porque, ao cayr, aveeo asy que a espora se metera
25 per antre o corpo e a çilha do cavallo, cortou·lhe a çilha e ouve·se fora do cavallo, o qual Vasqu·Eanes depois recebeo

---

2 *longe*: lgõe *B*.
7 *en·sy*: em sy *B*.
11 *mais*: mais mays *A*.
12 *Nun·Alvrez*: Nunalarez *B*.
24 *ao cayr*: o sujeito é Nun'Alvares.
25-26 *cortou·lhe... e ouve·se*: sujeitos respectivamente Vasco Eanes e Nun'Alvares. Não é essa a interpretação de Oliveira Martins, *A vida de Nun'Alvares*, p. 59.

bõo gualardom e foy muy louvado, pollo qual Nun·Alvrez o fez beneficyar na see de Lixboa na mayor prevenda sem denidade que na ygreja ha, ca foy conigo na ygreja e governador na ygreja de Maffora e priol das Avitoreiras de Santarem e ouve outros muytos bẽes por que sempre viveo 5 rico e honrrado. E, tornando asy a Nun·Alvrez, como se asy vio despejado, cobrou hũa lança como aquelle que nom esquecia ho coraçom e, asy de pee como estava, começou de pellejar muy bravamente e seguindo seus contrayros. E neesto chegou em sua ajuda Dieg·Alvrez e Fernam Pereyra, seus 10 irmãos, e Pedr·Afonsso, seu cunhado, que asaz lhe forom bõos companheiros, e começarom todos seguir os castellanos, de guisa que forom hy muytos mortos e delles feridos e outros presos. E, andando em sua obra asy soffrendo gram trabalho, Pedr·Afonsso do Casall encontrou com hum castellaão, indo 15 a cavallo, o qual encontro foy muy periigoso ao Pedr·Afonsso porque o castellaão estava a pee e encontrou ao Pedr·Afonsso de baixo, como estava de pee, com hũa lança d·armas e falsou·lhe hũas solhas de que hya armado e pasou·lhe as solhas de hũa parte a outra, nom lhe chegando, porem, ao 20 corpo. E Pedr·Afonsso, asy encontrado como estava com a lança pellas solhas, se abaixava de çima do cavalo pera dar com a espada ao castellano, dizendo·lhe que se desse aa prisam, se nom que o mataria, e o castelhano o nom queria fazer em nẽhũa guisa. E veẽdo Nun·Alvrez Pedr· 25 ·Affonsso asy estar com o castelhano, e, pensando que era malferido polla lança que lhe passava as solhas, acudio a elle riigamente de pee, como andava, e chegou ao castelhano e todavia o quisera matar, e o castelhano, como o viio sobre sy, rendeo·se·lhe logo, dizendo que se dava à sua prisom e, veendo 30

15-16 *indo a cavallo*: o sujeito é Pedro Afonso do Casal.
21 *estava*: esteua *B*.
28 *riigamente*: rijamente *B*.

Nun·Alvrez que se rendia, nom o quis matar, aveẽdo por preso. E o castelhano, segundo que se mostrava, era homem vivo e de gram coraçom e, como vyo que Nun·Alvrez lhe dava lugar, nom se queria dar aa prisam como da primeira
5 dissera, e Nun·Alvrez tornou a elle outra vez e todavia o prehendeo, e per esta guisa fez aquele dia render e prehender outros muytos castellaãos. Oo virtuoso e de gram piedade, sobre seu corpo seer posto em tam gram trabalho e periigo, e, asy maçado, seer lembrado de tanta piedade!
10 E seus irmaãos, depois que a elle chegarom, o fezeram assaz de bem, que nom podiam milhor. E os castellanos nom poderam sofrer seu mal, que ja era grande, e tornarom costas e forom·se a seus batees hon||de delles forom muytos mortos Fol. 12 r e feridos à entrada delles. E aquelle dia deu Deos vitoria e
15 grande honrra a Nun·Alvrez e aos que com elle hiam, como quer que lhe muytos fugirom dos seus, como a estoria o ha ja divisado. E dos de Nun·Alvrez, a Deos graças, nenhũu nom morreo, mas forom delles peça feridos e nove cavallos mortos, dos quaes o primeiro foy o de Nun·Alvrez, e Nun·
20 ·Alvrez muy pisado e mal tractado dos muytos golpes que

---

1 *aveẽdo* = havendo-o.
4 *primeira*: primera *A* primeira *B*.
6 *prehendeo*: preẽdeo *B*.
6 *prehender*: preẽder *B*.
7 *Oo*: E o *AB*. Trata-se claramente de uma frase exclamativa que o texto de *AB* dissimula, e que está intercalada na sequência da narrativa. Tal como a interpretamos, a exclamação parece visar uma chamada de atenção para uma atitude de clemência de Nun'Alvares, e tem paralelo em casos idênticos, na forma e nas circunstâncias, que se verificam em 66.17 e 68.1, e ainda num outro, com a grafia correcta, que ocorre em 98.12. Não surpreende que só este tenha chamado a atenção de Aubrey Bell, enquanto os anteriores lhe passaram despercebidos.
10 *irmaãos*: irmaãs *B*.
13 *delles*: dellos *AB*.
15 *elle*: elles *AB*.

ouve. E foy·se com todollos seus, com muyta honrra, pera a çidade, honde foy recebido com muy grande prazer, assy do prioll, seu irmaão, como de todollos da çidade.

℄ Capitollo .xiij. Como, estando o prioll em sua frontaria em Lixboa, e com elle Nun·Alvrez, el·rey dom Fernando foy prestes pera poer batalha a el·rey de Castella, antre Elvas e Badalhouçe, e da maneira que Nun·Alvrez teve por seer na batalha 5

Estando assy o priol, e com elle Nun·Alvrez, na frontaria de Lixboõa, el·rey dom Joham de Castella, filho del·rey dom Anrrique, que ja era morto, juntou suas gentes e se veeo a Badalhouçe pera poer a batalha a el·rey dom Fernando de Portugal. E el·rey dom Fernando, avendo pera ello bõa vontade, foy logo prestes com suas gentes e com ingreses que lhe de Ingraterra vierom em ajuda, e se foy a Elvas e mandou ao priol do Esprital, que assy estava por fronteyro em Lixbõa, que nom fosse la nem se partisse da frontaria, mais que todavia estevese hy com todollos que com elle estavam, porque assi o entendia mais por seu serviço, polla grande frota de Castella que em essa sazom sobre Lixbõa jazia, da qual cousa ao prioll pesou muyto, porque sua vontade era todavia seer na batalha com el·rey seu senhor, pero foy·lhe forçado fazer o que lhe el·rey mandava, em nom partir da frontaria. E falou com Nun·Alvrez e com outros seus irmaãos e outros bõos, que com elle na frontaria estavam, todo o recado e mandado que sobre esto del·rey ouvera, do que Nun·Alvrez ficou triste e muyto anojado e, porem, por entom nom respondeo cousa ao prioll seu irmaão pollos

Ago. 1382 — 15 — 20 — 25

5 e 10 *el·rey*: E elrey *AB*.

20 *frota*: a última letra está corrigida manualmente. No exemplar da BGUC lê-se «frote».

22 *era*: em *AB*. Cf. 12.8.

muytos que hy estavam. E, tanto que se os outros partirom,
o prioll se foy pera sua camara e Nun·Alvrez com elle, que
nom via a ora em que lhe avia de pedir licença pera se hyr
pera el·rey aa batalha. E, tanto que ambos forom na camara,
5 Nun·Alvrez falou ao prioll, seu irmaão, em esta guisa: «Senhor
irmaão, por detirminado avedes vós todavia nom partirdes
daqui pera serdes com el·rey na batalha? Por || mercee, Fol. 12 v
declarade·me sobre esto vossa vontade». E o prioll, riindo·se,
lhe respondeo: «Irmaão, bem veedes vós que eu nom posso
10 hy all fazer senom comprir o que me el·rey meu senhor manda
e, fazendo o contrayro, nom mo contaria por serviço. Mas
espero na merçee de Deos que elle sera vencedor da batalha
e a nós encaminhará com esta frota, de guisa que o servi-
remos de tam bõo serviço como la lhe podiamos fazer.
15 E porem, irmaão, nom seja a vós esto empacho nem vos
anojedes». Nun·Alvrez tanto estava cuydoso como poderia
seer na batalha, que lhe nom parecia seer muy razoado
o que lhe seu irmão dezia e, tanto que o prioll, seu irmaão,
acabou, com gram misura lhe fallou em esta guisa: «Senhor
20 irmaão, a my parece que todallas cousas do mundo vós devia-
des esquecer e deixar por todavia seerdes na batalha com
vosso rey, do que vós e vosso padre e nós e todo nosso linha-
gem tantas mercees avemos recebidas. Pero, porque ja per
vezes ouvy dizer a alguns entendidos que milhor cousa he
25 obedecer que sacrificio, parece·me que he bem de lhe serdes
obediente e comprirdes seu mandado. Mays, porque eu
entendo que em esta frontaria vos farey pequena mingoa
honde á tantos de bõos como aqui comvosco estam, e desy
porque me semelha que eu farey a mayor maldade do mundo
30 se em esta batalha nom fosse, por que vos peço, senhor,

---

6 *detirminado*: determinado *B*.
7 *mercee*: merece *B*.
10 *o que*: a que *A* o que *B*.
17 *parecia*: pareceria *A* parecya *B*.

por merçee, que me dedes lugar pera seer em ella, e eu leixarey aqui todollos meus, que nom quero comigo levar senom çinco ou seys companheyros com nossas armas, sem outras azemellas». E o prioll lhe respondeo, ja quanto de sanhudo, que tal lugar lhe nom daria, ante lhe rogava e mandava que 5 desta cousa se nom trabalhasse. Tanto que Nun'Alvrez ouve tal resposta de seu irmaão, logo se partio nom muy ledo e se foy pera sua pousada e, o mais em segredo que pôde, começou de conçertar sua hyda e nom o pôde fazer tam secretamente que o prioll dello parte nom soubesse. E, tanto 10 que o soube, porque lhe conhecia bem a vontade, que, pois aquello que começava que o avia de acabar, mandou logo perceber as portas da cidade e poer em ellas suas guardas, que nom leyxassem per ellas sayr nenhũa da gente d'armas, especialmente a porta de Sam Vicente, per que elle entendia 15 que sayria. E ja por esse dia nem por a noyte seguinte ataa mea noyte Nun'Alvrez nom se trabalhou de fazer nẽhũa cousa, e, à mea noyte, elle e cinco escudeiros que elle escolheo Fol. 13 r pera consigo levar, com seus pages, sem outras azemellas, cavalgarom e foron'se aa porta de Sam Vicente, e || as gentes 20 d'armas e pioões que hy estavam por guardas tinham ja as portas deferrolhadas porque abriam aa gente que hyam por seus serviços e nom tinham ja senom as trancas de paao. E, como Nun'Alvrez, e os seus com elle, achegarom, as guardas os quiserom torvar, e envolveron'se com elles, 25 de guisa que ouveram por seu barato darem'lhe lugar. E Nun'Alvrez e os seus abriram as portas e forom seu caminho sem torva que ouvessem e chegarom a Elvas, honde el'rey dom Fernando estava, estando ja concertada a batalha e asignada com el'rey de Castella pera se fazer, e, tanto que 30 a el'rey chegou, elle ho recebeo muy bẽe, louvando perante todos sua bondade e grande façanha, e ainda muyto mays

---

12 *que ... que*: o primeiro é relativo e o segundo é expletivo.
22 *deferrolhadas*: desferrolhadas *B*.

o louvou depois que soube as maneyras que tevera com o prioll seu irmaão e como se fora sem sua licença contra sua vontade. E, estando asy prestes a batalha pera seer, prouve a Deos que a desviou, e os rreys forom unidos em amizidade, e foy tratado logo casamento del·rey dom Joham de Castella com a iffante dona Beatriz, filha del·rey dom Fernando e da reynha dona Lianor. E, concordado o casamento e feytas as firmezas delle, el·rey de Castella se tornou a seu reyno, e el·rey dom Fernando se veeo a Ryo Mayor, onde logo adoeçeo.

11 Ago. 1382

10 ℭ *Capitollo .xiiii. Do que aveo a Nun·Alvrez quando a reynha dona Lianor foy a Elvas ao casamento de sua filha dona Beatriz, quando foy entregue por molher a el·rey de Castella, seu marido*

14 Maio 1383

Seendo el·rey dom Fernando muyto enfermo, de guisa que nom podia hyr dar sua filha a seu marido, forom juntos todollos senhores e fidalgos e grandes do rreyno com a reynha dona Lianor, sua molher, e com a iffante dona Beatriz, sua filha, e foron·se a Elvas, e el·rey de Castella se veeo a Badalhouce e foy feyta a festa das vodas. E hum dia veeo 20 el·rey de Castella a Elvas e foy·lhe feita salla muy solene, em a qual comeram todollos grandes que hy eram de Portugal e grande parte dos de Castella, e, antre os fidalgos portugueses

---

5 *Joham*: Joam *B*.

6 *iffante*: inffante *B*.

7 *reynha*: raynha *B*.

9 *logo*: lo *AB*. O contexto suporta esta correcção. Não encontrámos no texto abonação para uma hipotética forma *lo* (= lá ?).

17 *reynha*: reyna *A* reynha *B*.

18 *foron·se*: foromse *B*.

19 *Badalhouce*: o *c* foi corrigido manualmente sobre um *s*, que se vê no exemplar da BGUC.

19 *das*: de *B*.

que foram ordenados comer na salla, foram Nun·Alvrez e Fernam Pereyra, seu irmaão. E na sala eram muytas mesas e as tres mesas principaes, convem a saber, a del·rey, que era muy alevantada, como compria a mesa de rey, e hũa da parte dereyta e a outra da seestra da mesa del·rey. E em 5 hũa destas duas mesas eram assinados pera comerem em ella, com outros fidalgos, Nun·Alvrez e Fernam Pereyra, Fol. 13 v seu irmaão, e, quando || veeo ao assentar, elles, com misura, nom se trigarom ao assentar e a mesa em que elles eram asinados pera comer foy muy asinha chea de portugueses e 10 mays de castellaãos e delles nom fezeram conta, pero fossem bem conhecidos e estevessem bem guarnidos. E elles, quando esto viirom, e virom o tronco da mesa todo cheo que nom tinham honde se assentar, Nun·Alvrez disse contra seu irmaão, ja quanto de sanhudo: «Nós nom teemos proll nem honrra de 15 aqui mais estar, e porem he bem que nos vaamos pera as pousadas, mas ante que nos vamos eu quero fazer que estes que nos pouco preçarom e de nós escarnecerom, que fiquem escarnidos». E chegou·se logo aa mesa, a hũu cabo della, e, em presença del·rey e de sua vista, alçou a mesa e, com a 20 perna, tirou o pee da mesa e cayo a mesa em chaão, e os que a ella siiam ficarom todos spantados, e elles se partirom logo com grande assessego, bem como se nom fezessem nenhũa cousa. E el·rey, que esto vyo bem, preguntou que homens eram aquelles, e foy·lhe dito como eram ally ordenados 25 aaquella mesa e como nom fezeram delles conta, nem tendo honde se assentar, e el·rey respondeo que elles o fezeram bem, e que quem ally tall cousa cometia em tal lugar, sintiindo a deshonrra que lhe era feyta, que pera mays seria seu coraçom. E em esto nom fallou el·rey mais, porque 30

---

1 *foram*: fora *AB*.

22 *spantados*: espantados *B*.

29 *deshonrra*: honrra *A* hõrra *B*. A correcção é exigida pelo sentido da frase.

eram portugueses, ca, se foram castellanos, podera ser que tornara doutra guisa.

¶ *Capitollo .xv. Ataa·qui se fallou das cousas que fez Nun·Alvrez em sua moçydade e na vida del·rey dom Fernando,*
5 *e daqui em diante se fallará das que fez depoys da morte del·rey dom Fernando*

22 Out. 1383 Asy falecido el·rey dom Fernando, Nun·Alvrez estava Antre Doyro e Minho em sua casa com sua molher, e foy·lhe recado da reinha dona Lianor que el·rey era morto
10 e que lhe mandava que viesse logo a seu trintayro. Tanto que Nun·Alvrez seu recado ouve, foy muy anojado polla morte del·rey e, sem outra demorança, se fez logo prestes com trinta homens d·armas, de bõos escudeiros e bem armados e peça de homens de pee, nom hiindo nẽhum ao triintayro
15 com gentes d·armas senom elle. E assy chegou aa çidade
22 Nov. 1383 de Lixbõa, onde se o triintayro avia de fazer e, como aa çidade chegou, foy falar aa reynha e ella o mandou logo apousentar. E, estando apousentado em bairro, Gill Eannes, corregedor, e o apousentador moor, vierom ao seu bairro per mandado da
20 ray||nha pera desapousentar çertos escudeiros de Nun·Alvrez. Fol. 14 r
E os escudeyros que asy desapousentavam se emborilharom com o corregedor e apousentador, e correrom com elles ataa açerca do paço honde a raynha estava. E, indo ho corregedor bradando grandes vozes que lhe acorressem, como chegou
25 aa raynha, ella lhe preguntou por que bradava e vinha asy, e elle lhe disse: «Vós, senhora, perdees pouco porque estaes em salvo. Sayba vossa merçee que nós fomos ao bairro de Nun·Alvrez pera desapousentar aquelles seus escudeiros que mandou vossa merçee, e ouveramos de hiir em forte ponto,

---

23 *raynha*: reynha *B*.
24 *como*: E/⁊ como *AB*.

ca passámos polla morte, ca taes escudeiros, nem assy valentes, nunca os vy como os seus. E bem vos digo, e asy o creo, que taes quinhentos escudeiros pellejarom com el·rey de Castella». E desto foy a raynha assaz de anojada, e bem tornara a ello, se nom que lhe diseram que nom era em tempo 5 de escandalizar nenhuns fidalgos nem outras gentes, ca hy lhe ficaria depois tempo. Desto pesou pouco a Nun·Alvrez, ainda que elle mostrasse o contrayro, porque era bem çerto que lho faziiam pollo desonrrar e nom por outra cousa razoada. 10

¶ *Capitollo .xvi. De como, feyto o trintairo por el·rey dom Fernando, estando em elle dom Pedr·Alvrez, prioll do Espritall, irmão de Nun·Alvrez, hũu dia foy Nun·Alvrez veer o prioll seu irmaão aa pousada, e do pensar em que foy e do que sobre ello fallou com Ruy Pereyra, seu tiio, que em casa do prioll estava* 15

Acabado o trintairo, estando o prioll dom Pedr·Alvrez, que aaquello viera, em Lixboõa, hum dia o foy veer Nun·Alvrez, seu irmaão, à pousada. E, depoys que lhe fallou e espaçou hũu pouco com os outros cavalleyros que hy estavam, apartou·se soo pollo paaço a cuydar que avia 20 de seer do regno de Portugal, que assy ficava deserto, e quem o defenderia. E per spiritu de Deos lhe veeo ao pensamento que nom pertecia a outrem nem o devia nem podia fazer senom o mestre d·Avys, que era filho del·rey dom Pedro, e que elle conhecia por muy nobre cavalleyro, do quall 25 tempo avia que elle avia grande conhecimento. E logo lhe veeo ao pensar que o começo de tal obra avia de seer o conde

9 *faziiam*: faziã *B*.

23 *pertecia*: pertencia *B*. Cf. 187.12 e 190.17.

27 *avia de*: om. *AB*. Embora fossem admissíveis outras restituições, a que adoptámos é dada pelo texto de Fernão Lopes, *Cr. de D. João I*, 1.ª parte, cap. IV, p. 8. Cf. l. 1 da p. seg.

Joham Fernandez Andeiro seer morto, porque a rraynha tinha em elle grande esperança. E, andando pensando em esto, olhou pollo paaço e viio Ruy Pereyra, seu tiio, que hy estava, o qual elle muyto amava, e sabya que era elle muy
5 chegado ao meestre e bem seu servidor. E, como o vyo, foy pera elle e lhe re||contou todo o que avia penssado, asy Fol. 14 v
sobre a defensom do regno, do que lhe parecia que devia tomar carrego o meestre d·Avys, como da morte do comde Joham Fernandez, dando·lhe a entender e declarando çer-
10 tamente que em esto seria elle com bõa vontade por serviço do mestre, querendo elle em ello poor maão. E Ruy Pereyra, que ja esto trazia em grande cuydado, foy muyto ledo do que lhe Nun·Alvrez dezia, e tanto foy ledo que nom se teve mais e logo se foy ao meestre a lhe recontar todo o que lhe
15 Nun·Alvrez sobre esto razoara. E o mestre, seẽdo dello ledo, mandou logo chamar Nun·Alvrez e agardeceo·lhe muyto o que com Ruy Pereyra fallara e encomendo·lhe que logo da sua parte se trabalhasse d·aver as mays gentes que podesse pera em outro dia ser morto o conde Joham Fernandez,
20 da quall cousa a Nun·Alvrez muyto prouve, e logo se partio do mestre pera sua pousada pera se avisar e conçertar do que lhe o mestre mandara. E, conçertando·se pera ello com grande aguça, o mestre lhe mandou dizer que, por entom, cessasse do que lhe disera, que se nom podia fazer. E desto foy

---

1 *seer morto*: morto *A B*.

1 *rraynha*: reynha *B*.

7 *defensom*: defension *A* defenssom *B*. A forma de *A* é claramente um castelhanismo que foi eliminado na 2.ª edição. A forma que adoptámos é abonada pelo texto de *A* em outros passos, nomeadamente 56.7, 58.14, 75.11, 81.21 e outros.

8 *comde*: correcção manual em espaço rasurado mais extenso do que a palavra requereria. O exemplar da BGUC tem um rectângulo de papel colado, com a palavra na mesma composição impressa.

11 *maão*: moão *B*.

15 *seẽdo*: fendo *B*.

17 *encomendo·lhe* (= encomendou-lhe): encomẽdoulhe *B*.

Nun·Alvrez fortemente anojado, por se tal espaço poer na obra, e logo sobre ello foy falar ao mestre, pensando de o reduzer a se logo fazer a obra e, porque nom pôde, espediu·se logo e foy·se apos o prioll, seu irmaão, que ja era partido caminho de Santarem e foy·o encalçar a Pontevall. E, estando 5 o priol e elle em Pontevall, chegou hy Gonçallo Tenrreyro, capitom, com recado da raynha ao prioll que todavia fosse em seu serviço, e que ella o acrecentaria e faria muytas merçes e lhas faria fazer a seu filho, rey de Castella. E de tal embaixada Nun·Alvrez e muytos outros bõos que com 10 o prioll estavam eram anojados e lhes pesava, e bem fallavam todos que era bem que fallasse ao prioll que de tal embaixada nom curasse. E, antre todos, Nun·Alvrez foy tam anojado que se nom pôde teer que nom falasse ao prioll, e disse·lhe que nom avia bõo conselho dar lugar a tal embaixada, e que 15 mais seu serviço seria tornar·se a serviço do meestre, como lhe ja algũas vezes disera. E o prioll nom curou do seu dizer e nom lhe respondeo nada.

¶ *Capitollo .xvii. De como se o prioll partiio de Ponteval pera Santarem, e Nun·Alvrez com elle, e do que a Nun·Alvrez aveo com hũu alfageme em Santarem* 20

Chegando o prioll e, com elle, Nun·Alvrez a Santarem, Nun·Alvrez foy bem apousentado em Sancta || Maria (Fol. 15 r) de Palhaaes e hum dia à tarde, depois de çeea, sayo Nun·Alvrez (Dez. 1383) a folgar pella praya do Tejo a fundo, contra Sancta Eyrea, e passou per ante a porta de hũu alfageme que morava acerca da praya e vyo·lhe teer ante a porta hũa espada muyto limpa e bem guarnida de seus garnimentos e tomou·a na

3 *espediu·se*: espediosse *B.*
5 *encalçar*: encalcar *A* encalçar *B.*
24 *Palhaaes*: palhaães *B.*
28 *garnimentos*: guarnimẽtos *B.*

maão e fez pergunta ao alfajeme se lhe corregeria asy hũũa sua e elle lhe respondeo que sy, e muyto milhor. E Nun·Alvrez mandou logo por ella e mandou·a dar ao alfajeme que a corregesse. E em outro dia aa tarde, hyndo Nun·Alvrez
5 folgar per aquelle mesmo lugar, e chegando aa porta daquelle meesmo alfageme, vyo ja a sua espada estar corregida bem e muyto à sua vontade, e tomou·a na sua maão e foy com ella muy ledo, e mandou logo ao seu comprador que pagasse o alfageme muyto aa sua vontade, e o alfageme lhe respon-
10 deo: «Senhor, eu por agora nom quero de vós nenhũa pagua, mas hyrees muyto em bo·ora e tornarees aqui conde d·Ourem, e entom me pagarees». E Nun·Alvrez lhe respondeo: «Nom me chamees senhor, ca o nom som, mas todavia quero que vos paguem bem». E o alfagème tornou a dizer: «Senhor,
15 eu vos digo verdade, e asy sera cedo, prazendo a Deos». E assy foy verdade que de hy a pouco tempo tornou hy conde d·Ourem e elle pagou bem o corrigimento da espada, como se adiante dira em seu lugar. E em este meeo chegarom
6 Dez. 1383 novas a Santarem de como o meestre matara o conde Joham Fernandez, e que tambem eram mortos o bispo de Lixboõa e o prioll de Guimaaraães, que era por parte da raynha. E, tanto que Nun·Alvrez estas novas ouvyo, foy·sse logo ao priol seu irmaão a lhas contar, e dizer que esto era obra de Deos, que se queria lembrar desta terra, que nom fosse
25 subjeyta a Castella e que, pois tal começo era feyto, que lhe pedia por mercee que todavia se tornasse a serviço do meestre, como ja outras vezes lhe dissera. E o prioll nom curou de quanto sobre esto lhe dizia, dizendo·lhe que nom tinha siso o que tal cousa cuydava que avia de hiir adiante como elle dizia.
30 E, vendo Nun·Alvrez como a reposta que no priol, seu irmão,

---

1 *maão*: maõo *A* maão *B*.
11 *tornarees*: tornares *AB*. Cf. *pagarees* na l. seguinte.
17 *corrigimento*: corregimẽto *B*.
17-18 *como se adiante dira*: v. cap. LII.

achava era muito fria ao seu desejo, foy logo falar com Dieg·
·Alvrez, outrosy seu irmaão, que era bõo cavalleiro, que
tambem hy era com oprioll, que todavia se fossem pera o
mestre, e Dieg·Alvrez lhe outorgou que lhe prazya.

❡ Capitollo .xviii. De como, sabendo o priol as novas da 5
morte do conde Joham Fernandez, se partyo logo de Santarem,
caminho da Golegãa, pera sua terra, e de como Nun·Alvrez e
Dieg·Alvrez, seus irmaãos, o leixarom e se foram caminho
de Lixboa pera o meestre

Fol. 15 v· Tanto que o prioll foy certo da morte do conde Joham 10
Fernandez, partiu·se logo de Santarem, honde estava,
caminho da Golagãa pera sua terraa, e Nun·Alvrez e Dieg·
·Alvrez, seus irmaãos, o leixarom, e encaminharom pera
Lixboa, honde o mestre estava, segundo d·antes tiinham
acordado. E, chegando a Pontevall, Dieg·Alvrez se arephendeo 15
do caminho que levava e por leixar seu irmaão, o prioll,
que leixara, e fallou logo com Nun·Alvrez, que o dello nom
pôde desviar, e foy·se seu caminho apos o prioll, e Nun·
·Alvrez todavia seguio seu caminho pera Lixbõa, estando ja
a raynha dona Lianor e os condes seus irmaãos e outra muyta 20
gente em Alenquer. E Nun·Alvrez foy esse dia dormir a
Alverca, temendo·se muyto de o a raynha mandar prehender
ao caminho, teendo elle fallado com seus escudeiros que,
se se algũa cousa recrecesse, que todavia ante todos fossem

---

6 *Joham*: Johão *B*.
7 *caminho*: cominho *A* caminho *B*.
7 *Golegãa*: golegaa *A* golegaã *B*.
15 *arephendeo*: arrepẽdeo *B*.
20 *raynha*: reynha *B*.
22 *raynha*: raymha *A* reynha *B*.
24 *se se*: se *B*.
24 *ante* = antes.

mortos que presos. E aquella noyte nunca forom desarmados nem as bestas deseelladas. E a raynha soube como Nun·Alvrez passava pela estrada e quisera mandar prhendê·llo, e, per conselho dalguns que com ella estavam que queriam
5 bem a Nun·Alvrez, o leixou de fazer, dizendo·lhe que nom avia por que o fazer, que, posto que pera Lixbooa fosse, nom sabya a tençom que levava e que, porventura, lla se poderia ella tambem servir delle, como viir pera ella. E em
Dez. 1383 outro dia chegou Nun·Alvrez a Lixboa e foy logo falar ao meestre, que ho muyto bem recebeo, dizendo·lhe que de sua viinda lhe prazia muyto e que dias avia que o muyto desejava. E esso meesmo foy bem recebido de todollos da cidade, que com sua viinda folgaram muito e forom muyto ledos.

15 ¶ *Capitollo .xix. De como, depoys que Nun·Alvrez foy em Lixboa, ficou com o meestre pera o servir, e em que maneyra ficou com elle*

A dous ou tres dias depois que Nun·Alvrez chegou a Lixbooa, como ja en·çima faz mençom, foy·sse ao paaço do meestre
20 e falou·lhe em esta guisa: «Senhor, grandes dias ha que muyto desejey e desejo de vos servir, e nom foy minha ventura de o ataa ora poder fazer. E porque ora vós sooes em tal ponto que entendo que poderey cobrar o que desejey em vos servir, me offereço a vosso serviço com boa vontade e vos peço de
25 merçee que daqui adiante me ajaaes por todo vosso, e serviindo·se vossa mercee de mym em todallas cousas como de

---

2 *raynha*: reynha *B*.
3 *prhendê·llo*: prehendello *B*.
24 *me*: ⁊ me *AB*.
25 *ajaaes*: ajaães *AB*.
25-26 *serviindo·se*: seruindose *B*.
26 *mym*: mi *B*.

hũu homem que pera ello serey muyto prestes». E o mestre
Fol. 16 r lhe agardeceo || muyto sua boa vontade porque dias avia que
o conhecia por bõo e o recebeo por seu, poendo logo em seu Dez. 1383
conselho com os outros que em elle estavam, e dally adiante
nom fazia cousa de que elle parte nom soubesse. E, estando 5
asy em Lixbooa com o mestre, Eyrea Gonçalvez, madre de
Nun·Alvrez, que era bõa e muy honrrada dona, chegou a
Lixboa a Nun·Alvrez com recado del·rey de Castella e de
dom Pedr·Alvrez, priol do Esprital, seu irmaão, que lhe
enviava per ella dizer que todavia leixasse o meestre e se 10
fosse pera el·rey de Castella, que lhe mandava prometer o
condado de Viana e outras terras e rendas do que elle fosse
assaz contente. E sobre esto Eyrea Gonçalvez trabalhou
muyto que o fezesse asy, mostrando·lhe que a tençom que
tinha em servir o mestre nom podia hiir adiante nem podia 15
per ella crecer em bem nem em honrra, e outras muytas razões
em que vinha encaminhada per el·rey de Castella e per o
priol. E, porem, sua palavra nem largas promessas presta-
ram pouco, ca por cousa que dissesse nunca pôde mudar
Nun·Alvrez, seu filho, de sua bõa tençom, ante contrariava 20
a sua madre, dizendo que Deos nom quisesse que por dadivas
e largas promessas elle fosse contra a terra que o criara, mas
que ante despenderia seus dias e espargeria seu sangue por
emparo della, de guisa que, onde ella vinha pera reduzir seu
filho pera serviço del·rey de Castella, Nun·Alvrez reduzeo 25
ella pera serviço do mestre, dizendo·lhe ella e encomendando·
·lhe que, pois asy era, que servisse o mestre verdadeiramente,

---

3 *poendo* = pondo-o; poẽdo o *B*.
17 *per*: por *B*.
21 *quisesse*: quixesse *A* quisesse *B*.
25 *reduzeo*: reduze *AB*.
26-27 *encomendando·lhe*: encomendolhe *AB*. A correcção está feita à mão no exemplar da BN, o que não sucede no exemplar da BGUC.

pois que com elle ficara, e se nom partisse delle em nenhũa guisa e que ella faria logo viir pera elle seu filho Fernam Pereyra, seu irmaão. E de feyto asy o fez que, tanto que ella foy com reposta de sua embaixada àquelles que a man-
5 daram, logo mandou seu filho Fernam Pereyra com sua gente a Lixboa pera o meestre.

¶ *Capitollo .xx. De como, estando o mestre asy em Lixboõa, tinha amiude seus conselhos, e das maneiras que se nos ditos conselhos teverom*

10 O meestre era em grande cuidado porque alguns do seu conselho lhe conselhavam que nom aguardasse el·rey, mas que se fosse pera Ingraterra, dando·lhe suas razoões que allo poderia aver geẽte e ajuda tal que depois poderia tornar sobre a terra de Portugal, e outras muytas que lhe esperta-
15 vam. E de sse o mestre hiir fora da terra Nun·Alvrez e Ruy Pereyra e Alvaro Vaasquez de Gooes e o doutor Joham das Regras e o doutor Martim Affonso e Alvaro Paaez || nom Fol. 16 v
eram em este conselho, ante diziam que nom era bem nem serviço de Deos nem sua honrra hiir fora da terra, mais que
20 lhe pediam por merçee que asesseguasse e que Deos, que

---

4 *àquelles*: a aquelles *B*.
5 *filho*: fifilho *A* filho *B*. O erro de *A* parece dever-se à transição de linha na composição tipográfica.
7 *De*: om. *AB*. Inicial minúscula em *como* em *A*, a denunciar falta de uma palavra anterior. Note-se o início das epígrafes dos capítulos anteriores e seguintes: *De como*...
8 *amiude*: a meude *B*.
11 *el·rey* refere-se ao rei de Castela.
16 Joham: Johão *B*.
17 *Paaez*: pããez *AB*.
18 *em este conselho* = desta opinião.
20 *asesseguasse*: asessegasse *B*.

o pera esto chamara e escolhera, emcaminharia seus feitos em grande bem, e honrra sua e do reyno. E assy tinha ho meestre em vontade, senom quanto era a torvaçom que lhe algũus faziam em lhe conselhar o contrairo. E hũu dia, depois desto, o meestre mandou chamar Nun·Alvrez e os 5 outros do seu conselho e fallou com elles em esta guisa: «Amigos, vós bem sabees o grande priigo em que este regno está, como partiindo·me eu desta terra, como algũus dizem, a terra seria de todo perdida e sugiguada a el·rey de Castella. E porem, se vós asy acordardes, eu som desposto pera ficar 10 na terra e nom partir della em nenhũa guisa». E desto os do conselho forom muy ledos e todos lhe pediram por merçee que asy o fezesse e que, com ajuda de Deos, elles o serviriam lealmente e que esperavam em Deos que elle daria bom fim a seus desejos. E logo lhes o meestre disse que tinha grande 15 empacho no castello da menajem da cidade, que estava contra elle, que o tinha Martim Afonsso Valente por a rraynha dona Lianor, e estava dentro com elle Afonsso Anes das Lex. E disse·lhe Nun·Alvrez que fosse sua merçee de se nom anojar nem aver empacho, ca Deos, que lhe a çidade dera, 20 lhe daria o castello, e que elle queria logo sobre ello hir fallar com Martim Afonsso Vallente e Afonsso Anes das Leis, que o tinham, e, de feyto, asy o fez, que se foy logo a elles, poendo·lhe deante que o deviam fazer, e por que deviam de dar o castello a seu senhor, o mestre. E tanto lhe razoou 25 sobre esto que Martim Afonsso Valente lhe disse que o nom faria em nenhuũa guisa ataa que o fezesse saber aa raynha, por que tinha o castello, e pedio·lhe espaço de quorenta oras pera lho fazer saber. E, em tanto, Afonso Annes foi posto em arrefẽes em poder de Nun·Alvrez, e Pedr·Eanes Lobato 30 com elle. E foy posta grande guoarda no castello que

25 *razoou*: razou *AB*.
31 *guoarda*: guarda *B*.

nenhuũa gente nom entrasse em elle, ataa que foy entregue
ao mestre com honrra de Martym Afonsso e d·Affonsso Annes
30 Dez. que o fezeram saber aa raynha e nom lhe quiseram acorrer,
1383 ante mandou que lho entregassem. E por prazer a Deos e
5 por se o mestre achar bem conselhado de Nun·Alvrez, pra-
sia·lhe de seu conselho e fallava com elle muytas cousas em
especial, e amiude seguia em ellas seu conselho. E desto
pesava muyto aos outros, convem a saber, a Ruy Pereyra
e Alvaro Vaasquez de Gooes e ao doutor Joham das Regras
10 e ao doutor Martym Afonsso e Alvaro Paaez, e aviam grande
despeyto de Nun·Alvrez e com grande enveja falla||vam Fol. 17 r
todos em segredo e juraram que sempre fossem contra os
conselhos que Nun·Alvrez desse, e que nunca se a elles
tevessem, por razoados que fossem, e de feito assi o faziam.
15 E este segredo foy discuberto a Nun·Alvrez e hũu dia, fallando
o meestre em seu conselho e em hũa cousa notavel, Nun·
·Alvrez respondeo a ella o que entendeo por serviço de
Deos e do meestre, e ainda a prazer do meestre, que era na
teençam de Nun·Alvrez, e os do conselho nom forom em elle,
20 ante o contradisseram muyto rrijamente, em tanto que
Nun·Alvrez começou de riir porque sabia bem o por que
o faziam. E o meestre lhe preguntou por que riia e elle lhe
declarou o que era e porquê. E o meestre se maravilhou
muyto e teve com elles aquella maneyra que em tal feyto
25 cabia, de guisa que jamais nom teveram tal maneyra contra
Nun·Alvrez como ataa entom teveram.

---

10 *Paaez*: paãez *AB*.

19 *teençam*: tençã *B*.

23 *maravilhou*: marauilho *A* marauilhou *B*. A correcção consta de *A*, exarada à mão na entrelinha.

¶ *Capitollo .xxi. De como o meestre foy sobre Alenquer com pouca geẽte, o quall lugar tinha polla reinha Vaasco Pirez de Camões*

Teendo Vasco Pirez de Camões a villa e o castello d·Alanquer por a raynha dona Lianor, e com muyta gente de cas- 5 tellaãos e portugueses, o meestre se partyo de Lixboa, e 13 Jan. 1384 Nun·Alvrez com elle, nom mais que com duzentas ou trezentas lanças e poucos homẽes de pee e beesteiros, e se foy a Alanquer sobre Vaasco Pirez, e foram hy feitas muytas escaramuças da jeente do mestre com os que estavam na 10 villa. E o meestre tinha ho outro dia hordenado de combater o lugar, e de noyte lhe chegou recado que el·rey de Castella era ja em Santarem com seu poder, e feze·o logo saber a Nun·Alvrez e enviou·lhe dizer que se queria em outro dia partir. E, como a gente do meestre soubera que el·rey de 15 Castella era em Santarem, logo aquella noyte lhe fogiram a mays da gente que levava, que nom ficarom com elle ataa sesenta lanças, e com estas partyo em outro dya per a manhãa e se veeo a Lixboõa.

¶ *Capitollo .xxii. De como Nun·Alvrez, per mandado do 20 meestre, mandou a Santarem retar o conde de Mayorgas, que era hũu grande homẽe que hy viera e estava com el·rey de Castella*

Estando Nun·Alvrez em Lixboõa com o mestre, seu senhor, Fol. 17 v ouvio dizer que o conde de Mayorgas estava em || Santarem, que hy viera com el·rey de Castella e que era muy 25 forte homẽe d·armas, e, por a fama que delle avia e por

---

5 *raynha*: reynha *B*.
18 *manhãa*: menhaã *B*.
24 *em*: a palavra é repetida na 1.ª linha do fol. 17v.

provar seu corpo, cuydou de ho mandar rretar pera se com elle matar trinta por trinta. E fallou sobre ello ao meestre, declarando·lhe as rrezoões por que se a ello movia e ho bem e serviço que se a ello seguiria se o elle vencesse, e que lhe
5 pedia por merçee que lhe desse a ello lugar. E ao meestre prouve dello e lhe mandou que ho mandasse logo rrequestar, e Nun·Alvrez o pos logo em obra, e o conde lhe recebeo o desafio, e foy logo assinado o dia que se aviam de matar, e honde. E, seendo Nun·Alvrez pera ello prestes, ho meestre,
10 veendo os grandes trabalhos e feitos em que era, que escusavam bem outras requestas, nom consintyo a Nun·Alvrez que acabasse a requesta, ante lhe deffendeo que nom posesse em ello mays maão. E assy foy fiinda, que se nom fez mays.

¶ Capitulo .xxiii. Do conselho que o mestre ouve com Nun·
15 *·Alvrez e com os outros do conselho pera hiir a Santarem em barcas pera pellejar com el·rey de Castella, pollos recados que avia dalgũus de Santarem*

Depoys que el·rey de Castella foy em Santarem e esteve d·asessego alguns dias com sua jeente, alguns de hy
20 de Santarem e outros portugueses que com el·rey de Castella estavam enviarom per vezes dizer ao meestre a Lixboõa que fosse allo em barcas pera pelejar com el·rey de Castella, e que elles o ajudariam. E esta cousa fallou o meestre com Nun·Alvrez e a Nun·Alvrez pareceo bem de seer, e assy outor-
25 garom os outros do conselho com que o meestre depoys fallou. E, querendo·se o meestre desto trabalhar e poer em obra, depoys ouve seu conselho de o nom fazer porque era

4 *ello*: elle *AB*.
4 *seguiria*: seguyra *B*.
18 *e*: om. *AB*.
27 *depoys*: E depoys *A* depoys *B*.

cousa muy duvidosa hiir assy em barcas que nom podem levar tanta jeente pera pellejar com el·rey de Castella, nem ainda chegar senom a Mũja porque augua do Tejo era pouca e que duvidavam que aquelles rrecados que lhe vinham de Santarem se per ventura eram nom verdadeyros e vinham 5 per arte e per sabedoria del·rey de Castella. E assy çessou a cousa.

¶ *Capitulo. xxiiii. De como Nun·Alvrez, com çertas gentes, foy a Sintra por trazer mantimentos aa çidade de Lixboa, estando em Sintra o conde dom Anrrique, que a tinha por el·rey 10 de Castella*

Fol. 18 r Estando o meestre assy em Lixboa, e com elle Nun·Alvrez, a cidade era mui minguada de mantimentos, que os nom podiam aver nem lhe vinham de nenhũa parte, polla quall razom o meestre mandou a Nun·Alvrez que se fosse 15 a Sintra pera trazer de lla algũus mantimentos. E Nun·Alvrez foy logo pera ello prestes com trezentas lanças d·escudeyros e cidadaãos, e poucos homens de pee, e foy·sse logo a Sintra 8 Fev. 1384 e levou consigo muytas azemellas, estando em Sintra ho conde dom Enrrique com muyta gente, que tinha o lugar 20 por el·rey de Castella, e correo a terra d·arredor e apanhou muytos mantimentos, nom sayndo a elle o conde nem suas gentes. E, estando alla de noyte, lhe vierom novas çertas que o meestre de Santiago e Pero de Valhasco e Pero Exarmento, que era dito que estavam em Alanquer e vinham 25 sobre elle, por a qual razom lhe logo fugirom a mayor parte da sua jeente que consigo tinha, que lhe nom ficarom ataa

3 *augua* = a augua.
6 *çessou*: çesso *A* çessou *B*.
24-25 *Exarmento*: xarmento *B*.
25 *que … que*: o primeiro é expletivo e o segundo é integrante.

sassenta lanças. E os que com elle ficarom em outro dia lhe
9 Fev. 1384 diziam todavia que se partisse e se tornasse a Lixboa ante
que as gentes dos castelhanos viessem, e Nun·Alvrez o nom
quis asy fazer, ante se partio passo e muy devagar e, no
5 caminho, muyto contra vontade dos seus, aguardou ataa
meeo dia se vinriam os castellaãos. E o meestre soube parte
desto em Lixboa, honde estava, e mandou·lhe em ajuda
Rruy Pereyra, tyo de Nun·Alvrez, com cento e cinquoenta
lanças e, depoys que foy tarde, veẽdo que os castelhanos
10 nom vinham, vieron·se pera a çidade. E desta vez trouve
Nun·Alvrez muitos mantimentos de que estava a çidade
assaz minguada. E o mestre de Santiago de Castella e Pedro
de Valhasco e Pedro Xarmento vierom com muytas jeentes
10 Fev. 1384 d·armas e beesteyros e piõees pera acalçar Nun·Alvrez no
caminho e, porque vierom muyto tarde e ja avia hum dia
que Nun·Alvrez era na cidade, vieron·se lançar no Lumiar
e naquella comarca d·aredor. E, como Nun·Alvrez esto
soube, hũu dia sayu polla porta de Sant·Antam com trezentas
lanças e poucos homens de pee e, chegando antre os olivaes
20 honde os castellaãos estavam, conçertou suas batalhas
pera com elles pelejar. E os castellaãos eram ja prestes e
vinham contra elle, viindo diante bõo pedaço, em maneyra
d·avenguarda, Pedro Xarmento com muyta gente e Pedro
de Valhasco hũu pouco detras, e estava de pee ante a sua
25 gente. E, tanto que Pero Xarmento vyo a Nun·Alvrez e
suas batalhas, como as levava concertadas, nom quis mais
viir adiante e retraaeo·se atras, dizendo a Pero || de Valhasco, Fol. 18 v
que estava a pee, que cavalgasse logo à pressa e se fosse pera

---

1 *sassenta*: sessenta *B*.
2 *tornasse*: torne *A* tornasse *B*.
8 *cinquoenta*: cincoẽta *B*.
14 *piõees*: pioees *B*.
18 *sayu*: sayo *B*.
20 *conçertou*: cõçerto *A* cõcertou *B*.

seu alojamento, ca elle vira por que o devia de fazer. E assy negarom os castellaãos a batalha e nom quiseram viir a ella, e o campo e honrra ficou por Nun·Alvrez. E em esto o mestre sayo fora da cidade e mandou recolher pera a çidade Nun·Alvrez e os que com elle estavam. 5

ℭ *Capitulo .xxv. Do conselho que ho mestre teve com o conde dom Alvaro Pirez quando se veeo pera elle a Almadaa, e das palavras que Nun·Alvrez disse ao conde dom Alvaro Pirez e a dom Pedro, seu filho*

O conde dom Alvaro Pirez era mais inclinado aa parte 10 del·rey de Castella que ao mestre e, depoys que vyu que Deos encaminhava os feytos do mestre, veeo·se pera elle a Almadãa, honde ho meestre entom estava, e offereceo·se·lhe e ficou, e o mestre o rrecebeo bem. E hũu dia teve o meestre Fev. 1384 conselho com o conde e com dom Pedro, seu filho, que se assy pera elle vieram, fallando com elles craramente seus feitos, todallas cousa que ja per elle passarom e o que tinha hordenado. E o conde, por seer, como era, grande e, desy, por ser mais da parte del·rey de Castella e da raynha, avia por nada os feitos do mestre, dizendo·lhe que avia forte obra 20 começada e muyto duvidosa de acabar, e outras razoões semelhantes de que a Nun·Alvrez, que no presente estava, nom prouve, e nom pôde estar que lhe nom respondesse em esta guisa: «Digo·vos, senhor conde, que, pois vós com meu senhor, o meestre, ficastes e verdadeira vontade avees de o 25 servir, tal conselho e pallavras quaes lhe vós dizees nom he

---

4 *a*: aa *AB*.
10 *mais*: maiz *A* mays *B*.
12 *encaminhava*: encaminaua *A* encaminhaua *B*.
22 *a*: om. *A* a *B*.
22 *estava*: estauaa *B*.

bõo conselho nem elle nom vos deve de creer, ante deve de hiir per seu feito em diante, e nom contra el·rey de Castella, que he hum poderoso rey, mas contra todollos reys do mundo, ca tem coraçom e razom de o fazer, e nom outro nẽhũu,
5 e todollos bõos portugueses tẽe razom de o seguirem e servirem atees mortes. E Deos, que o a esto encaminhou e lhe dá os começos que lhe dá, o trazerá em sua guarda, e trazerá seus feitos aa fim que elle deseja, e quem vontade ouver de o bem e lealmente servir bẽe teerá tempo em que o serva».
10 E o conde, com sanha, lhe respondeo: «E isso, Nun·Alvrez, como falaes vós asy? Nom avees empacho de tam solto falardes?», disse. «Nom ey empacho, nem de quanto disse nom me pesa senom por servir pouco», esto respondeo Nun·Alvrez. E entom fallou dom Pedro, filho do conde, contra
15 Nun·Alvrez: «Non avees vós vergonha, Nun·Alvrez, de assy fallardes contra o || conde meu padre?». «Digo·vos, disse Nun·Alvrez, que do que a vosso padre disse, eu delle nem de vós nom hey vergonha, ca disse o que devia por serviço do mestre, meu senhor». E, ante que as pallavras mais pro-
20 cedessem, ho meestre mandou callar todos, e callaron·se. Fol. 19 r

ℭ *Capitulo .xxvi. De como o meestre tornou d·Almadãa a Lixbõa*

Tornando o meestre d·Almadãa à cidade de Lixboõa, estando hy, a poucos dias lhe veeo recado d·Almadãa
25 que os moradores da villa eram devisos porque os grandes todos eram chegados e criados da rraynha, porque a villa

---

9 *o (bem)*: om. *AB*.
16 *o*: o artigo é repetido na 1.ª linha do fol. 19r.
16-17 *disse Nun·Alvrez* entre parênteses em *B*.
26 *rraynha*: reynha *B*.

era sua e queriam da·lla à rraynha e a el·rey de Castella, e os miudos eram por parte do meestre. E, avendo este recado, o meestre mandou logo a Almadaa Nun·Alvrez com quorenta lanças, o qual, como a Almadaa chegou, se foy logo poer, com os que levava, aa porta do castello, por nom entrar 5 dentro nenhum de fora nem da villa. E, como foy sabido que elle estava aa porta do castello, por saberem o que era, todollos da villa, asy os que eram contra o meestre, como os que eram por elle, recudiram ally e, quando asy acharam Nun·Alvrez com sua gente, armados, forom espantados. 10 E entom lhe propos Nun·Alvrez a rrazom por que ally viera, e teve com elles tal maneyra em lhes fallar que a todos prouve obedecerem ao mestre com boõas vontades e lhe deram a villa. E logo Nun·Alvrez o fez saber ao meestre, e que fosse sua mercee chegar lla. E o mestre foy logo, e 15 receberom·no todos por senhor e lhe entregarom a villa. E o meestre se tornou a Lixboa, e Nun·Alvrez com elle.

¶ *Capitulo .xxvii. Dos recados que vinham ao mestre d·Antre Tejo e Odiana, delles bons e delles maaos*

Estando o meestre em Lixboa, amiude lhe viinham muitos 20 rrecados d·Antre Tejo e Udiana dos castellos das menajẽes das villas que as jentes miudas tomavam per força pera elle, que ja estavam por el·rey de Castella. E, antre estas boõas novas que lhe asy vierom, vierom outras muyto con-

---

1 *da·lla*: dallaa *B*.
2 *parte*: parde *A* parte *B*.
4 *quorenta*: quarenta *B*.
19 *maaos*: maãos *A* maaos *B*.
20 *viinham*: vinham *B*.
23 *el·rey*: rey *AB*.
23 *estas*: as *B*.

trayras, convem a saber, que grandes senhores de Castella, com muyta gente, se viinham ao Crato, que ja o priol dom Pedro Alvrez tinha por el·rey de Castella, pera entrarem Antre Tejo e Udyana e o campo d·Ourique, polla qual rrazom
Mar. 1384 logo ho meestre acordou de mandar a Nu||n·Alvrez aa Fol. 19 v comarca d·Antre Tejo e Udyana com duzentas lanças por defensom della e lhe mandou desembargar soldo de hũu mes, o qual soldo lhe avia de seer pago na Rua Nova, em casa de hũu cidadaão que dello tinha carrego. E, seendo
10 ydo hum escudeyro de Nun·Alvrez a o receber daquelle que lho avia de pagar, chegou hy dom Pedro de Crasto, que vinha pera tambem mandar receber certos dinheyros que o mestre mandava dar ao conde dom Alvaro Pirez, seu padre. E sobre a paga, a quem se faria primeiro, se estavam razoando dom
15 Pedro com o escudeyro de Nun·Alvrez e, em esto, chegou Nun·Alvrez pella Rua Nova, de besta, e seus escudeiros com elle, e vyo ho seu escudeiro que avia de receber o soldo e fez·lhe pregunta se o recebera ja, e elle disse que nom, porque dom Pedro de Crasto, que hy estava, lho torvava. E entom
20 Nun·Alvrez se chegou a dom Pedro honde estava, aa porta daquelle que avia de pagar, e disse·lhe que por que lhe embargava sua paga, ca elle nom podia partir tam toste como devia sem ella. E dom Pedro lhe disse que tanta rezom e mais era seer pago seu padre que elle. E Nun·Alvrez lhe respondeo
25 que grande razom era ser pago seu padre, mas que elle tinha tempo pera seer pago e elle nom o tinha. E dom Pedro lhe disse que quer o tevesse, quer nom. E Nun·Alvrez, veendo

---

4 e 6 *Udyana*: odiana *B*.

16 *besta*: beesta *AB*. Trata-se, obviamente, de um animal e não de uma arma. Cf. adiante neste mesmo capítulo (57.3-4): «... que se logo non deçeeo da besta e fez pagar...».

17 *vyo*: vy *A* vyo *B*.

17 *escudeiro*: a quarta letra está corrigida manualmente. No exemplar da BGUC lê-se *escedeiro*.

21 *disse·lhe* introduz uma oração interrogativa indirecta.

que esto era sobrançaria e que lho fazia por vontade, e entendendo que todo esto era pollas palavras que já ouveram em Almadãa no conselho, nom pôde aver tanta paciencia que se logo nom deçeeo da besta e fez pagar o seu escudeyro daquello que avia d·aver de seu soldo. E asy foy pago e 5 logo, sem mais tardança, fez pagar o soldo aaquelles que com elle aviam de hir e se passou com elles a Almadaa. E, chegando a Almadaa asy emproviso, chegarom aa foz de Lixbõa sete ou oyto navios grandes de Castella e, como o mestre o soube em Lixboa, honde estava, mandou logo armar outros 10 navios pera hyrem sobre elles. E Nun·Alvrez, estando ja em Almadãa pera hiir seu caminho, como soube que o meestre, em Lixboa, mandava armar pera hyr sobre os navios de Castella, leyxou de hiir seu caminho e veo·se a Caçilhas pera hyr com os que hyam sobre os castellaãos. E, porque nom 15 achou navio nem barca grande em que entrar, se meteo em hũu barquete pequeno com seys escudeiros porque nom cabiam em elle mais, e estes ainda cabiam muy mal, e hyam em gram priigoo, e fazendo esto muyto contra vontade dos seus, que lhe diziam que nom fazia bem hyr pella guisa 20 Fol. 20 r como hya. E assy foy naquelle gram priigo porque || a essa sazom o mar andava muy alevantado, ataa que pollo mar chegou a hũa barca em que hya Joham Vaasquez d·Almadãa, que o tomou consigo. E depoys, hindo pello mar, se sayo da barcha e se foy com os seus pera outra barcha em que hya 25 Pedr·Eanes Lobato e Rrodrig·Alvrez de Baldrez, e os navios de Castella forom tomados e Nun·Alvrez se tornou a Almadãa

---

4 *besta*: beesta *B*.
10 *o*: om. *A* o *B*.
12 e 14 *hiir*: hyr *B*.
17 *seys*: seus *A* seis *B*. É evidente que se trata de um numeral (*seys ... porque nom cabiam ... mais*).
21 *priigo*: prijgoo *B*.
25 *barcha*: barca *B*.

pera aviar seu caminho pera Antre Tejo e Udiana, como lhe pello meestre era mandado. E d·Almada se partyo Nun·Alvrez com sua gente caminho d·Antre Tejo e Udyana e chegou a Couna, e logo hy chegou o mestre de Lixboa, porque asy lho
5 avia Nun·Alvrez pedido por merçee que viesse hy. E esse dia comeo o meestre com Nun·Alvrez e, tanto que o mestre comeo, sayu·se ao Riissiio e Nun·Alvrez com elle e toda sua gente que levava junta com elle e, perante todos, fallou o meestre a Nun·Alvrez em esta guisa: «Nun·Alvrez, vós bem sabees
10 os recados que a mym vierom d·Antre Tejo e Udiana em rrazom daquelles senhores e gentes de Castella que per aquella terra querem entrar pera estroirem e dapnarem. E como por vos eu amar e fiar de vós por serdes bõo, vos escolhy em minha casa pera allo vos mandar por defensom daquella
15 comarca e vos dey por companheyros esta boõa gente que aqui está, que som verdadeiros portugueses, e parte delles de minha criaçom, os quaes eu creo que vos seguyrám e ajudarám lyalmente em toda cousa de meu serviço e de vossa honrra em que vós poserdes maão. E eu asy lho mando que
20 vos sejam bem mandados e obidientes em todo e façam por vosso corpo e mandado como por mym meesmo, e eu lhe farey por ello muytas mercees». E elles todos ledamente, com boõas vontades, responderom que lhes prazia muyto e eram ledos de o fazerem. E entom fallou contra Nun·Alvrez e lhe disse que
25 lhe encomendava aquella boõa gente que consiigo levava, e lhe rogava que os trautasse bem e lhes desse de sy bõo gasalhado como elle esperava que elle farya, e que lho teerya em serviço. E Nun·Alvrez respondeo que asy o farya com

---

8 *levava*: leuauã *A* leuuaa *B*.
10 *mym*: my *B*.
14 *allo*: alla *B*.
18 *lyalmente*: lealmente *B*.
25 *consiigo*: consigo *B*.
28 *serviço*: seruico *A* seruiço *B*.

bõo desejo, e entom beijou as maãos ao meestre, e assy todollos outros que com elle hyam, e espedirom·se delle. E o mestre se tornou a Lixbõa e Nun·Alvrez e os seus se partiram de Couna e se forom a Setuvall. Mar. 1384

ℭ *Capitulo .xxviii. Como Nun·Alvrez chegou a Setuvall e a maneyra que com elle teverom em o nom receberem na villa* 5

Fol. 20 v O dia que Nun·Alvrez partio de Couna, que se espedyo do meestre, chegou a Setuval ja tarde, com entençom de pousar e dormir na villa. E os da villa, porque ainda estavam defferentes, que nom tinham determinado a qual 10 parte se teerriam, se à parte do mestre, se à parte da raynha e del·rey de Castella, nem sabiam como nem por quem Nun·Alvrez hya, nom o quiseram receber na villa nem tam soomente que entrasse dentro. E elle, veẽdo suas teençoões e seu acolhimento, tornou·se ao aravalde e hy se alojou com sua gente 15 que levava. E, porque el·rey de Castella estava em Santarem, e por nom viir de lla alguũa gente per Ribatejo a fundo, de que elle nom soubesse parte, por nom receber dellas mall nem dampno, mandou de noyte poer suas guardas e escuytas de contra Palmela, huũa legoa da parte donde vem o caminho 20 de Santarem pera Ribatejo, de guisa que nom podesse viir nenhũa gente de que elle nom soubesse parte, das quaes guardas e escuytas deu carrego, pera as poer e requerer, a hũu escudeiro a que chamavam Lourenço Fernandez de Beja. E, jazendo Nun·Alvrez de noyte dormiindo em sua 25 pousada no arravalde, chegou a elle, muy riigo, Lourenço Fernandez, que das guardas e escuytas tiinha carrego, e

---

12 *quem*: que *AB*.
18 *dellas*: della *B*. A falta de concordância (gente-delas) é frequente no texto.
26 *riigo*: rijo *B*.

disse a Nun·Alvrez que se percebesse logo à pressa, ca fosse certo que a elle vinha pollo caminho de Santarem Pero Exarmento com trezentas lanças, affirmando que elle viira os fogos no lugar honde jaziam alojados. E Nun·Alvrez foy
5 de taes novas muy ledo e mandou logo dar às suas trombetas e suas jeentes forom logo juntas com elle, todos armados e prestes, ja em amanhecendo. E logo Nun·Alvrez partiio com sua gente e, tanto que sayo do arravalde, regeo sua jente e a pos em batalha per ordenança, como devia, e asy foy em
10 riigimento, per ordem, com suas batalhas a pee ataa alem de Palmella contra honde Lourenço Fernandez dizia que viiram os fogos. E, seendo ja alto dia, vierom novas çertas que nom era nada e que os fogos que Lourenço Fernandez viira eram d·almocreves que jaziam em hum mui grande
15 valle em sua meijoada. E daqui se partyo logo Nun·Alvrez e se foy logo caminho de Montemoor o Novo. E, porque os homẽes bõos do lugar nom eram ainda de todo bem afirmados no serviço do mestre, folgou hy hũu dia e fallou com elles, dizendo·lhes muytas boõas cousas por a parte do mestre, de
20 guisa que elles ficarom muyto contentes e de todo firmes na teẽçom do meestre. E em outro dia se partyo Nun·Alvrez de Montemayor e se foy aa çida||de d·Evora e, tanto que chegou, fallou sua fazenda. E, porque hya com Fernam Gonçalvez d·Arca, que avia o rriigimento da cidade e ainda
25 da comarca, de hy escriveo a toda a gente da comarca que

Fol. 21 r

---

3 *Exarmento*: xarmento *B*.
12 *viiram*: vijra *B*.
14 *viira*: vija *A* vijra *B*.
14 *d·almocreves*: da dalmocreues *A* dalmocreues *B*.
21 *teẽçom*: teẽcom *A* teẽçom *B*.
22 *çidade*: o *a* está impresso fora do alinhamento da composição.
25 *de hy*: E de hy *A* ⁊ de hy *B*.
25 *escriveo*: escreueo *B*.

viessem a elle percebidos de suas armas, e os beesteiros de suas beestas e almazẽes, e os homens de pee de suas lanças e dardos, por serviço do meestre, nom lhe declarando, porem, cousa que quisesse fazer. E, conquanto escriveo, nom lhe vierom nem pôde juntar em Evora mais que trinta lanças e, 5
com as duzentas que levava, eram duzentas e trinta, e juntou mill antre beesteiros e homens de pee. E com esta gente se partio logo d'Evora e se foy a Estremoz, e hy lhe veo logo recado certo que aquelles senhores e geente de Castella por que o meestre mandara a Nun'Alvrez estavam no Crato, 10
e que era muyta gente e muyto bem corrigida. E, como Nun'Alvrez tall recado ouve, e porque pousava no arravalde e tinha pouca geente, mandou logo apalancar o arravalde pera seer ouvido se a elle algũa gente de noyte viesse. E, estando asy em Estremoz, aguardando as gentes que mandara chamar, que lhe nom vinham, era muyto anojado, e especialmente dos d'Elvas e dos de Beja, a que por vezes escripvera mais que aos outros, e, com seus aficamentos, todavia vierom. E, depoys que todos forom juntos, fallou com elles juntamente em esta guisa: «Amigos, bem creeo que ja todos sabees em como me o meestre, meu senhor, mandou a esta terra pera vós outros, pera, com ajuda de Deos, vós e eu a defensarmos dalgũu mall ou dampno se lhe os castellaãos quiserem fazer algũa cousa, de guisa que lhe demos de nós boõa conta. E porque ey çerto recado que o prioll do Espri- 25
tall, meu irmaão, e o mestre d'Alcantara e Martym Annes de Barvudo, que se chama mestre d'Avys, o que lhe Deos nom guisara, e Pero Gonçalves de Sevilha e outros grandes, com peça de gente, estam no Crato, que daqui he muy acerca, e som prestes pera entrarem em esta terra de meu senhor, 30

Mar. 1384

4 Abr. 1384

---

4 *escriveo*: escreueo *B*.
16 *vinham*: vinha *A* vinhã *B*.
17 *a*: om. *AB*. A construção exige a preposição. Cf. 60.25.
27-28 *o que ... guisara* entre parênteses em *B*.

o mestre, a fazer mal e dampno, minha vontade he de, com ajuda de Deos, em a companha de vós outros, os hiir buscar ante que entrem, e pelejar com elles. E espero na merçee de Deos que nos dará delles o vencimento, de que nos pera
5 sempre ficará grande honrra e bõos nomes. E ao meestre, meu senhor, faredes estremado serviço e a nós meesmos grande bem em defender nossa terra e bẽes, o que dereytamente sodes theudos». E, tanto que Nun'Alvrez acabou estas pallavras e outras muytas e bõas que disse, todos a hũa
10 voz disserom que a cousa era pesada e pera cuydar em ella, e que lhes desse espaço pera em ello cuydarem, e entom responderiam. E de tal espaço || como elles pidiram Nun' Alvrez foy pouco ledo, pero sofreo'se, que nom podia mais
5 Abr. 1384 fazer. E no dia seguinte vierom com seu acordo e responderom a Nun'Alvrez em esta guisa: «Nun'Alvrez, senhor, nós entendemos o que nos per vós oontem foy dito e achamos que he cousa muy duvidosa hyrmos comvosco pellejar com aquellas gentes, por certas razoões: a primeira, polla gente seer muyta, e grandes senhores; a segunda, por hy viir o
20 priol, vosso irmaão, que he hũu dos mayores que hy vem, e outros vossos irmaãos com elle, que he dura cousa pellejardes vós com elles; e a terceira, por vós teerdes muito pouca geente pera a que elles trazem. E porem, em conclusam, nós temos entençom de nom hyrmos comvosco a tall obra».
25 E, quando Nun'Alvres tal reposta ouvio, foy muito mais anojado do que foy da primeira, e com grande nojo e affriçam de seu coraçom, teve esta maneyra: ally honde com elles fallava hya hũa pequena regueira per que corrya huũa pouca d'augua, e Nun'Alvrez lhes disse: «Amigos, eu nom sey que
30 vos em esto diga mais do que vos ja disse, pero ainda vos quero responder ao que dizees, que os castellaãos som muitos

Fol. 21 v

---

11 *pera*: per *AB*.
16 *oontem*: ontẽ *B*.
29 *d'augua*: daagoa *B*.

e grandes senhores, tanto vos vinrá mayor honrra e louvor
de os vencerdes. E da duvida que, segundo parece, teendes
por hy virem meus irmaãos, nom a devees de teer, ca vos digo
e prometo de verdade que, posto que hy viesse meu padre,
eu seria contra elle por serviço do mestre, meu senhor, e por 5
defender a terra que me criou. E pera vós veerdes que he
asy, se a vós praza de em esta obra sermos companheiros,
eu vos prometo bem que, com ajuda de Deos, eu seja o pri-
meyro que a começe, e assy poderdes veer a vontade que
eu em este feyto tenho contra meus irmãos. E quanto na 10
parte de nós sermos poucos e elles muytos, nem por esto
deviades dovidar seerdes em tam bõa obra, que ja muytas
vezes aconteceo os poucos vencerem os muytos, porque o
vencimento em Deos he todo e nom nos homens. Mais, pois
que asy he vossa teençom qual me dissestes, rogo·vos que os 15
que comigo quiserem hiir a esta obra que se passem da parte
d·aalem deste regato, e os que nom quiserem que fiquem desta
parte». E elles, quando esto viram, todos a hũa voz disseram
que todavia queriam hiir com elle. E, como quer que o asy
dissessem, alguns se romordiam antre sy, mostrando que mais 20
o disseram por vergonha que por averem vontade, special-
mente Estev·Eannes, ho moço, e Meẽd·Afonso de Beja nom
se poderam teer que nom disessem de praça que hiam lla
em forte ponto, que nunca de lla tornariam. A esto Nun·
Fol. 22 r Alvrez nom olhou, tanto era || ledo com a rreposta que lhe 25
ja dada aviam, que queriam hiir com elle. E, seendo Nun·
Alvrez asy ledo e seguro que todos queriam hyr com elle,
propos de logo em outro dia, bem cedo, partir pera a batalha.
E, jazendo de noyte dormiindo em sua pousada, aa mea
noyte ou pouco mays chegou a elle Alvaro Coytado a grande 30

20 *mais*: mas *A* mays *B*.
21-22 *specialmente*: especialmẽte *B*.
22 *Meẽd·Afonso*: Mẽdafõso *B*.
26 *queriam*: queria *A* queriã *B*.

pressa e disse·lhe em como Gill Fernandez e Martim Rrodriguez d·Elvas tinham ja seellado e estavam armados, que se queriam tornar pera Elvas, que nom queriam hiir aa batalha. E, como Nun·Alvrez esto ouvio, logo com grande aguça se levantou e se foy a elles, honde estavam ja mandando carregar, e fallou·lhes em esta maneyra: «Oo irmaãos, amigos, e pera vós he tal obra, leixardes tanta honrra como vos Deos tem prestes e fallecerdes do que prometestes, por vos tornardes pera vossas casas?». E contra Gil Fernandez em especial lhe disse: «E ssequer vós, Gill Fernandez, que eu pensava e penso que vós soes hũu dos servidores que o meestre, meu senhor, em esta terra tem!». E estas pallavras e outras muytas e boõas lhes disse, em tal guisa que os mudou de suas nom boõas tençoões, e outorgarom de hyr todavia com elle aa batalha. E, esto asy feyto, logo, sem outro trespasso, mandou dar aas trombetas e se partio com todos caminho de Fronteira, pera honde os castellaãos aviam de viir. E, hindo seu caminho, mandou diante seus ginetes a descobrir terra por averem novas dos castellaãos honde ja eram. E nom tardou muyto que hum escudeyro castellaão que chamavam Rruy Gonçalvez, que ja em outro tempo vivera com Nun·Alvrez em casa de seu padre e a essa sazom vivia com o prioll dom Pedr·Alvrez, seu irmão, veeo muy riigo em cima de hum cavallo, caminho de Fronteira e achegou a Nun·Alvrez e Nun·Alvrez o recebeo bem e lhe preguntou honde era seu irmaão e aquelles outros senhores de Castella, e elle lhe disse que ficavam ja em Fronteira, que seria legoa e mea donde Nun·Alvrez hya, pouco mais ou menos. E preguntou·lhe que faziam e elle lhe disse que tinham teençom de combater o lugar, que estava pollo mestre. E Nun·Alvrez lhe pregun-

6 Abr. 1384

---

14 *de hyr todavia*: de hyr todauia de hijr *A* de hyr todauia *B*.
22 *e*: om. *AB*.
23 *riigo*: rijo *B*.

tou a que vinha, e que lhe dissesse verdade, se vinha por enculca e per cujo mandado vinha, e o escudeyro lhe respondeo: «Bem sabees vós, senhor Nun·Alvrez, que em esto nem em all eu nom vos ey·de dizer senom verdade. Vós seede çerto que a vosso irmaão e aaquelles senhores e gente 5 de Castella que ally vem foy dito que vós vos percebiees e erees prestes pera os hiir buscar e lhe dardes batalha. E desto se maravilhavam muyto, com tam pouca gente como elles Fol. 22 v sabiam que || vós tendes, trabalhardes·vos de tal cousa. E fallarom com vosso irmaão que lhe parecia desto, e elle 10 lhes respondeo que nom sabia, pero que de tanto os certificava que, se vós em este feito alguũa cousa aviades começada, que vos conhecia por tall que todavia a levariees adiante ataa morrer. E os outros lhe disseram que lhe prouvesse de me mandar a vós por saber vossa teençom, e por esto vim. 15 E, alem desto, elle vos envia dizer que vejaes o que cometees, ca he cousa muy duvidosa pera vós, com tam pouca geente hiirdes pellejar com tantos e tam grandes, e que, se na batalha fordes, em vós nom ha defensom e que, em tal obra, elle nom vos poderá ser bõa ajuda, ainda que queira, e que, 20 porém, lhe prazeria, e assy vo·llo envia conselhar como a irmaão, que desto cessees e nom curees, e que vos tornees pera seu senhor, el·rey de Castella, pollo qual vos faz segurança que vos fara muytas merçees e vos acrecentará de

---

8 *pouca*: pouco *A* pouca *B*.

16 *cometees*: cometeẽs *AB*.

20 *ainda*: parece-nos ser esta a palavra que obviamente falta em *AB*. A semelhança gráfica entre ***ajuda*** e ***ainda*** (maior na composição tipográfica de *A* do que actualmente) terá facilitado a omissão de uma destas palavras.

22 *cessees* ... *curees* ... *tornees*: cesseẽs ... cureẽs ... torneẽs *AB*.

23 *el·rey*: rey *AB*.

23 *pollo*: polla *A* pollo *B*. A referência é ao rei de Castela, como se deduz do contexto.

guisa que sejaaes bem contente». E, como Ruy Gonçalvez acabou sua embaixada, Nun·Alvrez lhe disse per esta guisa: «Ruy Gonçalvez, eu ey bem entendidas todollas cousas que me dissestes. Em breve vos respondo que vós digaes ao prioll, meu irmaão, que eu em este feito nom quero seu conselho, nem Deos nom queira, e que asy o diga a esses outros senhores, que eu da tençom que tenho nom me mudarey, senom, com ajuda de Deos, levá·lla em diante. Mas que se percebam pera batalha, que nom sey ora cousa que mais deseje ca seer ja em ella e, ante de pequeno espaço, eu, com ajuda de Deos, serey com elles, e desto nom duvidem. Rogo·vos, Ruy Gonçalvez, que tanto façaes por mym e pollo pam que ja em minha casa comestes, e porque vós sabees que eu vos ouve sempre boõa vontade, que vos vaades com este recado ho mays à pressa que poderdes ataa matardes o cavallo, ca entendo que nom podees hiir tam agiinha que eu, com ajuda de Deos, nom seja muy acerca». Oo que vontade de servir seu senhor e, por emparo da terra, asy avia gana de pelejar! Ruy Gonçalvez fez seu mandado e foy·se a grande andar quanto o cavallo o podia levar a troto e a galope, e chegou mui toste a Fronteyra e, como chegou, fallou logo com o prioll e com os outros senhores todo aquello que dissera a Nun·Alvrez e o que lhe elle respondeo. E elles, como o ouviram, cessarom logo da obra que tinham começada pera combater a villa e, com grande aguça, se perçeberam pera hiir em batalha. E elles que começavam sayr do arravalde

---

1 *sejaaes*: sejaães *A* sejãees *B*.
7 *tençom*: têçam *B*.
7 *tenho*: tenha *A* tenho *B*.
16 *entendo*: nom entendo *AB*.
17 *Oo*: E o *AB*. Cf. nota a 32.7.
17 *vontade*: por võtade *B*.
22 *a*: om. *A* a *B*. O contexto sugere, de facto, que Nun'Álvares é o complemento indirecto e não o sujeito.
24 *tinham*: tinha *A* tinhã *B*.

honde pousavam, caminho d'Estremoz, per honde Nun·
·Alvrez vinha, e Nun·Alvrez, com sua gente, era ja em hum
Fol. 23 r lugar bem convinhavel pera a ba||talha, honde chamam os
Atolheiros, hũa mea legoa, pouco mais ou menos, aaquem
de Fronteira, de contra Estremoz. E, como Nun·Alvrez foy 5
em aquelle lugar, seendo ja çerto que os castellaãos vinham
aa batalha, fez logo deçeer a pee terra todollos seus homẽes
d·armas e, dessa pouca gente que tinha, concertou suas bata-
lhas d·avenguarda e resguarda e allas dereyta e esquerda, e
fez conçertar os beesteiros e homens de pee per as allas e 10
per onde entendeo que milhor estariam pera bem pelejar.
E, todo esto feyto e conçertado, começou d·andar pellas
batalhas en·cima de huũa mulla, esforçando todollas jeentes
com boõas pallavras e gesto ledo, e dizendo a todos que lhes
lembrassem bem, em seus coraçoões, quatro cousas: a pri- 15
meira, que se encomendassem a Deos e à Virgem Maria, sua
madre, e o tevessem asy em suas vontades; e a segunda, que
eram ally por servir seu senhor e acalçar honrra grande que
a Deos prazeria de lhe dar; e a terceyra, como ally vinham
por defender sy e suas casas e a terra que possuiam e se tirar 20
da sobjeiçam em que os el·rey de Castella queria poer; e a
quarta, que sempre tevessem nos entendimentos de soffrer
todo trabalho e d·aperfiar em pellejar nom huũa hora, mais
hũu dia todo e mais, se comprisse. E, ditas estas palavras,
os castelhanos eram muy acerca delles, e Nun·Alvrez se 25
deceo logo da mulla em que andava e se pos a pee na avan-
guarda, ante a sua bandeira, por comprir aquello que em
Estremoz dissera, que, com ajuda de Deos, elle seria dos

---

3 *batalha*: bathala *A* batalha *B*.

4 *Atolheiros*: atolleiros *B*.

18 *eram*: era *A* erã *B*.

18 *acalçar*: calcar *A* acalçar *B*. A letra acrescentada consta de uma correcção em *A*, feita na entrelinha, à mão.

20 *possuiam*: possiuã *A* possuiã *B*.

primeyros que começasse a obra. Oo vallente e verdadeyro cavalleiro, que nom desimulava, mas compria o per elle promitido! E a tençom sua era que os castellaãos viessem a pee à batalha, e elles traziam esse proposito, mas, como
5 viram Nun·Alvrez com sua gente assy de pee e corrigida pera vencer ou morrer, mudarom seu proposito e hordenarom que viessem aa batalha de cavallo, atrevendo·se que eram muytos e bem emcavalgados e que logo os desbaratariam. E conçertarom suas batalhas a cavallo e toparom
10 muy de riigo em Nun·Alvrez e nos seus, mostrando grande esforço e dando grandes alaridos como mouros, cuydando·os espantar. E ally foy a batalha envolta e bem pelejada, e nos primeiros golpes forom mortos e feridos muytos cavallos dos castellaãos e, com as feridas, os cavallos alvoraçavam, e
15 derribavam sy e seus donos e retrayam atras. E vinham os outros de refresco que estavam detras pera esto apartados e asy lhes aveo como aos primeiros, de guisa que prouve a Deos de os castellaãos serem des||baratados. E forom Fol. 23 v mortos dos castellaãos muytos, antre os quaes morreo hy
20 o mestre d·Alcantara e Pero Gonçalvez de Sivilha e outros grandes, e o priol e Martym Annes de Barbudo, que se chamava mestre d·Avis, e outros, fugiram. E Nun·Alvrez, veẽdo em como os castelhanos eram desbaratados e que fugiam, foy logo a cavallo com muy poucos dos seus, porque
25 tam aginha todos nom poderam aver bestas, e seguiram ho

---

1 *Oo*: E o *AB*, cf. nota a 32.7.
3 *promitido*: prometido *B*.
5 *corrigida*: corregida *B*.
10 *riigo*: rijo *B*.
12 *batalha*: batolha *B*.
14 *alvoraçavam*: aluoroçauã *B*.
25 *bestas*: beestas *AB*. A razão do pequeno número seria a escassez de animais em que montassem («...foy logo a cavallo com muy poucos...») e não a falta de béstas.

encalço aos que fugiam hũa legoa e mea, ataa que, por noyte, forçado foy de se tornar, dizendo algũus dos seus, dos mayores, que aquello era sobejo e tentar Deos seguir tam longe o encalço, e nom se contentar da merçee que lhe Deos avia feita. E tornou·se Nun·Alvrez pera os seus honde foy a 5 batalha e, ja noyte e muyto tarde, foy dormyr a Fronteyra. E, estando em Fronteira, Vaasco Porcalho, comendador moor da Ordem d·Avis, veeo logo veer Nun·Alvrez aa pousada, maldizendo·se muyto por nom seer com elle naquella batalha. 10

¶ *Capitulo .xxix. Mas ora leixa o conto de falar na dita batalha por que Nun·Alvrez tanto trabalhou de seer, que a Deos prouve de a elle acabar com sua honrra, e torna em como foy buscar Martym Anes de Barvudo, que da batalha fugira, a Monforte, honde lhe foy dito que estava* 15

A noyte seguinte depois da batalha foy Nun·Alvrez alojar e dormir em Fronteira, e logo em outro dia per a manhãa, sem repousar mays de seu trabalho, se foy a Monforte, honde Martym Annes de Barvudo estava com muyta gente que fugiram da batalha, e hya com entençom que, se 20 a elle nom quisesse sayr, que o combatesse. E, depois que em Monforte foy, a gente que dentro era nom quis sayr. E, veẽdo elle que o lugar era forte e as gentes de dentro muytas, e por elle nom teer conçertamento pera o combater, esteve hũu dia, em o qual dia se fezeram bõas escaramuças 25 antre os de Nun·Alvrez e os da villa, em rostro das barreyras, sem se fazendo, porém, cousa que muyto de notar seja. E daqui se partyo Nun·Alvrez no dia seguinte pella manhãa, que era dia de Endoenças, e se foy de pee e descalço em roma-

7 Abr. 1384

8 Abr. 1384

17-18 *per a manhãa*: per manhaã *B*.
21 *combatesse*: cobatesse *A* cõbatesse *B*.

ria a Sancta Maria do Açumar, hũa legoa de hy, que he hũa ygreja muy devota, e todollos seus depos elle. E, como chegou aa ygreja, achou a casa della muyto çuja das bestas dos castellaãos que dentro nella meterom quando per hy 5 passavam e, ante que se apousentasse, mandou·a limpar, e elle foy o primeyro que ajudou tirar o esterco fora. E daqui 9 Abr. 1384 se partyo Nun·Alvrez e se foy a Arronches, que ja estava por Castella e, den||tro em elle, quatro cavalleiros castellaãos, Fol. 24 r convem a saber, Fernam Sanchez e Gonçallo Sanchez de 10 Guntis e outros dous cavalleyros de Badalhouce e outra muyta gente de castellaãos. E entrou logo a villa per força, e aquelles cavalleiros que hy estavam se colherom ao castello. E Nun·Alvrez os quisera combater, e elles preitejarom·se com elle, que os leixasse hiir e que lhe dariam o castello, e 15 enviou·os em salvo pera Castella. E, estando ja asy de posse do castello e villa d·Arronches, d·Aligrete, que tambem estava por Castella, lhe mandaram dizer que mandasse receber aquelle lugar pera o meestre, e Nun·Alvrez mandou logo lla hum bõo escudeiro que chamavam Martym Afonso d·Aramenha, 20 que de hy era naturall e era morador em Portalegre, e outros com elle a receber o lugar, e foy·lhe entregue. E asy ficarom pollo mestre Arronches e Alegrete. E Nun·Alvrez leixou nos lugares rrigimento e guarda qual compria, e tornou·se a Evora.

Ͼ *Capitulo .xxx. De como Nun·Alvrez prepos de se hiir ao* 25 *Porto pera de hy partyr com os outros que hiam a pellejar com a frota de Castella que jazia em Lixboa*

Estando Nun·Alvrez em Evora, soube como no Porto se armava frota pera hir sobre a frota de Castella que jazia

---

21 *E asy*: assi *B*.

21 *ficarom*: om. *AB*. É evidente a falta do predicado, que deve ser suprida tendo em atenção 92.4.

25 *a*: om. *B*.

sobre Lixboa, honde o mestre estava, e que na frota do Porto avia de hir o conde dom Gonçallo e Rruy Pereyra e outros. E, porque lhe foy dito que a frota nom hya percibida de gente como compria, hordenou de se hiir ao Porto meter em ella e fallou com todollos seus como se lla queria hiir, e a rrazom por quê. Elles lhe disseram que lhe parecia bem e que hiriam com elle com boõas vontades, e elle partyo logo com elles hum pouco d·ouro que lhe o meestre emviara, ca elle nom preçava outro thesouro. E logo escreveo ao conde dom Gonçallo e a Rruy Pereyra e aos outros que na frota aviam de yr que lhes prouvesse de o esperar, ca queria seer seu companheiro e, prazendo a Deos, cedo seria com elles. E o conde e Rruy Pereyra e os outros a que Nun·Alvrez escreveo sobre esto, tanto que viiram seu recado, com corrupta teençam se partirom logo com a frota e nom o quiserom atender. E Nun·Alvrez, que de sua partida nom sabia parte, todavia partyo logo d·Evora, donde estava, e, com grande aguça, se foy caminho do Porto e chegou a Tomar, honde estava o meestre de Christus, e comeo hy com elle hum dia. E o mestre lhe preguntou que lhe parecia destes feitos, quasi que os avia por estranhos, e Nun·Alvrez lhe respondeo que, louvado Deos, lhe pareciam || os começos bõos e que esperava em Deos que a fim fosse muyto milhor. E asy se espedio do mestre e se foy a Coymbra e, como a Coymbra chegou, a condessa molher do conde dom Anrrique, que hy estava, por odyo que avia a Nun·Alvrez porque fora sobre seu marido a Sintra e por seer muyto da parte da raynha dona Lianor e del·rey de Castella, hordenou de o prhender, juntando secretamente muyta gente de escudeiros e doutros homẽes, porque naquella terra ella avia assaz de parentes e amigos e criados

Maio-Jun. 1384 — Fol. 24 v

---

3 *percibida*: percebida *B*.
7 *partyo* = repartiu.
20 *preguntou*: perguntou *B*.
28 *prhender*: prender *B*.

pera fazer tal obra. E as gentes de Nun·Alvrez, ja em que
guysa, desto souberam parte e, pero fossem poucos, que nom
passariam por entom de oytenta lanças, juntarom·se todos
e forom·se ao paaço da condessa, honde ella tinha seu ajun-
5 tamento. E ella e os outros de todo os quiseram despachar,
e esto foy dito a Nun·Alvrez, que desto ainda nom sabya parte,
e muy à pressa acudio alli e fez que se nom fezesse nenhũa
cousa do que se ouvera de fazer. E asy guardou Deos Nun·
·Alvrez da prisom e a condessa e os seus do gram priigoo,
10 e seu cuidar e ajuntamento foy nenhũa cousa. E, estando
assy Nun·Alvrez em Coymbra, soube que a frota que do
Porto partira chegara a Buarcos e estava hi, e logo outra vez
escripveo aos capitaães della que lhes rogava que, por ser-
viço do meestre, ho aguardasem e nom partissem sem elle,
15 que logo com elles seria. E elles, como seu recado viram,
com ramo de enveja e tençom corrupta, se partiram logo e
nom quiseram aguardar. E, tanto que Nun·Alvrez foy çerto
que a frota era partida de Buarcos, quisera·se logo tornar
Antre Tejo e Udyana. Pera sy nem pera os seus nom tinha
20 cousa de despesa e seu trabalho e gram mester o constrangeo
que o fallou com os homens bõos da cidade de Coymbra e
lhes rogou que lhe acorressem com alguns dinheiros pera sua
partida, e a elles prouve e acorrerom·lhe com certos dinhey-
ros, porem nom muytos, do que mandou dar a cada hum
25 dos seus sete libras daquella moeda pera o caminho. E entom
partyo de Coymbra e se foy a Tomar e hy ouve conselho de
chegar a Torres Novas por fallar a Gonçalo Vaasquez
d·Azevedo, que era muyto seu amigo e tinha ja o lugar por

1-2 *ja em que guysa* = de qualquer maneira.
9 *priigoo*: prijgo *B*.
19 *Udyana*: Odiana *B*.
19 *Pera*: E pa (p cortado) *B*.
23 *acorrerom·lhe*: acoureram lhe *A* acorreromlhe *B*.
27 *Vaasquez*: vaãz *A* Vaz *B*.

el·rey de Castella, se o poderia reduzir a serviço do meestre. E, de feyto, foy la e fallou com elle o que sobre estes feytos milhor entendeo e all nom pôde tirar delle senom que nom vya razom nem fundamento em como os feitos do mestre viessem aaquella fim que elle desejava, dando porem a enten- 5 der, nom muyto declarado, que, se elle viisse como os feytos do meestre viessem aaquella fim que elle desejava e que, Fol. 25 r se elle viisse como e em || que se fundasse, que bem lhe prazeria servir o mestre. E asy se espedio delle Nun·Alvrez e se tornou a Tomar e, estando em Tomar, ouve conselho pera 10 hiir pellejar com el·rey de Castella, que jazia sobre Lixboa, juntando pera ello mays geente, e de enviar recado ao meestre que, o dia que elle fosse, saysse da cidade dar no arayall e elle da outra parte. E, querendo poor esto em obra, alguns lhe contradisserom que era escusado de sse desto trabalhar e 15 muyto mais d·escripver. E assy ficou o conselho muyto contra vontade de Nun·Alvrez.

ℂ *Capitulo .xxxi. De como se Nun·Alvrez partio de Tomar e se foy a Punhete e de hy Antre Tejo e Udiana, e do que lhe aveo no caminho* 20

Nun·Alvrez se partyo de Tomar, honde estava, e se foy a Punhete pera encaminhar·se pera Antre Tejo e Udiana. E em Punhete soube que çerta gente dos castellaãos estavam no Crato pera hyrem pera Santarem e que de Santarem queriam outros hiir pera Castella, e ouve conselho d·aguardar 25 hũus e outros, na estrada per honde aviam de passar, dous

---

1 *poderia*: pderia *A* poderia *B*.

6 e 8 *viisse*: viesse *A* (com correcção manuscrita) visse *B*. Não há correcções no exemplar da BGUC.

25 *d·aguardar*: da guarda *B*.

ou tres dias pera, com ajuda de Deos, pellejar com quaaesquer que viessem. E partio de Punhete seu caminho pera Antre Tejo e Udiana e chegou à estrada per honde os castellaãos usavam de passar pera Santarem e de Santarem pera o Crato e pera Castella, a hũa pequena ribeyra honde chamam Alperrejom e hy comeo a par da rribeyra sob hũus freixos. E, ante que se asentasse a comer, mandou poer a tyro de beesta e mais, em certos outeyros, suas atalayas que nom podessem per a estrada passar nenhũa gente de que elle parte nom soubesse, porque elle avia por costume nunca se alojar em logar, de dia, que nom tevesse atalayas e, se era de noyte, guardas e escuytas. E em teendo ja suas atalayas postas e elle estando a comer, e asy as outras gentes em seu alojamento, aqui vem huũa das escuytas muy rriigo e muy callado, e disse a Nun·Alvrez que per a estrada de Santarem viinha peça de geẽte a cavallo e de pee. E com estas novas Nun·Alvrez foy muy ledo e deu logo de maão aos mantees e mandou que lhe seellassem as bestas passo e muyto sem arroydo, e assy o mandou dizer a todollos seus, e que se viessem logo pera elle sem volta. E os seus forom logo com elle prestes, ca nom tinham razom de se deteer porque Nun·Alvrez e todollos seus estavam armados soomente das cabeças e as bestas todas seeladas como aquelles que aguardavam || pollo que lhe vinha. E Nun·Alvrez estava desviado da estrada per onde os castellaãos vinham e, antre elle e a estrada per onde os castellaãos vinham, avia hũu alevantamento de charneca como comiada e daquella comiada era huũa decida pera a estrada. E Nun·Alvrez fallou com os seus que todos fossem callados e sem arroydo ataa cumiada, e assy foy que ataa·

Fol. 25 v

---

1 *quaaesquer*: quaas quer *A* quaes quer *B*.
2 *pera*: per *A* pera *B*. V. 73.22.
14 *rriigo*: rijo *B*.
27 *a*: om. *AB*. Do contexto deduz-se que se tratava de uma descida para a estrada. Cf. 75.3-4.

·lly forom callados. E, como Nun·Alvrez chegou à cumiada, mandou dar rriigamente aas trompetas e logo todos, em tropell e em bõo rriigimento, deceram riigamente pera a estrada honde os castellaãos ja viinham. E os castellaãos eram oyto de cavallo e cento homens de pee, bõos almoga- 5 veres d·Andaluzia com bõoas lanças e dardos e punhaaes e, em volta destes homens de pee, viinham algũus beesteiros. E, como os castellaãos virom Nun·Alvrez deçeer rriigo com sua geente, forom todos torvados, e esto muy pouco, porque logo se começarom de defender como elles podiam, como bõos 10 homẽes, mas sua defensom nom lhe prestou porque logo muy agiinha forom desbaratados. E, antre mortos e presos, ficarom hy lxxxvi e algũus se esconderom pollo mato que nom forom filhados nem poderom seer achados. E daqui se partio Nun·Alvrez e se foy a Evora. 15

ℭ *Capitulo .xxxii. De como o castello de Monsaraz foy tomado, com o qual se Gonçallo Rrodryguez de Sousa levantara por el·rey de Castella*

Estando Nun·Alvrez a esta sazom em Evora, veeo·lhe recado de como Gonçallo Rrodryguez de Sousa que tinha o castello de Monsaraz, o quall Gonçallo Rrodryguez a esta sazom estava no Porto, que se partira do Porto e se fora pera el·rey de Castella e mandara ao que por elle tinha o castello de Monsaraz que levantasse a voz por el·rey de Castella e tevese o castello por elle, da quall cousa Nun· 25 ·Alvrez foy muy anojado por seer no estremo e donde elle algũas vezes entendia d·ordenar e fazer algũas cousas por serviço do mestre, e desejava muito de o aver. E teve hũa

Jun. 1384

---

6 *punhaaes*: punhaães *AB*.
20 *que* é expletivo.

tal maneira: como quer que o castello estava por el·rey de
Castella, os moradores da villa, especialmente alguns, eram
verdadeiros portugueses e bem davam lugar e lhes prazia
com aquelles que lla hiam que eram moradores nos lugares
5 que estavam pollo meestre; e porque elle sabia que o escudeiro
que o castello tinha nom tinha consigo senom sua molher e
poucos homens e que nom estavam abastados de mantimentos,
fallou com hũu escudeiro cordo e de que fiava, e deu·lhe por
parceiros oyto ou dez e mandou·||lhes que se fossem huũa Fol. 26 r
10 noyte lançar no arravalde de Monssaraz e que elle, da outra
parte, mandarya lançar cinco ou seys vacas a fundo do
castello, em hum valle que hy está, que andassem desempa-
radas, bem como se ficassem dalgum roubo que os castellaãos
levarom, e que entendia que o alcayde sayria a ellas polla
15 porta Collorquia e nom curaria de a mandar fechar pera
trazer as vacas pera o castello, e que elles tevessem atallaya
que o visem sayr do castello e, como fora fosse, que saltassem
logo no castello e fechassem as portas. E foy assy que os
escudeyros se forom a Moonsaraz e o fezerom assy e muyto
20 milhor, ca delles se poserom em algũas das casas do arravalde
mays chegadas ao castello e delles se poserom detras a porta
Collorquia, tras hũu cabeço que se faz detras honde ha muytos

---

12-13 *desemparadas*: desemparados *A* desemparadas *B*. A referência exige o feminino (vacas).

15 *porta Collorquia*: é a porta que modernamente se chama Porta Falsa. A Porta Colorquia tinha já essa designação no séc. XIV. Cf. ESPANCA, Túlio — *Inventário artístico de Portugal: Distrito de Évora*. Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes, 1978, vol. I, p. 360. Não há justificação para a leitura *Çolorquia* que se vê na passagem correspondente da *Crónica de D. João I*, 1.ª parte, cap. CXLIII, p. 256.

16 *atallaya*: atall tallya *A* atal tallaya *B*. O texto de *A* é um erro de composição que embaraçou também o revisor de *B*. A expressão «ter atalaia», com o sentido de «manter vigilância atenta», aparece, no pretérito imperfeito, algumas linhas abaixo (77.7-8.)

penedos e barrancos, e as vacas forom lançadas ante manhãa
honde Nun·Alvrez hordenara. E o alcayde, como se alevantou, vyu·as andar e teve que lhe vinha polla porta boa ventura, e sayu·se logo polla porta Colorquia e, com aguça de
hiir aas vacas, nom curou de a fechar nem mandar em ella 5
poer guarda, pensando de se tornar logo com as vacas.
E os outros que Nun·Alvrez mandara, que sobre elle tinham
atallaya, como o viram sayr, foron·se logo rriigos e dereytos
aa porta e entrarom no castello e lançarom logo fora a molher
do alcayde e os que com ella estavam e fezerom·no logo saber 10
a Nun·Alvrez como era filhado. E elle foy dello muy ledo e
mandou em elle poer recado quall compria a serviço do
meestre.

¶ *Capitulo .xxxiii. De como, estando Nun·Alvrez em Evora, lhe veeo recado de como Joham Rrodryguez de Castanheda, com* 15 *peça de gente, estava em Badalhouçe pera entrar em Portugall, e a maneyra que Nun·Alvrez sobre ello teve*

Estando Nun·Alvrez em Evora, ouve recado que Joham
Rrodryguez de Castanheda chegara a Badalhouçe
com trezentas lanças e mays, de bõos cavalleyros e escudeyros, 20
e que estava oufano e muy altarado por huũa entrada que
pouco avia que fezera em Portugal, e que dizia que o queria
viir buscar. E, como esto foy dito a Nun·Alvrez, logo se
partyo d·Evora caminho d·Elvas a o buscar pollo escusar
do trabalho. E, estando em Elvas, Joham Rodryguez lhe 25
Fol. 26 v enviou hũu seu arauto, pollo qual lhe || enviou dizer que o
aguardasse hy, que em outro dia seria com elle. E Nun·Alvrez
lhe enviou dizer, em reposta, pello arauto, que lhe prazia muito
de sua viinda e que elle lhe teeria bem feyto de jantar. E com

1 *manhãa*: manhaa *A* manhaã *B*.
26 *arauto*: arauato *B*.

tal reposta se partio o arauto, e nom hiria d·Elvas dous tiros de beesta que logo Nun·Alvrez nom mandou dar às trombetas e se partio com sua jeente caminho de Badalhouçe, honde o dito Joham Rrodryguez estava. E Joham Rrodry-
5 guez soube como hya e, com suas gentes, sayu fora da cidade e foy hi envolta feyta junto com a cidade, hũa forte escaramuça e bem pellejada antre os de Nun·Alvrez e os de Joham Rrodryguez, e em a qual escaramuça forom presos xx escudeyros bõos de Joham Rrodryguez.
10 E Joham Rrodryguez e os seus, nom podendo mais soffrer, se lançou dentro na cidade, maao seu pesar, e mandaram çerrar as portas da cidade, hiindo peça delles mal feridos. E Nun·Alvrez se teve mui grande espaço fora da cidade, aguardando que sayssem, e jamais nunca nenhũu
15 sayu fora. E, veẽdo esto, Nun·Alvrez tornou·se a Elvas, donde partyra.

¶ *Capitulo .xxxiiii. De como a Nun·Alvrez vierom outros recados por que se logo partio d·Elvas*

Nom forom muytos dias que, estando Nun·Alvrez em
20 Elvas, lhe veeo recado que muyta geente de castellaãos estava no Crato e que, do arrayall de sobre Lixboa, honde el·rey de Castella jazia, aviam de viir, pera se ajuntar com

---

4 *Rrodryguez*: fernandez *A* rodriguez *B*. O erro de *A* é óbvio, visto que «o dito» é necessariamente a pessoa de quem se trata neste capítulo, além de Nun'Álvares, e essa pessoa é João Rodrigues. No exemplar da BGUC está já feita a correcção por meio de um rectângulo de papel colado com o nome, na mesma composição. O erro também foi eliminado em *B*. Preferimos a grafia de *A* em vários passos do capítulo.

4 *Joham*: joam *B*.

11 *maao*: mão *AB*.

ellas, Pero Exarmento e o prioll do Esprital, seu irmaão, com seyscentas lanças. E, como a Nun·Alvrez esto foy dito, logo ouve seu conselho pera lhes hiir teer o caminho aa Ponte do Soor. E, de feito, logo partio d·Elvas com sua hoste e andou esse dia sete legoas e foi·se alojar a hũa fonte que 5 chamam da Figueyra, que está no cabo do reguengo do Amexial, d·Estremoz caminho do Cano, e mandou de noyte poer suas guardas e escuytas, segundo avia de custume. E, seendo ja alto seraão, hũas xxx lanças de sua companhia se alongarom do alojamento adiante, contra o Cano, por suas bestas passarem 10 milhor, porque andavam muyto trabalhadas, e levarom consigo huũa trompeta que andava em companha de hũu daqueles que se asy apartarom. E quando veo aa mea noyte, aquella trompeta que jazia com os que se apartarom, por mingoa de avisamento, começou de tanger e foy ouvida no alojamento 15 honde Nun·Alvrez jazia e cuydarom que eram os castelhanos que hiam buscar, que vinham seu cami||nho. E logo Nun· (Fol. 27 r) ·Alvrez mandou dar aas trompetas e, com todollos seus, foy posto em batalha, todos armados, e de pee as tochas, e em riigimento ataa honde a trompeta tangera. E, como 20 lhe foy dito que era, tornou·se a seu alojamento, porem que defendeo que, de hy em diante, nom fosse nenhũu tam ousado que, de noyte, se asy apartasse da oste. E, como foy manhãa, Nun·Alvrez partyo caminho da Ponte do Soor e, hindo ja aalem d·Avys, lhe veo recado certo que Pero Xarmento 25 e o prioll, seu irmaão, e as geentes outras que com elles aviam de viir do arrayal del·rey de Castella pera o Crato, passarom polla Ponte do Ssoor avia hũu dya e que ja seriam no Crato, das quaes novas a Nun·Alvrez muyto desprouve. E tornou·se

---

1 *ellas*: elles *B*.
1 *Exarmento*: xarmento *B*.
13 *aa*: a *B*.
16 *honde*: õde *B*.
21 *que era* = o que era.

Nun·Alvrez dormir ao Cano, honde forom bem pensados de figos, porque outro mantimento nom avia hy, ca no Cano nom morava nenhũu nem elles nom traziam mantimento. E de hy se foy Nun·Alvrez a Evora e, como chegou, logo
5 veeo recado do meestre, que estava em Lixboõa, de como do arrayal del·rey de Castella eram partidas seiscentas lanças pera se ajuntarem no Crato com as outras gentes que hy estavam e se viirem a elle e lhe poerem batalha, e que o encomendava a Deos, e enviou·lhe dinheiros pera soldo de
10 hũu mes pera sua geente, que estava mingoada, do que elles forom muy ledos, por a grande mingoa que aviam. E logo apos este recado do meestre lhe veo outro: que Pero Xarmento e o prioll, seu irmaão, e Joham Rodriguez de Castanheda e o conde de Nebra e o meestre d·Alcantara, que foy
15 mestre depois da morte do outro que foy morto na batalha de Fronteyra, e Martim Annes de Barvudo, que se chamava mestre d·Avis, e outros muitos cavalleiros e escudeiros, que eram, per todos, duas mill e quinhentas lanças e seyscentos ginetes e muytos homens de pee e beesteyros, eram todos
20 juntos pera ho hyrem buscar e lhe porem batalha e correrem e roubarem Antre Tejo e Udiana e o campo d·Ourique, polla qual razom logo Nun·Alvrez mandou chamar a gente polla comarca e juntou, per todos, ataa quinhentas e trinta lanças e cinquo mill, antre homens de pee e beesteiros. E em
25 este meeo os castellaãos encaminharom contra Evora. E, em vindo do caminho, enviou Pero Enxarmento a Nun·Alvrez huũa carta muy desmisurada, da qual Nun·Alvrez nom curou nem lhe quis responder, mas consirava em sy de hyr primeiro todavia a elles que elles viessem. E em este passo,
30 hum dia, sayndo Nun·Alvrez das missas e teendo a mesa posta pera comer, || ouve recado certo como os castellaãos Fol. 27 v

13 *Joham*: Joam *B*.
19 *homens*: homes *A* homeẽs *B*.
26 *Enxarmento*: xarmento *B*.

eram antre Arrayolos e o Vymieyro e Evoramonte. E, como
esto soube, sem mais comer, mandou dar aas trompetas e
cavalgou, e sua geẽte beveo a pee ou como milhor poderom
e forom com elle juntos, e partyo logo e forom alojar hũũa
legoa d'Evora, a hũũa quintaa que chamam Oliveyra. 5
E entom comera Nun'Alvrez de bõo tallante se o tevera,
mas nom o tinha nem levava azemelhas nenhũas. E bus-
caron'lhe alguũa cousa de comer per a companhia e nom lhe
acharom outra cousa senom hũu pam, e ainda ençetado,
e hũu pequeno de rabom e hum pouco de vinho que hũu 10
piom levava em hũa cabacinha, e estas forom as iguarias
que Nun'Alvrez por aquel dia todo ouve e nom outras. E em
outro dia, bem cedo, partyo e se foy honde os castellanos
estavam, cuydando de aver logo a batalha, porque elles
eram muytos e elle levava poucos, e os castelhanos nom 15
quiserom viir aa batalha, pero estevessem ja muyto acerca
hũus dos outros. E os castellaãos enviarom a elle Garcia
Gonçalvez de Ferreyra, marichal de Castella, pollo qual
lhe enviarom dizer que bem viam que seu jogo era repartido
mall e que de tal tençom como tinha nom curasse, ca bem 20
viia que nom avia em elle defensom, mas que todavia se
tornasse a serviço del'rey de Castella, que ho acrecentaria
e farya grande e lhe faria muytas altas merçees que por sua
grande bondade el as mereçia muy bem. E Nun'Alvrez
lhe respondeo em breve que daquellas pallavras nom curasse, 25
mas que se fosse em bo'ora e que dissesse aaquelles senhores
que o a elle enviarom que pouco faziam em sy, tanta e tam

---

5 *quintaa*: quintaã *B*.

7 *azemelhas*: azemelas *B*.

10 *hũu pequeno de rabom*: cf. F. Lopes, *Cr. D. João I*, 1.ª parte, cap. CXLVI, p. 261: «... huũ pequeno de rravom ...».

12 *aquel*: aq̃lle *B*.

16 *aa*: a *B*.

24 *el*: elle *B*.

26 *dissesse*: disse *A* dissesse *B*.

boõa gente tardarem tanto que nom viinham aa batalha
que elles tinham muyto prestes, e que lhes prouvesse de
todavia viinrem. E com este recado se partyo Garcia Gon-
çalvez. E Nun·Alvrez era muy desejoso, porque elles nom
5 vinham, de hiir a elles e embargava·o hũu muy estreito passo
de hum regato que estava antre elles e os castellaãos. E, por-
que os castellaãos eram muytos, pensava elle que se pode-
riam alargar do mao passo e virem a elle sem embargo do
mao passo, o que elle assy nom podia fazer. E per esta guisa
10 durou Nun·Alvrez fora da cidade d·Evora dous dias e hũa
noyte sem mantimento nenhũu que consigo levasse, convem
a saber, ho dia que da cidade partio pera Oliveyra e a noyte
seguinte e ho dia que esteve em batalha aguardando os
castellaãos que nom quiserom viinr. E por se a noyte chegar
15 e por os castelhaãos nom quererem viinr e, desy, por nom
teerem manti||mentos nenhuns, a batalha se nom fez e Nun· Fol. 28 r
·Alvrez se tornou a Evora muy de noyte a dormir, com enten-
çom de em outro dia tornar aa batalha se lha quisessem dar.
E a parte dos seus, com cansaçom do trabalho que aquelle dia
20 ouveram, e por mingua dos mantimentos que nom tinham
e por seer ja muy alta noyte, ficarom dormiindo per as vinhas.
E quando veeo a alva da manhãa, cuydando Nun·Alvrez a
tornar à batalha, ouve novas que os castellaãos hyam ja
caminho de Viana, duas legoas d·Evora, e teve conselho de
25 todavia hiir a elles e achou que a maior parte da sua gente
era ja derramada. E daquelles que pellas vinhas ficarom
dormiindo, pensando elle que consigo os trazia todos, ante sy
forom delles presos e algũus mortos dos castellaãos que os
achavam pellas vinhas. E por a noyte d·antes, que nom

5 *embargava·o*: embargauaao *AB*.
11-12 *convem a saber*: conuenasaber *A* conuem a saber *B*.
22 *manhãa*: manhaa *A* manhaã *B*.
22-23 *a tornar* entre parênteses em *B*.
27-28 *ante sy forom*: ante syf:orom *B*.

vierom dormir aa cidade, se foram pera suas terras, do que Nun·Alvrez foy muy anojado. E, seendo asy anojado, lhe veo recado que os castellaãos eram ja em Viana, polla qual rrazom teve outra vez conselho de hiir a elles huũa alva de manhãa com trezentas lanças, posto que mais nom tevesse, 5 e achou çertas, dentro na cidade, cento e cinquoenta lanças. E pollos cavalleiros que com elle estavam foy acordado que era pouca jeente, e todavia nom fosse allo. E a dous dias ouve Nun·Alvrez recado que os castellaãos eram ja em Arrayollos e de posse da villa, que lhe fora dada per algũus 10 nom bõos portugueses, e que as gentes eram derramadas, e que Pero Xarmento e Joham Rrodryguez de Castanheda e outros muytos cavalleyros e escudeyros, que seriam ataa setecentas lanças, se hyam caminho de Lixboa pera o arrayal del·rey de Castella e que os outros se forom pera o Crato. 15 E Nun·Alvrez teve conselho de hiir aaquelles que hiam pera o arrayall e, querendo partir, lhe veeo recado certo que, jazendo os castellaãos dormiindo, que asy hyam pera o arrayal ao Porto do Carro, que he cinco legoas d·Evora, que ouveram recado que Nun·Alvrez queria hyr a elles e que logo 20 de noyte derramarom todos, de guisa que hũus forom pera Santarem e outros pera Almada fugindo, e que os capitaães meesmos asy se partyram logo de noyte, nom viindo ja com elles ata cl lanças, porque todollos outros derramarom e se forom. E, porque assy derramarom e nom podia seer que os 25 ja Nun·Alvrez podesse alcançar, cessou sua hyda.

¶ *Capitulo .xxxv. De como o mestre mandou recado a Nun·Alvrez que se fosse com sua gente a Montijos ou a Aldea Galega de Riba Tejo*

Fol. 28 v Nun·Alvrez estando hum pouco d·asessego na cidade 30 d·Evora, ho meestre lhe mandou hũa carta de Lixboa, honde estava, que lhe fazia saber que era sua vontade pas-

sar·se Antre Tejo e Udyana pera juntar suas gentes e hiir pellejar com el·rey de Castella, e que lhe mandava que se fosse logo com toda a gente pera o recolher em Montigos ou em Aldea Gallega. E, como Nun·Alvrez tal mandado ouve,
20 Ago. 1384 logo sem mais tardança se partiio d·Evora, honde estava com toda sua gente, e se foy a Palmela. E, como hy chegou, mandou fazer fumaças em todollas torres e cubellos do muro pera o meestre saber como elle hy era, das quaes fumaças, asy em Lixboõa como no arrayall del·rey de Castella e, em
10 Almada, Pero Exarmento e o adiantado de Liam e Joham Rrodryguez de Castanheda e outros que hy estavam, eram muy espantados porque da viinda de Nun·Alvrez nenhuns nom sabiam parte senom o mestre, e nom sabiam parte nem que cuydar. E logo Nun·Alvrez tomou o castello de Palmela,
15 que estava por el·rey de Castella, e, tomado o castello, Nun· Alvrez era muy cuydoso porque o mestre nom passava de Lixboa, como lhe mandara dizer. E per tres vezes, de noyte, com certa gente, o foy aguardar a Aldea Gallega, pensando que o meestre viesse hy, como lhe enviara dizer, levando
20 maas noytes, sempre de bestas, armados, pollo frios que a essa sazom eram muy grandes e destemperados. E, em se fazendo estas cousas, Nun·Alvrez trazia suas enculcas em Almadaa, que lhe tragiam recados amiude do que Pero Exarmento e os outros senhores e jeentes que com elle esta-
25 vam faziam, teẽdo grande vontade de hiir sobre elles tanto que

---

3 *Montigos*: montijos *B*.

5 *partiio*: partyo *B*.

13 *nom sabiam parte ... e nom sabiam parte*: a repetição tão próxima pode dever-se ao rigoroso paralelismo de composição tipográfica em duas linhas contíguas começadas e terminadas pelas mesmas palavras, o que sucede em *A* (mas não em *B*); pode, no entanto, tratar-se mesmo de uma forma de narrar, com recurso a métodos de narração oral.

23 *tragiam*: traziam *B*.

pera ello ouvesse lugar e tempo. E aveeo que hum dia foy Nun'Alvrez a monte por espaçar e matou hum muy gram porco e muy fermoso, e mandou'o logo em cima de hũa muy grande azemella em presente a Pero Xarmento a Almadãa e mandou'lhe dizer per hũu escudeiro, que de lhe apre- 5 sentar o porco levava carrego, que a poucos dias ho hiria veer. E Pero Xarmento foy muyto ledo com tal presente e enviou logo o porco a el'rey de Castella, ao arrayal, e enviou dizer a Nun'Alvrez que lho guardecia muyto, e ao mays lhe nom respondeo. E, querendo Nun'Alvrez 10 trazer à execuçam a boa vontade que tinha de hiir sobre Pero Exarmento, ouve seu conselho de todavia hiir sobre elle e conçertou certos capitaães da sua companhia que tevessem certos carregos e guardas, cada hũus em seus lugares, asy da parte do mar como da terra, de guisa que nenhum 15 Fol. 29 r homem nom podesse passar pera Alma||dãa pera levar nenhũu recado, por tal que nenhũus castellaãos, com ajuda de Deos, lhe nom podessem escapar. E hordenou de partir 31 Ago. 1384 aa noyte de Palmela e hiir fora da estrada, desviado per a charneca, e que fosse à alva rompente em Almadaa, e, de 20 feyto, asy partyo aa noyte. E por as guias nom serem çertas no caminho que levava, e por outros embargos que se seguiram, nom pôde chegar aas oras que cuydava. E, sayndo o sol, chegou a hũu lugar que chamam a Sovereda, que he acerca de hũa legoa d'Almadaa e, porque vio que era tarde, 25 fallou com todos que andassem riigo quanto as bestas podessem levar, e chegarom à villa, a hũa barreira que era no ravalde de contra Couna, e o primeiro que a elle chegou

---

9-10 *e ao*: ao *A* ⁊ ao *B*.
10 *lhe nom*: lhe nõ lhe *A* lhe nom *B*.
12 *Exarmento*: ẽxarmento *B*.
24 *a Sovereda*: aouerada *B*.
25 *acerca*: acerça *A* acerca *B*.
26 *fallou*: fallo *B*.
26 *riigo*: rijo *B*.

foy Nun·Alvrez, estando ja na dita barreira bem trinta homens d·armas dos castellãos que ja sabiam sua hida. E Nun·Alvrez se deceo logo a pee, soo, que outrem nom era com elle senom dous moços da estribeira, e se deu às lanças
5 com os castellãos ante que nenhum chegasse. E os primeiros que o ajudarom forom tres scudeiros, convem a saber, hũu que chamarom Vasco Pirez Chaçim e outro que chamavam Gill Vaasquez Sarilho e outro que chamavam Gill Rrodryguez de Santasijas, e com estes tres entrou Nun·Alvrez per a barreyra
10 ao arravalde. E em esto veo a sua bandeira com a gente que vinha hũu pouco atras, e a bandeira e gente que com ella vinha tomarom a rua dereita acima que vay contra Caçilhas, fazendo sua obra. E Nun·Alvrez soo, com seus tres companheiros, seguio sua rua por que entrara, que hia
15 dereita ao castello, levando muytos castellaãos ante sy, que lhe hiam fugindo pera o castello, que o ja conheciam por Nun·Alvrez. E depois que peça de castellaãos forom juntos, ante que chegassem ao castello cobrarom coraçoões e quiserom tornar a Nun·Alvrez porque Nun·Alvrez hia asy mal
20 acompanhado. E de travesa veo hũu pyam de Nun·Alvrez que ho andava buscando, que chamavam Lop·Aalvrez, que era vallente, e saltou antre Nun·Alvrez e os castellaãos e, com vivo coraçom, como todo homem deve fazer ante seu senhor, remessou hũu castellaão com hũa azcuma que trazia,
25 que deu com elle em terra. E os castellaãos começaram de fugir e Nun·Alvrez e seus quatro companheiros nom lhe

---

1 *estando*: E estãdo *AB*.

2 *castellãos*: castellaos *A* castellaãos *B*.

6 *scudeiros*: escudeyros *B*.

9 *per a*: pa a (p cortado) *B*.

12 *ella*: elle *A* com correcção manual na última letra, tanto no exemplar da BN como no da BGUC.

15-16 *que ... que* são ambos relativos, referidos a «castellaãos» (l. 15).

21 *Lop·Aalvrez*: lopalurez *B*.

davam vagar, ante os seguiam de morte. E daquelles que ante Nun·Alvrez hyam fugindo era hũu Joham Rrodryguez de Castanheda, que se hya quanto podia pera o castello, hindo vistindo hũu gibom pouco a seu prazer. E em este passo recudio pera elle a bandeira e a outra gente que per 5 a rua forom, e assy forom os castellãoos do aravallde desba-
Fol. 29 v ratados e ençarrados no castello maao seu || grado e peça delles mortos e feridos e presos, e a villa toda roubada, e forom hy achados muytos e bõos cavallos e azemellas e outras muytas boõas cousas. E, acabada a obra, Nun Alvrez se foy 10 poer aos muynhos do vento, que he no cabo do lugar, com sua gente e bandeira esventollada, olhando ao arrayall del·rey de Castella, que jazia a Santos. E el·rey de Castella preguntou a Pero Xarmento, que a essa sazom era com el·rey de Castella, que jeente seria aquella, e elle disse que nom sabia, 15 pero que sospeitava que seria Nun·Alvrez. E el·rey se queixou muyto contra Pero Xarmento porque tinha Almadaa, e elle lhe respondeo que nom se maravilhasse muyto de viir Almadãa, que, se o mar nom fosse que fazia empacho passar, que a seu arrayal o vinria visitar. E depois que assy esteve 20 hũu pedaço, partiu·se e foy comer a Couna e hy mandou repartir ho esbulho que assy traziam, sem avendo elle pera sy nenhũa cousa. E de hy se foy a Palmela.

---

2 *hyam*: hya *A* hyam *B*.
4 *este*: esto *A* este *B*.
5 *elle*: é uma correcção manual na entrelinha, tanto no exemplar da BN como no da BGUC, e já incorporada no texto de *B*.
6 *aravallde*: arauall *A* arrayal *B*. Cf. «arravalde» em 86.10.
10 *se*: fe *A* se *B*.
14 *el·rey*: rey *AB*.
19 *Almadãa* = a Almada.
20 *vinria*: veria *AB*. É inadequada no sentido a forma de *AB*: não se trata de «ver visitar», mas sim de «vir visitar». Para abonação da forma restituída v. 52.6.
21 *partiu·se*: partiose *B*.

Capitulo .xxxvi. Como el·rey de Castella, por a grande pestelença que era em seu arayall, e por mais nom poder continuar o çerco, se partio de sobre Lixboa

1 Set. 1384 Estando ainda Nun·Alvrez em Palmela depois da hyda d·Almadaa, el·rey de Castella se levantou do çerco, honde jazia, sobre Lixboõa e foy posto fogo no arrayal e quintaães d·arredor, de noyte, tam grande que parecia que Lixboa era em fogos acendida, e esto parecia asy de Palmela. E desto foy Nun·Alvrez mui cuydoso e muyto anojado, cuydando
10 que era feyto algũu engano ou treyçam ao meestre, que em Lixboa estava, per algũus grandes que com elle nom tinham bõa maneyra, e este nojo lhe durou ataa outro dia per a manhãa, que o dia foy claro e Lixboa pareceo sem cajom de fogo e nobrecida como ante parecia. E como Nun·
15 ·Alvrez soube que el·rey de Castella se partya do arrayall, e porque lhe foy dito que levava consigo muytos mortos e doentes, e entendeo que hyrya aa longa per o caminho, pos em sua vontade de lhe hir atalhar ao caminho e, com ajuda de Deos, o desbaratar. E logo pera ello mandou pidir licença
20 ao meestre a Lixboa e o mestre lhe mandou dizer que todavia o nom fezesse, mas que lhe rogava que o aguardasse, que elle queria allo hiir. Desto nom prouve muyto a Nun·Alvrez por a grande vontade que logo tinha de hiir, pero foy·lhe forçado d·aguardar. E, porque o mestre nom vinha tam
25 cedo, se foy com çertos escudeiros hũa noyte a Aldea Gallega e, estando pera se meter em dous batees pera passar a || Lix- Fol. 30 r boõa, fallou hũu daquelles escudeiros, assaz vallente, e disse: «Senhor Nun·Alvrez, eu sonhava, a outra noyte passada, como vos partiees deste lugar em batees e que, passando

---

13 *claro*: craro *B*.
26 *batees*: bates *A* batees *B*.
29 *batees*: batẽes *AB*.

per antre a frota del·rey de Castella vos prhendiam, pollo qual eu vos peço por merçee que nom partaes». E Nun·Alvrez lhe respondeo que elle ficasse com seu sonho e nom no quis levar, e o escudeyro ficou e Nun·Alvrez embarcou e se meteo nos batees e atravessou pella frota del·rey de Castella que jazia 5 d·ante Lixboa e em o meeo da frota mandou dar aas trompetas, de guisa que fez envorilhar toda a frota porque nom sabiam quem era. E todavia foy sua vya e chegou a Lixboõa 30 Set. 1384 e pousou com Joham Vaasquez d·Almadaa e esteve hy dous dias e fallou com o meestre algũas cousas que lhe compriam, 10 antre as quaes a primeira e principal, que o leixasse hiir a el·rey de Castella, como lhe ja enviara dizer, e o meestre lhe nom quis dar lugar, dizendo que elle queria allo hiir. E, por se esta cousa poer assy em trespasso, el·rey de Castella passou assy seu caminho per Tomar, polla quall razom a obra 15 cessou e Nun·Alvrez se tornou em seus batees pera Palmela e de Palmela se foy a Setuval, honde se pera elle vierom algũus fidalgos dos que com o mestre esteverom em Lixboa no cerco, e de hy se foy a Evora.

ℭ *Capitulo .xxxvii. De como foy tomada a villa e castello de* 20 *Portell per Nun·Alvrez, estando ja por el·rey de Castella e, dentro, muytos castellaãos*

Nun·Alvrez avia grande despeito porque Portell era hũu Nov.? 1384 bõo lugar e estava na comarca honde elle mais comarcava, por estar, como ja estava, por el·rey de Castella e, 25 dentro, muy grande gente de castellaãos, convem a saber, Fernam Gonçalvez de Sousa, que o d·antes tinha por Portugal e o dera a el·rey de Castella, e o comendador moor de

---

1 *per*: pera *A* pa (p cortado) *B*.
5 e 16 *batees*: batẽes *AB*.

Santiago de Castella, dom Guarcia Fernandez, que depoys foy meestre de Sanctiago de Castella, com cento e xx lanças e muytas outras gentes, e era muy pensoso Nun'Alvrez como poderya aver a villa e o castello pera o meestre. E, estando
5 Nun'Alvrez em Evora, ouve sua falla com tres homens de Portel, verdadeiros portugueses, convem a saber, Joham Mateos e Joham Longo e outro, se lhe poderiam dar huũa porta ou outra algũa entrada pera aver a villa de Portel. E a elles prouve de em ello fazer seu poder, e per dias
10 trabalharom sobre ello quanto poderom, de guisa que lhe derom o lugar per hũa porta. E hũa alva de manhãa Nun'Alvrez entrou a villa e de topo forom hy presos e roubados muy||tos castellaãos que polla villa pousavam, e Fol. 30 v ouverom tal azoo que se acolherom ao castello, delles em
15 camisas. E logo em esse dia gente de Nun'Alvrez começarom de combater o castello e pôr fogo às portas delle. E porque Nun'Alvrez, de presente, nom tinha concertamento pera combater, com entençom de sse perceber delle pera em outro dia per sy combater, mandou afastar os seus, que nom com-
20 batessem por nom pareçerem sem podendo fazer cousa que muyto montasse. E logo em este meesmo dia Fernam Gonçalvez de Sousa, que dentro no castello estava, enviou rogar a Nun'Alvrez que lhe prouvesse de lhe fallar aa salva fe, e a Nun'Alvrez prouve. E Fernam Gonçalvez se veeo aa
25 barreyra do castello, que he contra Beja, e Nun'Alvrez se foy ally arredado da outra gente e, elle de fora e Fernam Gonçalvez de dentro, de cima da barreira do castello, começarom de fallar, reprhendendo Nun'Alvrez do grande erro que fezera, e seer bõo fidalgo e de tam gram linhajem como era,

---

1 Há um espaço rasurado antes de *dõ guarcia*.

12 *forom*: sorom *A* forom *B*.

28 *reprhendendo* = repreendendo-o. Era Nun'Álvares que repreendia Fernão Gonçalves, e não o inverso. Veja-se o contexto que se segue.

e aquella villa e rendas della, e esso meesmo Villa Alva e
Villa Ruyva serem seus, e da·lla villa a el·rey de Castella,
perdendo o çerto por o nom çerto, dizendo·lhe esto e outras
muytas cousas por o reduzir a serviço do meestre, prome-
tendo·lhe que averia com o meestre que lhe desse os ditos 5
lugares, e ainda outros, e lhe faria muytas merçees. E em
breve lhe respondeo Fernam Gonçalvez que bem arrependido
era do que fezera, mais que ja nom podia mays seer senom
levar adiante o que começara, mais que lhe rogava e pedya
que fezesse com elle e com os outros que dentro estavam algũu 10
preitejamento rrazoado. E Nun·Alvrez lhe disse que fallasse
elle com dom Garcia Fernandes e com os outros senhores
que no castello eram e lhe declarassem todo o que queriam,
e entom lhe responderia. E logo se foy Nun·Alvrez dally
e Fernam Gonçalvez a seu castello. E logo, a pouco espaço, 15
o dito Fernam Gonçalvez e Garcia Fernandez, por sy e por
todollos outros castellaãos, enviarom dizer a Nun·Alvrez que
os leixasse hiir em salvo pera Castella com todo o seu e lhe
entregassem o que lhe tomado aviam e que, pera esto com-
prir, Nun·Alvrez e certos de sua casa fezessem juramento 20
no Corpo de Deos que o comprissem assy, e que lhe dariam
o castello. E a Nun·Alvrez prouve dello e fez o juramento,
e com elle jurarom outros grandes que elle pera ello apartou,
antre os quaes foy hũu dos que jurarom Fernam Pereyra, seu
irmaão, que hy com elle estava. E logo Nun·Alvrez mandou 25
entregar a Fernam Gonçalvez e a dom Garcia Fernandez
todo o seu que foy achado, porque assy o jurara elle, e todo
Fol. 31 r lhe foy entregue, salvo hũa cota e hũa || espada de dom Garcia
Fernandez, que Fernam Pereyra, seu irmaão, em sy ouvera
e escondeo sem Nun·Alvrez sabendo dello parte. E, feito esto, 30
foy logo o castello entregue a Nun·Alvrez, e Fernam Gonçalvez
e dona Tereja, sua molher, que era criada da raynha dona
Lianor, e dom Garcia Fernandez e todollos castellaãos
forom logo prestes pera se partir. E Nun·Alvrez mandou
com elles pera os poer em salvo em Castella, com çerta gente, 35

Diego Lopez, que por entom era hum bom e nobre escudeyro e depoys foy nobre cavalleyro. E assy se forom os castellaãos pera Castella e Diego Lopez com elles, que os pos em salvo no estremo, e a villa e castello de Portell ficarom ao meestre.
5 E quando Fernam Gonçalvez e sua molher asy partirom de Portell, porque Fernam Gonçalvez era hũu do mais gracioso homeem do mundo, e ainda mais solto em pallavras, e desy com pouco prazer pollo que asy perdia, contra sua molher, hindo pella villa e pollo arravalde, começou de cantar em esta
10 guisa: «Poys Maryna balhou, tome o que ganou. Milhor era Portell e Villa Ruyva, puta velha, que nom Çaffra e Segura. Tome o que ganou». E esto dizia elle por perder Portell e Villa Ruyva, que eram seus, e lhe davam em Castella Çaffra e Segura, e porque a fama era que elle nunca tomara voz por
15 el·rey de Castella senom polla molher, que lho fezera fazer porque era criada da raynha. Acabadas estas cousas, Nun·Alvrez pos rigimento e guarda na villa e castello qual compria a serviço do mestre, e desy foy·sse a Evora.

¶ *Capitulo .xxxviii. Como a Nun·Alvrez veeo recado d·Elvas 20 que se hordenavam cousas contra serviço do mestre e como se logo allo foy*

Estando Nun·Alvrez em Evora cuydando de repousar algũus dias de seus trabalhos, veeo·lhe recado da villa d·Elvas, que algũus grandes de hy se queriam alevantar
25 com a villa por Castella, polla quall razom se logo Nun·Alvrez
Dez.? 1384 partyo d·Evora e se foy a Elvas com certa jeente pera remediar o que lhe enviarom dizer com serviço do meestre, e antre

---

6-7 *hũu do mais gracioso homeem A* huũ dos mays graciosos homeẽs *B*. Em *A* (94.20) pode ver-se o emprego dos plurais. Embora este capítulo seja fonte de Fernão Lopes, *Crónica de D. João I*, 1.ª parte, cap. CLVIII, não há neste correspondência do passo em questão.

os que consigo levava era hũu delles Fernam Pereyra, seu irmaão. E, hindo asy per o caminho, Nun·Alvrez vio a seu irmaão Fernam Pereyra levar vestida a cota e cingida a espada que fora de dom Garçia Fernandez, que elle escondera em Portell ao tempo que dom Garcia Fernandez de hy partyo. 5
E, como lhe vyo a cota e a espada, foy dello mui anojado e disse logo a Fernam Pereyra, seu irmaão, que fezera muy
Fol. 31 v grande mall passar per || elle tall cousa e demais hiir contra seu juramento, que, ao vertuoso e bõo, tanto he guardar a verdade ao ymiigo como ao amigo, receando muito viir·lhe 10
por ello algũu mao aquaecimento. E, hiindo seu caminho, foy acerca de Villa Viçosa, que estava por Castella, e, dentro, Vasco Porcalho, comendador moor d·Avys, e outros grandes de Castella e, com elles, cento e cinquoenta lanças de bõos homens. E todavia Nun·Alvrez chegou a Elvas e falou com 15
os homẽes bõos o por que hya e pos de fora os que achou em que era a duvida e mandou·os pera o mestre e pos na villa seu regimento qual compria. E em estando assy em Elvas, tres ou quatro homens bõos de Villa Viçosa que eram verdadeiros portugueses lhe enviarom dizer que fosse allo e que 20
elles lhe dariam huũa porta da villa per que entrasse, do qual foy muy ledo e logo pera alla partyo. E, sayndo a sua bandeyra per a porta da villa, quebrou a aste della ao alferez que a levava, antre as portas, o que toda gente ouve por forte signal, e deziam a Nun·Alvrez que nom partisse. E elle 25
nom curou de cousa que disessem, mas mandou poer a bandeira em outra aste e foy seu caminho e chegou aa noyte acerca de Villa Viçosa e alogou·se aquella noyte muyto sem arroydo em hũu lugar que chamam o Relhal. E em outro dya pella manhã hordenou pera, prazendo a Deos, tomar a 30
villa segundo a enformaçom que avia pollo recado que lhe

---

28 *alogou·se* = alojou-se: alojou se *B*.
29 *o Relhal*: orelhal *B*.
30 *prazendo a Deos* entre parênteses em *B*.

os homens bõos enviarom. E mandou diante Fernam Pereyra, seu irmaão, e Alvaro Coytado com çerta gente, os quaes Fernam Pereyra e Alvaro Coytado, tanto que aa villa chegarom, se lançarom dentro na villa per hũa das portas
5 della a que chamam a porta da Torre, que he a mais forte porta que na villa ha, em esta guisa: ella he hũa torre abobedada en·cima da entrada da porta, que nenhũu homem nom pode chegar aa porta que primeiro nom passe per toda aquella aboveda, e aboveda tem hum grande buraco na
10 meatade, per que cabem grandes cantos pera os lançarem quando quiserem. E, como se assy lançarom per a porta, derom logo com hũu grande canto, ante que entrassem, ao Fernam Pereyra, que lhe escacharom o bacinete e a cabeça, e foy logo morto. E per esta guisa foy morto hũu seu
15 escudeyro que o seguio, a que chamavam Vicente Estevez. E Alvaro Coitado chegou todavia à entrada da porta da villa sem empedimento e, entrando, foy ferido de muytas e maas feridas pera a morte, e foy preso e levado aa villa, e tambem levarom dentro o corpo de Fernam Pereyra, que
20 era hũu dos fermosos corpos de homens do reyno. E sobre esto chegou Nun·Alvrez com sua ban||deyra e gente e, como Fol. 32 r lhe foy dito que seu irmaão era morto, e Alvaro Coytado preso e mal ferido, se pos logo a pee terra, e asy todollos seus, e se quisera lançar dentro na villa, e se lançara de feyto se
25 nom fora sua gente que delle travarom e per força o torvarom, veendo como a cousa era muito priigosa. E, veendo

---

1 *homens*: homes *A* homeẽs *B*. Adoptamos a grafia mais frequente em *A*.

9 *buraco*: turaco *AB*.

24 *lançara*: lãçar *B*.

25-26 *torvarom*: tornarõ *AB*. O sentido da expressão requer um sinónimo de «impedir». *Torvar* nesse sentido ocorre várias vezes no texto (19.27, 35.25, 56.19, etc.) além de que o emprego de *n* por *u* é frequente em *A*.

Nun·Alvrez como se por entom mays nom podia fazer, pollas portas ja serem çarradas e a villa forte, e, dentro, muyta gente, partyo·se logo com muyto nojo e asaz bem triste, como aquelle que tal perda recebera, e foy·se pera Borba, que estava pollo meestre. E em outro dia seguinte 5
enviou dizer a Vasco Porcalho e aos outros castellaãos que com elle estavam em Villa Viçosa que lhe enviassem o corpo de seu irmaão, e elles lho enviarom logo. E Nun·Alvrez o foy enterrar ao moesteyro de Sam Francisco d·Estremoz, muy magoado de sua morte e espicialmente porque sua 10
teēçom era, e asy lhe durou sempre, que nunca lhe atal aquecimento e atam maao veeo senom polla cota e espada, que escondeo, de dom Garcia Fernandez em Portel, contra seu juramento.

¶ *Capitulo .xxxix. De como Nun·Alvrez, depois desto, foy cercar Villa Viçosa* 15

Estando Nun·Alvrez em Estremoz depois do enterramento de seu irmaão, teve conselho de hiir çercar Villa Viçosa e mandou chamar suas gentes e foy·a çercar e continuou o çerco por espaço de muytos dias com dous engenhos com que 20
lhe mandava tirar de noyte e de dia, que nom cessavam. E, em durando o cerco, se fezerom muitas escaramuças antre os do arayal e os da villa. E, porque as gentes eram muytas

6 *a*: aa *A* a *B*.
10 *espicialmente*: especialmēte *B*.
11 *e asy lhe durou sempre* entre parênteses em *B*.
11 *que*: qua *B*.
12 *maao*: maão *AB*.
17 *em*: assi ē *B*. A correcção de *B* é admissível mas desnecessária, quando comparada com o início de vários outros capítulos, p. ex. II, VIII, XXII, XXVII, etc.
19 *foy·a çercar*: foy çercar *A* foy acercar *B*.

na villa e esso meesmo os mantimentos eram muytos dentro, e o lugar forte, e porque outras cousas se recreciam polla comarca, a que compria de Nun·Alvrez acudir por serviço do meestre, levantou·se do cerco e tornou·se a Estremoz.

5 ℭ *Capitulo .xl. De como Nun·Alvrez mandou livrar Alvaro Coytado das maãos dos castellaãos que o levavom preso de Villa Viçosa a el·rey de Castella*

Estando Nun·Alvrez asy em Estremoz, foy·lhe dito que Vasco Porcalho e outros castellaãos que estavam em
10 Villa Viçosa tinham hordenado de hũa noyte mandarem, com çerta gente, Alvaro Coytado, que tinham preso, a Olivença, que estava por Castella, pera de hy o levarem a el·rey de Castella. E, tanto que Nun·Alvrez esto soube e foy çerto da noyte que o aviam de levar, hordenou çerta
15 gen||te da sua e mandou·a, aquella mesma noyte, que se fossem ao caminho per honde aviam de levar Alvaro Coytado. E acerca da mea noyte, chegando os castellaãos com Alvaro Coytado honde os de Nun·Alvrez estavam em guarda, os portugueses derom de topo nos castellaãos e os castellaãos
20 fugirom logo e desempararom Alvaro Coytado, e os de Nun·Alvrez o tomarom e levarom consigo a Nun·Alvrez a Estremoz, com o qual Alvaro Coytado Nun·Alvrez ouve gram prazer quando o assy vyo fora das maãos de seus imiigos, e deu muytas graças a Deos.

Fol. 32 v

---

11 *que tinham preso* entre parênteses em *B*.

15 *mandou·a*: mandou *B*.

23 *quando o assy vyo*: quãdo assy vyo *A* quãdo assy o vyo *B*, A ordem que adoptamos é a mais consentânea com a empregada pelo autor em muitos outros passos do texto. Não consideramos o caso de fusão do artigo com a vogal final da palavra anterior porque aquele não está em posição enclítica.

ℭ *Capitulo .xli. De como o meestre foy cercar Torres Vedras, que estava por el·rey de Castella, e se Nun·Alvrez partyo d·Evora, honde estava, pera o hiir veer*

Jazendo o meestre sobre Torres Vedras, que estava por el·rey de Castella, Nun·Alvrez estava em Evora e de hy se partyo pera hiir ver o meestre com lx de mullas, com cotas e braçaaes, e chegou a Lixboa. E hy ouve recado como Diego Xarmento estava em Santarem com quatrocentas lanças e Vasco Pirez de Kamões, que estava em Alanquer, com cento e cinquoenta lanças, e Joham Gonçalvez, o privado del·rey dom Fernando, em Obidos, com cem lanças, e o conde dom Enrrique, com çem lanças, em Sintra, e tinham falla feyta com Joham Duque e com o conde dom Pedro, que estava em Torres Vedras, sobre que o mestre estava, que todos juntos dessem, huũa noyte, sobre o meestre, que tinha cercado Torres Vedras. E, como Nun·Alvrez ouve tal recado, logo ouve em Lixboa armas emprestadas pera os que com elle hyam e se foy com grande aguça a Torres Vedras pera o mestre. E, como o mestre soube parte de sua hyda, prouve·lhe dello muyto e sayo a receber e o mandou bem apousentar. E, continuando o mestre seu çerco e fazendo·se grandes escaramuças antre os do cerco e os cercados, hũa cava que o mestre mandava fazer pera filhar o castelo foy descuberta e atalhada per os castellãos que dentro estavam, polla qual razom o meestre acordou de se levantar do cerco e se hiir a Coymbra. E logo se o mestre levantou do cerco e se foy o caminho de Coymbra pera fazer cortes sobre o

Dez. 1384 · 10 · 8 Jan. 1385 · 20 · 25 · 15 Fev. 1385

3 *o*: ao *A* ho *B*.
7 *braçaaes*: bracaães *A* braçaães *B*.
9 *Kamões*: Camoões *B*.
20 *sayo* = saíu-o.
21 *fazendo·se*: fazendo *AB*.
22 *hũa*: E hũa *AB*.

titollo del·rey que era requerido que o tomasse, se o tomaria ou nom, e Nun·Alvrez com elle. E levava consigo seiscentas lanças, das quaes nom hiam encavalgadas senom çem e cinquoenta lanças, e todollos outros hiam armados a pee,
5 hindo com elles todollos homẽes e molheres que moravam no araval||de de Tores Vedras e no termo, que nom quiseram Fol. 33 r
hy ficar, e ataa hũu çego que no aravalde morava bradava que o nom leixassem ally antre aquella gente maa. E Nun·Alvrez o ouvio e, avendo delle piedade, ho mandou
10 poer tras sy, nas ancas de hũa mula em que hya com o meestre, e assy o levou quatro legoas, honde o çego foy contente de ficar. Oo, que humano e caridoso senhor! E o meestre passou per Obydos, honde estava Joham Gonçalvez, o pri-
3 Mar. 1385 vado del·rey dom Fernando, e de hy se foy a Alcobaça e desy foy a Coymbra. E, ante que a Coymbra chegasse, o sayo a receber, com peça de gente, Gonçallo Gomez da Silva, que estava em Montemayor o Velho. E foy grande maravilha que todollos moços pequenos da cidade, sem mandado de nenhũu, nem outro constrangimento, sayram a receber o
20 meestre com grandes cantares e sabores, braadando todos e dizendo: «Em bõa ora venha o nosso rey!», da quall cousa todos se maravilhavam, dizendo que verdadeiramente cryam que aquello era mandado de Deos, que falava pellas bocas daquelles moços como per bocas de prophetas.

Mar. 1385 ℭ *Capitulo .xlii. Como em Coymbra forom juntos todollos senhores grandes e fidalgos do reyno, bispos, abades, doutores e letrados e os procuradores das çidades e villas do reyno pera em cortes determinarem que o meestre fosse rey*

Estando o meestre em Coymbra, e com elle Nun·Alvrez, e,
30 seẽdo hy chamados e juntos todollos senhores e grandes

3-4 *çem e cinquoenta*: cẽto ⁊ cincoenta *B*.
6 *que*: om. *B*.
22 *verdadeiramente*: verdadadeiramẽte *A* verdadeyramẽte *B*.

do reyno e bispos e dom abades beentos e doutores e letrados
e outros procuradores das cidades e villas do reyno, entrarom
nas cortes sobre a razom por que forom chamados e juntos.
E eram antre elles grandes desvayros e debates, porque
todo o povoo miudo do reyno dizia e bradava que o fezessem 5
rey, e dando muitas e bõas razões por que o devia de seer.
E com elles eram alguns bõos e grandes que hy eram, antre
os quaes hũu dos principaes e primeiro que sobre ello muyto
afficava era Nun'Alvrez, que lhe parecia que nunca o avia
de veer, tanto o desejava. E alguns outros grandes, asy 10
como Vasco Martinz da Cunha e Martym Vaasquez da
Cunha, seu filho, e outros seus alyados eram muyto em con-
trairo desto, ante davam muytas razões pollo nom seer.
E finalmente Deos comprio de sua graça os que eram asy 6 Abr. 1385
pollo mestre e foy em sua ajuda, em guisa que o mestre foi
recebido por rey e lhe fezerom seus preytos e menajẽes como
Fol. 33 v a seu rey por que || o recebiam, soomente aquelles que o
contrairo deziam, que nunca em ello quiserom cayr. E seendo
ja rey, por prazer a Deos e por seus merecimentos, elle fez 7 Abr. 1385
logo seu conde estabre a Nun'Alvrez, fazendo'lhe suas ciri-
monias segundo ao officio pertence, muy honrradamente.
Estas cousas acabadas, partirom'se logo de Coymbra todos
aquelles que eram em contra do meestre nom seer rey pera
suas terras e ficou em Coymbra el'rey e com elle o conde
estabre e outra muyta gente. 25

1 *beentos e doutores*: bẽtos: doutores *B*.
4 *eram*: era *A* eram *B*.
5 *povoo*: pouo *B*.
8 *os quaes* repetido em *A*.
17 *soomente* = excepto.
21 *segundo ao officio pertence* entre parênteses em *B*.
25 *outra*: ouutra *B*.

¶ *Capitulo .xliii. Mas leixa o conto de fallar das cousas que se fezerom emquanto el·rey foy meestre e o conde estabre Nun·Alvrez e, daqui adiante, se fallará das cousas que se seguiram depoys que o mestre foy rey e Nun·Alvrez conde estabre*

5 Estando el·rey em Coymbra, lhe veo recado da cidade de Lixboa que a frota de Castella chegara hy e, como tal recado ouve, mandou logo chamar o conde estabre e fallou com elle de como lhe viera recado de Lixboa que chegara hy a frota de Castella. E logo o conde estabre, com grande
10 desejo que avia de o servir, lhe disse que, se sua mercee fosse de lhe dar gente, com os que elle tinha, que, por seu serviço, elle hyria pellejar com a frota. E el·rey lhe respondeo que lho guardecia muyto, dizendo que aquella era a sua vontade, ainda que lho ataa entom nom disesse, e lhe deu
15 logo recado pera a cidade do Porto pera hyr armar e hyr
12? Abr. 1385 pellejar com a frota. E o conde estabre partio logo caminho do Porto pera concertar sua hyda e achou ja sua molher e sua filha dona Beatriz, que depoys foy condessa, no Porto, que poucos dias avia que vierom de Guimarães, que estava
20 por el·rey de Castella, honde grande tempo esteverom retheudas, e hũu fidalgo parente de sua molher, que chamavam Gonçallo Pirez Coelho, que estava no castello de Guimaraães, as trouve ao Porto furtivelmente e se tornou a Guimaraães. E o conde estabre foy muy ledo de as no Porto achar, como
25 achou, sua molher e sua filha. E, com todo seu prazer, nom lhe esquecia o que lhe el·rey mandara fazer por seu

---

1 *xliii*: xiij *B*.
7 *mandou*: madou *A* mãdou *B*.
9-10 *grande desejo*: grã desejo *B*.
11 *que (por)* é integrante.
18 *que depoys foy condessa* entre parênteses em *B*.
19 *Guimarães*: guimaraães *B*.

serviço, e mandou logo chamar todollos milhores da cidade e todollos mareantes e fallou com elles o por que el·rey seu senhor mandara, e que lhe ouvessem navios e bitalhas e as outras cousas que eram mester pera hiir pellejar com a frota de Castella como lhe el·rey mandara, e elles lhe pediram 5 espaço pera a ello responder. E quando vierom com a Fol. 34 r reposta, foy tal que || o conde estabre nom pôde hiir pellejar com a frota por nom teer tall conçerto, do que lhe desaprouve muyto. E entom propos de hiir em rromaria a Santiago de Gallizia, e esto por tres razoões: a primeyra, 10 por servir Deos em sua romaria; a segunda, porque todollos lugares d·Antre Doyro e Minho estavam ja por Castella e por trabalhar de tomar alguns delles; e a terceira, porque a mayor parte dos seus hiam desencavalgados e por veer se os poderia encavalgar polla terra, que he de muytas bestas. 15 E, de feyto, partio logo hũu dia, depoys de comer, pera dormir a hũu lugar da Hordem do Esprital que chamam Leça, levando consigo cento e cinquoenta escudeiros encavalgados, e mays nom, e todollos outros hyam armados de pee. E, hindo ja fora da cidade seu caminho, a sua azemella 20 da cama sayo de tras de toda a gente e, sayndo per huũa porta da cidade que chamam do Olivall, per honde o conde estabre sayra, a azemella com a cama cayo morta em terra, o que todollas gentes ouveram por maravilha e grande sinal. E disserom esto ao conde estabre, dizendo·lhe que, por tal 25 sinal, nom era bem hiir adiante, e que se tornasse, e elle nom curou daquello nada e mandou que posessem a cama em outra besta e se fossem apos elle. E aveo esse dia, assy, que, à porta honde a azemella morrera, o esprito maligno

6 *a ello*: ello *AB*.
10 *Gallizia*: galliza *B*.
18 *cinquoenta*: cĩcoẽta *B*.
24 *ouveram*: ouuera *A* ouuerã *B*.
29 *à*: aa *B*.
29 *maligno*: maglino *A* maligno *B*.

tomou hy hum homem e fallou delle muytas cousas, antre as quaes disse que elle matara aquella azemella, cuydando que polla morte della o conde estabre nom fosse adiante, honde avia de fazer muytas bõas cousas e que elle tal esprito
5 de gram fe levava consigo que o nom quis fazer nem se tornou nem torvou nẽhuũa cousa, e que era rependido do que fezera, poys nom aproveytara seu desejo. E todavia o conde estabre chegou a Leça e hy dormio essa noyte seguinte e em outro dia partyo de Leça. E, hindo polla comarca, se vierom
10 pera elle quorenta homẽes d·armas de bõos escudeyros, assy gallegos como portugueses, que estavam pollos lugares que por Castella estavam, e outrosy muytos homens de pee com que o conde estabre muyto folgou e os recebeo muy bem, dando·lhe de sy gracioso gasalhado. E de cada parte
15 lhe vinham muytas bestas porque sabiam que levava suas gentes desencavalgadas, as quaes elle logo repartia e dava
Abr. 1385 aaquelles que desencavalgados hiam, de guisa que, chegando a Darque, já com elle hyam quatrocentas lanças emcavalgadas com bacinetes alevantados. E, hyndo assy seu
20 caminho, chegando assy a par do castello de Neyva, que he dos fortes castellos do mundo, o qual tinha por || Castella Fol. 34 v hũu jeenro de Lopo Gomez de Lyra, jente do conde estabre se forom do alojamento acima ao castello a escaramuçar com elles, nom o sabendo o conde estabre, e envolveo·se a
25 escaramuça em tal guisa que veo rrecado ao conde estabre honde estava. E sobre tal recado teve logo conselho de hiir logo acima ao castello pera o tomar se podesse, e assy o pos logo em obra, e combateo ho castello muy riigamente, em tal guisa que o alcayde foy morto no combate de hũu
30 viratam que lhe deu per meeo da vigajem do bacinete, e,

4 *esprito*: spũ *AB*. O desenvolvimento respeitou a forma integral que ocorre em 101.29.

16 *desencavalgadas*: desencaualgados *B*.

28 *riigamente*: rijamente *B*.

tanto que o alcayde foy morto, ho castello foy logo entrado. E a molher do alcayde, filha de Lopo Gomez de Lyra, se veeo ao conde estabre e lhe pedyo por merçee que lhe mandasse guardar sua honrra e elle lhe respondeo que lhe prazia muyto e que sua honrra seria bem guardada. E logo no dia 5 seguinte, bem pella manhãa, a mandou honrradamente, com çertos escudeyros e homẽes de pee, em salvo, a Ponte de Lyma, a Lopo Gomez de Lyra, seu padre, que tinha o lugar de Ponte de Lyma por el·rey de Castella. E foy roubado o castello de Neyva de muytos dinheiros e beestas e outras 10 muytas boõas cousas que em elle estavam. E leixou o conde estabre, por guarda no castello, Pedr·Afonsso do Casal, seu cunhado, com certa geente d·armas e de pee, e de hy se foy a Darque e de hy se foy sobre Viana de Caminha, que tambem estava por Castella, estando em ella hũu irmão 15 de Lopo Gomez de Lyra, que chamavam Vaasco Lourenço. E combateo logo o lugar rriigamente de todollas partes hũu dia, viindo hy muita gente da terra a o ajudar a o combater, no quall combate foy dirribado Diego Gill, alferez do conde estabre, e morto hũu boom escudeiro que chamavam 20 Fernandez, que era ho mayor homem de corpo que avia no reyno. E, pollo combate seer forte e muy perfioso, nom podendo ja mays soffrer, o alcayde preytejou·se com o conde estabre que ho nom combatesse mays e que o leixasse hiir com todo o seu, e dar·lh·ya o castello. E ao conde estabre 25

---

3 *veeo*: veo *B*.
3 *merçee*: merçe *B*.
6 *manhãa*: manhaa *A* manhaã *B*.
6 *a*: ha *AB*.
8 *Lyma*: lyam *B*.
17-18 *E combateo … hũu dia*: entenda-se que o combate durou um dia. O texto de *AB*, iniciando um novo período em «Huũ dia …» induz, a nosso ver, em erro.
17 *rriigamente*: rijamente *B*.
23 *soffrer*: foffrer *A* soffrer *B*.

prouve dello e ouve a posse do castello ou villa. E Vaasco Lourenço, alcayde, se foy com sua jeente e com todo o seu a Ponte de Lyma, honde Lopo Gomez de Lyra estava, o qual Lopo Gomez, veendo em como Vaasco Lourenço, seu irmaão,
5 hya desbaratado, o mandou logo a Bragaa e lhe deu recado que lhe entregassem o castello de Bragaa, que Lopo Gomez tambem tinha por el·rey de Castella.

¶ *Capitulo .xliiii. Como o conde estabre folgou em Viana || tres ou quatro dias e de hy se partio pera todavia hiir a Santiago, como tinha hordenado* — Fol. 35 r
10

Abr. 1385 Estando o conde estabre em Viana repousando de seu trabalho, prepos de todavia hir seu caminho a Santiago, como tinha hordenado, e partyo de Viana. E, hindo seu caminho, os homens bõos de Villa Nova de Çerveira, e esso
15 mesmo outros de Caminha, avendo novas de como o conde estabre per força tomara Vyana e o castello de Neyva, que era tam forte, e temendo·se de hiir sobre elles, vierom a elle ao caminho a lhe pidyr por merçee que nom fosse aos ditos lugares de Villa Nova de Çerveyra e de Caminha, mas
20 que mandasse quem recebesse os lugares e logo lhos entregariam. E desto foy o conde estabre muy ledo e deu muytas graças a Deos e mandou allo çerta gente a receber os lugares e poer em elles guarda como compria a serviço del·rey. E, hindo seu caminho, chegou ao ryo do Minho e, por nom
25 poder passar, se apousentou em hũa aldea muy bem assentada acerca do Minho, em hũa ladeyra. E hy lhe chegou rrecado de Monçom, que outrosy estava por Castella, por que lhes enviavam dizer os do lugar que queria hiir sobre elles e que lhe pediam por merçee que nom fosse allo, ca elles verdadeyros

17 *temendo·se de hiir*: respectivamente os homens bons de Vila Nova de Cerveira e de Caminha, e o Condestável.

portugueses eram e queriam seer, e que elle mandasse receber a villa pera el·rey e logo lha entregariam com boõas vontades, por a qual rrazom o conde estabre logo la mandou receber a villa, e foy·lhe entregue, e em ella posto recado quall compria a serviço del·rey. 5

¶ *Capitulo .xlv. Ora leixa a estoria a fallar dos feitos do conde estabre e torna a el·rey, que ficou em Coymbra*

Partiu·se el·rey de Coymbra, honde estava, e chegou ao Porto, e a molher do conde estabre o foy veer e lhe fallar, que nunca o viira nem elle a ella. El·rey a recebeo muy bem, fazendo·lhe muyta honrra e, ante que se delle partisse, lhe fez el·rey mercee, pera ella e pera o conde estabre, seu marido, de Bouças e de terra de Basto e da terra de Pena e de Barroso e mais Barcellos e terra de Penafiell d·Abastuz, e forom·lhe logo de todo feitas suas cartas e privilegios quaes compria. E do Porto se partio el·rey e se foy a Guimarães, que ja estava por el·rey de Castella contra elle. Abr. 1385 10 15

¶ *Capitulo .xlvi. Ora leixa a estoria a fallar del·rey e torna ao conde estabre, que ficou na aldea a par do Minho*

Fol. 35 v Estando o condestabre na aldea honde se alojara ajunto com o Minho, era mui cuidoso porque o ryo hya muy cheo que o nom podiam passar, e teve seu conselho da maneyra que avia de teer. E em conselho poseram que fezessem almadias em que passassem, e os cavallos a nado. E, estando em este conselho, que ainda nom era determinado, lhe foy recado del·rey, que jazia sobre Guimaraães, per que lhe fazia 20 15? Maio 1385

23 *poseram*: os eram *A* poseram *B*.

saber que çertos homens bõos da cidade de Bragaa lhe enviarom dizer que lhe dariam a cidade, e que, porque Vaasco Lourenço tinha o castello por seu irmão Lopo Gomez de Lyra, que lhe mandava que logo à pressa se viesse sobre a cidade de Bragaa pera se tomar a cidade e castello. E, tanto que o conde estabre tall mandado ouve del·rey, prouve·lhe delle muyto, e espicialmente pollo embargo que avia de nom poder passar o ryo do Minho. E logo, sem mais tardança, se partio com sua gente caminho de Bragaa, como lhe el·rey mandou, passando per Ponte de Lima, honde estava Lopo Gomez de Lyra com peça de geẽte, e chegou aa cidade de Bragaa, a qual lhe foy logo entregue quanto à cidade, e apousentou·se dentro com sua geente, e mandou dizer a Vaasco Lourenço, que tinha o castello da menajem, que o entregasse a el·rey, seu senhor, cujo era. E Vaasco Lourenço lhe mandou dizer que o nom faria em nenhũa guisa e, porem, foy com gram temor que lho enviou dizer, ca temia ja muyto o conde estabre pollo que lhe com elle aviera em Viana de Caminha, que lhe ja tomara e lançara della fora. E, veendo o conde estabre como lhe Vaasco Lourenço nom queria entregar o castello, mandou logo concertar quatro engenhos que na cidade achou e, com a geente e com os engenhos, combateo logo fortemente o castello, tirando·lhe com os engenhos per espaço de duas noytes e hũu dya, que nunca cessarom, de guisa que dentro eram ja muytos mortos e feridos, que nom podiam mays sofrer. E, veendo Vaasco Lourenço que em elle nom avia defensom, preitejou·se com o conde estabre, pidindo lhe por merçee que o leixasse hiir em salvo com os seus e seus algos, e que lhe entregaria o castello. E ao conde estabre prouve dello e recebeo logo o

Maio 1385

20 Maio 1385

---

1 *homens*: homes *A* homeẽs *B*.
7 *espicialmente*: especialmente *B*.
17 *foy*: om. *AB*.
28 *pidindo·lhe*: pedindolhe *B*.

castello, e o alcayde se foy com o seu e os seus, com tam pouca honrra como sayo de Viana de Caminha. E, tomado assy o castello de Bragaa, el·rey mandou chamar o conde estabre a Guimaraães, que tinha cercado. E o conde estabre se foy logo allo e fallou com Gonçallo Pirez Coelho, que 5 era parente de sua molher, || que tinha o castello de Guimaraães por Ayras Gomez da Silva, que era por a parte del·rey de Castella, que todavia desse o castello a seu senhor, el·rey, e se tornasse pera elle, o qual por entom o nom fez. E de hy se tornou o conde estabre pera Bragaa por man- 10 dado del·rey.

Fol. 36 r

ℭ *Capitulo .xlvii. Do recado que el·rey mandou ao conde estabre a Bragaa em feyto de Ponte de Lima*

Estando o conde estabre em Bragaa, el·rey lhe mandou recado de Guimaraães, honde elle estava, pollo qual 15 lhe fazia saber que elle avia recado de hũu frade e de hũu homem bõo de Ponte de Lima, honde estava o Lopo Gomez de Liira, que, se la fosse, que lhe dariam hũa porta da villa, e que todavia elle queria la hyr e que lhe mandava que se fezesse prestes pera hiir com elle, asinando·lhe hũu logar 20 certo a que se fosse. E logo o conde estabre, em comprimento do mandado del·rey, se foy honde lhe elle mandara. E el·rey tomou o lugar de Ponte de Lima hũa alva de manhãa, hindo com elle o conde estabre, sendo hũu dos primeyros que na villa entraram. E, tomado assy o lugar e posto 25 sobre elle guarda qual compria, el·rey se partyo pera Bragaa,

Jun. 1385

8 Jun. 1385

---

22 *mandado*: mãdo *AB*. Cf. abonações em 112.3, 119.20 e 134.10.

23 *manhãa*: manhaa *AB*.

25 *entraram*: entrara *AB*. Esta forma insere-se numa sequência de pretéritos perfeitos: ... *tomou* ... *entraram* ... *partyo* ...

e o conde estabre com elle, e aquelle dia e noyte foy el·rey ospede do conde estabre. E daqui se partyo el·rey pera Guimaraães, e o conde estabre com elle, e de hy mandou el·rey poer recados e percibimentos em todollas fortalezas d·Antre
5 Doyro e Minho, asy nas que o conde estabre tomou per força, como nas outras que se lhe derom.

Capitulo .xlviii. De como a el·rey veeo recado que el·rey de Castella, com todo seu poder, se vinha a Portugal, e a maneyra que sobre ello teve

10 Ante que el·rey partisse de Guimaraães, honde estava, lhe veeo recado que el·rey de Castella, com todo seu poder, se vinha ao reyno de Portugal pera o aver. E logo el·rey pos em sua vontade de, com ajuda de Deos, lhe poer a batalha e
14 Jun. 1385 juntou pera ello sua jeente e, com este preposito, se partio logo de Guimarães pera o Porto e de hy a Coymbra e desy caminho dereyto de Lixboa, e o conde estabre com elle, e chegarom a Santarem, honde estavam muytos castellaãos que tinham a villa e o castello por el·rey de Castella, levando el·rey suas gentes hordenadas em batalha, e o conde estabre levava
20 a abenguarda e el·rey a rreguarda. E, a par de Santarem, passarom aallem do Tejo contra Muja, honde a essa || sazom andavam no campo muytos castellaãos em guarda dos que de Santarem hyam à erva. E ao passar do rryo se envolveo huũa muy forte escaramuça com os que da herva se vinham
25 pera a villa e com os da villa tambem, que vinham receber os que vinham da herva. E das cousas notavees que se na escaramuça fezerom asy foy que Vaasco Martinz de Mello, o moço, foy dos primeyros que da venguarda passarom

Fol. 36 v

Jun. 1385

10 *estava*: estaaua *A* estauaa *B*.
24 *os*: o *A* os *B*.
24 *vinham*: vinha *A* vinhã *B*.

augua allem e, como homem de gram coraçom, a cavallo como hya, se lançou antre os castellaãos que hy andavam em guarda, que eram muytos, fazendo tanto per sy soo, que o milhor homem do mundo o nom podia milhor fazer, e em fim foy derribado e, elle em terra, Martim Affonso, seu irmaão, se pos a pee terra com dous escudeiros pera defender seu irmaão e, assy hum como o outro, ouveram mal de passar se nom fora o conde estabre que lhe acorreo. E dally se partio el·rey e o conde estabre com sua jeente rregida e per açerca de Muja passarom outra vez o Tejo contra a estrada que vay pera Lixboa e pousarom em hum pomar em que nom avia fruyta nenhuũa. E em todo arrayal era grande mingua de mantimentos e em tanto que deziam que em todo arrayall nom avia senom hũu pam, salvo se o el·rey levava ou ho conde estabre. E, seẽdo o conde estabre comendo tendo cinco paães na mesa, que na sua çaquitaria nom avia mais, chegarom a elle cinco cavalleiros ingreses dizendo que moriam de fame e que queriam com elle bever. E elle disse que lhe prazia dello muyto e mandou·lhes trazer augua aas maãos e desy mandou·os assentar e elles disserom que queriam bever de pee e cada hũu lançou maão de seu pam e comerom e beverom duas vezes e forom·se. E assy nom ficou ao conde estabre pam nenhũu nem o comeo aaquelle comer, senom carne sem pam, e esto com gram sabor. E daqui se partio el·rey, e o conde estabre com elle, e se foy Alanquer, honde estava Vaasco Pirez de Camoões com çerta

1 *coraçom*: coraçam *B*.

10 *e per*: per *A* ⁊ per *B*. A correcção de *B* faz sentido: dali se partiram o Rei e o Condestável, e passaram outra vez o Tejo junto de Muge.

16 *çaquitaria*: caquitaria *A* çaquiteria *B*.

22 *duas* repetido em *AB*.

26 *Alanquer* = a Alenquer. Cf. no entanto, 110.26: *a Arronches*.

jeente de castellaãos e apousentarom·se açerca da villa, honde se fezerom bõas escaramuças do arrayal com os da villa.

ℭ *Capitulo .xlix. De como el·rey mandou ao condestabre Antre Tejo e Udiana ajuntar gentes pera a batalha*

Jun. 1385 Estando el·rey em seu rreall a par d·Alenquer, hordenou mandar o conde estabre Antre Tejo e Udiana a ajuntar as mais jeentes que podesse pera a batalha. E o conde estabre se partyo logo com trezentas lanças e se passou per o porto de Muja e, como hy chegou, se partirom del
10 logo a mayor || parte da jeente que levava, por temor dos (Fol. 37 r) castellaãos que estavam em Santarem, em tal guisa que nom ficarom com elle mais de xxxv lanças, antre os quaes que com elle ficarom foy hũu Antom Vaasquez, o qual aquella noyte nunca dormio, guardando a ponte de Muja e dizendo
15 que todollos castellaãos de Santarem per hy viessem, que elle defenderia aquella ponte, ca elle era homem de solta palavra e porem assaz vallente que, posto que o bem disesse, tambem o fazia. E em outro dia se partio o conde estabre de Muja e se foy dormir aalem de Salvaterra e mandou de
20 noyte poer suas guardas e escuitas como avia em custume por nom receber engano dos castellaãos, e de hy se partyo em outro dia e se foy a Montemoor. E o dia que hy chegou, chegou hy tambem Nuno Fernandez de Moraaes, que vinha de hũu gram desbarato que acontecera a Vasco Gill
25 de Carvalho e outros muytos que com elle forom, levando huũa grande rracova de pam a Arronches, que estava muy

---

4 e 6 *Antre* = a Antre.
13 *Antom*: antã *B*.
17 *disesse*: disse *B*.
24 *a*: aa *A* a *B*.
25 *e outros*: ⁊ a ourros *B*.

mingoada de mantimentos, e vierom os castellaãos a elles e desbaratarom·nos e levarom·lhe a rracova, no qual desbarato forom a mayor parte das gentes do conde estabre, as que elle leixara Antre Tejo e Udiana quando se foy a Coymbra e emquanto allo andou com el·rey, do qual desbarato o conde 5 estabre foy muyto anojado, e espicialmente por parte da sua gente em tal desbarato serem, e por pensar que lhe seria torva pera ajuntar as gentes que lhe el·rey mandava. E de Montemayor se partio e se foy a Evora e de hy escripveo a todollas gentes d·armas e beesteiros e homens de pee que 10 viessem logo todos a elle. E assy foy que a mayor parte das gentes vierom, mais a mayor parte eram desarmados porque perderom as armas no desbarato de Vasco Gil, polla qual razom o conde estabre falava com elles, como vinham, que de quaaesquer armas que podessem aver se armassem, 15 e elles assy o faziam o milhor que podiam. E d·Evora se partio o conde estabre pera Estremoz e em breve tempo forom com elle juntos em Estremoz todollos cavalleyros e escudeiros e outras jeentes d·armas dos conçelhos das comarcas, e beesteyros e piões, que seriam, per todos homẽes 20 d·armas, quinhentos, e beesteyros e pioões, dous mill. E, tendo ja assy seu ajuntamento feito, el·rey lhe mandou seu recado per Martim Affonsso de Mello que se fosse logo a elle aa mayor pressa do mundo porque ja el·rey de Castella era acerca da cidade de Coymbra. 25

---

1 *mingoada*: mingagda *A* mingoada *B*. Para abonação da correcção, cf. 80.10, 190.7, 200.18.

3 *que*: om. *A* q̃ *B*.

5 *andou*: ãdo *B*.

12 *eram*: erão *B*.

19 *outras*: outros *B*.

25 *acerca*: ja acerca *A* acerca *B*.

Jul. 1385

¶ *Capitulo .l. Como se o conde estabre partyo d·Estremoz com sua gente pera a batalha*

Tanto que o conde estabre ouve mandado del·rey per Martym Affonso de Mello que se fosse a elle com a gente por que o mandara, e nom se detevesse mais em nenhuũa guisa, logo se partio com essa gente que tinha e se foy a Avis e o outro dia aa Ponte do Soor e de hy se foy apousentar e comer duas legoas aquem d·Abrantes, honde ja el·rey estava. E do alojamento depois de comer se partio com lx lanças e foy veer el·rey Abrantes, ficando toda a outra jeente no alojamento. E, sabendo el·rey que o conde estabre hya, sayo a rrecebê·llo ao ryo, honde ouve gram prazer quando o vyo. E assy se tornou el·rey pera seu paaço, e o conde estabre com elle, e fallarom no que lhes prougue, e o conde estabre se tornou a dormir a seu alojamento. E no dia seguinte o conde estabre se partyo do alojamento e se foy alojar acerca d·Abrantes a huũas ortas.

Fol. 37 v

¶ *Capitulo .lj. Como el·rey em Abrantes teve seu conselho em feito da batalha que aviam de poer a el·rey de Castella*

Jul. 1385

Estando el·rey em Abrantes, seẽdo ja hy o conde estabre com elle, teve seu conselho em feito da batalha que queria poer a el·rey de Castella, no qual conselho eram muy divisos huns dos outros em esta guisa: el·rey desejava muyto a aver a batalha e o conde estabre era com elle, o qual desejava muyto seer a batalha mais que nenhũa outra cousa,

5 *e nom*: nõ *A* ⁊ nõ *B*.
6 *logo*: E logo *AB*.
10 *Abrantes* (= a Abrantes): a abrãtes *B*.
12 *rrecebê·llo*: rrecebelho *A* recebello *B*.

e entendendo esto por serviço del·rey; e os outros do conselho
eram muito contra esto e mostravam muytas razoões por
que el·rey devia escusar a batalha, e porem nom no podiam
mudar de seu proposito, e sobr·esto eram grandes debates
de hũa parte e da outra. E veendo o conde estabre os 5
debates e como todavia os do conselho tiinham entençom
de a batalha nom seer, e temendo·se de mudar el·rey, o que
elle pouco tinha na vontade, com gram nojo daquelles que o
contrariavam se partio do conselho hũu dia aa tarde e se Ago.
foy pera seu alojamento. E em outro dia, ante meenhã, 1385
lhe disserom sua missa e, acabada, se partyo com toda sua
geente, sem fallando a el·rey, caminho de Tomar, per honde
el·rey de Castella vinha. E quando el·rey soube que se assy
o conde estabre partira, maravilhou·se muito, teendo que
era verdade que hya anojado porque lhe nom queriam con- 15
ceder ao seu desejo. E os do conselho que tinham a teẽçom
de nam seer a batalha, por mizcrar o conde estabre, diziam
Fol. 38 r a el·rey que o conde estabre erara muyto em se || asy partyr,
e que era desprezamento que fazia a el·rey, e outras muytas
rezoões que acerca desto lhe deziam todavia pollo mizcrar, 20
das quaes cousas el·rey nom curava, que conhecia milhor o
conde estabre e que todo o que fazia era por seu serviço,
mas teve maneyra de mandar ao conde estabre Joham
Affonsso de Santarem, do seu conselho, mandando·lhe per
elle dizer que se tornasse. E Joham Affonsso foy apos o 25
conde estabre e lhe disse o que lhe el·rey mandava dizer, que se
tornasse, e elle lhe mandou dizer que lhe pedia por merçee
que o leixasse hiir. E el·rey mandou outra vez a elle Fer-

---

1 *entendendo*: entẽdo *AB*.
7 *de mudar* = que os elementos do conselho mudassem.
7-8 *o que ... vontade* entre parênteses em *B*.
10 *meenhã*: meenha *A* meenhã *B*.
17 *mizcrar*: mizerar *A* mizcrar *B*. Cf. l. 20.
20 *rezoões*: rezões *B*.

nand·Alvrez, tambem do seu conselho, que se tornasse. E nesto entrou el rey em conselho acerca da batalha, no qual conselho fallou o doutor Gill do Ssem, que disse que o conde estabre fazia como bõo cavalleiro e que todavia el·rey desse a
5 batalha. Chegou Fernand·Alvrez ao conde estabre, que el·rey lhe mandava dizer que se tornasse, e o conde estabre lhe mandou pidir por merçee que o leixasse hiir, que elle, com aquelles poucos e bons portugueses, daria batalha a el·rey de Castella, pero que elle se hya apousentar com sua geẽte,
10 honde foy pousar a hũa rrybeira que chamam Abrançalha, e que ally aguardaria seu recado, se nom que todavia seguiria seu camĩho. E no conselho em que el·rey entrara foy findo por o que dissera o doutor Gill do Ssem e mandou dizer ao conde estabre que se fosse apousentar a Tomar e que elle
15 partiria logo d·Abrantes apos elle. E, como o conde estabre tal mandado ouve del·rey, foy muyto ledo e partio·se logo pera Tomar. E el·rey se partyo d·Abrantes o dia seguinte e foy·sse tambem a Tomar. E, como o conde estabre chegou
7 Ago. 1385 a Tomar, mandou tres escudeiros: hũu que fosse dizer a el·rey de Castella que elle lhe mandava dizer e requerer, da parte de Deos e do marter Sam Jorge, que elle se fosse em bo·ora e desocupase a terra del·rey seu senhor e, nom no querendo fazer, que o desafiava pera batalha; e os outros dous fossem pera veer se poderiam aver algũa lingoa. E asy
25 o escudeiro fez o que lhe o conde estabre mandara, ao qual respondeo el·rey de Castella que o nom cõhecia por conde estabre e a seu senhor menos por rey, e que lhe nom respondia mays. E, em assy viindo, encontrou com os dous escudeiros

---

3 *do Ssem*: a grafia «do Sem» e não «d·Ossem» é justificada por Anselmo Braamcamp Freire — *Brasões da Sala de Sintra*, vol. II, p. 369-70.

8 *poucos*: pocos *AB*.

12 *em*: om. *AB*.

25 *mandara*: lhe mandara *A* mandara *B*.

que traziam hum escudeiro que se apartara ao longe, o qual bem sabia a terra porque era portugues, o quall, assy o trazendo, ficarom os dous com elle. E o embaixador veeo e disse todo ao conde estabre que achara em el·rey de Castella e mais da lingoa que os seus escudeiros traziam, os quaes 5 ficavam antre os olivaaes, com o qual elle muyto folgou.
Fol. 38 v E leixou a || gente que faziam alardo e foy·sse aos olivaes, honde achou os escudeyros e a lingoa que traziam, aa quall pos grandes medos, pero lhe disse que lhe perdoava e que lhe dissesse a verdade. E entom lhe contou da muyta gente 10 d·armas e beesteyros e homens de pee, atee lhe dizendo de hũu paje moor del·rey que trazia consiigo vii centas lanças, ao qual mandou, so pena de morte, que disesse per o contrayro perante aquella gente que faziam alardo, que era verdade que trazia muyta gente o rey de Castella, mas que 15 todos vinham desacoroçoados e que aquella pouca de boa geẽte que ally vya desbaratariam dous tantos, segundo ho que vya nelles. E assy o ensayou o conde estabre que disesse, o quall o assy fez. E logo hy el·rey e o conde estabre 8 Ago. 1385 concertarom sua gente e suas batalhas, assy a vanguarda e rreguarda como as allas, e quantos e quaes aviam de hiir em cada huũa batalha, assy d·omens d·armas como dos beesteiros e homens de pee. E, todo esto concertado, el·rey partyo de Tomar, e o conde estabre ante elle, que levava a vanguarda, e el·rey a rreguarda, e tambem as allas com as 25 jeentes que fora hordenado. E asy partirom todos em rrigimento hũu dia de sesta feira e se forom a Ourem. 11 Ago. 1385 E, quando el·rey chegou com a rreguarda, o conde estabre, que fora com a venguarda diante, tinha tomado e asinado alojamento pera a oste ao pee da villa d·Ourem, de contra 30

---

6 *olivaaes*: oliuaães *AB*.
7 *leixou*: leyx cõ *B*.
12 *consiigo*: cõsigo *B*.
29 *venguarda*: uanguarda *B*.

Atouguia das Cabras. E como o arrayall foy assentado
e a teenda del·rey armada, levantou·se hũu corço no meeo
do arrayal e correo todo arredonda e per o meeo, e todos
apos elle com lanças pera o matar e nunca o poderom matar
5 nem soomente ferir, e foy·se dereito à tenda mayor del·rey
e ally o matarom. E o dizer de todos do arrayal era grande,
avendo por bom sinal a morte do qual corço em tall lugar
em como morreo. E deziam todos que esperavam em Deos
que seria el·rey de Castella morto ou preso na teẽda del·rey,
12 Ago. 1385 e outras muytas cousas que se deziam. E ao sabado seguinte
partio el·rey d·Ourem, e o conde estabre com elle, com a
vanguarda, e foy el·rey com toda sua hoste alojar a Porto
de Moos, e hy vierom novas çertas a el·rey como ja el·rey de
13 Ago. 1385 Castella era em Leyrea. E ao domingo seguinte, depois de
missas, o conde estabre, per mandado del·rey, com cento de
cavallo, com cotas e braçaaes e lanças d·armas, se foy contra
Leyrea per hũus cabeços altos pera veer se poderia veer a
geente del·rey de Castella como vinham. E, porque nom
vyo nenhuũa cousa, tornou·se ao arrayal e disse assy a el·rey,
14 Ago. 1385 que, a segunda feyra seguinte, que era vespora de Sancta
Maria d·Agosto, el·rey partyo pera aquelle lugar || honde Fol. 39 r
foy a batalha, e o conde estabre ante elle com a vanguarda
a buscar lugar convinhavel honde a batalha fosse, e asinou
logo. E porque el·rey dom Joham de Portugall, per Gon-
25 çall·Eanez Pixoto, mandara requerer a el·rey de Castella
que desacupasse sua terra e rreyno, senom que o desafiava
de batalha, e elle aceitou a batalha no qual lugar que pera
ello escolheo o conde estabre, honde estevesse a vanguarda

---

16 *braçaaes*: bracaães *AB*. Caso idêntico em muitas outras ocorrências, nos quais nos dispensamos de assinalar a correcção.

19 *disse assy* = disse isso, isto é, que não vira nenhuma coisa.

20 *vespora*: vespera *B*.

21 *el·rey*: E elrey *B*.

23 *asinou* = assinou-o.

e reguarda e asy as allas. E, como el·rey chegou, mostrou·lhe todo como o tinha conçertado, do que el·rey foy mui ledo e lhe prougue de como estava e, estando el·rey no campo honde a batalha avia de seer e suas batalhas conçertadas, el·rey de Castella sendo ja acerca, fez el·rey muytos cavalleiros. 5
E, seendo ja todollas geentes, asy de Portugal como de Castella, juntas e em aazes postas pera pellejar, ante que fosse a batalha vierom ao conde estabre Pero Lopez d·Ayalla, que depoys na batalha foy preso, e Dieg·Alvrez, seu irmaão, e Diego Ffernandez, marichal de Castella, fallando à salva 10
fe, dizendo que lhe traziam rrecado, ao conde estabre, del·rey de Castella. E apartaron·se com elle e lhe disserom que el·rey de Castella lhe enviava dizer que, por seer tam bõo como era, e desy pollo de seu irmaão, o meestre da Quellatrava, que elle muyto amava e preçava, que lhe pesava 15
muyto seer ally com aquellas gentes em que bem vya que nom avia deffensom, e que porem lhe rogava que lhe prouguese tirar·se de tal priigo e que se passasse pera elle, que o podia bem fazer, e que elle o acrecentaria e lhe faria muitas merces de que elle fosse bem contente. E semelhantes 20
pallavras lhe disse Dieg·Alvrez da parte do mestre da Quellatrava, seu irmaão. E o conde estabre disse que disessem a el·rey de Castella que nom avia por que lhe em tall razom mandar fallar, que elle esperava em Deos que elle seria oje aquelle dia vencido e desbaratado ou morto ou preso em 25
poder de seu senhor el·rey, e que disessem a seu irmaão, o mestre da Quellatrava, que delle nom curasse e curasse de sy, que entendia que avia mal de passar, do que a elle muyto pesava por nom querer creer, no começo destes feytos, o que lhe tinha dito. Os mesajeiros quiseram mais fallar 30
sobre esto e o conde estabre lhes disse que se fossem muyto em bo·ora, senom que lhe mandaria tirar as seetas, e assy se partiram. E el·rey de Castella nom quis viir aa batalha

---

32 *as seetas*: aas saetas *B*.

da parte de Leirea, como vinha, e como el·rey e o conde estabre tiinham concertada, e esto pollo poo e vento que lhes dava nos rostos, e passou·se d·Aljubarrota e desta parte veeo, polla qual rrazam foy forçado a el·rey e ao conde
5 estabre mudarem suas batalhas, tornando os rro||stros con- **Fol. 39 v**
tra Aljubarrota, donde os castellaãos ja vinham. E, ante hũu pouco espaço que se a batalha começasse, vinte ou trinta homens de pee portugueses, com grande medo se sayrom d·antre a carriagem, honde estavam, pera fugiir
10 pera Porto de Moos. E os ginetes de Castella, que ja andavam d·arredor da carriagem de Portugal, os vyrom e forom a elles, e elles se colherom a hũus vallados de silvas que eram contra Porto de Moos, pera honde elles fugiam, e como porcos, aa calcada, os matarom todos aas lançadas, que nom
15 ficou nenhũu, a qual cousa, com a graça de Deos, esforçou muito aos portugueses que ja mais nẽhũu nom olhou pera fugir, ante deziam que todos queriam morrer como homens que morerem como porcos, como aquelles que fugiram morrerom. E, seendo oras de noa, pouco mais ou menos,
20 se começou a batalha mortall e logo no começo eram as pedras muytas que lançavam os homens de pee de hũa parte aa outra. E da parte da venguarda dos castellaãos forom logo lançados certos trõos, o que aos portugueses fez hũu pouco d·espanto, pollos nom averem em huso e
25 porque, na avenguarda em que o conde estabre era, hũa pedra dos trõos que asy lançavam matou dous bõos escudeiros que diziam que eram irmaãos. E entom se começarom de ferir das lanças muy rriigamente. E o conde estabre

4 *veeo*: veo *B*.
11 *vyrom*: vyrem *A* virom *B*.
14 *aa*: a *B*.
18 *como aquelles*: mais como aq̃lles *B*.
23 *portugueses*: portuguses *A* portugueses *B*.
28 *rriigamente*: rijamente *B*.

indo ante a sua bandeyra, forom em elle postas muytas
lanças e em breve forom todas as lanças, de hũa avenguarda
e da outra, quebrantadas e vallado dellas feyto, e entom
vierom as fachas e logo el·rey, com a rreguarda, com grande
aguça se ajuntou aa venguarda, feryndo de facha tantos 5
e taes golpes que eram asperos de atender aaquelles que os
soffriam, como vallente rey ajudando seus naturaes, e sua
real coroa defendendo. E o conde estabre nom lhe cansava
dizendo: «Á, portugueses, pellejar, filhos e senhores, por
vosso rey e por vossa terra!». E forom logo hy mortos huũa 10
gram cama de castellaãos e, asy bastos como som os feixes
no rrestolho do bõo trigo e bem basto, especialmente mor-
rerom logo todos, a mayor parte chamoros, que entom
chamavam aos maaos portugueses que com el·rey de Castella
viinham. E, seguindo el·rey, e com elle o conde estabre, 15
sua batalha, e hindo·se ja vencendo os castellaãos, el·rey
disse ao conde estabre que os homens de pee que estavam
na rreguarda estavam em grande priigo polla muyta gente
dos castellaãos que eram sobre elles, e que lhe mandava
que lhes acorresse. E logo o conde estabre, per mandado 20
del·rey, se tornou contra a rreguarda, de pee como estava
Fol. 40r na batalha e, pollo tra||balho grande que ouvera, nom podia
hyr tam toste como elle queria e nom hy tinha besta em
que fosse. E Pero Botelho, o comendador moor da Hordem
de Christus, vinha em cima de hum bõo cavallo e, como vio 25
o conde estabre asy hiir de pee, deçeo·se do cavallo e deu·lho.
E o conde estabre lho guardeceo muyto e cavalgou no cavallo
e foy·sse aos homens de pee que na reguarda estavam e
achou·os em gram priigo pollo grande aficamento que aviam
dos castellaãos, que eram muytos, de guisa que ja queriam 30
derramar quando elle chegou. E, como elle chegou, prouve

---

14 *maaos*: maãos *AB*.
26 *deu·lho*: deylho *A* deulho *B*.

a Deos de lhes poer tal esforço que os homens de pee se
teveram com os castellaãos em tal maneira que nom ousarom
mais chegar a elles. E a pouco espaço Joham Rrodriguez
de Saa e outros se vierom pera o conde estabre e logo hy
5 aconteceo hũa grande maravilha que o conde estabre vyo
e assy o affirmou, e outrem nom a vyo, e foy per esta guisa:
da parte dos castellaãos andava hũu homem muy bem
encavalgado e armado, e em seu trazer e na maneyra dos
outros que com elle andavam, parecia ao conde estabre,
10 e assy o tinha, que era o meestre da Quellatrava, seu irmão; e,
andando assy antre os outros, o conde estabre vyo viir hũa
lança da parte dos portugueses que lhe parecia que vinha
per o aar, nom muy levantada da terra, e veeo assy pello
aar acerca de hũu tiro de beesta e foy dar aaquelle homem
15 que elle cuidava que era seu irmaão, e cayo logo em terra
e nunca jamays pareceo, nem souberom delle parte depoys
da batalha. Per prazimento de Deos el·rey de Portugall
venceo a batalha. El·rey de Castella e as suas gentes que
com elle escaparom fugirom e se forom pera Santarem.
20 E o conde estabre foy aquella noyte em grande cuydado
por poer guardas no rreal de seu senhor el·rey, do que se
nẽhum nom nembrava. E elle, esse dia, nom comera nẽhũa
cousa nem lhe achavam suas azemellas pera comer, e foy
veer el·rey ja muyto de noyte. E, sabendo el·rey que elle
25 nom tinha pera çeear nenhuũa cousa, mandou·lhe muy bem
de çeear e atal çeea se poderia bem chamar saborosa. El·rey
17 Ago. 1385 esteve ally, honde a batalha foy, tres dias e, ao terceyro dia,
se foy o conde em romaria a Sancta Maria de Çeiça d·Ourem

---

3 *Rrodriguez*: rror̃z *A* roỹz *B*.
8 *dos*: q̃ *A* d'os *B*.
10 *irmão*: jrmaão *B*.
18 *El·rey*: E elrey *B*.
22 *nembrava*: lẽbraua *B*.
22 *comera*: comira *A* comera *B*.
28 *de*: da *B*.

e tomou logo posse do lugar d·Ourem, de que lhe el·rey fezera merçe e doaçom. E as gentes do arrayall deziam que o conde estabre fora soterrar o meestre da Quellatrava, seu irmaão, mays nom era verdade, ca delle nunca souberom parte. E o conde estabre se tornou logo d·Ourem pera el·rey 5 honde a batalha fora. E el·rey se partyo donde a batalha foy, caminho de Santarem, e com elle o conde estabre, e Fol. 40 v che||garom a Alcobaça. E hy chegarom a el·rey novas çertas 18 Ago. 1385 como el·rey de Castella chegara a Santarem fogindo da batalha, e que ja de hy era partido com todas suas jeentes a 10 entrar na frota que tinha em Lixboa e se fora a Castella, por a quall razom se logo el·rey partyo d·Alcobaça, e com elle o conde estabre, e se forom a Santarem, com que todallas 19 Ago. 1385 gentes tomarom gram prazer e receberom el·rey com grande alegria, dando muytas graças a Deos por a vitoria que lhe 15 deera em os livrar da sojeiçam dos castellaãos. E, estando 20 Ago. 1385 el·rey em Santarem, fez o conde estabre conde de Ourem porque ainda nom era senom condestabre.

¶ Capitulo .lii. Mas leixa o conto falar dos feitos da batalha e das cousas que se siguirom ate a el·rey chegar a Santarem 20 *e torna ao conde estabre de como pagou ao alfageme a espada que lhe corregeo, de que lhe nom quis paga ataa que viese a Santarem conde de Ourem*

Em Santarem avia hũu alfajeme que morava na ribeyra a sob Sancta Maria de Palhaes, o quall, ao tempo da 25 morte de Joham Fernandez Andeyro, corregera huũa espada ao conde estabre em sendo Nuno Alvrez, e o conde estabre

6 *honde*: hode *A* hõde *B*.
12 *partyo*: paryo *B*.
25 *Palhaes*: palhães *A* palhaães *B*.
27 *Nuno Alvrez*: Nunalurez *B*.

lhe mandava pagar bem seu trabalho, e elle o nom quis
receber, dizendo·lhe que hiria e vinria muyto em bo·ora a
Santarem conde de Ourem, e entom lhe pagaria, segundo ja
no começo deste livro faz mençom. Este alfageme era
5 caudeloso e beadante, e era muy chegado e liado com os
castellãos emquanto em Santarem estiverom, asy como de
nom ser portugues. E tanto era com elles emborilhado que
lhe chamavam çismatico, como naquelle tempo chamavam
aos maos portugueses. E por elle asy seer dos çismaticos,
10 hũu escudeiro, quando el·rey vinha pera Santarem depoys
da batalha, lhe pedio os bẽes daquelle alfajeme e ainda o
corpo por captivo, e el·rey lhe outorgou todo polla maa
enformação que delle avia. E, como el·rey chegou a Santarem, o escudeyro tomou logo posse dos beens do alfageme
15 e ho prendeo como seu captivo. E a molher do alfageme,
como vyo seu marido preso e os bẽes filhados, foy·se ao conde
estabre honde estava hy em Santarem e fallou·lhe na razão
que a seu marido com elle aviera polla spada que lhe corregera,
que lhe nom quisera pagua, mas que lhe pagaria quando
20 viesse a Santarem conde de Ourem, e que poys, a Deos
graças, elle era conde de Ourem e seu marido era cativo
e seus bẽes tomados, que lhe enviava pidir por merçee que,
|| em paga da spada, ouvesse com el·rey que o mandasse Fol. 41r
soltar e lhe mandasse entregar seus bẽes. O conde estabre
25 foy bem lembrado de todo o feyto como se passara e logo
cavalgou e se foy a el·rey e lhe contou todo o que lhe aconteçera com aquelle alfajeme e lhe pidio por merçee que,

---

3-4 *segundo ... faz mençom*: v. cap. XVII.
5 *beadante*: bẽ ãdãte *B*.
6-7 *como de nom ser* = como se não fosse.
8 *chamavom*: chamauã *B*.
9 *maos*: mãos *A* mañios *B*.
18 *spada*: espada *B*.
22 *bẽes*: bẽs *B*.
23 *ouvesse*: ouesse *AB*.

por sahyr de tal divida, lhe mandase soltar aquelle alfajeme e lhe mandasse entregar seus bẽes. E a el·rey aprouve muyto e lhe fez mercee do corpo e dos bẽes do alfageme pera desobrigar ao conde estabre, a que tanto devia. E asy foy pago o alfajeme do corrigimento da spada que corregeo ao 5 conde estabre, a qual pagua per elle foy profetizada gram tempo avia.

¶ *Capitulo .liij. Como se o condestabre partyo de Santarem pera Evora com entençom de entrar em Castella, como de feito entrou quando fez a batalha de Valverde* 10

Partyo·se o conde estabre de Santarem e foi·se a Evora com entençom de logo emtrar em Castella. E, tanto que a Evora chegou, mandou chamar todallas gentes d·armas e beesteyros e pioões que se fossem a elle a Estremoz e elle partio·se logo pera Estremoz, honde com elle foy junta toda 15 a gente que mandou chamar, e hy falou com aquelles com que avia seu conselho, dizendo·lhes como, prazendo a Deos, por serviço del·rey, sua vontade era de entrar em Castella. E todos disserom que era muy bem feyto e de hi se partio logo com sua gente e se foy a Villa Viçosa e de hi camĩho 2 Out. 1385 de Castella e pasou Odiana a fundo de Badalhouçe e hy se alojou. E em se alojando se levantou do arayal hum muyto grande porco sem mesura e foy logo morto e todallas gentes tomavam por ello gram prazer, avendo·o por bom sinal e dizendo que algum grande senhor de Castella avia 25

---

5 *do*: o *A* ão *B*. Cf. a construção «pagar o» (= ao) em 42.8-9.

18 *del·rey:* de d's *A* d'lrey *B*. É pertinente a leitura de *B:* além de que a repetição de *Deos* tem toda a aparência de um erro textual, a dualidade «prazer a Deus — serviço del·rey» é utilizada noutros passos do texto.

de morrer, e asy prouve a Deos de ser, como ao diante vere-
3 Out. 1385 des. E em o dia seguinte fez o condestabre alardo ally com sua gente, e huns dizem que levava oytocentas lanças e seis mil homens de pee, outros dizem que, por todos, nom
5 eram mais que tres mil e quinhentos. O çerto é que a gente era muy pouca a respeyto da que se ajuntou de Castella. E dally se foy o condestabre ao Almendral a dormir. E aquella noyte foy grande volta antre a gente do arrayal pollos muytos vinhos que hy acharom, polla quall cousa o condestabre
10 foy em grande cuydado e lhe pesou muyto. E em outro
4 Out. 1385 dia seguinte, naquelle mesmo logar, o condestabre conçertou suas batalhas da vanguarda e reguarda e allas, convem a saber, elle na avanguarda com çerta gente e o priol do Sprital, dom Alvaro Gonçalvez Camelo, e Gonçall·Eanes d·Abreu e
15 outros cavalleyros com çerta || gente na reguarda, e, em Fol. 41 v cada hũa das allas, çertos cavalleyros com çerta geente pera hyrem regidos pera qualquer cousa que lhe viesse. E do Almendral se foy o condestabre com sua hoste a outro lugar que chamão a Parra e, como hi chegou, logo outrosy
20 hy chegou o meestre dom Martim Anes de Barvudo, que estava na Feyra, com trezentas lanças, fingindo que queria hiir aas azemellas da hoste que hyam aa herva. E o conde estabre sayo logo fora do logar honde estava apousentado, com pouca gente, e foy a elle e o meestre o nom quis aguardar
25 e fugio e acolheo·se a hũa serra muy alta que está a par
5 Out. 1385 do castello da Feyra. E da Parra se partio o conde estabre com sua hoste e foy a Çafra. E, hindo per hũa grande veigua que he antre a Feira e Çafra, ho mestre dom Martim Annes começou de deçeer muy rijo da serra honde estava
30 com sua gente e com outros muytos mais que depois lhe

---

4 *todos*: todas *A* todos *B*.
18 *Almendral*: almedral *B*.
18 *a*: ha *AB*.
30 *muytos*: muyto *A* muytos *B*.

recrecerom, viindo pera a hoste. E, como o ho condestabre vio deçeer, foy a elle per huũa muy grande ereyta acima per honde elle deçia, e o mestre deu logo volta tam rijo e mais do que vinha e se tornou aa serra, pohendo·se no mais alto lugar que achou. E de Çafra se partyo ho conde estabre 5 com sua hoste e se foy aa Fonte do Meestre e passou per o lugar e per outros, e foy·se a Villa Garcia, logar de dom Garçia Fernandez, que depoys foy mestre de Santiago, e acharom o castello soo e desemparado porque toda a gente, com temor, fugia. E forom·se delle deixando hy todo o 10 seu, como quer que o castello fosse assaz de forte. E o condestabre o foy dentro veer e foy hy achada huũa fermosa e grande caldeira, a quall ho conde estabre mandou levar pera a sua cozinha. E a cabo de dezaseys annos lhe foy dito que aquella caldeyra era de huũa confraria de Sam Pedro, 15 por a qual razom logo de Portel, honde estava, a mandou tornar ao lugar de Villa Garçia, donde viera.

ℭ *Capitulo .liiii. Como o meestre de Santiago e os senhores que com elle eram mandarom desafiar ho condestabre, e da reposta que a ello deu* 20

A este logar de Villa Garçia chegou hũa trombeta ao conde (Out. 1385) com recado dos immiigos e trazia hum molho de varas na mão e, bem recebido delle, o conde asentado e elle em giolhos, disse per aquesta guisa: «Senhor conde estabre, o mestre de Santiago, dom Pedro Moniz, meu senhor, ouvindo dizer 25 (Fol. 42 r) como vós soes em sua terra e lhe fazees muy||to mal e strago nella, vos manda desafiar e vos envia esta vara». E o conde respondeo que fosse bemviindo com taes novas, e tomou a vara em huũa maão e mudou·a em a outra, ca bem enten-

---

1 *o ho*: o *AB*. É necessário o complemento que falta em ambas as edições.

deo que todas lhas avia de dar. E, depoys que lhe deu a
primeyra vara, tornou outra vez a dizer o trombeta: «Senhor,
o conde de Nebra, dom Joham Afonsso de Guzmão, ouvindo
dizer como vós andaes na terra del·rey seu senhor, roubando
5 e destruindo como nom devees, vos manda desafiar e vos
envia esta vara». E então lhe deu outra e deshy tornou
e disse: «Senhor, o mestre de Calatrava, dom Gonçallo Nunez
de Guzmão, sabendo como vós entrastes na terra del·rey
seu senhor, por a danar e destruyr, vos manda desafiar e
10 vos envia esta vara». E asy lhas deu todas, cada huũa
em nome de seu capitão, de guysa que nom ficou ninhuũa.
E os outros capitães eram o conde de Medinaçelli e dom Gas-
tom de lla Çerda e o mestre d·Alcantara, dom Martinh·Ennes,
e Fernam Gonçalvez e Gonçallo Rrodriguez de Sousa, por-
15 tugueses, e dom Pedro de Pomçe de Leon, senhor de Mar-
chena, e dom Afonsso Fernandez de Cordova, senhor
d·Aguillar, e Diego Fernandez e Gonçallo Fernandez, seus
irmaãos, e Martim Fernandez Portocarreyro e os xxiiii de
Sevilla com o pendão da cidade. Estes traziam toda a gente
20 que se pôde ajuntar da Stremadura e da Andaluzia, e muyta
parte da Mancha d·Aragão. As varas todas recebidas,
respondeo o conde e disse: «Amigo meu, vós sejaes muy bem
viindo com taes novas como estas, que me nom podiees
ora trazer outras com que me tanto prouvesse, salvo se me
25 trouverees recado que el·rey de Castella me mandava desafiar.
E vós dizey ao mestre, meu senhor e amiguo, que me praz
muyto com sua desafiação». E tornou a dizer contra os
seus que eram açerca: «Vedes, amigos, como he çerto ho
que vos eu dizia estes dias, que ho meestre, meu senhor

3 *Afonsso*: afonffo *A* afonso *B*.
5 *devees*: deuẽs *A* deueẽs *B*.
19 *Sevilla*: cf. nota a 174.13.
23 *podiees*: podiẽs *A* podẽis *B*.
29 *dizia*: dezia *B*.

e meu amigo, nom nos avia de leixar passar por esta terra
que nos nom posesse a batalha? Ora ha mester que nos
façamos prestes pera ella, e a quem nos tam bõas novas
trouxe, razam he que aja boa alvisera». E então mandou
dar ao trombeta çem dobras e disse: «Dizey ao mestre, 5
meu senhor e meu amigo, e aos senhores que com elle sam,
que eu lhes agradeço muyto suas desafiaçoões, e que muyto
mays lhe agradeço as varas que me mandárão, com que os
entendo todos de hiir castigar». E entam se partyo o trom-
beta e levou este recado aaquelles senhores que o enviárão, 10
Fol. 42 v que de tal reposta forom muy maravilhados. De || Villa
Guarçia se partio o conde estabre com sua hoste, com entençom
de hiir em romaria a Sancta Maria d·Aguadalupe, e leyxou
de o fazer porque lhe disserom que seria forçado sua gente
fazerem grande damno na terra de Sancta Maria, e deu volta 15
atras e foy per a par de Maguazela, honde avia hũu muy
mao porto. E a este logar chegou outra vez o meestre
dom Martim Anes com outros senhores e cavalleyros que
ja com elle eram juntos, que seriam, per todos, oytocentas
ou noveçentas lanças, e vieram·se aa vista da hoste pera 20
dar em ella. E o condestabre foy a elles e feze·os tornar
aa seera contra Maguazella, e de hy se foy ho conde estabre
a Villa Nova de Serena, e em outro dia se partyo de Villa
Nova caminho de Valverde. E o meestre Martim Anes
chegou a olhar a hoste ja com bem mil de cavallo e mays. 25
E todo aquele dya forom à vista da hoste, nom se chegando
a ella senom em escaramuças pequenas, e assy andarom atee
açerqua da noyte, que se ho conde estabre, com sua gente,
alojou a par d·Odyana e pos suas guardas no arrayall. Seendo

---

7 *muyto (suas)*: mouyto *B*.
17 *a*: ha *B*.
22 *seera*: serra *B*.
25 *a hoste*: ha hoste *B*.

o conde estabre e sua hoste apousentados e vendo como
aquella geente vinham assy apos elle, e seendo ja çertos,
per prisoeyros que os da hoste tomarom e per outros, que
em outro dya se aviam de ajuntar toda Andaluzia e os senho-
5 res de Sevilha e de Cordova e de Jahem e da Mancha de
Arragam e de toda a outra terra porque dias avia que pera
ello eram chamados e percebidos, fallou com os capitaães
e cavalleyros da sua hoste, esforçando·os e dizendo·lhes as
maneyras que aviam de teer. E outra vez proveo as batalhas
10 e as concertou pera cada hũus serem lembrados honde aviam
de hiir e o que aviam de fazer na batalha que em outro dya
entendiam d·aver, e desto prouve a todos muyto. E em esto
chegou hũu escudeyro do conde estabre que chamavam
Affonsso Pyrez Negro, muy bõo homem d·armas, e disse
15 ao conde estabre presente todos em esta guysa: «Eu, senhor,
de vossos conselhos nom sey cousa senom tanto que som
çerto que de manhãa se veerá bem quem ama vosso serviço
e sua honrra, que as gentes dos castellaãos som aqui mays
a par de vós que as hervas, e ainda vos mays certifico que
20 vos levarom ja parte dos gaados que traziades na hoste».
E o conde estabre lhe respondeo: «Affonsso Pirez amigo,
ora prouvesse a Deos de serem aqui as gentes de todo o
reyno de Castela, ca, com a graça de Deos, tanto averiamos
mayor honrra. Nem por levarem alguns dos gados nom he
25 cousa que nos monte, || porque em terra somos que bem nos Fol. 43 r
entregaremos, prazendo a Deos». E, estando asy este dia o
conde estabre alojado com sua gente, aa noyte passarom
per a par da oste todollas gentes dos castellaãos que viinham

---

1 *o*: ho *B*.
7 *fallou*: ⁊ fallou *AB*.
12 *prouve*: proue *B*.
17 *quem*: que *A* quẽ *B*.
24 *gados*: gaados *B*.
28 *castellaãos*: castellaões *A* castellaãos *B*.

apos elles, os quaes eram muytos sem conto, e foron·se alojar contra Valverde. E o conde estabre quisera logo hiir a elles, e por seer ja muyto tarde o leixou de fazer. E em outro dia partio daly caminho de Valverde, pera honde os cas- tellaãos forom, pera passar Udyana, que de hy era huũa legoa e meea, per hũu porto que era muy maao e priigoso, mais hy nom avia outro. E, ante que ao porto chegassem, eram ja hy juntas todas as geentes dos castellaãos, que eram ja muy muitas e çercarom a oste toda d·arredor, fazendo desy azarve, e a oste na metade, que parecia asaz de pouca gente. E entom começarom d·escaramuçar os castellaãos com os da oste, e forom hy feytas muytas escaramuças bem pellejadas, e em que muytos forom feridos, de hũa parte e da outra. E ao passar do porto era muyta grande duvida, porque da parte d·aalem da rribeyra estavam bem sete ou oyto mill castellaãos, antre de cavallo e beesteyros e homens de pee, afora os muytos que ficavam detras e d·arredor da oste. E, como o conde estabre tal cousa vio, conçertou sua avanguarda e rreguarda e asy as allas, e na metade dellas fez pooer toda a carriagem da oste e muytos pri- soueiros e gaados que ja traziam. E, todo esto assy con- çertado, com sua avanguarda, com a graça de Deos passou aquelle maao porto aallem, apesar dos castellaãos, e tornou polla rreguarda e allas e polla carriagem e prisoueyros e gaados, que nom ficou nenhũa cousa que nom fezese passar,

15-18 Out. 1385

---

1 *eram*: erão *B*.
6 e 23 *maao*: mañão *AB*.
6 *priigoso*: prigoso *B*.
21 e 24 *prisoueiros/prisoueyros*: prisõeyros *B*. A forma que adoptamos tem em conta a ocorrência de *prisoeyros/prisoeiros* no texto (128.3, 130.26). O texto de *B* dá algum suporte à opção, que não tem o apoio dos dicionaristas («prisoneiro» em Domingos Vieira e António de Morais Silva).

fazendo leyxar aos castellaãos o porto, maao seu grado, no
qual porto forom muytas lançadas e seetadas e pedradas
que se davam de huũa parte à outra, e em tanto que a pelleja
era antre elles sem piedade. E forom hy mortos e ferydos
5 logo em aquelle passo muytos dos castellaãos, e assy forom
mortos e feridos dos portugueses, mas nom tantos, a Deos
louvores, como dos castellaãos. E, passado assy o porto
com gram trabalho, ho conde estabre, com sua avanguarda
e bandeyra, emcaminhou pera hũu cabeço que ante elle
10 estava, honde estavam muyta geente dos castellaãos que no
porto da rribeyra esteveram, e logo foy a elles e per força
lhes fez leixar ho cabeço. E per esta guisa foy ao outra
cabeço que mais adiante estava, em que ja estavam muyto
mais gente que no primeiro. E per esta mees||ma guisa Fol. 43 v
15 foy ao outro cabeço aallem do segundo, em que era tanta
gente que aadur se poderia osmar, tanta era, nos quaes
cabeços forom asaz de mortos e feridos de hũa parte e da
outra. E, estando o conde estabre, com sua avanguarda e
bandeira, em este terceiro cabeço repousando hũu pouco
20 do seu gram trabalho, olhou contra a rreguarda, que era
atras donde elle estava, e vio que estava em grande pressa
porque a gente dos castellaãos que detras eram, que eram
asaz de muytos, os seguiam e afficavam. E, quando esto
vyo, mandou a gente da sua avanguarda que estevessem
25 quedos, e com elles a sua bandeira, ataa que elle fosse rreco-
lher a rreguarda e allas e carriagem e gaados e prisoeiros
que traziam. E, de feyto, leixou ally a bandeira e avan-
guarda e se foy à rreguarda e allas e carriagem, e fez todo
aballar e andar por diante. E hũu Gill Fernandez d·Elvas,

---

1 *maao*: mañao *B*.
3 *a*: ha *B*.
18 *avanguarda*: aauanguarda *B*.
26 *prisoeiros*: prisõeyros *B*.
28 *carriagem*: carreagem *B*.

que era hũu vallente escudeyro e de bõos aquecimentos, em sabor disse contra o conde estabre, alto, que o ouvirom todos: «Digo·vos, senhor, que ja nos pesava porque tanto tardavees em vyrdes por nós, e, se mais tardárees, podera ser que nos nom achárees». A esto o conde estabre nom respondeo nenhũa cousa e tornou·se à sua avanguarda, honde leixara a bandeira, e vyo diante, allem de sy, outro cabeço muy forte, em o quall estava o mestre de Santiago dom Garcia Fernandez e o mestre dom Martym Anes e outros senhores e capitaães e outra muyta gente de castilhanos, que era gram maravilha. E logo mandou à sua bandeira que andasse por diante. E, hiindo per o dito cabeço, sobindo ja pella ladeyra do cabeço, ally veriades repartir pedradas e lançadas e seetadas que davam sem doo, hũus por se defender, outros por tomar, e foy hy ferido o conde estabre de hũa setada que lhe derom per hũu pee. E, estando o conde estabre em este fazer, que nom era muito viçoso, oolhou por detras e vyo que a rreguarda que era ja em muyto mayor trabalho que da primeira vez, em tanto que lhe parecia que de todo era desbaratada, por a qual razom lhe foy forçado de cessar da obra em que estava e foy·se outra vez aa rreguarda. E, leixando ally naquelle lugar a bandeyra e a vanguarda, começou d·esforçar com ledo gesto e com bõas pallavras toda a geente da rreguarda e allas, encaminhando·os como ouvessem de fazer. E, elles assy encaminhados, o conde estabre se tornou aaquelle lugar do cabeço honde leixara sua bandeira e gente da vanguarda.

---

9 *Garcia*: gracia *B*.

16 *per*: por *B*.

18 *oolhou*: oulhou *B*.

18 *que era*: era *B*. Conservámos o *que*, a que atribuimos um valor expletivo, à semelhança de numerosos outros casos que ocorrem no texto.

23 *começou*: ⁊ começou *A* começou *B*.

26 *aaquelle*: ha aq̃lle *B*.

E quando ja hy chegou achou toda a jeente que hyam na
avanguarda, que estavam assentados e com muy pouco
esforço, do que lhe muyto pesou, e feze·os logo todos || levan- Fol. 44 r
tar e correger em sua batalha como aviam de estar, e elle
5 se pos em giolhos antre hũas pedras a rezar e a louvar a Deos,
como era seu custume. E, estando asy rezando, porque
as pedras e as setas eram muytas que vinham da parte dos
castellaãos, toda a gente sua lhe braadava que fezesse andar
por diante sua bandeira e nom os leixasse asy morrer. E ainda
10 da reguarda veeo a elle Gonçall·Eanes d·Abreu, que em ella
hya, com o priol do Sprital a lhe pidyr por mercee que fezesse
andar a bandeyra, que a gente nom podia mays sofrer.
A todas estas cousas o conde estabre nom respondya nem
fazia nenhũa mudança, ante mostrava o mayor asessego do
15 mundo e sem nenhũu cuydado, e todavia entento em rezar e
louvar a Deos. E, tanto que acabou de rezar, logo riiga-
mente se alevantou donde estava em giolhos, com geesto
muy ledo, e mandou logo a Diego Gill, seu alferez, que andasse
com a bandeyra, e aas gentes d·abengarda que andassem
20 rriigamente. E elle foy sempre ante a bandeyra e aderençou
pera aquelle cabeço honde aquelles senhores e gente estavam
e, per força e com trabalho, per prazer de Deos, o entrou.
E, ante que fosse entrado, os castellaãos decerom a elle
muy rriigo e foy antre elles a batalha muy forte, que mais
25 nom poderia seer, e foy morto o meestre de Santiago e outros
grandes cavalleyros e muyta gente da parte de Castella, e,
dos da hoste, mortos e feridos poucos, ao Senhor Deos lou-
vores, e o cabeço forte entrado e os castellaãos todos der-
ramados, que nom pareceo nenhũu a poucas horas. E, como

7 *setas*: seetas *B*.
13 *o*: ho *B*.
19 *d·abengarda*: dauãgarda *B*.
19 *andassem*: andasse *A* andassẽ *B*.
27-28 *louvores*: louures *B*.

ho conde estabre vio que, por prazer de Deos, a batalha era vencida e os castellaãos vencidos e fugidos, mandou a todos os seus que fossem a cavallo pera seguir o encalço e elle, com os da avenguarda, seguiiram o encalço hũa legoa, e nom foy mays, polla noyte que se vinha, e entom se tornou o 5 conde estabre a alojar ja acerca da noyte a Vallverde. E assy, per prazer de Deos, foy vencida esta batalha, a qual durou dous dias, de soll a soll, em pellejar. E em outro dya se 19 Out. 1385 partyo o conde estabre com sua hoste caminho de Portugall e passou per a par de Meryda, honde estavam muytos dos 10 castellaãos que da batalha fugirom, os quaes sayrom da villa a olhar a oste, e o conde estabre mandou hyr a elles çerta gente, e nom os quiserom aguardar e tornaron·se pera a villa. Esse dia veeo o conde estabre alojar e dormir a hũu lugar onde se mete Botoua em Severa, e em este lugar sayrom 15 muyta gente de Badalhouçe a olhar sua hoste, a qual gente, Fol. 44 v tanto que olhou a oste, tornou·se logo a Badalhouçe || sem provando de fazer nẽhũa cousa. E daqui se partio o conde 20 Out. 1385 estabre em outro dia pera Elvas e leixou sua avanguarda e tornou·se aa reguarda e foy sempre com ella, teendo que 20 os castillaãos quisessem mais fazer algũa cousa. E, depoys que vyo que nom viinha nẽhũu, se veeo a Elvas com toda sua hoste, honde de todos foy mui bem recebido, e com gram prazer.

---

3 *a*: ha *B*.
4 *avenguarda*: auanguarda *B*.
5 *entom se*: entom le *B*.
6 *acerca*: sacerca *B*.
7 *batalha*: batalla *AB*.
15 *Severa*: scuera *AB*. Sendo admissível a identificação do termo como o rio Xévora (port.) ou Gévora (esp.), a acentuação deve recair na primeira sílaba.
19 *leixou*: lexou *B*.
20 *teendo*: Fernão Lopes ajuda a interpretação («cuydando», na *Crón. de D. João I*, 2.ª parte, cap. LVIII, p. 143).

Capitulo .lv. Como, depoys da batalha de Valverde espaço de tempo, estando o conde estabre Antre Tejo e Udyana, lhe mandou el·rey recado que se fosse pera elle a Chaves com a mays gente que podesse

5 Seendo o conde estabre na comarca d·Antre Tejo e Udiana hum pouco espaço depois da batalha de Vallverde,
Dez. 1385 el·rey lhe mandou recado de Chaves, honde estava, que tinha cercado Martym Gonçalvez d·Atayde, que tinha o lugar por el·rey de Castella, que se fosse com a mais gente que podesse.
10 E logo o conde estabre, por comprir mandado del·rey, mandou chamar toda sua gente que fossem com elle a çerto dia e, tanto que juntos forom, o conde estabre se partio com vinte de mulas, e mais nom, e se foy ao Porto, leixando recado aas outras gentes que se fossem apos elle, e dya çerto fossem
15 com elle no Porto, e asy o fezerom elles. E, seendo ja o conde estabre e sua gente no Porto, lhe foy denunciado dalgũus capitaães de sua companhia que apos elle forom, de muytos males e dapnos que fezerom polla terra per honde forom, antre os quaes lhe foy denunciado d·Antam Vaasquez,
20 que era hũu cavalleiro que elle muyto amava, que se queixou delle hũu homem bõo, que lhe depenara a barva e lhe tomara vĩho de hũa sua adegua sem lhe pagando delle nenhuũa cousa, do que ao conde estabre muyto desprouve, pollo bem que a Antam Vaasquez queria. Pero, sem embargo
25 da bemquerença, ante se quis compooer a elle que a Deos, e pollos bẽes d·Antam Vaasquez fez correger ao homem bõo o mal e dapno que delle recebera, de guisa que elle foy con-

---

13 *leixando*: lexando *B.*

19 *Vaasquez*: Vaãz *AB.* O desenvolvimento, neste caso como noutros semelhantes, é suportado pela abreviatura *vaq̃z* que aparece em *A*, fol. 44v, 2.ª col., l. 28 (= 135.4).

21 *barva*: barba *B.*

tente, polla qual rrazam se Antam Vaasquez anojou, e de praça disse ao conde pallavras muy soltas, as quaes lhe o conde soffreo muy begninamente e com gram paciencia, ca desto usava elle muy muito. E logo se Antam Vasquez partio do conde estabre e se foy diante a el·rey a Chaves. 5 Ho conde estabre se partyo do Porto com sua gente pera Chaves e levou caminho de Bragança. Em hũa aldea do termo, que chamam Castellaãos, leixou sua bandeira e toda sua gente e seu tyo Martim Gonçalvez do Carvalhal, que Fol. 45 r era hum bõo cavalley||ro, por regedor della, e elle foy·sse 10 aforado ao cerco de Chaves nom mais que com lxxx lanças pera el·rey. E el·rey soube parte de sua hyda e foy a rrecebê·llo fora do real muy longe. E entom chegou hy tambem o conselho de Lixboa, com que el·rey foy asaz ledo, e tornou·se el·rey pera o arayal, e com elle o conde estabre. E ao 15 dia seguinte el·rey falou com o conde estabre como era enformado per alguns capitaães da sua companhia que elle roubara a terra viindo per o caminho, mostrando que era dello anojado. E o conde estabre entendeo bem que esto lhe nacia d·Antam Vaasquez e dos outros a que elle estranhara o mal 20 que faziam, e disse a el·rey a verdade, a qual lhe elle bem creeo, e dos outros nom curou. E esteve el·rey, e o conde estabre com elle, no cerco de Chaves ataa que lhe a villa foy entregue per preitesia. E de hy se partyo o conde 20-30 Abr. 1386 estabre pera Castellaãos, termo de Bragança, honde leixara sua gente e bandeira, e de hy se foy a Bragança, que estava por Castella. E, passando com sua gente per junto com a villa, lhe veeo a fallar Joham Affonsso Pymentel, que tinha o lugar por Castella, e donde sayo hũu grande cavalleiro castellaão que hy estava com Joham Affonsso, e o conde 30 estabre fallou com Joham Affonsso muytas cousas pollo

---

1 *anojou*: se anojou *A* anojou *B*.
10 *foy·sse*: fosse *A* foysse *B*.
25 *Bragança*: brangança *B*.

reduzir a serviço del·rey e nom pôde. E naquelle lugar mandou o conde estabre lançar fora todollas molheres que em sua hoste vinham, que nom ficou nenhũa, que eram ja tantas que nenhũu nom andava na guerra sem molher,
5 e dally adiante se cavidarom e, posto que algũas andassem, andavam ocultamente. E daqui se partyo o conde estabre e se foy aa Vallariça, termo da Torre de Mẽecorvo e, apos
Maio elle, chegou logo el·rey com sua oste, e fez hy alardo com
1386 todas suas gentes. E entom se aconteceo hy hũa cousa
10 que se poderia bem contar por maravilha, a qual foy per esta guisa: no alardo, abenguarda e a rreguarda e cada hũa das allas faziam alardo sobre sy; e, andando o conde estabre regendo a vanguarda, de que tinha carrego, Martym Vaasquez da Cunha e Joham Ffernandez Pacheco e outros seus alyados,
15 que com o conde estabre nom tinham bõa maneyra, hyam em hũa das allas e, com enveja, disseram contra o conde estabre, que andava regendo, alguũas pallavras que eram d·escusar, aas quaes o conde estabre lhe respondeo como compria e nom curou de mais; e faziam o alardo Martim
20 Vaasquez e Joham Fernandez, e os outros que bõa vontade nom aviam ao conde estabre estavam em sua alla acerca de hũu grande ryo que per hy vay, e cayo hũa grande rribança com elles, de guisa que se ouveram de perder na augua se lhe Deos e a geente nom acorrerom.

25 ℭ *Capitulo .lvi. Como, feito o alardo da Vallariça, el·rey acordou de entrar em Castella e hiir cercar a cidade de Coyra* Fol. 45 v

Feyto o alardo da Vallariça, el·rey ouve conselho de entrar em Castella e hiir cercar a cidade de Coyra e mandou

---

7 *Vallariça*: uallarica *A* uallariça *B*.
11 *abenguarda* = a abenguarda.
25 e 27 *Vallariça*: vallarica *AB*.

ao conde estabre que se fosse diante com sua avanguarda. E o meestre de Christus e Martim Vaasquez e os outros seus alyados que com o conde estabre bem nom andavam souberam como el·rey per Castella mandava deante o conde estabre com sua avanguarda e, com despeyto e nom boõa vontade, 5 se forom diante com suas geentes, e a entençom era por tomar a Fiollosa e Sam Fillizes, lugares de Castella que estavam no caminho, que nom eram defensavees, por levarem a onrra ante que o conde estabre chegasse. E tomaram a Fiollosa, que era muito pequeno lugar, e, quando adiante 10 chegarom a Sam Fellizes, cuydando de o filhar, os da villa dixeram que o nom dariam senom ao conde estabre, e mandarom os da villa recado ao conde estabre, ao caminho, que fosse receber o lugar. E, quando o conde estabre chegou a Sam Fellizes, o meestre de Christus e Martim Vaasquez 15 e os outros eram ja apousentados de fora e o lugar foy logo entregue ao conde estabre e os outros fezerom antre sy falla pera errar ao conde estabre, se podessem, e logo o conde estabre dello soube parte. E ho meestre de Christus, sem embargo desto, convidou ao conde estabre que comesse 20 com elle esse dya. Ao conde prougue, por dar a entender que da maneyra que com elle traziam nom sabia parte, pero falou com alguns çertos dos seus que com suas armas estevessem acerca da tenda do meestre de Christus pera acudirem a algũa cousa se se recrecesse, e assy foy todo o 25 feito. E, seendo aa mesa Joham Fernandez Pacheco, que hy comia, veeo a rrazoar com o conde estabre taaes pallavras per que elle entendeo que algũa cousa queriam fazer, e res-

---

2 e 15 *Christus*: xp̃us *AB*.
4 *deante*: diante *B*.
11 *os*: ⁊ os *AB*.
14 *lugar*: logar *B*.
19 e 24 *Christus*: xp̃us *AB*.
21 *Ao*: ⁊ ao *B*.

pondeo sem nenhũa alteraçom, sayndo·se com boõas pallavras ao que Joham Fernandez dizia, e foy·se pera sua pousada depois de comer. De Sam Fellizes se partyo o conde estabre com sua avanguarda e se foy a hũu lugar de Castella que
5 chamam Fonte Ginaldo, honde esteve dous ou tres dias. E emquanto hy esteve lhe foy dito que hũu escudeyro a que chamavam Gonçallo Gil de Veeiros, que era hum escudeyro conhecido, tomara hũu calez de huũa ygreja, por a quall razam o logo mandou prhender e, elle preso, soube per
10 enqueriçam seer verdade todo que lhe disseram e, porque achou que era culpado, mandou que || fosse logo queymado. Fol. 46 r
E o escudeiro, estando ja a lenha junta e o fogo aceso, vierom ao conde estabre todollos capitaães e cavalleiros da hoste a lhe pediir por elle mercee, que o nom matasse, e o conde
15 estabre o nom queria fazer, e tanto o aficarom que lho ouve de dar muyto contra sua vontade, comtanto que mays nom fosse em sua avanguarda, e asy escapou de seer queimado. E daqui se partyo o conde estabre e se foy a outro lugar que chamam a Rreboreda, e a noyte que hy chegou forom
20 tantas chuvas e tempestades e tam fortes em toda a noyte, que quebrou o esteo da tenda honde o conde estabre jazia, que cuydou que era morto, e asy todallas gentes da avanguarda cuydavam que viinha sobre elles a hyra de Deos, tanto era o tempo esquyvo e forte. E no dya seguinte
25 prouve a Deos de correger o tempo, e daqui mandou o conde estabre certas gentes à fforagem a Vall d·Arrago, que era terra de muitos vinhos, e os que allo forom trouverom muytos vinhos, de que o arrayall era muy minguado. E este Vall d·Arrago he hũu valle muy fermoso e acerca delle está hũu
30 castello que chamam Santivanhes, que he comenda da

---

6 *a*: ha *B*.
8 *tomara*: tomare *A* tomara *B*.
10 *seer*: soube *A* seer *B*.
14 *pediir*: pidijr *B*.

Hordem d·Alcantara, de que era comendador e alcayde hũu cavalleiro que chamavam Rrodrigu·Eanes, o qual Rrodrigu·Eanes vivera ja com o conde estabre e andara com elle na guerra ante que se passasse pera Castella pera o meestre dom Martim Anes. E, emquanto este Rodrigu·Eanes 5 com o conde estabre andou, pousou sempre com outro bõo escudeiro do conde estabre, que chamavam Affonsso Pirez, que o conde estabre muyto amava, e eram tanto amigos que nom no podiam mais seer. E acertou·se que, antre as gentes que forom à forajem a Vall d·Arrago pollo vinho, 10 foy este Afonso Pirez, e Rodrigu·Eanes, alcayde de Santivanhes, soube como o dito Afonsso Pirez hia naquella companhia e enviou·lhe rogar que o fosse veer, ca elle nom podia leixar o castello pera hiir la, segurando da yda e da viinda e estada. E Afonsso Pirez, fiando delle como de homem 15 com que ouvera grande amizade e avia, foy·ho veer e, como la foy, Rodrigu·Eanes o prendeo e tomou por prisoueiro. E, quando esto foy dito ao conde estabre, desprouve·lhe muyto e teve vontade de hir cercar e combater o castello em que o dito Rrodrigu·Eanes estava, e foy torvado de hiir la 20 com aquelles que eram de seu conselho por o castello seer muy forte e em tal lugar que se nom podia cercar. E porque o meestre Martym Anes querya mal a Afonsso Pirez porque, em seendo o meestre comendador de Pedroso, ouveram pallavras de que o Rrodrigu·Eanes sabia bem parte, Rodri- 25 gue·Eanes o mandou ao meestre com entençom de o matar, Fol. 46 v o que elle bem tinha em von||tade, mais o conde estabre lhe escripveo logo a gram pressa sobre ello, e o meestre lho enviou logo, nom embargando o mal que lhe queria. O conde estabre se foy da Rrevoreda e se foy diante seu caminho 30

---

9 *que, antre*: antre *AB*.

14 *segurando* = assegurando-o. Entenda-se, pois, que Rodrigo Eanes garantia a Afonso Pires a segurança deste para ir, estar e regressar.

Jun. 1386 com a vanguarda e chegou a Coyra e assentou seu arrayal. E no outro dya seguinte chegou el·rey com sua hoste, e esse dia comeo com o conde estabre ao jantar el·rey. El·rey combateo a cidade muy riigamente, e forom algũus feridos da
5 oste e nom a pôde filhar. E, querendo continuar seu cerco e se perceber de seus artificios pera todavia a tomar, começarom de adoecer muy fortemente no arrayall, de guisa que açerca tantos eram os doentes como os saãos. E, veendo el·rey como todos lhe adoeciam, levantou·se do cerco e veeo
10 seu camĩho pera seu regno, caminho da Beira. E o conde estabre se partio de la e se foy em romaria a Sancta Maria do Meo, que está na Sartãa, e de hy se foy pera Ourem e de hy se partyo pera Antre Tejo e Udyana.

¶ *Capitulo .lvii. Como el·rey mandou chamar o conde estabre*
15 *Antre Tejo e Udiana, honde estava, porque se avia de veer com o duque d·Alencastro*

25 Jun. 1386 Estando o conde estabre d·asessego Antre Tejo e Udiana, el·rey lhe mandou dizer que o duque d·Alencastro, que se por entom chamava rey de Castella, era em Galizia e que
20 se aviam ambos de veer no estremo, e que lhe mandava que se fezesse prestes pera se viinr pera elle, por a qual razom logo se o conde estabre partyo com çertos cavalleiros e escudeyros bem guarnidos e bem encavalgados e se foy pera el·rey,
1-2 Nov. 1386 que entom estava na Ponte da Barca. E el·rey se vyo com o duque e o duque comeo com el·rey hũu dia, e logo antre ambos foy tractado casamento del·rey casar com dona Fillipa, filha do duque, e acordado como logo ambos juntamente entrassem em Castella. E el·rey mandou logo tornar

---

4 *riigamente*: rigamente *B*.
12 *Sartãa*: sartaa *A* sartaã *B*.
19 *entom*: ento *A* entõ *B*.

o conde estabre Antre Tejo e Udiana, e que levasse a mais gente que podesse. E o condestabre o fez asy e, como chegou Antre Tejo e Udiana, juntou mil e duzentas lanças e peça de beesteyros e pioões, e se foy com elles ao Porto, honde ja el·rey fezera vodas com dona Fillipa, filha do duque d·Allemcastro. E, acabadas a vodas del·rey, el·rey se partyo com toda sua hoste caminho de Castella, levando a raynha, sua molher, consigo ataa o estremo, e do estremo a mandou tornar pera o Porto. E el·rey entrou per Castella, levando o condestabre a avenguarda e com elle o prioll do Espritall. E el·rey chegou com sua hoste a Benavente, honde se fezerom muytas escaramuças, os da hoste com os da || villa, em que estava muyta gente. E de Benavente se partio el·rey com sua hoste, levando o conde estabre a avanguarda, e se foy per terra de Campos, honde andou tres ou quatro meses. El·rey tomou çertos lugares e fez outros grandes feytos de que aqui nom faz meeçom, senom de çertas escaramuças que o conde estabre, yndo aas forragees sem el·rey, per sy soo fez. A primeyra foy quando foy preso Diego Lopez d·Angullo; e outra quando foy à forragem e chegou a hũu lugar honde estava o conde de Longa Villa com oytoçentas lanças, e sayo a elle com as oytoçentas lanças e, com ajuda de Deos, ho conde estabre o desbaratou e ençarrou na villa, maao seu grado; e a outra quando, hũa vez, Gonçalo Vaasquez Coutinho fora aa guarda da herva, que andavam com elle pegados quatroçentas lanças de castellaãos, e foy dito ao conde estabre, no arrayall, em que Gonçallo Vaasquez era com aquella gente, e sayo à pressa fora do arrayall com çerta gente por lhe acorrer e correrom apos as gentes dos castellaãos ataa os meter em Salamanca, que era de hy tres legoas; e a outra quando desbaratou certas gentes dos castellaãos, quando se

[Margin: 2 Fev. 1387 — 2 Abr. 1387 — Fol. 47 r — line numbers 15, 20, 25, 30]

1 *Antre* = a Antre. Há outros casos nas p. seguintes.
10 *a avenguarda*: aavãguarda *B*.
23 *ençarrou*: ençerrou *B*.

hũu cavalleyro doutra naçom e nom portugues que na hoste del·rey andava, a que chamavam Perrim, se lançou com os castellaãos. E depoys que asy el·rey andou per terra de Campos tres ou quatro meses, como ja en·cima faz mençom,
5 ouve conselho de se tornar pera sua terra e, viindo de caminho pera seu regno, chegou com sua hoste aa Çidade Rodrigo, honde estavam bem cinquo mill lanças de castellaãos, e forom hy feitas muytas e grandes escaramuças. E el·rey, com sua oste, esse dia, foy alojar açima da cidade huũa mea legoa
10 e daquy se partyo no outro dya e se veo pera seu rregno e mandou logo ao conde estabre que se fosse Antre Tejo e Udiana. E, tanto que o conde estabre foy Antre Tejo e Udiana, mandou pooer guarda na terra, assy de frontarias que mandou poer, como das outras guardas que compriam.
15 E, estando o conde estabre d·asessego em Evora, e suas frontarias conçertadas, lhe veo recado del·rey que o mandava chamar porque jazia muyto doente nos seus paaços do Curval, com o quall recado o conde estabre foy muyto triste e anojado, e se partyo logo a muy grande pressa pera alla, e esteve
20 com el·rey ataa que foy saão e em bõo ponto, e de hy se tornou pera Ourem, e de Ourem se foy a Evora.

Jun. 1387

Ago. 1387

ℂ *Capitulo .lviii. Como el·rey fez cortes em Bragaa e mandou chamar a ellas ho conde estabre*

El·rey hordenou de fazer cortes na cidade de Bragaa e mandou recado ao conde estabre, que estava Antre Tejo e Udyana, que fosse aas ditas cortes. E elle, tanto que seu mandado vyo, logo se foy a Bragaa e os fidalgos do reyno ho fezerom seu procurador que refertasse por elles a el·rey cousas que lhe compriam. E elle se escusou dello quanto

Fol. 47 v

Nov. 1387

---

6 *Çidade*: çidaae *A* cidade *B*.

pôde, pero tanto ho aficarom que ouve d·aceptar sua procuraçom, e presente elles disse a el·rey o que por bem delles entendya, e desto nom prouve a el·rey, segundo pallavras que ao conde respondeo. E, como quer que todollos fidalgos hy estavam, nenhũu nom fallou a el·rey em ajuda do conde 5 soo hũa cousa, por a qual razam o conde estabre, por entom nem depoys, nunca jamays tal procuraçom quis aceptar, nem falar em seus feytos quanto asy em geeral, querendo·se teer ao enxempro antiigo que diz que quem serve comũu nom serve nenhũu. E, estando asy o conde estabre nas 10 cortes em Bragaa, lhe veeo recado do Porto, honde a condessa Jan.? 1388 sua molher estava, que era morta, e logo se o conde partyo pera alla, e com elle muytos cavalleiros e escudeiros, e fez fazer suas exequias aa condessa, e a fez soterrar muy honrradamente, como compria. E mandou logo dona Beatriz, 15 sua filha, que era moça, que estava hy com a condessa sua madre, a Lixboa pera Eyrea Gonçalvez, sua madre, e elle tornou·se pera el·rey a Bragaa. E, estando em Bragaa, lhe foy cometido casamento com dona Beatriz de Castro, filha do conde dom Alvaro Pirez de Castro, que era hũa 20 donzella bem filha d·algo e fermosa, e tanto foy dello aficado que ja se nom podia dello defender e era por ello em gram cuydado. E, vendo os aficamentos que lhe faziam, e sintindo que a el·rey e à raynha prazia do casamento porque a donzella andava em sua casa, espediu·se del·rey e per sua 25 licença se partio, dizendo aos que com elle hyam per o caminho que, emquanto estevera em Bragaa, que sempre en·çima delle andara hũa nuvem negra e que, depois que de hy partyra, lhe parecia que aquella nuvem negra ficara sobre Bragaa e que elle vinha ja desabafado sem ella. E o conde 30 estabre se foy Antre Tejo e Udiana.

1-2 *procuraçom*: precuraçom *B*.
29 *parecia*: pareciã *A* parecia *B*.

Capitulo .lix. Do recado que o conde estabre ouve como o meestre de Santiago de Castella tiinha muyta gente junta pera viir a Portugal, e da maneyra que o conde estabre sobre ello teve

Estando o conde estabre em Evora ja quanto d·asesego,
5 teendo suas frontarias po||stas e conçertadas, ouve Fol. 48 r
recado que o meestre de Santiago de Castella, com muyta
gente que tinha junta, queria entrar em Portugal a queimar
o arravalde d·Estremoz e do Vimieyro. E, como tal recado
ouve, sem mais tardança se foy a Estremoz com pouca gente
10 com entençom de em Estremoz ajuntar asy a gente das
frontarias e outras mais que podesse, e hiir teer o caminho
ao mestre pera lhe torvar sua vinda. E, conçertando·se
pera esto, o mestre lla em Castella soube de como o conde
estabre queria hiir a elle e desfez logo sua asuũada e der-
15 ramou sua gente, do que ao conde estabre muyto desprouve,
e mandou logo hiir a jente das frontarias, que consigo tiinha,
a seus logares, como antes estavam. E, querendo·se tornar
a Evora, lhe veeo recado de Beja e de Serpa que o conde de
Nebra, com seteçentas lanças e muytos beesteyros e homens
20 de pee, queriam entrar ao campo d·Ourique, e que lhe pediam
por merçe que lhes acorresse, e elle se partio logo com estes
poucos que tinha, porque as mais gentes eram ja em suas
frontarias, e ordenou hiir per o estremo por aver mais çertas
novas, e por tal que soubesse que ja eram entrados, de os
25 atalhar com as gentes das frontarias, que asy ajuntaria.
E com esta tençom se partyo d·Estremoz e se foy ao Redondo
e de hy a Moõsaraz. E, estando em Moõsaraz, hum dya
que se levantava de dormir a sesta lhe veeo recado que,
esse dya per a manhã, trezentas lanças de castoões e de

15 *ao*: o *AB*. O verbo que se segue exige complemento indirecto, o que é comprovado por numerosos outros passos do texto.
29 *manhã*: manha *A* manhaã *B*.

castellaãos chegarom aa Viidigueira e roubarom·na de todo e
levarom cativos todollos homens e molheres e moços pequenos
que no lugar avia, e todollos gados e bestas e asy todollas
outras cousas, que nenhũa nom leixarom, e que s·yam de
todo pera Villa Nova de Fresno, que era quatro legoas de 5
hy de Moõsaraz. E, como quer que o condestabre consigo Mar. 1388
nom tevesse senom muyto pouca gente, nom quis aguardar
a gente da frontaria, mas partiu·se logo de Monsaraz esse
dia aa noyte, nom levando consigo senom lxxx lanças e
muy poucos homens de pee e beesteiros, e andou toda a 10
noyte. E, ante que chegase a Villa Nova hũu espaço, man-
dou diante saber se se vellavam e roldavam aquella gente
que ja hy era com o roubo, e veeo·lhe recado que todos
jaziam seguros folgando. E logo o conde estabre fallou
com todos aquelles que com elle hyam a maneira que aviam 15
de teer, repartindo, a cada hũu dos bõos que hy hiam, certa
gente que consiigo levassem. E o lugar nom tinha outra
cerca senom hũa torre forte que se chama torre de menagem,
e toda a outra povoraçom era aravalde bem abarreirado e
apalancado. E os castellaãos e castões, com seu roubo, 20
jaziam das barreiras adentro, junto com hũa ygreja que
Fol. 48v hy ha, e delles dentro. E o conde estabre || com sua gente
andou seu caminho e chegou ao logar em alvoreçendo, siin-
tindo ja todos os que dentro eram, e logo as barreiras forom
entradas, sendo o conde estabre hũu dos primeiros que 25
entrarom per hũu portal que estava sob a torre da menagem,

---

1 *Viidigueira*: vidigueira *B.*
4 *s·yam* = se iam.
5 *Fresno*: frẽsno *B.*
8 *Monsaraz*: moõsaraz *B.*
16 *dos*: do *A* dos *B.*
20 *os*: o *B.*
20 *castões*: castoões *B.*
26 *sob a*: sobra *B.*

e da torre lhe foy lançado hũu canto, de que o Deos guardou
que lhe nom deu em cheeo, senom vaasqueiro em hũa coxa,
de que se elle nom siintyo bem e lhe quebrou e esfarapou
toda hũa espenda da seella de hũa mula em que hya. E, seendo
5 ja asy o conde estabre com sua gente na barreyra, os cas-
tellaãos e castoões forom todos levantados e armados e se
começarom a defender rriigamente como bõos homẽes, e
forom hy asaz de lançadas e pedradas da hũa parte e da
outra. E hindo o condestabre per hũa travessa do arravalde,
10 nom mays que com cinquo homẽes d·armas, leixan·se a
elle viir dez homens d·armas de castellaãos e castoões com
lanças compridas nas maãos e o conde estabre se lançou
da mula a pee terra e elle com seus cinquo se deerom aas
lançadas, asy soos ataa que outra gente da sua veeo. E toda-
15 via prouve a Deos de os castellaãos e castoões serem desba-
ratados e em tal maneyra que, antre mortos e presos, nom
escaparom senom muy poucos. E forom hy tomadas muytas
armas e roupas e ouro e prata e muytos bõos cavallos e
azemellas, e os prisoueyros, asy homẽes e molheres e crianças,
20 com seus gados e algos, da Vidigueyra, forom todos livres
e se forom com todas suas cousas pera Vidigueyra, donde
forom trazidos. E todo aquello que asy foy tomado aos
castellaãos e castoões o conde estabre mandou repartir per
suas gentes, sem avendo nem querendo aver pera sy nẽhũa
25 cousa. E dest·obra forom a el·rey novas a Lixboa, honde
estava, com as quaes novas elle foy muy ledo e ouve muy
gram prazer. E quanto elle ouve de prazer tanto ouverom
de nojo algũus maldizentes que, com enveja, ante desto,

---

2 *cheeo*: cheo *B*.

3 *esfarapou*: esparapou *A* esfarapou *B*.

13 *elle*: elles *AB*. O sujeito é o Condestável (com os cinco companheiros indicados antes e logo a seguir). Cf. tb. *elle* na l. 11.

21 *pera*: pa a *B*.

25 *dest·obra*: desta obra *B*.

aviam dito e asacado que o conde estabre era desbaratado dos castellaãos, dizendo que lhe avia de quebrar o argulho e faleçer os aquecimentos bõos que lhe Deos dava, e outras cousas semelhantes.

ℭ *Capitulo .lx. Como el·rey foy cercar Campo Mayor, que estava contra elle, e o tomou* 5

Campo Mayor, que he bõo lugar d·Antre Tejo e Udyana, estava por el·rey de Castella e tinha·o por el Gill Vaasquez de Barvudo, primo do mestre Martym Anes. E el·rey determinou em seu conselho de o hiir cercar e, com ajuda de Deos, 10 tomar, e foy·se lla com sua gente, e com elle o conde esta- Fol. 49 r bre, || e çercou o lugar e continuou o çerco per tanto tempo que o tomou, convem a saber, a villa, per força. E Gil 15 Out. 1388 Vaasquez, que o castello tiinha, por mais nom poder fazer, se preitejou com el·rey que a çerto dia lhe daria o castello 15 e o leixasse hyr, do qual tracto foy tractador por el·rey o conde estabre. E Gill Vaasquez pos em poder do conde estabre, pera aquelle dia que era asinado que entregasse o castello, o aver de entregar hum seu filho que chamavam Vasco Gill, ao quall tempo asinado o castello foy entregue 20 a el·rey e o conde estabre pos em salvo Gill Vaasquez e os seus porque asy era contheudo no tracto. E partiu·se el·rey depois que o castello de Campo Mayor foy entregue. E o condestabre se foy a Evora e de hy se foy afforrado a terra d·Ourem e de Porto de Moos e mandou hedificar huũa igreja 25 de Sancta Maria e de Sam Jorge em aquelle lugar meesmo honde a sua bandeyra esteve ho dya da batalha rreal. E, apos Jul. 1389 esta, mandou hedificar e fazer o moesteyro de Sancta Maria

10 *hiir*: hir *B*.
12 *continuou*: continouo *A* continuou *B*.
23 *que*: de *A* q̃ *B*.

do Carmo de Lixboa, que he hũu gentill e fermoso moesteyro, no quall fez grandes despesas em muitos annos que durou a obra delle.

ℭ *Capitulo .lxi. Do repartimento que o conde estabre fez* 5 *de suas terras com os cavalleiros e escudeiros que o na guerra serviram por serviço del·rey*

Maio 1393 Veẽdo o condestabre que a guerra que el·rey avia com el·rey de Castella, por prazer a Deos, era em bõo ponto e todos seus feytos encaminhados com muito seu serviço e honrra, 10 e conhecendo as muitas grandes mercees que de Deos avia recebidas, e esso meesmo de seu senhor el·rey pollo elle bem servir, e por dar guallardom aos cavalleiros e escudeiros que em sua companhia nas guerras andarom e o seguirom por serviço del·rey, partyo com elles as terras e rendas de 15 que lhe el·rey avia feita mercee, asy aaquellas pessoas que se adiante seguem: primeiramente, começando Antre Tejo e Udiana, deu Alter do Chaão, com seu castello e todas suas rendas, a Gonçall·Eanes d·Abreu, e deu Evoramonte, com suas rendas, a Martim Gonçalvez do Carvalhal, seu tio; 20 e as rendas d·alcaydaria d·Estremoz, porque o castello nom era seu, com outras certas rendas do dito lugar, a Lopo Gonçalvez; e as rrendas de Borba a Joham Gonçalvez da Rramada; e Monsaraz a Rodrigu·Alvrez Pimintell; e parte

---

10 *que*: qua *B*.
12 *guallardom*: gallardom *B*.
17 *Chaão*: chaao *A* chaão *B*.
17 *suas*: sus *B*.
20-21 *porque o castello nom era seu* entre parênteses em *B*.
21 *lugar*: logar *B*.
22 *as*: a *A* as *B*.
23 *Monsaraz*: moõsaraz *B*.
23 *Rodrigu·Alvrez*: rrodrigualuerez *B*.

das rendas de Portel, com as rendas todas de Villa de Frades, a Fernam Dominguez, seu thesoureyro; e a parte das rendas da Vidigueira a hum bom e estramado escudeyro que chamavam Afonsso Estevez Perdigam; e Villa Alva e Villa Fol. 49 v Ruyva a Rodrig·Affonso de Coymbra; e as ren||das de 5 Montemoor o Novo a hũu bõo escudeyro de hy que chamam Rodrigu·Eanes Azeyteiro; e as rendas d·Almadaa a Pedr·Eanes Lobato; e o barco de Sacavem a Joham Afonsso, contador seu, que depoys foy veedor da fazenda del·rey; e o regueẽgo d·Alvella a Estev·Eanes Berbereta de Lixboa; 10 e as rendas de Porto de Moos e de Rryo Mayor a Pedro Afonsso do Casal; e Alvayazer a Alvaro Pereira; e o Rrabaçall a Mẽe Rrodriguez de Vaasconçellos; e terra de Balltar, que he Antre Doyro e Minho, a Martim Gonçalvez Alcoforado; o Arco de Baulhe, com tres ou quatro quintãas que o conde 15 estabre naquella comarca avia, a Joham Gonçalvez, seu meyrinho moor; e certas rendas que avia em terra de Basto e de Pena a Afonsso Pirez, que foy seu veedor; e çertas rendas de Barçellos a hum bõo escudeyro de seu corpo, e que bem servio, que chamavam Gill Vaasquez Fream; e Mon- 20 taalegre, com terra de Barroso, a Diego Gill d·Ayroo, seu

---

6 *a*: a a *A* a *B*.

10 *d·Alvella*: d'dalvella *A* d'da uella *B*. Cf. Fernão Lopes, *Crónica de D. João I*, 2.ª parte, cap. CLII, p. 218: «Alvyella»; e *Provas da história genealógica*, vol. V, p. 568: «Reguengo de Alviella», doado em vida a Gil Airas.

13 *Vaasconçellos*: Vaasco conçellos *AB*.

14 *a Martim*: E a martim *AB*. A pontuação do texto sugere a ligação do Rabaçal e Baltar a Mem Rodrigues de Vasconcelos, e a ligação do Arco de Baúlhe a Martim Gonçalves Alcoforado. O texto de *B* corrige *com tres ou quatro* (l. 15) para *E tres ou quatro*. Nenhuma destas redacções nos parece correcta, porque a sequência apresenta sempre os bens doados em primeiro lugar, e depois o nome do beneficiário.

21 *d·Ayroo*: dayrco *AB*. Aceitamos a sugestão de Machado de Faria na nota 200 ao seu texto.

alferez; e Chaves, com todas suas rendas, a Vasco Machado, seu criado, que no começo das guerras foy seu page. Todas estas terras e rendas o conde estabre tiinha dadas em prestemo, e cada hũu per ellas avia de teer certos escudeiros pera
5 serviço del·rey e seu, como seus vassallos. E por estas terras e rendas que asy o conde estabre tinha dadas, escasamente lhe ficou com que se podesse manteer com sua honrra, e vivia muy estreitamente, porem em sy era sempre muyto ledo porque lhe parecia que era desencarregado
10 daquelles que o serviram.

1393? ℭ *Capitulo .lxii. Como a esta sazom ho meestre d·Alcantara, dom Martim Anes de Barvudo, entrara na Beyra com certa gente, e da maneyra que o condestabre sobr·ello teve*

Hũu dia, estando o conde estabre na cidade d·Evora, lhe
15 veeo recado que o meestre d·Alcantara, dom Martim Anes de Barvudo, entrara na Beira per a comarca de Castello Branco com trezentas lanças e muytos beesteyros e piões, e logo teve conselho e hordenou como fosse a elle, hyndo com elle os capitaães de maas vontades porque elle nom
20 tinha nem pôde aver dinheiros de que lhe pagasse o soldo. E todavia elle partio logo d·Evora com mui poucos e chegou ao Crato e hy recolheo todollos que nom hyam de boõas vontades, que hyam de tras, e do Crato se partyo e foy comer a Nisa e, depois de comer, com grande aguça se partyo
25 de Nisa e se foy aa barca do Rodam, que som grandes quatro legoas de Nisa, e passou o Tejo e hy se alojou, andando aquelle

1 *a*: aa *AB*.
13 *sobr·ello*: sobre ello *B*.
20 *pôde aver*: pod aver *A* podya aver *B*. A nossa leitura, mais próxima de *A*, tem um sentido perfeitamente claro.
21 *d·Evora*: d'uora *AB*.

Fol. 50 r dia com sua gente ix legoas. E, elle alojado e suas guar||das e escuytas postas no arrayall, ja muy de noyte lhe veeo recado que o mestre soubera parte de sua hyda e que se tornara logo pera Alcantara, das quaes novas o conde estabre e sua gente forom anojados e muy quebrantados. 5

¶ Capitulo .lxiii. Como el·rey ouve conselho, na Serra, de tirar as terras aos que as delle tiinham e da maneyra que sobr·ello teve

El·rey mandou chamar o conde estabre e outros senhores 1394 e fidalgos e cavalleyros aa Serra, honde elle estava, 10 e hy acordou e entendeo por seu serviço de tirar certas terras e rendas aos que as delle tinham, convem a saber, as que delle tinham de prestemo e parte das outras que tinham de jur·herdade per compra, sendo o conde estabre o principal, porque elle tiinha as mays terras, e asy a elle como aos 15 outros esta razom lhe foy preposta da parte del·rey. E o conde estabre ouve dello grande siintimento e disse a el·rey que sua merçee fosse tal cousa nom fazer porque os que delle terras tiinham bem lhas aviam servidas e nom era bõo gualardom avee·lhas asy de tirar. El·rey respondeo dando suas 20 razoões por que o fazia e o conde estabre lhe tornou a dizer que, pollas terras que elle tinha, elle se nom podia bem manteer com sua honrra, de mais pollas que tiinha dadas, e que muyto pyor se manteria se lhe dellas tirassem. E em este feyto tinha el·rey muytos ajudadores, e nom pollo servir, 25 mais por anojar o condestabre, antre os quaes era ho priol

---

8 *sobr·ello*: sobre ello *B*.

11 *entendeo*: entẽdẽdo *A* entende *B*. É evidente a exigência de paralelismo entre as duas formas verbais (*acordou* e *entendeu*).

14 *conde estabre*: cõde estastabre *A* cõdeestabre *B*.

21 *fazia*: faziam *A* fazyã *B*. O sujeito é «El·rey».

do Spritall, dom Alvaro Gonçalvez Camello, e outros. Veẽdo
o condestabre que seu razoar ja lhe em esto nom valia nẽhũa
cousa, partiu·se hum dia aa tarde dos paços da Serra, onde
el·rey estava, e foy dormir a Atouguia, honde pousava.
5 E em outro dia ante da menhãa se partyo d·Atouguia e
se foy a Porto de Moos e de hy a Estremoz, e em Estremoz
fez seu ajuntamento de gentes, asy daquellas que o na guerra
serviam, como doutros parentes e criados e amigos, e forom
juntos gram peça delles, com os quaes elle logo falou em
10 como el·rey avia por seu serviço tirar·lhe parte das terras
que lhe deera, por a quall razom se elle nom entendya de
poder manteer com sua honrra e que, porem, se queria hiir
fora do rregno buscar sua vyda, todavia servidor del·rey e com
guarda de seu nome honde quer que fosse, e que lhes rogava
15 que fossem em esto seus companheiros, e que, se algũus
delles tevessem algũa duvida de o nom poder fazer, que asy
o disessem logo. Cavalleiros e escudeiros, todos quantos hy
estavam, disserom que elles nom aviam sobr·ello nen||huũa Fol. 50 v
duvida, mais que hiryam de boõas vontades morrer e viver
20 com elle, e asy o afirmaram todos per juramento, senom
hũu Antom Martiinz de Lixboa, que disse que trazia antre
suas maãos muytas cousas doutras pessoas e que lhe compria
em ellas de poer primeiro recado e que, portanto, nom promi-
tia nenhũa cousa, mays que pedia espaço e depoys respon-
25 deria. Aqui partyo o conde estabre muy grossamente
dinheiros e pam com aquelles que pera esto mandou chamar,
e elles se partirom a suas casas a se conçertar, e o conde
estabre se partio pera Portel. Sabendo ja el·rey parte da
maneyra que tinha, mandou a elle seus recados pollo torvar
30 de sua hida: o primeiro recado per Rruy Lourenço, liçenciado

1 *Alvaro*: aluoro *B*.
8 *parentes*: paretes *A* parẽtes *B*.
12 *manteer*: manter *B*.
30 *recado*: recodo *B*.

em degredos, dayam de Coymbra; e o segundo per o mestre d·Avys; e o terceyro per o bispo d·Evora, prelado muy honesto, dom Joham. E o conde lhe enviava per elles suas respostas com grande humildade, como a rrey senhor, mostrando·lhe que sua partida nom podia escusar. E em na fim destas embaixadas, sintindo o condestabre a vontade del·rey, enviou a elle Martym Gonçalvez do Carvalhal, seu tyo, e Lopo Gonçalvez d·Estremoz pera com elle fallarem mais largamente. E, passados estes recados, a yda do conde foy torvada e elle foy a el·rey ao Porto, honde estava, e hy foy hordenado que el·rey tomasse pera sy todollos vassallos que o conde estabre tinha, e assy dos outros grandes que os tiinham, que outrem nom tevesse vassallos senom elle, e que o conde estabre tomasse pera sy todallas terras que tinha dadas, ho que elle fez muyto contra sua vontade, mais nom pôde hy al fazer. E, como lhe as terras forom tiradas, el·rey pos a todos suas contiias, e asi ficou o condestabre asessegado, sem lhe bollindo com suas terras de jur·d·erdade, mas todavia foron·lhe tiradas as que tinha de prestimo.

ℭ *Capitulo .lxiiii. Como e por que el·rey, e per quem, mandou tomar a cidade de Badalhouçe e a maneyra que o conde estabre sobre ello teve*

Avendo el·rey de Portugal tregoas com el·rey de Castella e feitos e afirmados os trautos da tregoa da parte del·rey de Castella e dos seus, foram feitas algũas cousas per que, segundo os tractos, el·rey de Portugal podia mandar fazer prhenda, segundo se dizia, em qualquer cidade ou villa de Castella. E porem determinou el·rey em seu conselho que,

---

3 *Joham*: johão *B*.
13 *vassallos*: vassalhos *AB*. Cf. «vassallos» na l. 11.
14 *conde estabre*: cõde de estabre *A* condeestabre *B*.

per qualquer guisa que podesse, mandase tomar a cidade de Badalhouçe e deu carrego desta obra, pera fazer, a Martym Afon||so de Meello, seu guarda moor, o quall sobre ello traba- Fol. 51 r
lhou muyto em gram segredo e teve falla com hũu escudeyro
5 portugues que em Badalhouçe morava per omizyo, que chamavam Gonçal·Eanes Caco, de Villa Viçosa, que lhe desse logar per huũa porta. E o escudeiro o fez asy, de guisa que,
12 Maio 1396 huũa alva da manhãa, Martim Afonso, com sua gente, entrou a cidade e foy de todo em posse della. E, tanto el·rey soube
10 que a çidade era tomada, logo mandou rrecado ao conde estabre que se fosse a Elvas a conçertar a guarda da cidade, como se ouvesse de guardar, e que dos conselhos mandasse dar a Martim Afonsso a gente que comprisse pera a guardar. E o conde estabre se foy logo a Elvas e dhy mandou chamar
15 Martim Afonso de Meello, que em Badalhouçe estava, e lhe ordenou e conçertou a maneyra que avia de teer na guarda della e lhe mandou dar por entom a gente que lhe pera ello compriam, e mandou soltar Fernam Goterrez, alcayde d·Alboquerque, que hy fora preso, porque achou que nom
20 era bem preso, e mandou tirar, de poder de Martim Afonso, Garcia Gonçalvez de Ferreira, mariscal de Castella, que tambem hy fora preso, e o entregou a Vaasco Lourenço, alcayde d·Olivença, que o tevesse em seu poder ataa que viesse recado. Escripveo por elle a el·rey e el·rey lhe mandou
25 dizer que o mandase soltar se quisesse, e o condestabre o mandou logo soltar. E por esta tomada de Badalhouçe el·rey de Castella ouve gram siintido e fazia seus percibimentos de guerra. E, sabendo, o conde estabre dizia a el·rey que se avisasse. El·rey lhe respondia que nom curasse, que elle

---

5 *portugues*: portuges *B*.
8 *manhãa*: manhaa *A* manhaã *B*.
12 *conselhos*: concelhos *B*.
14 *dhy*: de hy *B*.
28 *sabendo* = sabendo-o.

queria aguardar a primeyra pancada, do que ao conde estabre muyto pesava. E em esto se seguio que, nom embargando que os rreys asy estevessem en·tregoa, que polla tomada de Badalhouçe o condestabre de Castella e o conde dom Martim Vaasquez de Cunha e outra muyta geente de Castella 5 vierom sobre Viseu e o queimarom, do que el·rey foy muy 1396 anojado. E, estando a essa sezom em Santarem, espicialmente era ainda muyto mais anojado porque sua gente nom vinham pera elle, pero que lhes em cada dya mandava recado que viessem. 10

Capitulo .lxv. Como, sabendo o condestabre que el·rey era anojado, o foy veer a Santarem aforrado com çertos de mullas

Estando asy el·rey em Santarem com grande despeyto porque a gente que mandara || chamar nom viinham e, estando o (Fol. 51 v) conde estabre em Evora, teẽdo ja consiigo juntas mill e duzentas lanças, se partio d·Evora aforrado, leixando toda a jeente, 15 com xx de mullas e se foy a Santarem veer el·rey como estava e pera lhe pedir licença pera hir aa jeẽte que andava na Beira. E, chegando ao porto do Tejo per onde passam pera Santarem, antre Santa Maria de Palhaaes e Sancta 20

1 *primeyra*: primera *AB*.
3 *en·tregoa*: admitimos haver aqui um tratamento da preposição como proclítica, no que coincidem *A* e *B*. Cf. *en·cima*, que ocorre com frequência (5.16, 14.5, 25.19, etc.).
4 *o condestabre*: E o condestabre *A* o condeestabre *B*.
7-8 *espicialmente*: ⁊ espicialmente *AB*.
9 *vinham*: vinhaã *B*.
14 *viinham*: vinham *B*.
17 *e se*: se *AB*.
18 *aa*: a *B*.
20 *Palhaaes*: palhaães *AB*.

Eyrea, el·rey o veeo receber e quando o el·rey abraçou, porque o achou armado de cota e de braçaaes, ouve·o em sabor e disse: «Ora posso eu dizer que este he o primeiro homem d·armas que eu em esta terra vy». E esteve o conde estabre com el·rey cinquo dias e, porque a jeẽte dos castellaãos que vierom aa Beyra eram ja tornados pera Castella, nom lhe pedyo liçença pera hiir a ella, como trazia em cuydado. El·rey acordou de se hiir a Coymbra e desy entrar em Castella e mandou ao condestabre que se tornasse a Evora e de hy partisse com sua geẽte pera Coymbra, e o conde estabre asy o fez. E, estando el·rey em Coymbra, e o condestabre com elle, conçertando el·rey sua hyda pera entrar em Castella, lhe veeo recado de como o meestre de Santiago de Castella era entrado em Portugal per Antre Tejo e Udyana, com muyta gente, que roubarom todollos gaados da comarca de Beja e do campo d·Ourique e faziam outros muytos males e dapnos na terra. E logo el·rey ouve seu conselho de leixar a yda de Castella, pera que estava aviado, e hiir a elle, e partio logo de Coimbra, e o conde estabre com elle, e passarom o Tejo a sob Punhete por hiir per a ponte de barcas que el·rey hy mandara fazer, em a qual pasajem o condestabre aquelle dya levou muy gram trabalho, porque nunca da ponte foy partido, andando de hũa parte a outra fazendo passar toda carriagem, que era maa de passar, pella ponte, do qual trabalho, a noyte seguinte, o conde estabre foy muyto siintido. E dally se partyo el·rey com sua hoste, e o conde estabre com elle, e, ante que chegassem a Monteargil, lhe chegou recado que o mestre de Santiago de Castella soubera

---

1 *el·rey (o veeo)*: ⁊ elrey *A* elrey *B*.
3 *e*: om. *AB*.
3 *Ora posso*: raposso *B*.
14 *Udyana*: vudyana *A* vdyana *B*.
15 *gente, que*: geẽte ⁊ que *B*.
20 *per*: q̃ *B*.

parte de sua hyda e, com temor, fugira logo pera Castella, e desto el·rey foy muy anojado e esso mesmo o conde estabre e todollos da hoste. E em outro dia chegou el·rey a Arayollos, e com elle o conde estabre, a dormir. E essa noyte seguinte, seẽdo ja muyto alta noyte, mandou el·rey chamar o con- 5 destabre, que ja jazia dormindo em sua teenda, e elle se levantou logo e se foy logo honde el·rey pousava, que era de hy hum grande pedaço, e el·rey lhe disse e mostrou alguns recados que ouvera das maas maneyras que o priol do Esprital, dom Alvaro Gonçalvez Camello, seu marichal, 10 Fol. 52 r tiinha || contra seu serviço e que o queria mandar prhender, e, de feito, logo fora preso se o conde estabre nom torvara, que por elle lhe pedyo merçe. E em outro dya se foy el·rey a Evora, e com elle o conde estabre, e todavia ho priol foy logo hy preso. 15

Capitulo .lxvi. Como se el·rey partyo d·Evora e o conde estabre ficou hy, e das maneyras que teve por seu serviço

Seendo el·rey partido d·Evora depois da prisom do priol, o condestabre ficou em Evora e, veendo como avia dias que se nom fezera nenhuũa obra da parte dos portu- 20 gueses, e que estavam esfriados de bem fazer polla entrada que o meestre de Santyago fezera em este regno, pollos avivar e lhes, com ajuda de Deos, prepoer coraçoões, prepos em sua vontade de entrar em Castella. E logo pera ello mandou chamar todollos cavalleiros e escudeyros da comarca 25 que se viessem a elle com sua gente e enviou rogar ao meestre

---

3 *Arayollos*: arrayolhos *B*.
11 *prhender*: prehender *B*.
21 *esfriados*: esfuados *AB*. Não conhecemos abonação para o termo que aparece nas edições quinhentistas. A rectificação faz sentido e contribui para uma interpretação clara da frase.

d·Avis que lhe prouvesse tambem viir com sua jeẽte pera serem ambos companheiros na obra, por serviço del·rey, do que ao meestre prouve muyto, e veo logo, e forom todos juntos com o conde em Villa Viçosa. E, estando o conde
5 em Villa Viçosa, ante que o mestre chegasse mandou dar a suas trompetas e se foy a hum riisyo que está junto com o arravalde, de contra o Alandroal, com toda sua jeente armada de todas armas e os bacinetes nas cabeças e todos a cavallo e com lanças d·armas nas maãos, sem pages. E, asy armados
10 e a cavallo, os andou regendo pello ressiio, ensaiando·os pera cada hũu saber o que avia de fazer quando alguũa cousa acontecesse, porque avia muyto que nom forom em nenhuũa obra. E, o ajuntamento feyto, o conde e o mestre, com toda a outra gente, partiram de Villa Viçosa hũu dia
15 aa tarde e forom dormir a hum mato que he aquem do campo d·Elvas e em outro dia forom alojar aallem d·Elvas, ajunto com hũa torre, e hy fez o condestabre alardo e achou, per toda jeẽte d·armas, seteçentas lanças e tam poucos homens de pee que o conde foy dello maravilhado. E, o alardo feito,
20 o conde estabre concertou sua geente como avya de hiir, convem a saber, elle na avanguarda com certa gente e o meestre na rreguarda com outra certa gente. E de hy mandou certa gente de cavallo, em duas partes, que se fossem
Dez. 1397 correr deante toda a terra de Caçeres e, alem de Caçeres, tomar gaados e prisoueiros, os quaes se logo de hy partiram a fazer sua obra. E em outro dia se partyo o conde muyto cedo e passou per açerca d·Ouguella e foy esse dya || alojar Fol. 52 v
e dormir acerca de hum lugar que chamam Alboquerque, que he huũa ribeyra muyto fria, porque era no mes de dezem-
30 bro, honde toda a gente padeçerom muyto com o destem-

10 *ressiio*: rijssyo *B*.
12 *acontecesse*: actecesse *B*.
13 *nenhuũa*: nenhuña *A* nenhuũa *B*.
25 *prisoueiros*: p̃soueyros *B*.

perado frio toda a noyte. E de hy se partyo em outro dia e foy comer hũa legoa e mea aaquem de Caceres, andando ja seus corredores per o campo de Caçeres e, depois de comer, se foy a Caçeres e se pos em rrostro da villa. E per hũu caminho que vinha de hũu bõo logar chaão que chamam 5 Rroyo del Porco viinham todollos homens e molheres que hy moravam, com suas crianças e algos, pera se acolherem a Caçeres, e o conde mandou a elles e forom tomados todos, que poucos delles escaparom. E o conde se chegou mays acerca da villa e sayrom della xxx ou xl de cavallo e o conde 10 mandou a elles xxx, e da villa recreceo muyta gente, em tanto que queriam chegar aa carriajem que hya per acerca da villa e entom o conde leixou a bandeyra e se foy mays adiante com muy poucos ataa bem junto com o arravalde e entom se fez hy hũa mui fermosa escaramuça em que muytos forom 15 feridos de hũa parte e da outra. E todavia os castellaãos, per força e maao seu grado, se lançarom no arravalde, que era fortemente apalancado, bradando os castellaãos de dentro contra o conde: «Nom vos valeo vosso madrugar, Nuno Madruga». E, achegada a noite, o conde asentou seu arrayal 20 junto com a villa e de noyte vierom parte dos que eram hidos a correr e trouverom muytos prisoueiros e gaados e bestas. E em outro dya foy ho arravalde entrado per força e queimado, e vierom todollos corredores que ainda la ficarom e trouverom muytos mais prisoueiros e gados e 25 bestas. E este dia, depoys de comer, se partyo o conde de Caceres caminho dell Rroy dell Porco e foy aquella noyte alojar e dormir em hũu soveral que he antre os lugares de

---

9 *se*: om. *B*.
14 *junto*: jũtou *A* jũto *B*.
22 e 25 *prisoueiros*: presoueyros *B*.
23 *bestas*: beestas *AB*.
25-26 *gados e bestas*: gaados e beestas *B*.
27 *dell Rroy dell Porco*: d'l rroyo dell porco *B*.

Caçeres e del Roy del Porco. E esta noyte, antre lobo e cam, vierom a elle, ao soveral honde pousava, dez escudeiros castellaãos que pareciam homens de bem, sem avendo delle seguro nenhũu pera hy poderem viir, e falarom ao conde,
5 e elle os recebeo bem e lhes preguntou que homens eram, e elles lhe responderom que eram daquelle regno de Castella, e o conde lhes disse como eram ousados a viir assy sem seguro e elles responderam que, em atrivimento de sua grande bondade e muytas virtudes que Deos em elle posera,
10 lhes fezera aver tal ousadia. E entom lhes preguntou o condestabre que, poys asy era, que era o que lhes prazia e elles diserom que nom outra cousa senom vee·llo, como ja tiinham visto. E o condestabre lhes mandou dar de çeear e elles nom quiseram çear e foron·se. E deste mesmo || logar Fol. 53 r
15 aquella noyte mandou o conde certa geẽte aas Garromilhas e aa barca d·Alcantara, aaquella comarca a correr e partirom·se logo e tomaram muytos prisoueyros e muitos gaados, e nom se contentarom desto e roubarom hũa ygreja, que per o conde estabre era muyto defeso. E, antre as cousas
20 que da ygreja tomarom, foy hũa caldeyra, que foy aazo, por asy prazer a Deos, de logo aver seu guallardom do mal que fezerom na ygreja, e foy per esta guisa: jazendo com seu roubo que traziam pera o arrayal, a noyte seguinte, hũu delles atou a caldeyra que da ygreja fora tomada em huũa
25 corda em que tinha a besta presa e soltou·se a besta, de noyte, donde estava presa, e levou a caldeyra apos sy e, com o arroydo da caldeira, lhe fogirom as bestas todas e

---

1 *del Roy del Porco*: del rroyo d'l porco *B*.
8 *seguro*: segura *A* seguro *B*. Cf. l. 4 e 180.20.
9 *posera*: pousera *B*.
13 *çeear*: cear *B*.
21 *por asy prazer a Deos* entre parênteses em *B*.
25 *besta*: beesta *B*.
27 *bestas*: beestas *B*.

perderom·se·lhe muytos cavallos, que nunca os depois acharom nem ouveram, o que devia ser grande enxempro aos que na guerra andam, nunca fazerem nojo em nẽhũa ygreja, ante as honrrarem muyto e fazerem guardar. E em outro dia chegou o conde estabre com sua hoste a Rroyo del Porco, 5 honde todollos da hoste acharom asaz de mantimentos e forom hy muy viçosos. E hi vierom todollos que forom a correr aas Garromilhas, com seu roubo de muytos prisoueyros e muytos gaados. E o condestabre mandou soltar todollas molheres de Castella que eram presas no arrayal, que nom 10 ficou nenhũa, e as mandou poer em salvo, e partyo·se del Roio del Porco e veo·se a Portugal e passou per Valença sem achando hy algum embargo. E de hy se foi a Aramenha, ajunto com Marvam, honde mandou repartir toda a cavalgada de prisoueiros e gaados e bestas per toda a gente, sem tomando 15 pera sy nẽhũa cousa. E de hy se foy a Portalegre e o meestre d·Avis pera sua terra, e de Portalegre se foy o condestabre a Villa Vyçosa, honde por entom estava sua madre e sua filha.

ℭ *Capitulo .lxvii. Como o conde estabre adoeçeo e foy muy doente tres meses*

Mar. Maio 1398

Depoys desto a poucos dias, estando o condestabre em Evora, prouve a Deos d·adoeçer de hũa door que lhe durou tres meses, teendo ja postas suas frontarias per toda a terra, por a qual razom escripveo a el·rey por feyto do

---

2 *enxempro*: exempro *B*.
10 *presas*: presa *A* presas *B*.
11-12 *del Roio del Porco*: del rijo del Porco *A* d'l rroyo d'l porco *B*.
12 *per*: por *B*.
13 *a Aramenha*: aarramenha *B*.
15 *bestas*: beestas *AB*.

regimento e guarda da terra em que elle nom podia poer
mahão por sua door. E el·rey lhe respondeo que a Deos
prazeria elle guarecer toste e que, em caso que ora fosse
doente, que Deos por sua mercee e por seus bons mereci-
5 mentos guardaria a terra, e que elle esto muyto lho guardecia,
pero que olhasse por saude e doutra cousa || nom curasse. Fol. 53 v
E, seendo o conde estabre asy doente e sua door cada dya
mais crecendo, per conselho de fisicos se foy d·Evora a
Lixbõa, honde esteve muytos dias sem melhorar nenhũa
10 cousa. E o que o pyor trazia era humor menenconico que
delle era senhorado, de guisa que lhe privava o comer e
afeiçom dos homens, que os nom podia veer, espicialmente
homens que traziam cartas, e era tam anojado como os vya
que, posto que estevesse alivado e ainda em pee, logo era
15 em terra e a quentura com elle. E em tanto, per conselho
de sua madre e dos fisicos, o oficio de Gill Ayras, seu escripvam
da puridade, nom era outro senom guardar que nenhum
homem nom chegasse a elle a lhe falar, espicialmente com
cartas. E todollas cartas que lhe vinham Gil Ayras tomava
20 em sy e guardava, e escripvia aaquelles que lhas enviavam
os termos em que o conde era de sua door, por que lhes nom
podia responder, mais que mandassem requerer as repostas
depoys que fosse são, e entom as averiam. De Lixboa
se partio o conde estabre, asy maltratado e enfermo, e se
25 foy Antre Tejo e Udiana em andas, e chegou a Palmela e hy
foy fora tanto de seu poder que nom pôde hir mais por
diante. E per conselho o levarom a Alfarrara, que he lugar
mui saboroso e em que ha muitas auguas e arvores, hindo

---

10 *o que o pyor*: o q̃ o pyor o *A* o q̃ pyor o *B*. Preferimos a ordem que se vê frequentemente em *A*.
16 *o*: om. *B*.
20 *aaquelles*: aaq̃llhes *A* a aq̃lles *B*.
21 *conde*: çõde *A* cõde *B*.
22 *repostas*: respostas *B*.

hy com elle sua madre e sua filha. E, chegando a Alfarrara, decerom·no das andas em que hya, à porta de huũa muy fermosa e bem asentada quintaa honde avia de pousar, em que avia muytas arvores e augua, ledo e alivado que parecia ser saão. E, ante que entrasse per a porta da quintaa, 5 sobrechegarom hy certos homens bõos, ricos e honrrados de Setuval, antre os quaes era hũu honrrado homem que chamavam Affonsso Anes d·Evora, e Lourenç·Eanes Cordovill, que era homẽe honrrado e muy grosso, e Gomez Annes de Montemoor e outros, ataa sete ou oyto, dos milhores 10 e mays honrrados da villa de Setuval, e falaron·lhe todos com grande sabor e lidiçe, dizendo·lhe que o mantevesse Deos e lhe acrecentasse os dias da vida e lhe desse boa saude, e outras rrazoões boas que os homens dizem aos senhores que amam. E elle os recebeo muyto bem e com ledo geesto, 15 mostrando que folgava com sua vista, como, de feito, folgava, e, entrando pera sua pousada, os homens bõos se espediram delle e elle os enviou em bo·ora. E, hiindo per hũu alpender que era à entrada da quintaa, o Lourenç·Eanes Cordovill, que ja dell era espedido, lhe falou de fora, dizendo: «Senhor, 20 seja vossa merçee que sempre ajaes em vossa encomenda a villa de Setuvall, que he pera vosso serviço, e vos lembrees sempre della». E o conde estabre, como esto ouvio, foy Fol. 54 r logo em elle tam grande sanha e tam grande || queentura que pareçia que queria morrer. E asy o levarom sobraçado 25 honde avia de comer, teendo ja a mesa posta, e em nenhũa

---

1 *Alfarrara*: alfarrare *A* alfarrara *B*.

11 *honrrados*: hõrrada *B*.

12 *mantevesse*: manteuessa *A* mãteuesse *B*.

15 *com ledo geesto*: tam/tã ledo geesto *AB*. A sequência não permite ligar esta expressão ao gerúndio que se lhe segue, o que também explica a pontuação que adoptámos. A expressão aparece, igual, em 131.23-24. Cf. outras idênticas, em 67.14 e 132.17-18.

21 *vossa ... vossa*: vosso ... vosso *B*.

guisa nom se queria assentar pera comer, estando todo amarello e enfyado que parecia finado. E a madre, com grande afriçom e doo grande que delle avia, se achegou a elle e, assy ella como os outros que hy estavam o rogarom
5 tanto que, com grande fraqueza e sem vontade, se assentou aa mesa e foy·lhe dada a augua aas maãos e trouverom·lhe hũa iguaria de passaras assadas. E sua filha começou de cortar ante elle e a madre avanava com hum avano e, porem, elle nom comia nem queria comer nenhuũa cousa. A madre
10 lhe pedya por mercee que, por Deos, comesse, e elle lhe respondeo que nom comeria, ca nom podia comer, que aquelle villão inchado que lhe fallara de Setuval, em lhe dar carrego de Setuval, o matara. E Gill Ayras, seu escripvam da poridade, que hy estava, lhe fallou em ora que nom devera,
15 dizendo: «Senhor, nom devees seer anojado da vista daquelles homẽes que vos vierom veer por lhes pesar de vosso mall, pollo grande amor que sempre vos ouverom e ham. E nom vos despraza polla pallavra que vos Lourenç·Eanes Cordovil disse, ca bem sabees que sempre foy muyto vosso servidor,
20 polla qual cousa ouve atrivimento de vos fallar naquello mais que os outros, nem a pallavra nom foy tal per que vos asy ajaaes d·afortunar». E ainda Gill Ayras esto nom acabava quando o conde, muy sanhudamente, como homem que era fora de seu poder, disse: «Mays pollo que o villão

---

4 *ella*: elle *A* ella *B*. O pronome refere-se à mãe do Condestável. A sequência da frase autoriza esta interpretação, visto que o pronome não pode referir-se ao Condestável nem há outro sujeito masculino próximo a que possa referir-se.

13 *escripvam*: escriuã *B*.

14 *fallou*: falhou *B*.

19 *sabees*: sabeẽs *AB*.

22 *ajaaes*: ajaães *AB*.

24 *disse*: om. *AB*. A necessidade do verbo é justificada por não haver no texto outros casos de omissão do predicado na introdução de discursos directos.

disse, elle mereçera bem duas duzeas de pancadas, e se vós, Gill Ayras, amarades minha vida e minha saude, logo lhas vós derees, mas por esto verees que me amavees pouco». E destas pallavras foy Gill Ayras muy espantado e ficou muy fora de sy, e nom sabia que disesse, porque via o conde 5 fallar em cousas que nom eram de sua natureza, e desy pollo veer muyto doente, pero veo·lhe a falar em esta guisa: «E como, senhor, tam anojado fostes da pallavra daquelle gordo? Se eu tanto soubera, eu lho pagara logo, e, se vossa mercee for, ainda o posso fazer, ca elles nom podem hiir tam longe 10 que os eu nom alcance». Como esto disse Gill Ayras, o conde esforçou logo e disse contra elle que tarde lhe semelharia veer tall prazer. E Gill Ayras, mostrando que o queria logo meter em obra, tomou logo hũu pao perante o conde e sayo per a porta e sayu·se fora. E os homẽes 15 bõos estavam ainda aguardando Gill Ayras pera lhe preguntar se poderiam fallar aa tarde ao conde e, como Gill Ayras sayu, elles o preguntaram por aquello por que o aguardavam e elle disse que se fossem em bo·ora, que elle estava tam doente que por esse dia nom lhe poderiam fallar, e entom 20 se forom. E, como passarom, || Gill Ayras arregaçou as (Fol. 54 v) mangas do sayo que levava, com seu pao na maão, e foy rriigo pera o conde honde estava, asy como afrontado, e, como polla porta entrou, disse: «Ora, senhor, ora quero eu veer como vós comees e tomaes prazer, ca ja vos eu vinguey 25 do villão gordo que vos tanto anojou». «E como que lhe fezestes?». E Gill Ayras lhe disse asy em sabor: «Diga·vo·llo este pao que eu trago, com que lhe dey muytas pancadas ataa que cansey, e ainda com esto elle nom vay muy limpo, ca com os couçes ho emburilhey em hum rego d·augua, 30

---

15 *fora*: foro *B.*
16-17 *preguntar*: perguntar *B.*
20 *dia*: dyo *B.*

que todo vay enxudrado como porco». «He esso verdade?» disse o conde, e Gill Ayras lhe afirmou que sy. E, dito esto, logo esa ora o conde estabre pareceo ser saão e começou de comer, e beveo hũa vez sobre o comer e começou de entristicer e viinr·lhe a queẽtura, e ainda malldizer sua ventura, dizendo que ora elle fosse morto e outras muitas pallavras de gram door, e esto com as lagrimas nos olhos, nom comendo nẽhũa cousa. E quando Gill Ayras esto ouviu ficou muyto mays espantado do que antes fora, e disse contra o conde: «E que he esso, senhor, que avees?». E o conde lhe respondeu: «Oo Gill Ayras, e nom vedes vós que a mym mays compria a morte que vós fazerdes o que fezestes contra aquelle homem bõo?». E Gill Ayras cuydou que o queria provar e nom lhe quis logo dizer o certo, mays dise·lhe asy: «E como, senhor, pollo que lhe eu fiiz per vosso mandado pollo nojo que vos elle fez, tomaaes vós tal cuydado? Parece·me que o nom devies de fazer». E o conde respondeo: «Ora prouvesse a Deos que, de quanta terra me a my Deos e meu senhor el·rey á feyta mercee, eu nom tevese nenhũa cousa, e tal cousa nom fosse feita». E, quando Gil Ayras siintyo que todo aquello que elle mostrava era asy como dizia, veeo·lhe a dizer em esta guisa: «Vós, senhor, tomaes grande nojo por aquello que me mandastes fazer a Lourenç·Eanes e ainda culpades a mym, segundo parece, por fazer vosso mandado. Ora vos certifico que eu nom lhe fiz nenhũa cousa, nem Deos nom quisesse, ante lhe faley da vossa parte as milhores pallavras que pude, e se forom muy ledos pera suas casas sem sabendo de vosso nojo nenhũa cousa». E, quando o condestabre esto ouvio, outra vez preguntou a Gill Ayras se era asy como dizia, e Gil Ayras

---

1 *He*: E *A* He *B*.
10 *avees*: aueẽs *AB*.
16 *tomaaes*: tomaães *AB*.
21 *aquello que*: aq̃llo *A* aq̃llo q̃ *B*.

lhe afirmou que sy. Desto foy o conde tam ledo que mays nom podia seer, e logo se alevantou e foy folgar per hum pomar da quintaa, per huu corriia muyta augua. E, sem embargo de todo este pasado, a door tornou a elle e lhe crecia cada vez mays. El·rey lhe mandou os seus fisicos 5 e hum delles prouve a Deos de lhe conhecer a door e o curou della em tal guisa que, com ajuda de Deos, começou de melhorar. E, como se bem siintyo, logo emcaminhou pera Fol. 55 r || Evora, honde tinha a vontade, e foy·se a Setuval e dy em barcas a Alcaçer. E, indo per o mar pera Aalcaçer, recreceo 10 tal tormenta que foy forçado tirarem·no a terra emquanto a tormenta durou. E, como em terra foy, porque levava vontade de entrar em Castella, pero que sintya em seu corpo grande fraqueza, apartou·se do lugar honde estava, soo com hum moço da camara, e alongou·se hũu pedaço e tirou de 15 hũu cuytello e começou de cortar per o mato e arvores que achava, provando em sy se achava aquella força pera soportar o trabalho das armas pera a entrada de Castella que queria fazer, e achou que sy, de que foy muy ledo. E entrou em sua barca e foy·se a Alcaçer e de hy a Evora. 20

℄ *Capitulo .lxviii. Como o conde estabre chegou a Evora e mandou logo chamar as geentes pera entrarem em Castella, como dias avia que tiinha em vontade*

Tanto que o conde estabre foy em Evora, desejando de entrar em Castella, como avia cuydado, enviou suas Jun. 1398

---

7 *começou*: começo *AB*.

8 *emcaminhou*: em caminho *A*. Na composição de *B* há um erro na transição de página, lendo-se textualmente: *em cami = ||euora*.

15 *alongou·se*: alangouse *B*.

23 *vontade*: vontode *B*.

25 *enviou*: E/e enuiou *AB*. A copulativa é, neste caso, despropositada: *Tanto que ... foy em Evora ... enviou ...*

cartas ao meestre de Santiago, dom Meẽ Rodriguez de Vasconçellos, e a dom Lourenç·Estevez, teente da Hordem do Sprital, que depois foy priol, e ao almirante e a todollos outros capitães d·Antre Tejo e Udiana e do rreyno do Algarve
5 e parte da Estremadura de como, por serviço del·rey, entendia de entrar em Castella, e que lhes rogava que se viessem cada hum com sua gente, pera todos serem companheiros na obra. E, teendo sobre esto mandados seus recados que lhe viesse a gente, lhe vierom novas certas que o meestre
10 de Santiago de Castella tiinha juntas duas mill lanças e oytoçentos ginetes e muytos beesteiros e pioões, e que queria entrar per Antre Tejo e Udyana. E, como taes novas ouve
17 Jun. 1398 e foy certo que era verdade, logo escripveo ao meestre hũa carta em esta maneira que se adiante segue: «¶ Senhor
15 amigo, Nun·Alvrez Pereyra, conde de Barcellos e d·Ourem e d·Arrayollos e conde estabre por meu senhor el·rey de Portugall e seu moordomo moor, me envio encomendar em vossa graça. Faço·vos saber que a mym foy dito que vós teendes feito vosso ajuntamento de vossa gente pera me viir
20 buscar, e fazer mal e dapno em esta terra de meu senhor el·rey, de cuja guarda eu tenho carrego, e saberdes que me prouve e praz serdes asy prestes, como dizem que sodes, porque dias ha que esta mesma vontade tiinha eu de vos hyr buscar honde quer que fossees, e fuy torvado por seer
25 doente algum tempo. E porque, a Deos graças, eu som ja em bõo ponto de minha saude e muyto prestes pera hiir asy de vontade, co||mo da geente que ja comigo tinha e tenho junta, e porque outrosy esta terra he muyto queẽte, e por vos escusar de trabalho, vos rogo quanto posso que Fol. 55 v
30 vos soffrades e nom curees de viir trabalhar, porque, prazendo a Deos, eu entendo de seer honde quer que vós fordes,

1-2 *Vasconçellos*: Vasco conçelhos/cõçelhos *AB*.
6 *em Castella*: encastella *B*.
17 *envio*: enuiou *A* enuio *B*.

tam toste e mais do que vós podees viir. E por vos, emtanto, avisardes dalgũas cousas que vos pera esto mais comprem, vo·llo faço saber. Escripta em Evora, dez e sete dias do mes de junho». Esta carta enviou ho condestabre ao meestre per hum seu meço da estribeyra. E o mestre nom lhe 5 respondeo per carta, senom disse ao moço, per pallavra, que dissesse ao conde estabre que fosse quando quisesse, sem mais pallavras. Com o condestabre foy junta em Estremoz toda a jeẽte que mandou chamar e logo partio pera Castella e o primeyro dya foy alojar com sua hoste a Udyana, 10 honde esteve hũa noyte e hum dia, e fez hy alardo da jeente que levava e achou que eram, per todos, mil e oytocentas lanças e duzentos ginetes e trezentos beesteiros de cavallo e cinquo mill homens, antre beesteyros e pyões. E aqui repartyo suas batalhas e como aviam de hiir, convem a 15 saber, elle na avanguarda e com elle o teente dom Lourenç·Estevez de Goyos, com certa gente, e o meestre de Santiago na reguarda e o almirante, com çerta gente, em hũa das allas e Martym Afonso de Meello, com outros capitaães e certa gente, em na outra alla. E asy, com sua 20 ordenança, levou seu camĩho pera Castella per aquella comarca onde o mestre estava. Porque a jeente dos castellaãos era muyta, pella terra vinham muytos olhar a oste

---

1 *podees*: podeẽs *AB*.

2 *que*: se *AB*. Tenha-se em atenção a forma verbal que se segue (indicativo presente).

5 *moço*: moco *A* moço *B*.

9 *pera*: *p A* *pa B*. Há uma correcção manual em *A*, na entrelinha, o que não sucede no exemplar da BGUC.

10 *primeyro*: p'meyra *B*.

15 *batalhas*: batalbas *B*.

17 *Goyos*: goyõs *AB*. Este apelido aparece com a forma «Goyos» (sem til) em 184.11 e 21, e ainda em Fernão Lopes, *Crónica de D. João I*, 2.ª parte, cap. CLXIII, p. 343.

21 *camĩho*: caminho *B*.

de longe e punham muytos fogos per toda a terra por tolher
1 Jun. 1398 os mantimentos. E hum sabado, vespera da Triindade, per huũa muy grande e destemperada calma, hyndo o condestabre com sua hoste seu caminho, hyndo Martym Afonsso
5 de Mello, que levava alla dereyta, alongado da hoste, ho meestre de Santiago a vinha olhar e seus ginetes vinham diante, e Martym Afonsso correo empos elles ataa em ençarrar·llos honde o meestre estava mirando de muy longe e tornou·se pera sua alla. E este dia chegou o condestabre
10 com sua hoste a comer a hum lugar que chamavam Villa Alva, que era de Gomez Soares, filho do meestre de Santiago, honde estavam asaz de gentes. E, como o condestabre chegou e se o arrayall começou de asentar, a gente da hoste começou de arramar e segar deses paães que hy estavam,
15 e foy hy feyta grande escaramuça antre os que segavam os paães e os da villa, em que forom mortos e feridos çertos homens da huũa parte e da outra, e os corredores da oste que detras ficarom trouverom muytos prisoueiros e muytos gaados da Fonte do Meestre. E, an||te que o condestabre Fol. 56 r
20 comesse, seendo assentado em hũu almafreixe, armado como vinha de caminho, emquanto lhe faziam de comer e lhe armavam as teẽdas, chegou a elle hũu trompeta do meestre de Santiago de Castella com seu recado, ho qual lhe disse per pallavra em esta guisa: «Senhor, ho meestre de Santiago,
25 meu senhor, e o mestre da Quellatrava e dom Pero Ponço e outros senhores capitães e cavalleiros que com elles estam ally na Feira, que daqui he hũa legoa e meea, vos enviam dizer que vos façaes prestes de batalha e que vos percebaes pera ella, ca elles prestes som». O condestabre lhe respondeo
30 ledamente que fosse bemviindo com taes novas, com que elle era muyto ledo, e mandou logo chamar dous seus trom-

5 *alla* (= a ala); aalla *B.*
15 *segavam*: seguauã *B.*
18 *prisoueiros*: presoueyros *B.*

petas e encomendou·lhe aquelle trompeta, que o levassem
e apousentassem consiigo e pensassem del muy bem, e enco-
mendou logo em segredo a seu veedor que lhes enviasse em
abastança todallas cousas que mester ouvessem. E, tanto que
o trompeta se foy apousentar, elle enviou chamar o mestre 5
e o teente e o almirante e os outros capitaães e cavalleiros,
e fallou com elles o recado que o mestre e os outros senhores
lhe enviarom, e todos dello forom muy ledos, e logo o conde
estabre acordou com elles que folgassem o dya seguinte,
que era domiingo da Triindade, e que aa segunda feyra 2 Jun. 1398
partissem pera a batalha. E sem mais tardar mandou dizer
ao meestre e aos outros senhores, per hũu bõo escudeyro
a que chamavam Joham Estevez Correa, que lhes guardecia
muyto o recado que lhe enviarom per aquelle trompeta e,
por nom serem detheudos, que, a prazer de Deos, elle seria 15
com elles aa segunda feira seguinte. Com este recado se
partio o escudeiro e a trompeta, e ao trompeta mandou
dar o condestabre de veestir e dinheiros, e levou o recado.
E ao domingo aa tarde veeo muy loução, com hũa opa forrada
de pena gris, o escudeiro, que ho meestre lhe dera, com hũa 20
vieyra dourada no peyto, e disse ao conde que o meestre
mostrava que folgara muyto com o recado que lhe levara
e que lhe enviava dizer que elles prestes eram, porem disse
ao conde que elles se mexiam antre sy quando lhe disse seu
recado. Ao dia da Triindade folgou o condestabre em 25
Villa Alva com sua hoste e à segunda feira seguinte, depois 3 Jun. 1398
de missas, partyo com sua oste pera açerca do castello da
Feyra, onde o meestre e os outros estavam pera lhe poer

---

4 *mester*: meestre *B*.
5 *o (trompeta)*: a *B*.
14 *enviarom*: eniarõ *A* ẽuiarom *B*.
19 *loução*: louçã *B*.
20 *que* refere-se à opa, na l. anterior.
23 *disse*: q̃ disse *A* disse *B*.
26 *Villa Alva*: villa elua *B*.

batalha. E esse dia forom feitas bõas escaramuças antre os da oste e os castellaãos que deçiam a fundo do alto honde estavam, em as quaes Martim Afonsso de Meello aquelle dia andou muy bõo cavalleiro, de guisa que os castellaãos
5 eram tam sintidos delle que o nom ousavam d·atender e fugiam·lhe de bõa || vontade. E este dya falou o conde com Fol. 56 v
todollos capitaães da sua hoste a maneyra que ouvessem de teer em outro dia na batalha, segundo avia em custume de o fazer. O meestre nem suas geentes nom quiseram
10 aquelle dya deçer da grande e alta serra em que estavam,
4 Jun. 1398 junto com o castello da Feyra. E no outro dia, que era terça feyra, pella manhãa, o condestabre conçertou suas batalhas segundo o tinha ordenado que ouvessem de hyr, em hũu fermoso campo em rostro donde o mestre e os outros
15 senhores estavam, em hũu cabeço alto da serra, teendo que elles decessem logo do outeyro da serra a elle, e elles nom quiserom deçeer, ante se acostavam mais acima, acerqua do castello da Feira. E, veendo o condestabre como rrefusavam a batalha e nom queryam a ella viir como quer que estavam
20 naquella grande altura, encaminhou pera elles com suas batalhas e, asy pee terra como estavam, chegou ao pee do monte, honde lhe o meestre enviou dizer que lhe rogava e pedya que o nom quisesse mais desonrrar, que asaz eram encornelhados, e se tornasse pera sua terra como honrrado
25 e vallente cavalleyro. E, veendo o condestabre que lhe refusavam a batalha e lhe nom queriam a ella viir, e como elle a elles nom podia hyr pollo muy alto e forte logar em que estavam, partiu·se com sua oste por diante e chegou a Çaffra e ally se apousentou aquelle dia. Ante que a Çaffra
30 chegasse, Gonçallo Anes d·Abreu, que hũa das allas levava com outros, correo apos duzentas lanças dos castellaãos que

2 *fundo*: fõdo *AB*.
4 *andou*: ando *A* andou *B*.
21 *chegou*: ⁊ chegou *A* chegou *B*.

vinham olhar a oste hũa grande legoa, que o nom ousavam d·atender, pero levavam pouca gente. Aquelle dya, seendo ja o condestabre com sua hoste apousentado em Çaffra, se recreceo no arrayall muy grande arroydo, à hũa pollos muytos e bõos vinhos que as gentes hy acharom, e à outra porque 5 Afonsso Pirez Sarrazinho levantou arroydo no arrayall com outros, no qual arroydo foy grande volta e juntos muytos homens. E foy tam grande que o conde estabre sayo da tenda com hũu mantom en·çima de sy sem outra cousa e asy chegou honde a volta era, com peça de homens que ja 10 hyam com elle. E a outra gente do arrayall que eram fora do arroydo, quando ally viram o conde asy andar, cuydarom que o arroydo era contra elle e todos a gram pressa recudyram, assy homens d·armas como de pee e, como chegavam, todos lançavam as espadas fora das vainhas e traziam·nas ale- 15 vantadas nuas sobre a cabeça do conde pollo guardar. E asy o traziam antre sy apertado que o conde perdeo o mantom e ficou em jubom, e asy andou hum espaço ataa que as gentes souberam e entenderom o que era, e assy cessou a volta. E o conde, e todollas gentes com elle, se foy pera 20 Fol. 57 r || sua tenda e entom mandou o conde tirar emquiriçom como e per quem se alevantara ho arroydo e achou certamente que per Afonsso Pirez Sarrazinho, e logo contra elle quisera proceder asperamente, e, a rogo de alguns grandes que por elle rogarom, cessou e, porem, degradou·o por çerto tempo 25 deste lugar de Çaffra. Aquelle mesmo dya que ally chegou mandou o conde hir diante certa gente a correr e elle partiu·se em outro dia de Çaffra a Burguilhos hũa quarta feira, 5 Jun. 1398 vespera do Corpo de Deos. E, estando no lugar de Burguilhos, a essa sazom seteçentas lanças de castellaãos, de 30 bõos cavalleiros e escudeiros, hy chegarom. E ao dia

---

11 *a*: om. *B*.

12 *arroydo*: orroydo *A* arroydo *B*. Cf. 74.18 e 29, 160.27 e nesta página l. 4.

6 Jun. 1398 seguinte, do Corpo de Deos, teve hy o conde estabre sua festa, andando em precissom pello arayal todos e em grande regimento tam honrradamente como de se fazer em hũa grande çidade, do que os castellãos aviam grande despeito e eram
5 quebrantados, dizendo que aquello era grande mal e vergonha de Castella, e que o conde estabre nom fazia aquello senom por desonrra e menospreço de Castella. E, depois que asi o Corpo de Deos com precissom andou pollo real, Martym Afonsso de Mello, que era hũu daquelles que o dya d·ante
10 fora à fforajem, viinha de sua forajem e os castellaãos que estavam na villa sayrom a elle, da qual cousa o condestabre soube parte e sayo logo do arrayal por acorrer a Martim Afonsso. E acerca do arravalde de Burguillos foy feita hũa escaramuça em que foy Gonçal·Eanes d·Abreu e Gomez
15 Gracya de Foyos e outros, da parte do arayal, e os castellaãos da parte da villa, a qual escaramuça durou grande espaço e forom hy alguns feridos da hũa parte e da outra, antre os quaes foy ferido Gonçall·Eanes de hũu viratom e Gomez Guarçia de hũa lança que lhe foy remessada e falsou·lhe
7 Jun. 1398 hũas solhas que trazia, per antre lamina e lamiina. E em outro dya se partyo o condestabre de Burguilhos e foy per açerca d·Enxarez, estando ja hy o mestre de Santiago com toda sua geente, que se viera da Feira, honde estava quando nom quis viinr aa batalha, sem sayndo a elle nenhũu.
25 E quando o conde estabre vyo que estava d·asessego na
8 Jun. 1398 villa e nom queria sayr, foy·se seu caminho e foy alojar acerca de Villa Nova de Barcarota. E outro dia passou per Villa Nova e foy alojar acerca do estremo antre Villa Nova e

---

9 *Mello*: merlo *A* mello *B*. Cf. 176.28, 177.18, 188.30.

13 *Burguillos*: burguilhos *B*. Não obstante aparecer *Burguilhos* em 173.28, e nesta página, l. 21, aceitamos a forma *Burguillos* como variante gráfica, aliás coincidente com a forma castelhana correcta.

14 *Gonçal·Eanes*: gonçaleñs *B*.

27 *acerca*: acerça *A* acerca *B*.

Olivença, e hy veeo recado que o meestre queria hiir a elle, por a qual rrazom ho aguardou hy tres dyas, e ainda o aguardara mais, senom que lhe veeo em outro dia recado que o meestre nom queria viinr e que derramara ja sua geente. E entom se partyo e se foy a Olivença e de hy a Villa Viçosa, honde sua madre e sua filha estavam, e de hy aa cidade d'Evora, e de hy mandou poer suas frontarias || per a comarca por guarda della e, postas as frontarias, se foy a Montemoor por hũu pouco repousar de seus trabalhos.

12 Jun. 1398

8 Jul. 1398

Fol. 57 v

ℭ *Capitulo .lxix. Dos muytos recados que vierom ao condestabre estando em Montemoor, por que foy em grande cuydado, e da maneyra que sobre ello teve* 10

Cuydando o condestabre de aver espaço de alguns dias pera espaçar em Montemoor, honde estava, estando el'rey a essa sazom sobre Tuuy, que o tinha cercado, el'rey lhe 15 mandou recado que el'rey de Castella, com todo seu poder, se vinha ao cerco honde elle estava pera lhe poer batalha, e que lhe mandava que se fosse logo pera elle com toda a jente d'Antre Tejo e Udiana. E, como o condestabre tal recado ouve, logo sem mais tardar foy a Evora pera poer 20 aguça em sua hyda. E, estando em Evora com este aficamento, lhe veeo recado da çidade de Lixboa que era hy a frota de Castella e que eram temerosos dalguns homens grandes da cidade que nom andavam dereytos no serviço del'rey, e que lhes acorresse. E apos este recado lhe veeo outro de Gonçallo Vaasquez Coutinho e de çertos lugares da Beira que o iffante dom Dinis e o conde Martym Vaasquez e o conde Joham Affonsso Pimintel, com muytas jẽetes,

Ago.? 1398

---

26 *lugares*: logares *B*.

eram entrados naquella comarca da Beyra e que o iffante
dom Donis se viinha chamando rey de Portugal, e que lhes
acorresse, se nom que a terra era estroida. E da outra parte
lhe veeo recado que ho mestre de Santiago de Castella juntava
5 gente muyta pera todavia entrar em Portugal a se vingar da
desonrra que lhe fora feyta, pollos quaes recados e por asy
serem fortes e desviados, era em grande cuydado sobejo,
e ainda o era muyto mais porque nom tiinha nẽhuns dinheiros
del·rey nem seus, per que podesse pagar nẽhum soldo aa gente.
10 E fallou sobre ello com Johane Anes, almoxariffe del·rey em
Evora, e o almoxariffe, com seu aficamento, lhe acorreo com
hũus poucos de dinheiros que dizia que tiinha seus e outros
del·rey que pera outra cousa tiinha apartados. E, avudos
os dinheiros, ouve conselho de leixar todollos outros recados
15 que lhe vierom e se hiir todavia buscar o iffante dom Donis,
e esto por entender que, se a Deos prouvesse de o desbaratar,
que se hyria logo seu caminho a Tuuy, honde o el·rey mandara
chamar. Deste conselho refusarom muytos grandes que hy
estavam, dizendo que o conde queria o que Deos nom queria,
20 em cada hum dya lhe dar trabalhos e perseguyções com
muy poucas merçees, e que lhe nom avondava cada dya
guastá·llos corpos em grandes trabalhos e ainda guasta-
rem || os bẽes que lhes el·rey nem elle nom deram, e outras Fol. 58 r
muytas pallavras semelhantes em que bem mostravam que
25 aviam pouca vontade de hiir com o conde buscar o iffante
dom Donys, da quall cousa o condestabre foy fortemente
anojado e logo se levantou do conselho e cavalgou e se foy
afora da cidade folgar, e Martym Afonsso de Meello com elle.
E, andando o condestabre fora da cidade folgando, e Martym

---

2 *Donis*: dinis *B*.
15 *Donis*: denis *B*.
17 *honde o*: hõde *A* o hõde o *B*.
22 *trabalhos*: trabolhos *A* trabalhos *B*.
25 *de*: om. *AB*. O uso da preposição é abonado por 17.27.

Afonsso com elle, Martym Afonsso disse contra o conde: «Senhor, vós soes anojado do que aquelles cavalleiros disseram em vosso conselho por torvar vossa yda, e por merçee nom o sejaes, mais levade vosso preposito em diante, e Deos, que vos sempre bem encaminhou, vos encaminhará agora, 5 ainda que elles nom queiram. E de mym vos digo que vos seguirey com bõa vontade com todollos meus, e, posto que eu nom aja soldo, eu o darey aos meus da minha casa». Desto foy o condestabre muy ledo, aguardecendo o conde a Martym Afonsso muyto, e abraçando·o muy cordialmente. 10 E esto que Martym Afonso disse logo foy sabudo e muytos se rependerom do que no conselho diseram porque viam bem que, por o caminho que Martym Afonsso abrira, a obra nom podia ser torvada. E logo o condestabre mandou pagar o soldo a essa jeẽte por mui poucos dias porque elle 15 tiinha poucos dinheiros, e partiu·se logo nom mais que com quinze ou vinte bacinetes, hindo com elle Martim Afonsso de Meello, e se foy ao Crato e hy recolheo toda a outra gente que apos elle hya e achou hy o prioll do Espritall, dom Alvaro Gonçalvez Camello, que nom estava bem com el·rey porque, 20 depois que fugira da prisom, nom o vira, e teve maneira de o levar consigo pera o fazer com el·rey e o rreconciliar em sua merçee. E o condestabre se partyo logo e se foy a Nisa e o prioll se foy apos elle, e forom ambos, e asy toda a outra geente, junta em Nisa. E de Nisa se partyo o condestabre, Ago. 1398 e com elle o prioll e toda a oste, e se foy a Castello Branco, honde achou rrecado çerto que o iffante dom Donis era em termo de Covilhãa, do quall elle foy muy ledo e logo, sem outro traspasso, lhe enviou hũa carta em esta guisa: «Senhor, Nun·Alvrez Pereira, conde de Barçellos e d·Ourem 30 e d·Arrayollos, e condestabre por meu senhor el·rey de Por-

15 *a*: ha *B*.
21 *vira*: vijra *B*.
30 *Nun·Alvrez*: Nunoalurez *B*.

tugall e seu moordomo moor, me encomendo em vossa graça
e merçee e vos faço saber que a mym he dito que vós sodes
viindo com muytas gentes ao regno de meu senhor el·rey a
fazer guerra e mall e dapno e, ainda o pyor que he, que per
5 honde viindes vos chamaes rey de Portugall, do que me
muyto maravilho. E parece·me que, se de vosso soo con-
selho tall nome tomastes, que o deveriades cuydar milhor,
e se vo·llo outrem conselhou, entendede que vos || nom Fol. 58 v
conselhou verdadeiramente porque, pera homem de vosso
10 estado, he cousa fea e vergonhosa. E porem eu, siintindo
muyto estas cousas que som contra o serviço del·rey meu
senhor, som viindo a esta terra por vo·llas contrariar com
ajuda de Deos. E oje este dia, aa feitura desta carta, cheguei
aqui a Castello Branco e envio·vo·llo dizer por seerdes dello
15 çerto e rogo·vos e peço·vos que nom ajaaes por nojo hum
pouco vos deteer, porque, Deos querendo, eu serey convosco
daqui a tres dias, pouco mays ou menos». E com esta carta
mandou o condestabre hũu seu criado ao iffante dom Diinys
à Coviilhãa, honde deziam que estava. E o mesajeiro que
20 a levava nom hyria duas legoas de Castello Branco quando
ao conde veeo recado, de Covilhãa e doutros lugares, que ho
iffante e a outra geente, como souberom que elle hya a elles,
que logo deerom volta e se tornaram pera Castella e que nom
avia por que mais hy trabalhar, da quall cousa, assy ao conde
25 como a todollos outros da oste, desaprouve muyto.

---

15 *ajaaes*: ajaães *AB*.
18 *Diinys*: donys *B*.
19 *deziam*: dezia *A* deziã *B*.
23 *tornaram*: tornara *A* tornarom *B*.

Capitulo .lxx. Da maneyra que o condestabre teve depois que ouve recado que o iffante dom Doniis era tornado pera Castella

Tanto que ao condestabre, a Castelo Branco, honde estava, veeo recado que o iffante dom Diinis era tornado pera Castella, hordenou pera se hiir a el·rey a Tuuy, como avia seu mandado. E de Castello Branco mandou tornar a Martim Afonsso de Mello com çerta jeente Antre Tejo e Udyana por teer carrego da guarda da terra, e o condestabre, com mil e duzentas lanças e poucos homens de pee, se foy a Covilhãa e de hy aa Guarda, honde teve conselho de hir sobre Diego Pirez, que tinha Castello Bom por el·rey de Castella, e, por algũas cousas que se seguiram, foy torvado de nom hiir alla. E daqui se partyo e se foy aa cidade de Viseu e hy lhe veeo recado certo como el·rey tomara Tuy e era tornado a sua terra e que era ja na cidade do Porto. Com as novas elle muyto folgou por el·rey ja ser em sua terra, e de Tuy, que tomara, e logo se aforrou com cinquoenta antre cavalleiros e escudeiros com cotas e braçaaes, e se foy ao Porto veer el·rey, levando consiigo o priol do Esprital, e todollas outras gentes leixou apousentadas em Viseu e seu termo. E, tanto que o condestabre chegou ao Porto, el·rey, com prazer, ho sayo a receber, e o prioll logo entom foy reconciliado na merçee del·rey, do que andava afastado.

Ago.? 1398

2 *Doniis*: Donis *B*.
3 *ao*: o *A* ao *B*.
4 *Diinis*: donys *B*.
10 *hir*: hijr *B*.
23 *merçee*: meçee *B*.

Capitulo .lxxi. Do recado que veo a el·rey ao Porto, honde estava, d·Alvaro Gonçalvez de Moura e a maneira que sobre ello mandou teer ao condestabre

Estando o condestabre com el·rey no Porto, a el·rey veeo Fol. 59 r
5 recado da villa de Moura, que entom tinha Alvaro
Gonçalvez de Moura, que estava em ponto de se perder
per aazo d·Alvaro Gonçalvez, que lhes acorresse, por a qual
razom el·rey mandou ao condestabre que se fosse logo aa
pressa Antre Tejo e Udiana e fosse cercar Moura e tomasse
10 a villa e o castello. E o conde se partyo logo e se foy a
Coymbra e mandou chamar as geẽtes que leixara em Viseu,
e de Coymbra se foy a Ourem em romaria a Sancta Maria
de Çeiça, honde lhe veeo outro rrecado del·rey a grande
pressa, que todavia se fosse com grande aguça cercar Moura
15 porque assy compria a seu serviço. E de hy se foy o condestabre a Evora e d·Evora a Portel e hy mandou chamar
Alvaro Gonçalvez de Moura que viesse a ell, e esto fazia o
condestabre por serviço del·rey seer guardado. E Alvaro
Gonçalvez, por ser cercado, nom quis viinr a chamado do
20 conde ataa que lhe enviou hũu alvara de seguro quall lho
elle enviou pidir, e per o alvara de seguro veeo e o condestabre
teve com ell tal maneyra que o serviço del·rey foy guardado
e a villa segura. E Alvaro Gonçalvez ficou com sua honrra
e de seu linhagem e nom foy cercado como fora se o conde
25 quisera. E, acabado esto, o condestabre se tornou a Evora.

4-7 Entenda-se: a el-rei veio recado ... que lhes (à vila de Moura) acorresse ...

17 *Moura*: mouura *A* moura *B*.

20 *enviou*: o sujeito é o Condestável.

21 *enviou*: o sujeito é Álvaro Gonçalves.

Capitulo .lxxii. De como, estando o condestabre em Evora, el·rey lhe mandou que se fosse a Olivença a tractar a tregoa com outros que aviam de viir da parte de Castella, e da maneira que sobre ello teve

Estando o condestabre em Evora, lhe veeo recado del·rey que lhe fazia saber que hum miiçe Anbrosiio, genoes, que antre elle e el·rey de Castella andava tractando por juntar bem, viera a elle e que trazia firmadas antre elle e el·rey de Castella tregoas por seis somanas, e que era tractado que em este tempo se fosse o condestabre a Olivença, e o bispo que entom era de Coymbra, que depois foy cardeal, com elle, e que de Castella aviam de viinr a Villa Nova o mestre de Sanctiago de Castella e Ruy Lopez d·Avillos, que depois foy condestabre, pera tractarem tregoa por mayor tempo, e que lhe mandava que se perçebesse logo pera ello. E, como o condestabre tal mandado vio del·rey, logo foy prestes e, com quinhentas lanças de bõos cavalleiros e escudeiros de sua companhia, bem guarnidos e bem encavalgados, e com elle o bispo de Coymbra, se forom a Olivença, e ho meestre e Ruy Lopez d·Avillos se vierom a Villa Nova e entom começarom seus tractos de tregoa per o dito miiçe Ambrosiio que antre el||les andava. E a primeira cousa que no tracto foy hordenada foy que o conde estabre e o bispo se vissem no estremo com o mestre de Santiago e com Rruy Lopez d·Avillos, e com elles dous cavalleiros de cada hũa parte, e que, afora os dous cavalleiros, fossem cinquoenta antre cavalleiros e escudeiros com cotas e braçaaes de cada huũa

Dez. ? 1398 | 10 | Fev. 1399 | 20 | Fol. 59 v | 25

6 e 21 *miiçe*: mijçer *B*.
14 *foy*: om. *A* foy *B*.
19 *se*: e se *AB*.
23 *foy*: om. *AB*.
25 *dous* repetido em *AB*.

parte, e fossem todos juntos em hũa ribeira duas legoas d·Olivença e duas de Villa Nova. E a hordenança quanto aa parte do condestabre foy per esta guisa e elle leixou em Olivença todas suas gentes, afora os que com elle aviam de
5 hiir, e com ellas Martym Gonçalvez do Carvalhal, seu tyo, pera se hiir pera elle se tal cousa recrecesse. E o conde estabre hya em çima de hũu cavallo ruço, grande, queymado, com cota e braçaaes e huũa jaqueta preta vestida e hum arnes de pernas de malha so huũas botas e hũu cuytello
10 solto na çinta, e o bispo e Gonçallo Anes d·Abreu e Pedr·Eanes Lobato, que avia de hiir de sua parte, asy com cotas e braçaaes, e mais cinquoenta, antre cavalleyros e escudeiros, tambem de cotas e braçaaes e espadas e dagas. E aquella ribeyra honde as fallas forom partia·se naquelle lugar em
15 duas partes e em a metade das auguas se fazia hũa ylha pequena de prado verde. E da parte de Castella viinha o meestre e Ruy Lopez e Diego Fernandez, marichal de Castella, e hũu cavalleyro da Hordem de Santiago, com cotas e braçaaes e espadas todos, e os cinquoenta cavalleyros e
20 escudeiros com cotas e braçaaes e espadas e daguas. E naquella ylha antre as augas se ajuntarom o condestabre e o bispo e Gonçall·Eanes d·Abreu e Pedr·Eanes Lobato, que da sua parte hya, e o mestre de Santiago e Ruy Lopez e Diego Fernandez, marichal, e o cavalleyro da Hordem de
25 Santiago, que eram, per todos, oyto, e os outros cinquoenta que viinham da parte de Castella viinham arredados delles hum pouco. E esso mesmo os de Portugall estavam asy afastados contra Portugall, os quaes o condestabre avisara que tevessem olho em elle e que, se vissem que antre elles

---

5 *Carvalhal*: carualhar *AB*. Cf. 6.2, 135.9, 148.19, 153.7.
13 *dagas*: adagas *B*.
15 *auguas*: augoas *B*.
20 *daguas*: adagas *B*.
21 *augas*: auguas *B*.

algũa cousa bollia, que logo acudissem. Abraçando·se o condestabre e o bispo com os outros senhores de Castella, e esso meesmo os cavalleyros hũus com os outros, começarom de falar por encaminhar seu tracto, e fallarom per grande espaço. E os cinquoenta da parte do condestabre que 5 estavam apartados tiinham olho todavia no conde, o que fazia ou queria fazer. E o conde estabre, asy como estava, a cavallo, pos a mañão seestra na ilharga, mostrando que ho Fol. 60 r fazia simprezmente, porem a sua teençam era por poer || a mañão no cuytello, como estava, e, porque o cuytello andava 10 pendurado na cinta, correo pera detras e nom ho achou, e quando o asy nom achou, foy toste com a mañão atras e correo o cuytello per a ilharga. E sua jeẽte, que em elle tiinha olho, quando lhe asy virom poer a mañão no cuytello, cuydarom que queria fazer alguũa cousa e começarom de se 15 alvoraçar pera logo ally hiirem. E o conde asessegou de mais fazer e desy olhou contra elles e asy esteverom quedos. E, acabadas as fallas, tornou·se o condestabre e a sua jeente a Olivença e mandou convidar a mayor parte dos grandes que com ho meestre e Pero Lopez viinham e feze·lhe em 20 Olivença huũa salla assaz de honrrada e muy abastada. E de hy em diante forom per seu tracto em diante e, por alguũas duvidas que se no dito tracto rrecreciam, que era forçado de fazerem saber aos reys, fezerom tregoas por mais hũu mes e entom escreverom cada hũu a seu rey e asinarom 25 termo a que tornassem a Olivença. E em tanto cada hũus se forom pera honde lhes prouve espaçar e o condestabre se foy a Villa Viçosa. E, ao termo que foy asignado, ho con- 8 Fev. 1399 destabre e os da sua parte forom juntos em Olivença e o meestre e Rruy Lopez em Villa Nova, como antes estavam, 30 e seguiram seu tracto e firmarom treegoa por nove meses, ca se nom poderom por mays conçertar. E entom se veeo

12 *mañão*: maao *A* mañão *B*.

o condestabre a Evora, honde el·rey estava, que o sayo a receber duas legoas d·Evora e entom se partyo el·rey pera Lixbõa e o condestabre se foy a Almada.

¶ *Capitollo .lxxiii. Como, estando el·rey em Lixboõa e o*
5 *condestabre em Almadaa, o prioll dom Alvaro Gonçalvez Camello se foy pera Castella, e como e por que razom el·rey ho fez saber ao condestabre*

Ao tempo que o priol dom Alvaro Gonçalvez foy preso em Evora, o condestabre pedyo a el·rey por merçee
10 que, se o prioll, per dereyto, ouvesse de perder o priollado, que lho desse pera Lourençe Estevez de Goyos, comendador de Sancta Vera ✠, que era hũu muy bõo cavalleiro da Ordem e ho avia bem servido em sua companha, e el·rey lho outorgou com bõoa vontade. E depoys fogyo o prioll da prisom e
15 assessegou hũu pouco no rregno e foy·se pera Castella, aprovando o que delle deziam. E a el·rey foy dito como o priol se fora pera Castella e, como esto soube, logo pos em vontade dar o priorado a Fernand·Alvrez, que era hũu bõo cavalleiro e tiinha carrego de seus filhos, nom || embargando que o ja Fol. 60 v
20 tevesse outorgado ao condestabre pera Lourençe Estevez de Goyos. E, querendo logo poer sua vontade em obra, mandou logo Gonçallo Lourenço, seu escripvam da puridade, ao condestabre, que estava em Almadaa, com seu recado, pollo quall lhe enviou dizer que o prioll se fora pera Castella
25 e que sua merçee era dar o priorado a Fernand·Alvrez, seu criado, e que lho fazia saber. E esto lhe enviava elle dizer por a promessa que lhe ja delle avia feita pera Lourenço Estevez de Goyos. E quando o condestabre tall recado

---

18 e 25 *priorado*: priolado *B*.
28 *Goyos*: goyõs *A* goyos *B*.

ouve del·rey, e per tal pesoa, foy hũu pouco cuydoso e em breve lhe respondeo que disesse a seu senhor el·rey que elle lhe tinha em merçee o que lhe mandara dizer, mas que no outro dia lhe mandaria sua reposta per hũu de que fiasse. E em outro dia o conde mandou a el·rey Gil Ayras, seu escrip- 5
vam da puridade, pollo qual lhe enviou dizer que elle entendera bem o que lhe per Gonçallo Lourenço enviara dizer em feito do priollado do Espital que queria dar a Fernand· Alvrez, e que a sua merçee sabia bem que dias avia que lho avia outorgado pera Lourenço Estevez, em que elle bem 10
cabya, ca era bõo cavalleiro e o avia muy bem servido, do qual serviço elle era bem certo, que o fezera em sua companhia e que, pois lho promitido avia pera elle e o elle merecia, e elle nom fezera cousa per que desmerecesse a merçee que lhe outorgara, que lhe pedya por merçee que lhe nom tirasse 15
o que lhe tiinha outorgado e que, pois que Lourençe Estevez era freire da Hordem, que leixasse enleger aos freires da Hordem quall lhe prouvesse, o que elles nom ousavam de fazer porque tinham sua defesa. Depois que Gill Ayras acabou de dizer estas cousas a el·rey, el·rey respondeo em 20
esta guisa: «He verdade que era minha vontade de dar este priorado, porque he tal em que a mym pareçe que bem cabe, e desy porque vós vedes que em minha terra ha quatro dignidades honrradas, convem a saber, o Meestrado de Christus e o de Santiago e o d·Avys e o priol do Esprital. Estes som em 25
maneyra de colunas de rregno em que todollos grandes de fora da terra que à minha terra vẽe teem mentes por seus estados, e porem me parecia a mym que os que taaes estados ouvessem d·aver que por meu serviço e honrra do regno deviam de ser pessoas notavees e de grande autoridade, 30

---

11 *cavalleiro*: caualleiyro *A* caualleyro *B*.
15 *lhe (nom)*: lho *A* lhe *B*.
26 *de rregno*: de o rregno *B*.
28 *taaes*: taães *B*.

e por esto a mym pareçe que esto caberya mays em Fernamd·Alvrez que em Lourenço Estevez. E, segundo parece, o condestabre o nom entende asy, e esto creeo que elle tam bem conheçe Fernamd·Alvrez como eu e com esto pode bem
5 seer que ele conhece Lourenço Esteves por abastante porque o conheçe milhor que eu». Todo este razoado era por Lourenço Estevez ser muy pequeno de corpo. || E ainda el·rey, Fol. 61 r
emadendo mais em seu rrazoado, disse que em este feyto e em todollos outros o conde estabre devia mais de pesar
10 os feitos del, senhor rey, que os seus meesmos delle, condestabre, e a razom era porque, se os seus feitos fossem esguerrados, outrem nom os poderia correger senom Deos, e, posto que os do conde se esguarrassem, elle os poderia correger. Estas razoões e outras muyto boõas disse el·rey
15 a Gill Ayras, mostrando asaz claramente que a elle prazeria aver Fernand·Alvrez ho priorado. E Gill Ayras lhe respondeo dizendo: «Todo este feyto he em dous pontos: o primeiro, que o conde tem e cree verdadeiramente que a mercee que lhe desto vós avees feyta, que por Fernand·Alvrez nem
20 por outro nenhũu nom lho tolherees; e o segundo, que elle vos pedio este priorado pera aquelle cavalleyro de que vos elle dá testemunho que vos ha bem servido, e que he tal e elle por tall o conheçe que cabe bem em elle esta cousa e outra mayor. E porem, senhor, seja vossa merçee de olhardes por
25 este feito e o determinardes de guisa que o condestabre nom seja agravado, poys o de vós nunca foy, e podê·llo·ees bem fazer com serviço de Deos e vosso: mandardes vossas cartas a todollos cavalleyros e freyres da Ordem que enlegam por seu tallante prioll aquel que, segundo regra de sua Ordem,

---

8 *disse*: q̃ disse *AB*.
11 *era*: om. *AB*.
12 *esguerrados*: esguarrados *B*.
20 *tolherees*: tolhereẽs *AB*.
26 *podê·llo·ees*: podelloes *AB*.

mays entenderem por serviço de Deos e bem da Ordem». El·rey logo respondeo que, poys o condestabre assy queria, que lhe prazia, e logo mandou suas cartas a todollos cavalleyros e freires da Ordem que fezessem sua enleiçom segundo sua Ordem e regra della. E, saydas as cartas, foy feito 5 cabido na Sertaãe pollos da Ordem e dom Lourenço Estevez enlegido por teente prioll. E, como desto ao conde veeo recado a Porto de Moos, honde estava, logo se foy a Santarem a el·rey e lhe pedyo por merçee que mandasse entregar as fortalezas da Hordem ao teente. El·rey lhe mandou dar 10 suas cartas que o metessem logo em posse de todo o priorado e de todollas cousas que a elle perteçiam, e asy foy feyto. E depois lhe veeo de Roma a confirmaçom do priollado e de hy em diante foy prioll dom Lourenço Estevez e em este estado acabou seus dias. 15

Capitollo .lxxiiii. De como el·rey, e com elle o condestabre, foy sobre Alcantara e as maneyras que sobre ello teverom

Estando o condestabre em Porto de Moos e pela comarca d·Ourem, espaçando per dias, el·rey lhe mandou dizer que a tregoa dos nove meses que em Olivença fora firmada 20 Fol. 61 v || era acerca de sayda e que elle, esperando que a el·rey de Castella prouvesse de se alongar mais, que miiçe Ambrosiio viera a elle e que, segundo recado que lhe trouvera, el·rey de Castella nom queria tregoa por mais tempo e que porem elle era com elle na guerra e que lhe mandava que se fosse 25

10 *El·rey*: E elrey *B*.
11-12 *priorado*: priolado *B*.
12 *perteçiam*: pertẽçyã *B*. Cf. 39.23 e 190.17.
15 *acabou*: acobou *A* acabou *B*.
21 *a el·rey*: elrey *A* aelrey *B*.
22 *miiçe*: mijcer *B*.

logo a elle a Santarem pera aver conselho da maneira que avia de ter. E o condestabre, visto o mandado del·rey, se foy logo a Santarem e el·rey ouve hy seu conselho de hiir sobre Alcantara e mandou ao conde estabre que fosse Antre
5 Tejo e Udyana e juntase toda a gente da comarca e do reyno do Algarve pera hiir sobre Alcantara. O conde estabre
15 Maio 1400 se foy a Evora e juntou toda a gente como lhe el·rey mandou e de hy se foy caminho d·Alcantara e juntou·se com el·rey, que vinha de Santarem per outro caminho, aaquem do Crato,
10 em hũa ribeira que chamam a Cafragella e de hy forom juntos ataa Alcantara, levando o condestabre a avanguarda e el·rey a rreguarda. E, estando ja el·rey sobre Alcantara, era grande mingoa de mantimentos no arrayall e el·rey teve conselho que mandaria à fforagem por mantimentos e todos
15 rrefusavam de hiir lla porque a jeente dos castellaãos era muyta d·arredor polla comarca, que acodyam ao çerco. E Joham Afonso de Santarem, que era do conselho del·rey, se levantou no conselho e disse a el·rey: «Senhor, quem á·de hiir a esta forragem se nom o condestabre, que aqui está?».
20 E o condestabre, veẽdo que era serviço del·rey polla grande mingoa do mantimento que a jeente do arrayall aviam, disse que lhe prazia de hiir la, e partiu·se logo com çerta jeẽte e foy per Castella xvi legoas d·Alcantara, honde el·rey ficava, seus corredores diante, que corressem a terra. E trazia
25 muytos prisoueyros e muytos gaados e chegou a huũa ribeyra que chamam Boteja, que era comarca rrica e bem povoada, e daqui mandou correr a terra ao longe per duas partes: a hũa mandou dom Lourenço Estevez de Goyos, que ainda entom era teente da Hordem do Espital e depois foy prioll,
30 com certa gente; e à outra mandou Martym Afonso de Meelo
17 Maio 1400 com çerta geẽte; e elle ficou naquella rrybeyra de Boteja

---

12 *E, estando*: Estando *B*.
16 *polla*: pollo *A* polla *B*.
23 *d·Alcantara*: de alcãtara *B*.

com seu arrayall. E a cabo de dous dias que a gente partio a correr, seendo ho condestabre aa mesa em seu arrayal, que começava de comer, vierom·lhe novas que o tente dom Lourenço Estevez viinha da forajem com grande roubo e que sayra a elle Joham de Valhasco, que hy acerca da comarca 5 estava, com quatroçentas lanças pera com elle pellejar. E, como o condestabre estas novas ouve, sem mayor alongamento se alevantou da mesa a que estava, e sua bandeyra fora, e as trompetas soavam rriigamente e forom logo juntos todos do arrayall aa sua tenda e hy concertou que ficasse 10 Fol. 62 r çerta gente || por guarda do arrayal e foy hũa legoa e meea ataa que chegou ao teẽte, que vinha com muy grande roubo, e soube como Joham de Valhasco nom viera a elle, mais que mandara çertos de cavallo a o mirar como viinha. E entom se tornou o condestabre, e o teẽte com elle, a Boteja, 15 honde o arrayall estava, e, como o condestabre foy no arrayall, chegou Martim Afonso doutra parte honde fora, outrosy com mui grande roubo. E no outro dya se partyo o conde 18 Maio 1400 estabre deste logar e começou d·andar seu caminho d·Alcantara e andou tanto que chegou a hũu lugar da Hordem 20 d·Alcantara que chamam as Brocas, que eram tres legoas d·Alcantara. E, chegando ao lugar das Brocas, lhe vierom tres escudeiros del·rey, hũu empos outro, com recado como esse dia chegarom a Alcantara, da parte dallem do rryo, em sua ajuda, o prioll dom Alvaro Gonçalvez Camello e 25 todollos outros portugueses que em Castella andavam, e Rruy Lopez d·Avillos, que ja era condestabre, e outra muyta geẽte, e que lhe mandava que se fosse logo aa pressa. E o conde partio logo e chegou a Alcantara com muytos prisoueiros e muy muytos gaados e outros mantiimentos, 30 com que os do arrayall forom muy ledos, ca os aviam bem

---

3 *tente*: teente *B*.
17 *Martim*: marỹ *B*.

meester. E el·rey continuou seu çerco e nom pôde filhar Alcantara por alguns embargos que se lhe seguiram, e levantou·se de seu cerco e veeo·se pera seu regno. E, seendo ja el·rey em sua terra, e chegando a Alter do Chaão, rogou ao
5 condestabre que tomasse carrego de toda justiça d·Antre Tejo e Udyana e do reyno do Algarve. E o condestabre, sabendo que a terra era mingoada de justiça, por serviço de Deos e del·rey tomou dello carrego e pos em ella maão tam de riigo que, com ajuda de Deos, tostemente a terra foy
10 assentada e a justiça sentiida porque elle nom avia ley com grande nem com pequeno nem parente nem criado nem amiigo, senom todavia fazer dereito sem nenhũa afeyçom, em tal guisa que os grandes e bõos que com elle acompanhavam em serviço del·rey se afastavam delle por a maneira
15 que com elles tiinha em feyto de justiça. E, veendo o condestabre esto, entendeo que tall carrego lhe nom compria, e que soomente pertecia a el·rey, e porem pedio a el·rey por merçee que lhe tirasse tal carrego, e de feito o leixou e nom quis delle mais husar.

20 ℭ *Capitollo .lxxv. Da maneira que o condestabre teve em feito da morte do iffante dom Afonsso, que morreo em Bragaa*

22 Out. 1400

Estando o condestabre em Montemoor o Novo, e el·rey em Bragaa, ao conde veeo rrecado que o iffante dom Afonsso, que entom era primogenito, || morrera em Bragaa, Fol. 62 v
25 e o conde mandou por elle fazer doo e enxequias a Monte-

---

12 *amiigo*: amigo *B*.
15 *em*: om. *B*.
17 *pertecia*: pertẽçya *B*. Cf. 39.23 e 187.12.
23-24 *dom Afonsso ... primogenito*: estas palavras, que em *A* constituem a última linha do fol. 62r, estão repetidas na primeira linha do fol. 62v.

moor, a que elle nom pôde hiir porque jazia muyto doente, e, depois que foy sahão, elle e çertos de sua casa tomarom doo. E a poucos dias mandou el·rey chamar o condestabre que se fosse a Leyrea pera fazerem as menagẽes ao iffante Duarte, que Deos deu a Portugal por primogenito. E o conde 5 foy a Leyrea, como lhe foy mandado, e os preitos e menajẽes foram feitas ao iffante Duarte como a primogenito e senhor natural. E, esto acabado, el·rey mandou a todos que tirassem o doo que traziam por o iffante dom Affonsso.

℄ Capitollo .lxxvi. Como o condestabre, estando em Leyrea com el·rey, foy tratado casamento de Dom Affonso, filho del·rey, que depoys foy conde de Barcellos, com a filha do condestabre, dona Beatriz Out. 1401

Depoys que se o casamento de dom Affonsso, filho del·rey, tractou e affirmou com dona Beatriz, filha do conde 15 estabre, em Leirea, a cabo de dias lhe forom feitas suas vodas muy honrradas, em que forom juntos todollos grandes do reyno. E o conde deu em casamento a sua filha com 1 Nov. dom Afonso o condado de Barçellos com terra de Penafiel 1402

---

1 *a que elle*: aq̃lle *A* a q̃ elle *B*.

2 *foy sahão, elle*: foy sahão foy elle *AB*. A nossa interpretação, que leva à supressão da segunda ocorrência da forma verbal (aliás gramaticalmente diversa da primeira: esta pretérito de *ser* e aquela de *ir*) é a seguinte: o Condestável não pôde comparecer, por motivo de doença, às exéquias que ele próprio mandara celebrar na localidade em que se encontrava (Montemor-o-Novo), e, depois de se recompor, ele e «certos de sua casa» puseram luto.

6 *preitos*: pretos *A* preytos *B*. Para a grafia adoptada, divergente da de *B*, cf. palavras da mesma raiz em 70.13, 135.24, 147.15, etc.

9 *traziam*: trazia *A* trazyã *B*.

19 *Penafiel*: peñafiel *B*.

de Bastuz e Montealegre e a Piconha e Portello com terra de Barroso e a villa de Chaves com sua terra, e Baltar e o Arco de Baulhe e çertas quintãas que o conde avia Antre Doyro e Minho e outras rendas. E pedio a el·rey por merçee
5 que, pois lhe dava o condado de Barçellos a seu filho, que o fezesse conde, e a el·rey prouve dello e feze·o conde, o qual conde ouve de sua molher hũa filha que depois foy iffante, molher do iffante dom Joham, e dous filhos: hũu que chamavam dom Affonsso, que depoys foy conde d·Ourem;
10 e outro filho que chamarom dom Fernando, conde de Rayollos, dando·lhe o condestabre em sua vida ao dom Afonso o condado d·Ourem e ao outro o d·Arrayollos, segundo se adiante dira em seu lugar.

¶ *Capitollo .lxxvii. Como a Deos prouve falecer per morte*
15 *a condessa dona Beatriz, filha do condestabre, e da maneira que seu padre teve sobre sua morte*

Depoys desto espaço de gram tempo, estando o condestabre em Villa Viçosa fazendo hũa ygreja de Sancta Maria, *Fol. 63 r*
1414 estando a condessa dona Beatriz com seu marido em Chaves,
20 lhe veeo recado que sua filha morrera de parto, da qual cousa elle foy tam anojado que se ouvera de perder com nojo se o Deos nom guardara, e grande e bõo juyzo que lhe Deos dera. E foy hy muyta gente junta de homens e de molheres de toda a terra e feito muy grande doo, ao qual o

---

9 *conde d·Ourem*: segue-se em *AB* uma interpolação que foi suprimida, conforme é explicado na introdução.

10 *conde de Rayollos*: segue-se em *AB* uma interpolação que foi suprimida, conforme é explicado na introdução.

12 *ao outro*: aoutro *A* a outro *B*. Consideramos necessário objectivar o complemento indirecto: tratava-se, concretamente, de D. Fernando e não de outro indeterminado.

22 *o Deos*: d's *AB*.

conde quisera hyr sem descriçom se lhe nom acorreram cavalleiros que hy estavam, e nom sem razom, ca elle a amava muyto por seer sua filha, e à outra por seer muy vertuosa senhora. E forom·lhe feitas suas exequias muyto honradas, seendo hy junta toda a crerizia e hordẽes da 5 comarca.

ℭ *Capitollo .lxxviii. Como el·rey foy tomar Çepta, e o condestabre com elle* 1415

Depoys da morte da condessa grande tempo, el·rey, por serviço de Deos e seu, hordenou de hiir tomar a çidade 10 de Çepta, que he em Bellamarim, e mandou armar hũa muy grande frota qual nunca foy em Espanha, em a qual forom elle e o iffante Duarte, seu filho primogenito, e o iffante dom Pedro e o iffante dom Anrrique e o conde de Barçellos, seu filho bastardo. E os filhos iffante Joham e dom Fernando eram tam pequenos 15 que nom forom la. E o condestabre foy com el·rey e com seus filhos. E chegou el·rey a Çepta com sua frota e ancorou em hum porto muy maao e muy priigoso de contra Feez, e hy se rrecreceo hũa tam forte tormenta que todallas naaos caçavam e as amaras e caabres se cortavam das pedras, 20 de guisa que a frota foy em muy gram priigoo porque o mar e tormenta era tam forte que toda a frota queria destroyr, e da parte da terra dos mouros era tanta geente que, se a terra fossem, eram perdidos. E, veendo el·rey tam gram tormenta, ouve conselho de se partir de hy com todos seus 25

---

12 *forom*: om. *AB*. Cf. l. 16.

13 *Duarte*: duarde *A* duarte *B*. Esta última é também a forma que *A* usa em todas as outras ocorrências do nome.

19 *naaos*: naãos *AB*.

25 *conselho*: concelho *A* conselho *B*. Esta última é também a forma que *A* usa em todas as outras ocorrências da palavra.

filhos pera a angra de Gybaltar, e o conde ficou ally naquella tormenta e priigo com toda a frota. E o dia que el·rey dally partyo era depoys de comer, e a tormenta durou esse dia e noyte e o dia seguinte, que era grande espanto. E outro
5 dia seguinte, durando a grande tormenta, todollos capitães da frota vierom ao condestabre a lhe dizer que, poys se el·rey asy partyra com seus filhos e os asy leixara em tal priigo, que lhe pediam por merçee: ou elle saysse e tomasse a terra, e elles o seguiriam ataa morte, ou se partisse de hy
10 e a frota que com elle podesse hiir, que fosse, e a outra ficasse. E o conde lhe respondeo com muy brandas e || muy doçes Fol. 63 v pallavras que, de elle, em sua companhia, tomar terra, que o faria de bõa vontade aa ventura que lhe Deos desse, mais que nom sabia se anojaria el·rey, e que porem nom no
15 faria, e que de se dally partir que o nom faria em nenhũa guisa, que, por salvar sua vida, dally se nom partiria por hy ficar a mays pequena barca que na frota estava. Todollos capitaães forom desto espantados e se maravilhavam muyto, e foron·se pera seus navios. E o conde soffreo aquella
20 fortuna com a frota duas noytes e hũu dia. E entom o mandou el·rey chamar, que se fosse com a frota à angra de Gibaltar, honde elle jazia, e entom se foy o conde la com a frota. El·rey ouve hy seu conselho de tornar sobre Çepta
21 Ago. 1415 e, de feito, entrou e tomou outro milhor porto e tomou a cidade tostemente com ajuda de Deos. E o dia que a cidade foy filhada muytos mouros se acolheram ao castello da cidade, e certos genoeses christaãos que hy estavam. E el·rey se foy apousentar e o iffante mandou ao condestabre que ficasse em guarda do castello, e elle ficou hy, e a poucas
30 horas lhe foy dado ho castello, braadando os genoeses, do

---

24 *entrou*: entrouo *A* ẽtrou *B*.

25 *o dia*: do dia *AB*. Perante o período seguinte é insustentável a expressão *do dia* (= desde o dia). Ambos os períodos se referem a factos ocorridos no mesmo dia («o dia»).

castello honde estavam, se estava hy o condestabre, porque os mouros eram ja hidos, e que lho dariam, e o castello foy filhado pera el·rey. E, seendo el·rey em posse da cidade e castello, aos tres dias depois da tomada de Çepta vierom muyta gente de mouros de pee e de cavallo ajunto com hũa porta que chamam de Fez, e el·rey soube dello parte e acudyo logo ally, e o iffante seu filho e seus irmaãos. E o iffante dom Pedro sayo fora da çidade a cavallo, e com elle çerta geente, e correo apos os mouros grande espaço. E el·rey e o iffante sayrom fora da çidade por recolherem aa çidade a muyta geente que fora andava, que se nom queriam recolher. E, estando o conde em sua pousada, soube parte que el·rey e o iffante andavam fora, do que elle parte nom sabia, e logo recolheo asy toda sua gente e mandou dar às trompetas e foy·se com sua bandeyra aaquella porta de Feez e hy leixou a gente na villa, de dentro aa porta, e elle, com xx, antre cavalleiros e escudeiros, sayo fora da villa e achou el·rey e o iffante em gram trabalho por recolher a gente que fora andava e disse a el·rey e ao iffante que, se sua merçee fora, que aquelle carrego nom era seu, que a outrem o deveram de mandar fazer, e que lhes pedia por merçee que se fossem em bo·ora pera a cidade, que em hũu ponto elle faria recolher toda a gente. E foy·se a elles e em breve espaço forom recolhidos, seendo a geẽte, asy beesteiros como pyoões, tam ledos como ouviram que lhes nom mandava fazer cousa que o elles milhor nom fezessem do que elle mandava. Depois desto a tres ou quatro dias, pousando ja o condestabre aa porta || de Fez porque se mudara da pousada em que primeiro pousara, vierom muytos mouros aa porta de Fez e, porque o condestabre estava açerca, soube·o logo e mandou dar aas trompetas e forom com elle juntos todos os seus, e elle, com sua bandeira e gente, aballou

[Margin: 24 Ago. 1415 (line 3); 5; 10; 15; 20; 25; 27/28 Ago. 1415 (line 27); Fol. 64 r (line 28); 30]

1 *estavam*: estauaã *B*.
6 *Fez*: Feez *B*.

a pee contra a porta de Feez por saiir fora aos mouros. E foy sabido como elle queria sahiir fora e forom logo com elle juntos todollos fidalgos e cavalleiros e homens de pee de toda a oste pera sayr com elle, tam ledos que pareciam que
5 hyam pera festa. E elle querendo sayr e mandando ja abrir a porta da cidade, veeo el·rey à pressa e dise·lhe que em nenhũa guisa nom saysse, ca o nom entendia por seu serviço, de que ao condestabre e a todollos outros desprouve muyto. E esteve el·rey certos dias na cidade de Çepta e
10 hordenou de se viir pera seu regno e de leixar por guarda da cidade o conde dom Pedro com çerta gente. E, ao tempo que se el·rey quis partir, deu carrego ao iffante dom Anrrique que elle, e com elle o condestabre, encaminhasem o conde dom Pedro das maneiras que avia de teer na guarda da
15 cidade, e o conde estabre, em companhia do iffante dom Anrrique, hordenou todo esto e encaminhou o conde dom
2 Out. 1415 Pedro de todollas maneiras que avia de teer. E asy se partyo el·rey e seus filhos, e ho condestabre apos elles, pera Portugall.

20 ℭ *Capitollo .lxxix. Como se o condestabre apartou do mundo pera servir a Deos*

Seendo o condestabre em hydade de lxii anos e sentiindo ja que a fraqueza se asenhorava delle e em como, a Deos graças, el·rey tiinha sua terra em bõo asessego e que seus
25 filhos eram em taaes hydades pera todo bem fazer e reger

---

3 *pee*: bẽ *AB*.

17 *maneiras*: om. *A* maneyras *B*. Para abono da correcção cf. igual expressão na l. 14, cuja grafia adoptámos, por ser a mais próxima. Com *y* aparece em 128.9 e 154.16. Há no texto numerosas abonações da expressão «ter maneiras» (12.7, 17.4, 27.1, 36.1, etc.).

22 *Seendo*: SUendo *A* SEendo *B*.

22 *sentiindo*: sentijdo *B*.

por serviço de Deos e de seu padre, apartou·se a servir Deos Jul. 1422
em estado de pobre em Sancta Maria do Carmo da cidade
de Lixboa, que elle mandara fazer. E, estando ja per tempo
no moesteyro em serviço de Deos, a el·rey veeo recado que
rey de Tunez se viinha sobre Çepta com grande frota e 1425
muytas gentes per terra, polla quall razom el·rey mandou
armar grande frota pera lhe hiir acorrer per o corpo, e o
iffante seu filho e seus irmaãos. E o condestabre, sabendo
esto per o iffante Duarte, que lhe esto mandara dizer, que
hya la el·rey e elle e seus irmãos, por serviço de Deos e por 10
hiir contra os infiees, lembrando·lhe o grande amor que
sempre ouvera a el·rey e ao iffante de os servir, nom lhe
esqueçeo a bõa vontade e verdadeira que lhes avia, e, nom
embargando a vida em que era, por que ja desto era escusado,
foy desposto pera hiir com elles. E com sua çamarra foy 15
Fol. 64 v veer a naao em que avia de hiir e mandou·a corre||ger aa
sua vontade e foy pera ello prestes do que lhe compria e
d·armas que lhe o iffante mandou dar, ca elle nom as tinha
tempo avia. E em esta obra nom se fez mais porque rey
de Tunez nom veeo e el·rey e o iffante asessegarom. E o con- 20
destabre continuou sua vida em servir Deos per espaço de
oyto annos e onze meses e acabou seus dias, em muyto
serviço de Deos, em hidade de lxx annos e andava em lxxi. 1 Abr. 1431
El·rey e o iffante lhe mandarom fazer suas exequias muy
honrradamente, como em Espanha se nom fez a homem de 25
seu estado, ao qual comprimento, per mandado del·rey e do
iffante, vierom muyta gente e crerizia. Praza a Deos que

---

5 *rey*: elrey *B*. Recusamos a correcção de *B*, repetida na l. 19, precisamente porque a repetição em *A* não é certamente casual, referida ao bei de Tunis.

5 *grande*: grde *B*.

15 *foy (desposto)*: E foy *A* foy *B*.

16 *naao*: naão *AB*.

24 *El·rey*: E elrey *B*.

em seu regno lhe dê gloria e honrra tanta como em este mundo lhe foy feita.

¶ *Capitollo .lxxx. Mas ora leixa o conto de fallar das obras que o condestabre no mundo fez por serviço del·rey e torna à* 5 *sua vida, quejanda foy, e das obras e muytas esmolas que fez e das virtudes que obrou emquanto no mundo viveo*

Porque por falecimento seria contado a esta estoria fallar·se em ella dos feytos que o condestabre fez que pertençem ao mundo por serviço de seu rey, e callar as obras que fez 10 por serviço de Deos e sua vida quejanda foy e as virtudes de que husou ataa fim de seus dias, porem daqui adiante falla dellas, que som estas que se seguem. ¶ O condestabre foy muy casto de vontade e ainda de feito, porque elle com outra molher nunca dormio senom com a sua, pero casasse 15 muito mançebo e sua molher bem manceba e asaz de bem pareçente molher. E ainda com sua molher, depois que elle veeo ao triintairo del·rey dom Fernando, que ficou com el·rey seendo entom mestre, nunca depois com ella dormio, como quer que per vezes foy honde ella estava, e esto com 20 grande pena por ser homem novo, mais todo avia por bem e grande prazer por servir a Deos. E ouvia suas missas mui devotamente, convem a saber, cada hum dia duas missas, e tres em todollos sabados e tres em todollos domiingos, de que em Portugal ficou bõo enxemplo, espicialmente 25 aos do paaço, que d·ante que o elle asy usasse poucos as ouviam, e era confessado muyto amiude, e comungando quatro vezes no anno: por Natal e por Pascoa e por Pinthecoste e por Sancta Maria d·Agosto. Fez çertas ygrejas aa

---

12 *som*: sã *B*.
13 *foy*: fuy *A* foy *B*.

sua propia despesa, convem a saber, a ygreja de Sancta Maria e de Sam Jorge, que elle fez honde foy a batalha rreal, naquelle lugar honde a sua bandeira esteve, e o moesteiro de Sancta Maria do Carmo de Lixbõa, de que ja en·cima esta estoria faz mençom. E fez mais a ygreja de Sancta 5
Fol. 65 r Maria de Villa Viçosa e a ygreja de Sancta Maria de Mon||saraz e a ygreja de Sancta Maria de Portell e a ygreja de Sancta Maria de Sousel. E acabou a ygreja de Sancta Maria dos Martes d·Estremoz, a quall el·rey dom Fernando começou, e ficou a mayor parte della por fazer. E fez a capella do 10 moesteiro de Sancto Agostinho de Villa Viçosa e outras muytas obras meritorias. E este em seus dias rezava suas oras, levantando·se continuadamente a rezar aa meea noyte como hũu religioso, e esto emquanto no mundo viveo, e depois que se apartou a servir Deos, emquanto o fazer pôde. 15 E jejũava tres dias na somana sempre emquanto foy em hydade que podia soportar, convem a saber, à quarta feyra e sesta e sabado e todollas festas e dias que a Ygreja manda guardar, como fiell catholico. Era muy caritativo a todos, espicialmente aos pobres. E este, de todollos dinheyros 20 que a sua casa vinham, asy de suas rendas como dos que lhe el·rey fezesse merçee, ou em qualquer outra maneyra que lhe viessem, logo delles era apartado o dizimo de todos, e os dinheiros deste dizimo eram dados todos por amor de Deos a pobres. E em cada hum anno dava de vestir aos 25

---

5 *Sancta*: santca *A* sancta *B*.

8-9 *Sancta Maria dos Martes*: sancta das martes *AB*. É a designação (Santa Maria dos Mártires) proveniente do antigo hospital (séc. XIV) que foi anexado à ermida de Nossa Senhora dos Mártires. Cf. ESPANCA, Túlio — *Inventário artístico do Distrito de Évora*. Em 114.21 ocorre *marter* (S. Jorge). Note-se, em abono da restituição, que todas as igrejas mandadas construir pelo Condestável são de «Sancta Maria ...».

13 *meea*: mea *B*.

17 *à*: om. *B*.

pobres de todas suas terras per esta guisa: hũu anno o dava em huũa comarca e o outro em outra, e desta guisa de dous em dous annos todos aviam de vestir. Muytos escudeiros e outros homens pobres, e asy molheres que em outro tempo
5 forom honrradas e teverom bem de comer e ora eram mingoadas, aviam tenças de pano e dinheiros em que se bem mantinham, e esso mesmo a cavalleiros e escudeiros e outras pessoas honrradas, especialmente daquelles que o seguirom em serviço del·rey, eram delle proviidos de pano pera vestir
10 como elle sabia ou entendia que lhe compriam, e enviando·lho a suas casas per homens de sua casa, por alongados que estevessem. O condestabre avia muyto pam de suas rendas, do quall pam em seus dias nunca vendeo nenhũa cousa, mas tinha esta maneyra: mandava·o todo encovar polla
15 terra em bõos covaaes e, emquanto o pam era muyto na terra e refeçe, a nenhũu nom dava pam, a cavalleiro nem a escudeiro nem aos pobres, e ante lhe dava do dinheiro o que lhes podia dar; e tanto que a terra era mingoada de pam e a vallia delle crecia, logo dava todo o pam que tinha a cavalleyros e a
20 escudeyros e a pobres, que lhe nom ficava nenhuũa cousa, e, per vezes, acontecia que, por dar todo o pam que tinha, comprava por seus dinheiros o pam que lhe era mester pera sua despesa. E ainda nom abastava fazer bem e esmollas aos do reyno de Portugall, mais ainda aconteceo que hũu
25 anno foy mingoado de pam no regno de Castella, polla qual mingoa se vierom de Castella aa || comarca d·Antre Tejo e Fol. 65 v Udiana bem quatrocentas pessoas de castellaãos, antre homens e molheres e moços pequenos, os quaes lhe foy dito que padeciam a fame. E deu carrego a dous pobres da serra
30 que andassem a comarca d·Antre Tejo e Udiana, que sou-

5-6 *mingoadas*: mingoados *A* mingoadas *B*.
15 *covaaes*: couaães *AB*.
19 *cavalleyros*: caualieyros *A* caualleyros *B*.
27 *castellaãos*: castellaaos *A* castellaãos *B*.

bessem parte de todollos homens e molheres e criaturas pequenas que hy eram, que com mingoa de pam se vierom de Castella, e que lhos trouvessem per escripto. E, depois que os asy ouve em escripto, hordenou de lhes mandar a cada hũu cada mes quatro alqueres de triigo, e que estes 5 quatro alqueres de triigo ouvessem cada mes assy homens e molheres como moços pequenos. E deu carrego aaquelles mesmos dous pobres que dos seus celleiros lhe fosse dado este pam cada mes pera elles, e os pobres asy o fezeram per seu mandado, o quall mantiimento lhes foy dado quatro 10 meses e entom se seguio a novidade e foron·se pera suas terras. E quando se quis apartar a servir Deos, em cujo serviço morreo, repartyo todas suas terras que tiinha em esta guisa: terra de Lousada e terra de Payva e terra de Tendaães e a vila d·Almadaa e as rendas de Loulle deu a sua neta a 15 iffante dona Isabel, molher do iffante dom Joham; e o condado d·Ourem com todas suas terras da Estremadura e das que avia em Lixboa, e de seus termos, e os seus paaços de Lixboa a dom Affonso, seu neto; e o condado d·Arrayollos, com todollas terras e rendas que avia Antre Tejo e Udiana, 20 deu a seu neto dom Fernando que he conde d·Arrayollos; e algũas terras e rendas que algũus delle tinham em prestemo deu·lhas que as ouvessem em sua vida e que aas suas mortes ficassem a seus netos naquellas comarcas honde eram. Todo ouro e prata e dinheiro e joyas e armas e rroupas e guar- 25 nimentos deu a cavalleiros e a escudeiros e a pobres pollo amor de Deos, e muito pam e azeite e camas de roupa, ante que se apartasse. E fez muytas quytas de dinheiros e de pam e de sall que lhe era divido, asy por seus almoxeriffes

---

18 *termos*: ter *A* termos *B*.

19 *seu neto*: segue-se em *AB* uma interpolação que foi suprimida, conforme é explicado na introdução.

21 *conde d·Arrayollos*: segue-se em *AB* uma interpolação que foi suprimida, conforme é explicado na introdução.

e officiaaes como per outros que forom seus rendeiros pollos tempos, e per outras pessoas, que nom ficou com elle nẽhũa cousa, em tal guisa que, quando elle chegou ao moesteiro de Sancta Maria do Carmo, honde fez sua fim, elle outra
5 cousa nom avia senom huũa çamarra de pano de Gallez, o qual pano elle sempre vistiio ataa que a Deos prouve de o levar. E, como asy foy apartado, logo hordenou de fazer tres cousas: a primeyra, pidir por o amor de Deos pella villa o que ouvesse || de comer; e a segunda, nom se chamaar **Fol. 66 r**
10 nem consiintir que lhe chamassem outro nome senom Nuno, por humildade; e a terceira, hir fora da terra e acabar lla, que nom soubessem delle parte. Desta tençom que elle asy tinha hordenada soube parte o muy nobre princepe dom Eduarte, primogenito, e, tanto que o soube, porque o
15 amava e prezava muyto, ho veeo veer ao moesteyro honde estava e fallou com elle sobre estas cousas que queria fazer e lhe disse, rogando·lho e mandando per mandamento, que as nom fezesse, mas todavia asessegasse na terra e servisse a Deos, e nom se fosse fora della, e que em seus dias todavia
20 se chamasse condestabre e nom mudasse seu nome e que em nẽhũa maneira nom pidisse por Deos como tiinha em vontade, senom se pidisse a el·rey seu padre e a elle, e sobre esto o aficou muyto. E, veẽdo o condestabre a teẽçom do senhor princepe e como era sua mercee de o fazer asy, por lhe seer obe-
25 diente outorgou·lhe de o fazer asy como elle mandava, posto que fosse contra sua vontade. E esto asy acabado, el·rey e o princepe poserom ao conde estabre boa tença de dinheiros em cada hũu anno em que se bem mantevesse elle e os que com elle estavam, a qual lhe era muy bem paga

---

3 *moesteiro*: mosteyro *B*.

13 *princepe*: principe *B*.

17 *lhe*: lho *AB*. Note-se a sequência que justifica a correcção: ... *lhe disse* ... *que as nom fezesse* ...

21 *tiinha*: tinha *B*

em cada hũu anno. E desta teẽça o condestabre e os que com elle estavam eram asaz abastados do que lhe fazia mester, e ainda ho condestabre della fazia muytas esmollas. E doutras muytas virtudes e bõas obras husou o condestabre tantas que se nom poderiam lembrar pera se poer em esta 5
estoria. E ainda o dya de oje, depoys de sua morte, Deos, por sua merçee, fez e faz muytos millagres naquell lugar honde seu corpo jaz, que som asaz denotados e magnifestos, por que devemos de entender que sua alma he com Deos na sua gloria, a qual elle por sua merçee nos dê. Amen. 10

¶ *Deo gratias*
Memento mei,
Mater Dei

---

7 *muytos*: muytas *A* muytos *B*.

GLOSSÁRIO
E
ÍNDICES

GLOSSÁRIO

A

aadur adv. 130.16 dificilmente.
aaz s. f. ala: **aazes** 117.7.
aazo s. m. 14.7 causa.
aballar v. i. 130.29 partir: p. p. **aballou** 195.32 **aballarom** 17.33.
abarreirado adj. 145.19 guarnecido de barreiras.
abastante adj. 6.27 competente.
abastar v. i. bastar: imp. **abastava** 200.23.
abengarda s. f. 132.19 vanguarda: var. **abenguarda** 108.20. V. tb. **avanguarda** e **venguarda**.
abobedado adj. abobadado: **abobedada** 94.6.
aboveda s. f. 94.9 abóbada.
aca [acá] adv. 28.13 cá.
acalçar v. t. 52.14 alcançar. V. tb. **encalçar**.
acaudellado adj. capitaneado: **acaudellada** 4.30.
aceptar v. t. aceitar: p. p. **aceptou** 20.11.
açerca adv. 4.6 perto: var. **acerqua** 127.28.
açerca adv. 140.8 quase.
achegar v. i. chegar: p. p. **achegou** 10.10 **achegarom** 35.24; part. **achegada** 159.20.
acorrer v. i. 141.29 acudir: p. p. **acorreo** 109.8 **acorrerom** 72.33; m. q. p. **acorreram** 193.1; imp. conj. **acorresse** 119.20 **acorressem** 30.19.
acorro s. m. 28.24 auxílio.
acrecentamento s. m. 2.16 engrandecimento.
acrecentar v. t. 24.8 acrescentar: fut. **acrecentará** 65.24; imp. conj. **acrecentasse** 163.13.
adereçar v. t. encaminhar: p. p. **adereçou** 29.10.
aderençar v. i. dirigir-se: p. p. **aderençou** 132.20.
aficamento s. m. 119.29 insistência: **aficamentos** 61.18.
afficar v. t. insistir, afligir: imp. **afficava** 99.9 **afficavam** 130.23; p. p. **aficou** 202.22 **afficarom** 9.27; part. **afficado** 143.31 **afficados** 27.17.

afirmado adj. firme: **afirmados 60.17.**
afora adv. 176.28 fora.
aforrar v. refl. apressar: p. p. **aforrou** 179.17; part. **aforado 135.11.**
afortunar v. refl. 164.22 incomodar.
affriçam s. f. 62.26 angústia; var. **afriçom** 164.3.
afrontado adj. 165.23 afogueado.
agardecer v. t. agradecer: p. p. **agardeceo** 40.16. V. tb. *guardecer.*
agiinha adv. 66.16 depressa. V. tb. **asinha**.
aguça s. f. 40.23 pressa.
ajuntar v. t. 78.22 reunir: p. p. **ajuntarom** 16.26.
ajuntar v. t. celebrar: imp. conj. **ajuntasse** 7.11.
ajunto adv. 4.20 junto.
alardo s. m. 115.7 revista às tropas e contagem de efectivos.
alargar v. refl. 82.8 afastar: p. p. **alargarom** 27.20.
alevantado adj. elevado: **alevantada** 37.4.
alevantado adj. 57.22 revolto.
alevantar v. refl. 92.24 sublevar.
alevantar v. refl. levantar: p. p. **alevantou** 77.2; m. q. p. **alevantara** 173.22.
algos s. m. 106.29 haveres.
alivado adj. 162.14 aliviado.
all pron. 21.21 outra coisa.
alla [allá] adv. 10.21 lá.
allo [alló] adv. 46.12 lá.
almadia s. f. embarcação: **almadias** 105.24. É a primeira abonação da palavra em textos portugueses, só referida por José Pedro Machado no *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, Lisboa, Confluência, 1956. Por lapso indica origem latina para a palavra, quando na realidade é árabe («al-ma'adīa»), conforme assinalara Antenor Nascentes no *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 1933.
almafreixe s. m. 170.20 mala grande para levar a cama.
almazem s. m. caixa com armas: **almazẽes** 61.2.
almogaver s. m. soldado de tropa escolhida das zonas fronteiriças: **almogaveres** 75.5.
alojar v. i. 81.4 alojar-se.
alogar v. refl. 93.28 alojar.
alongamento s. m. 189.7 demora.
alongar v. refl. afastar: p. p. **alongou 167.15 alongarom** 79.9.
alpender s. m. 163.18 alpendre.
alquere s. m. alqueire: **alqueres** 201.5.
alvisera s. f. 127.4 alvíssara.

alvoraçar v. i. espantar-se: imp. **alvoraçavam** 68.14.
amar v. t. amar: m. q. p. **amarades** 165.2.
amirgulhar v. i. 27.19 mergulhar.
amizidade s. f. 36.4 amizade.
andas s. f. 162.25 liteira.
anojar v. refl. 47.20 aborrecer: p. conj. **anojedes** 34.16; part. **anojados** 16.25.
ante prep. 9.17 antes.
ante prep. 24.4 diante de.
antre prep. 2.4 entre.
antre lobo e cam 160.1 ao crepúsculo.
apalancar v. t. 61.13 fortificar.
aperfiar v. t. 67.23 porfiar: var. **aperfyar** 28.18.
apousentador s. m. 38.19 aposentador.
apousentar v. t. 10.15 alojar: imp. conj. **apousentasse 70.5** part. **apousentado** 38.18.
aprovar v. t. confirmar: ger. **aprovando** 184.15.
aquaecimento s. m. 93.11 acontecimento: var. **aquecimento** 95.12 **aquecimentos** 131.1.
aquello pron. 35.12 aquilo.
aravalde s. m. 59.15 arrabalde: var. **aravallde** 87.6 **arravalde** 59.26. V. tb. **ravalde**.
arephender v. refl. 43.15 arrepender: p. p. **arephendeo** 43.15.
argulho s. m. 147.2 orgulho.
arramar v. i. 170.14 dispersar-se. V. tb. **derramar**.
arredonda adv. 116.3 em volta.
arrefem s. m. refém: **arrefẽes** 47.30.
arroydo s. m. 93.29 tumulto.
arte s. f. 51.6 astúcia.
asaz muyto loc. adv. 12.2 muitíssimo.
asentada adj. 163.3 construída.
asessegar v. i. sossegar: p. p. **asessegarom** 197.20; imp. conj. **asesseguasse** 46.20.
asessego s. m. 50.19 repouso: var. **assessego** 37.23.
asignado adj. fixado: **asignada 35.30 assinada** 21.3.
asignado adj. designado: **assinados** 37.6.
asinha adv. 37.10 depressa. V. tb. **agiinha**.
assentamento s. m. 2.18 habitação.
assessego s. m. 37.23 tranquilidade.
assy adv. 1.2 assim: var. **asy** 4.20.
asuũada s. f. 144.14 ajuntamento.
ataa prep. 9.27 até. V. tb. **atee**, **atees**.

atal pron. 95.11 tal.
atalaya s. f. 76.16 vigilância.
atam adv. 95.11 tão.
atee prep. 28.5 até. V. tb. **ataa, atees.**
atees prep. 54.6 até. V. tb. **ataa, atee.**
auga s. f. água: **augas** 182.21 **augua** 27.19.
avanar v. t. abanar: imp. **avanava** 164.8.
avanguarda s. f. 67.26 vanguarda: var. **avenguarda** 52.23. V. tb. **abengarda** e **venguarda.**
avano s. m. 164.8 abano.
aver v. t. e i. 19.21 haver: p. i. **ey** 21.15 **hey** 54.18; imp. **avia** 1.12 **aviades** 65.12; p. p. **ouve** 1.11; m. q. p. **ouvera** 9.8 **ouveram** 3.2; imp. conj. **ouvesse** 9.9 **ouvessem** 20.14; ger. **avendo** 3.25; part. **avido** 17.14 **avudos** 176.13.
aviar v. t. 58.1 preparar: part. **aviado** 156.18.
avisado adj. 8.29 prevenido.
avisamento s. m. 79.15 discernimento.
avondar v. i. bastar: imp. **avondava** 176.21.
avondoso adj. bastante: **avondosos** 21.5.
azarve s. m. 129.10 muro, trincheira.
azcuma s. f. 86.24 lança curta.
azemella s. f. 101.20 animal de carga: **azemellas** 35.4 **azemelhas** 81.7.
azoo s. m. 90.14 situação de aperto.

B

bairro s. m. 38.18 a mesma zona da povoação.
balhar v. i. bailar: p. p. **balhou** 92.10.
barato (por) s. m. 35.26 sem questionar.
barcha s. f. 57.25 embarcação grande.
barquete s. m. 57.17 barco pequeno.
barreyra s. f. trincheira: **barreyras** 69.26.
barronco s. m. 27.9 penedo alto e isolado: var. **baronco** 27.11.
barva s. f. 134.21 barba.
batalha s. f. 17.24 formação de combate.
batalha s. f. corpo de um exército: **batalhas** 52.20.
beadante adj. 122.5 feliz.
bẽe s. m. obra pia: **bẽes** 3.17.
bever v. t. 109.18 beber: p. p. **beveo** 81.3 **beverom** 109.22; ger. **bevendo** 3.15.
bitalha s. f. mantimento: **bitalhas** 101.3.
bom s. m. pessoa de elevada categoria social: **bõos** 11.27.

C

ca conj. 66.9 do que.
ca conj. 2.11 porque.
caabre s. m. calabre: **caabres** 193.20.
cabedall s. m. 6.19 dinheiro.
caçar v. i. desarvorar: imp. **caçavam** 193.20.
cajom s. f. 88.14 ruina.
calcada s. f. 118.14 luta.
calez s. m. 138.8 cálix.
calma s. f. 170.3 calor.
cama s. f. 119.11 quantidade.
camara s. f. 34.2 aposento.
çamarra s. f. 197.15 túnica aberta à frente, com mangas e tiras largas soltas.
camĩho s. m. 114.12 caminho.
cansaçom s. f. 82.19 cansaço.
canto s. m. 146.1 pedra grande cortada em ângulo recto: **cantos** 94.10.
çaquitaria s. f. 109.16 lugar para guardar o pão cozido.
çarrado adj. fechado: **çarradas** 95.2.
carrego s. m. 17.8 encargo.
carriagem s. f. 17.11 grande número de carros para transporte: var. **cariagem** 17.26 **carriajem** 159.12.
castaão s. m. gascão: **castoões** 144.29.
castellaão s. m. 31.15 castelhano: var. **castellano** 31.23 **castelhano** 31.26; **castellaãos** 26.9; **castelãos** 28.21 **castellanos** 31.26.
caudeloso adj. 122.5 rico.
cava s. f. 97.23 escavação subterrânea.
cavidar v. refl. acautelar: p. p. **cavidarom** 136.5.
cayr v. i. anuir: **caysse** 9.26.
certamente adv. 173.22 com certeza.
chamoro s. m. de cabelo curto: **chamoros** [chamorros] 119.13. A definição do sentido pejorativo está no texto, logo a seguir à palavra, e foi aproveitada como abonação pelo dicionarista Domingos Vieira, no *Grande diccionario portuguez ou thesouro da lingua portugueza*, Porto, Ernesto Chardron, 1871-1874.
cobrar v. t. tomar: p. p. **cobrou** 11.15 **cobrarom** 27.20.
cõhecer v. t. conhecer: imp. **cõhecia** 114.26.
colher v. i. recolher: p. p. **colherom** 70.22.
colhimento s. m. 11.29 acolhimento.
comarcar v. i. exercer autoridade: imp. **comarcava** 89.24.

cometer v. t. fazer: imp. **cometia** 37.28.
cometer v. i. 6.22 propor: imp. **comitia** 10.19.
como conj. 10.23 logo que.
companha s. f. 11.16 companhia.
compooer v. refl. 134.25 prestar contas.
comprir v. i. convir: imp. **compria** 5.15 **compriam** 2.15; imp. conj. **comprisse** 9.13.
comprir v. t. dotar: p. p. **comprio** 99.14; part. **comprida** 6.18.
conçertamento s. m. 69.24 meios.
concertar v. t. combinar: p. p. **concertou** 10.17.
conçertado adj. 5.20 adequado.
conçertado adj. preparado: **conçertados** 17.13.
conde estabre s. m. 24.17 condestável: var. **condestabre** pass.
conselhar v. i. 47.4 aconselhar: p. p. **conselhou** 178.8.
conselho s. m. 18.28 tomada de decisão.
conselho s. m. 46.18 opinião.
consirar v. i. considerar, propor-se: imp. **consirava** 80.28 ger. **consirando** 23.3.
contheudo adj. 147.22 contido.
contiia s. f. quantia: **contiias** 153.17.
contino adj. permanentemente: **continos** 12.10.
contra prep. 4.17 na direcção de.
contrayro s. m. inimigo: **contrayros** 31.9.
contrayro s. m. 34.11 contrário: var. **contrairo** 99.12.
contrayro adj. contrário: **contrayras** 55.24.
convinhavel adj. 5.14 conveniente.
coraçam s. m. 1.15 vontade: var. **coraçom** 8.16.
coraçom s. m. 28.3 coragem: **coraçooes** 27.2.
cordamente adv. 9.3 cordatamente.
cordo adj. 76.8 cordato.
corpo s. m. 58.21 a própria pessoa.
corredor s. m. batedor: **corredores** 159.3.
correger v. t. aparelhar: cond. **corregeria** 42.1; imp. conj. **corregesse** 42.4; part. **corregida** 42.6.
correger v. t. 186.12 corrigir.
correr v. t. 188.27 fazer uma incursão: p. p. **correo** 51.21; m. q. p. **correra** 16.11; imp. conj. **corressem** 188.24.
corrigimento s. m. 42.17 preparação.
cote (de) adv. 12.10 todos os dias.
couce s. m. pancada: **couces** 165.30.
covilheyra s. f. 3.17 mulher de idade e qualidade, que tratava da

limpeza e asseio, galas e perfumes dos leitos e vestidos das pessoas reais (Viterbo).
craramente adv. 53.16 claramente.
crecer v. i. 45.16 crescer: imp. **crecia** 28.29; ger. **crecendo** 162.8.
crerizia s. f. 193.5 clerezia.
cuidar v. i. 8.30 pensar. V. tb. **cuydar**.
culpar v. t. culpar: p. i. **culpades** 166.24.
curar v. i. cuidar: imp. **curava** 2.3; p. conj. **curees** 22.1; imp. conj. **curasse** 41.13.
custa s. f. 12.14 encargo.
cuydado s. m. 9.16 preocupação: var. **cuidado** 46.10.
cuydar v. i. 9.21 pensar: imp. **cuydava** 8.24; p. p. **cuydarom** 79.16; ger. **cuydando** 17.18.
cuydoso adj. 84.16 preocupado.
cuytello s. m. 167.16 cutelo.

D

daga s. f. adaga: **dagas** 182.13: var. **daguas** 182.20.
damno s. m. 127.15 dano. V. tb. **dampno** e *dapno*.
dampno s. m. 14.20: v. **damno** e *dapno*.
danar v. i. 126.9 causar danos. v. tb. *dapnar*.
dapnar v. i. V. **danar**: inf. p. **dapnarem** 58.12.
dapno s. m. dano: **dapnos** 134.18. V. tb. **damno** e **dampno**.
dar v. t. dar: p. p. **derom** 90.11; p. conj. **dedes** 35.1.
dayam s. m. 153.1 deão.
deçer v. i. 172.10 descer: inf. **deçeer** 75.8; imp. **deçia** 125.3 **deçiam** 172.2; p. p. **deceo** 67.26 **deçeeo** 57.4 **deçeram** 4.26 **decerom** 163.2.
decida s. f. 74.27 descida.
declarar v. t. declarar: imper. **declarade** 34.8. V. tb. **decrarar**.
decrarar v. t. declarar: ger. **decrarando** 20.8.
defender v. t. proibir: p. i. **defendo** 24.10; p. p. **defendeo** 79.22.
defensar v. t. defender: inf. p. **defensarmos** 61.23.
defensom s. f. 40.7 defesa.
defferente adj. discordante: **defferentes** 59.10.
deferrolhado adj. desaferrolhado: **deferrolhadas** 35.22.
defesa s. f. 7.6 proibição.
defeso adj. 160.19 proibido.
degradar v. t. degredar: p. p. **degradou** 173.25.
degredos s. m. 153.1 direito canónico.
delles pron. 29.8 alguns.
demorança s. f. 38.12 demora.

demostrar v. t. ter aparência de: imp. **demostrava** 17.24.
denidade s. f. 31.3 dignidade.
depos prep. 70.2 após.
derramar v. i. 119.31 dispersar: p. p. **derramarom** 83.21; m. q. p. **derramara** 175.4; part. **derramada** 82.26. V. tb. **arramar.**
des prep. 11.8 desde.
desabafado adj. 143.30 desafogado.
desacoroçoado adj. desanimado: **desacoroçoados** 115.16.
desacupar v. t. desocupar: imp. conj. **desacupasse** 116.26.
desaffiaçom s. f. 20.12 desafio.
desapousentar v. t. 38.20 expulsar do alojamento: imp. **desapousentavam** 38.21.
descender v. i. descer: p. p. **descenderom** 27.15.
descriçom s. f. 193.1 discernimento.
deseellado adj. sem sela: **deseelladas** 44.2.
desembargar v. t. 21.18 despachar: part. **desembargada** 21.4.
desemparar v. t. desamparar: p. p. **desempararom** 96.20; part. **desemparadas** 96.20.
desencavalgado adj. sem cavalo: **desencavalgados** 101.14.
deshy prep. 126.6 depois.
desmisurado adj. exagerado: **desmisurada** 80.27.
despejado adj. 31.7 liberto.
despidyr v. refl. despedir: p. p. **despidyu** 11.21.
desprezamento s. m. 113.19 desprezo.
desserviço s. m. prejuízo: **desserviços** 19.24.
desvayro s. m. discordância: **desvayros** 99.4.
desviado adj. contraditório: **desviados** 176.7.
desy adv. 10.13 além disso.
deter v. refl. deter: imp. conj. **detevesse** 112.5; ger. **deteendo** 18.10; part. **detheudos** 171.15.
dever v. i. dever: imp. **deviades** 34.20; cond. **deveriades** 178.7.
deviso adj. dividido: **devisos** 54.25, var. **divisos** 112.23.
dez e seys num. 6.13 dezasseis.
dezer v. t. dizer: imp. **dezia** 5.10; p. p. **dixeram** 137.12.
dia (outro) s. m. 69.17 o dia seguinte.
direitamente adv. 11.10 justamente: var. **dereytamente** 62.7.
dirribado adj. 103.19 derrubado: var. **derribado** 109.5.
divisar v. t. assinalar: p. p. c. **ha divisado** 32.17.
dona s. f. 6.14 senhora casada (ou que foi casada).
durar v. i. permanecer: p. p. **durou** 82.10.
dy prep. + adv. 167.9 daí.

E

el pron. 82.14 ele: var. **ell** 180.22.
ello pron. 3.19 isso.
emader v. t. acrescentar: ger. **emadendo** 186.8.
emborilhar v. t. envolver, confundir: p. p. **emburilhey** 165.30 **emborilharom** 38.21; part. **emborilhado** 122.7.
empacho s. m. 17.10 impedimento.
emparo s. m. 45.24 amparo.
empecer v. t. 27.20 impedir.
empos prep. 28.2 atrás de.
emproviso adv. imprevistamente.
emtanto adv. 169.1 entretanto.
encalçar v. t. 41.5 alcançar. V. tb. **acalçar**.
ençarrar v. t. 170.8 encerrar: p. p. **ençarrou** 141.23; part. **ençarrados** 87.7.
encavalgar v. t. 101.15 prover de cavalos: part. **encavalgados** 101.18 **encavalgadas** 98.3.
encontrar v. i. atacar: p. p. **encontrou** 31.17 **encontrado** 31.21.
encornelhado adj. desonrado: **encornelhados** 172.24.
enculca s. f. 65.2 espião.
enderençar v. i. dirigir-se: **enderençarom** 27.13.
enexar v. t. anexar: p. p. **enexou** 2.23.
enfyado adj. 164.2 pálido.
engenho s. m. catapulta: **engenhos** 95.20.
engres s. m. inglês: **engreses** 24.14. V. tb. *ingres*.
enleger v. t. 185.17 eleger: p. conj. **enlegam** 186.28; part. **enlegido** 187.7.
enleiçom s. f. 187.4 eleição.
ensayar v. t. 4.7 pôr à prova.
entender v. t. entender: imper. **entendede** 178.8 ger; **entendendo** 8.15.
entendido adj. 2.12 sabedor.
entento adj. 132.15 concentrado.
enterramento s. m. 95.17 funeral.
entrar v. t. ocupar: p. p. **entrou** 132.22; part. **entrado** 132.28.
entregar v. refl. superar dificuldades: fut. **entregaremos** 128.26.
envolta s. f. 78.6 luta.
envolta adj. 68.12 travada.
envorilhar v. t. 89.7 confundir. V. tb. **emborilhar**.
enxempro s. m. 143.9 provérbio.
enxempro s. m. 161.2 exemplo: var. **enxemplo** 198.24.

enxequias s. f. **190.25** exéquias.
enxudrado adj. **166.1** enlameado.
ereyta s. f. **125.2** encosta.
errar v. i. **137.18** prejudicar.
escachar v. t. fender: p. p. **escacharom** 94.13.
escarnido adj. escarnecido: **escarnidos 37.19**.
escolheyto adj. escolhido: **escolheyta** 3.19.
escripvam s. m. **162.16** escrivão.
escripver v. t. **73.16** escrever: imp. **escripvia** 162.20; p. p. **escripveo** 72.13; m. q. p. **escripvera 61.17**.
escusar v. t. **113.3** evitar.
escuso adj. **18.4** escusado.
escuyta s. f. sentinela: **escuytas** 59.19.
escuytar v. t. escutar: p. p. **escuytou** 23.20.
esforçar v. t. **28.27** incutir ânimo: p. p. **esforçou** 118.15.
esforço s. m. **132.3** ânimo.
esguardar v. t. **7.4** observar.
esguarrar v. refl. perverter: imp. conj. **esguarrassem** 186.13; part. **esguerrados** 186.12.
espaçar v. i. **183.27** passar tempo: p. p. **espaçou** 39.19; ger. **espaçando** 187.19.
espaço s. m. **41.1** demora.
espaço s. m. **62.11** tempo.
espedir v. refl. despedir: p. p. **espedio** 11.1 **espedyo** 59.7 **espediu** 41.3 **espidio** 11.22 **espedirom** 59.2.
espenda s. f. **146.4** parte da sela sobre que assenta a coxa.
espertar v. i. suscitar: p. p. **espertavam** 46.14.
espessura s. f. **29.12** número, quantidade.
esprito s. m. **101.29** espírito.
esquyvo adj. **138.24** tempestuoso.
esso pron. **4.8** isso; — **mesmo** 4.8 também.
esteo s. m. **138.21** esteio.
estoria s. f. **3.10** narrativa.
estremado adj. **62.6** excelente: **estramado** 149.3 **estremada** 3.13.
estremo s. m. **75.26** fronteira.
estroir v. t. destruir: inf. p. **estroirem** 58.12; part. **estroida** 176.3.
esventollado adj. desfraldado: **esventollada** 87.12.

F

facha s. f. 119.5 espécie de machado grande: **fachas** 119.4.
fallar v. t. dizer: ger. **fallando** 4.32.

falecimento s. m. 198.7 defeito, falta.
falsar v. t. trespassar: p. p. **falsou** 31.19.
fame s. f. 109.18 fome.
fazenda s. f. 60.23 aquilo que se tem feito, se faz ou está para se fazer.
fazer v. t. fazer: p. p. **feze** 49.13 **fezeram** 32.10 **fezerom** 9.26; m. q. p. **fezera** 11.4; fut. **faredes** 62.6; p. conj. **façades** 22.1; imp. conj. **fezesse** 25.4 **fezessem** 99.5; imper. **fazede** 28.21.
fe (**aa salva**) loc. adv. 90.23 sob garantia de segurança.
fermoso adj. 2.18 formoso: **fermosa** 2.19.
feyto s. m. facto, feito: **de** — 3.28 de facto; **em** — 8.26 sobre; **pera** — 15.21 valente; **por** — 10.5 por causa.
fiar v. i. confiar: imp. **fiava** 9.8; p. conj. **fiasse** 185.4.
filho d·algo s. m. fidalgo: **filha d·algo** 6.17.
filhado adj. 77.11 tomado: **filhada** 194.26 **filhados** 75.14.
fim s. f. 23.21 fim. Tb. s. m. 47.14.
firmeza s. f. compromisso: **firmezas** 36.8.
fisico s. m. médico: **fisicos** 162.8.
fiuza s. f. 23.26 confiança.
forte adj. insistente: **fortes** 176.7.
forte adj. 38.29 mau.
fortuna s. f. 194.20 risco.
frontaria s. f. 15.9 zona militar fronteiriça: **frontarias** 14.23.
fruyta s. f. 26.10 fruta.
fundo (**a**) loc. adv. 41.25 abaixo.
fundo (**em**) loc. adv. 27.15 em baixo.
furtivelmente adv. 100.23 furtivamente.

G

ganar v. t. ganhar (f. deturpada): **ganou** 92.10.
garnimento s. m. guarnecimento: **garnimentos** 41.28 var. **guarnimentos** 201.25.
gasalhado s. m. 11.23 acolhimento.
genoes adj. 181.6 genovês: **genoeses** 194.27.
giolho s. m. joelho: **giolhos** 132.17.
graadamente adv. 2.2 generosamente.
graadeza s. f. 2.1 generosidade.
graado adj. 1.15 generoso.
gram adj. 3.3 grande.
grande s. m. pessoa de elevada categoria social: **grandes** 11.25.
grandemente adv. 2.13 faustosamente.
gris adj. 171.20 cinzento.

grosso adj. 163.9 gordo.
guardar v. t. 162.17 evitar.
guardecer v. t. agradecer: p. i. **guardeço** 23.23; imp. **guardecia** 85.9; p. p. **guardeceo** 119.27. V. tb. *agardecer.*
guarecer v. i. 162.3 curar-se.
guarnido adj. ornamentado: **guarnida** 41.28 **guarnidos** 37.12.
guisa s. f. 5.33 maneira.
guisar v. i. permitir: m. q. p. **guisara** 61.28.
guisar v. refl. preparar: **guisou** 15.18.
guoarda s. f. 47.31 guarda.

H

herdamento s. m. herança: **herdamentos** 11.24.
hiir v. i. 57.14 ir: var. **hyr** 57.13; imp. **hya** 57.21 **hyam** 57.18; p. p. **foy** 57.25; fut. **hyrees** 42.11; p. conj. **vaamos** 37.16 **vaades** 22.2; inf. pess. **hyrem** 57.11; ger. **hindo** 57.24.
honrrado s. m. digno: **digna** 2.21.
hordenança s. f. 182.2 determinação.
hordenado adj. determinado: **hordenada** 181.23.
huu prep. 167.3 onde.
hy adv. 5.27 aí.

I

iffante s. m. 21.1 infante. Tb. s. f. 36.6.
imiigo s. m. inimigo: *imiigos.* V. tb. *ymiigo.*
inchado adj. 164.12 presunçoso.
incrinado adj. 2.3 disposto.
ingres s. m. inglês: **ingreses** 24.18. V. tb. *engres.*

J

jazer v. i. estar: p. i. **jaz** 17.16; imp. **jazia** 33.21; ger. **jazendo** 25.17.
jubom s. m. 173.18 gibão.
jur·herdade s. m. 151.14 juro e herdade: var. **jur·d·erdade** 153.18.

L

lançar v. refl. 52.12 colocar.
ledamente adv. 18.5 alegremente.
ledice s. f. 28.11 alegria: var. **lidiçe** 163.12.
ledo adj. 5.32 alegre.
leixar v. t. 43.16 deixar: var. **leyxar** 130.1; p. i. **leixa** 7.15; p. p. **lei-**

xou 17.25 **leyxou** 57.14 **leixarom** 43.8; m. q. p. **leixara** 43.17; fut. **leixarey** 35.1; imp. conj. **leixasse** 45.10 **leyxassem** 35.14; inf. p. **leixardes** 64.7; ger. **leixando** 131.22.
letra s. f. 14.11 declaração.
levar v. t. levar: imper. **levade** 177.4.
liado adj. 122.5 unido.
lidiçe v. **ledice**.
lingoa s. f. 114.24 intérprete.
linhagem s. f. 5.32 linhagem. Tb. s. m. 19.23.
logar s. m. 21.17 espaço, oportunidade: var. **lugar** 29.18.
longa **(aa)** loc. adv. 88.17 devagar.

M

maçar v. t. magoar: imp. **maçavam** 30.5: part. **maçado** 32.9.
madre s. f. 3.9 mãe.
magnifesto adj. manifesto: **magnifestos** 203.8.
mais conj. 33.18 mas: var. **mays** 121.4.
mais adv. 33.19 mais.
maldizer s. m. 16.20 maledicência.
maltratado adj. 162.24 doente.
mantel s. m. roupa branca: **mantees** 74.17.
mantom s. m. 173.9 capotão.
maravilha s. f. 29.23 acontecimento digno de admiração.
maravilhar v. refl. admirar, espantar: imp. **maravilhavam** 194.18; p. p. **maravilhou** 9.3.
mariscal s. m. 154.20 marechal.
marte s. m. mártir: **martes** 199.9.
marter s. m. 114.21 mártir.
mays **(as)** loc. adv. 151.15 a maior parte.
meatade s. f. 94.10 centro, meio: var. **metade** 129.10.
meenhã s. f. 113.10 manhã.
meco **(em este)** loc. adv. 42.18 entretanto.
meijoada s. f. 60.15 sítio ou lugar em que se dorme e passa a noite.
menenconico adj. 162.10 melancólico.
menospreço s. m. 174.7 menosprezo.
mentes **(ter)** s. f. 185.27 prestar atenção.
mesajeiro s. m. 178.19 mensageiro: **mesajeiros** 117.30.
mesura s. f. 123.23 medida.
metade: v. **meatade**.
miçe f. trat. 24.16: var. **miiçe** 181.6.

mingoa s. f. 79.14 falta.
mingoado adj. carecido: **mingoada** 80.10 **minguada** 52.12.
misura s. f. 12.3 delicadeza.
misurado adj. 5.9 delicado.
miudos s. m. 55.2 povo.
mizcrar v. t. 113.17 intrigar.
moesteiro s. m. 26.23 mosteiro.
montar v. i. ter importância: p. conj. **monte** 128.25; imp. conj. **montasse** 90.21.
monteiro adj. 12.8 perseguidor de caça.
mover v. refl. decidir: imp. **movia** 22.24; p. p. **moveo** 19.15.
muymento s. m. 13.20 sepultura.

N

nembrar v. i. lembrar: imp. **nembrava** 120.22.
nobrecido adj. enobrecido: **nobrecida** 88.14.
nojo s. m. 20.4 desgosto.
nome (**aver**) s. m. 1.12 chamar-se.
novo (**de**) loc. adv. 2.23 pela primeira vez.

O

obrado adj. 2.20 construído.
omizyo s. m. 154.5 crime de homicídio.
ora adv. 44.22 agora.
ordenado adj. determinado: **ordenados** 37.1.
ordenança s. f. 60.9 ordem.
ordenar v. t. organizar: p. p. **ordenarom** 17.5.
osmar v. t. 130.16 avaliar.
oufano adj. 77.21 ufano.
outorgar v. refl. imaginar: p. p. **outorgou** 17.28.
outorgar v. t. concordar: p. p. **outorgarom** 50.24.
outorgar v. t. conceder: imp. conj. **outorgasse** 25.4.
outrosy adv. 4.2 outrossim.

P

pação adj. cortês: **paçãa** 5.1.
padre s. m. 2.7 pai.
page s. m. pagem: var. **paje** 115.12; **pages** 158.9.
pagua s. f. 42.10 pagamento.
pam s. m. 66.12 pão.

pam s. m. 200.12 cereais; **paães** 170.14.
par (a) loc. adv. 110.5 junto.
pareçente adj. 198.16 parecido(a).
parecer v. i. aparecer: p. p. **pareceo** 120.16.
parte (saber) s. f. ter conhecimento: pass.
partir v. i. repartir: imp. **partia** 2.26; p. p. **partyo** 20.25.
partir v. refl. separar: imp. conj. **partisse** 46.1.
pasifico adj. pacífico: **pasifica** 14.12.
passado adj. 14.4 falecido.
passara [pássara] s. f. perdiz: **passaras** 164.7.
passo s. m. 82.5 passagem.
passo adv. 52.4 devagar.
passo adv. 80.29 entretanto.
peça s. f. 32.18 número elevado.
pensar v. i. tratar: imp. conj. **pensassem** 171.2; part. **pensados** 80.1.
pensoso adj. 90.3 preocupado.
pequeno s. m. 81.10 pedaço.
per prep. 3.15 por.
pera prep. 1.5 para.
percalçar v. t. alcançar: fut. **percalçaredes** 28.24.
perceber v. t. 35.13 preparar: imp. conj. **percebesse** 60.1; part. **percibida** 71.3 **percebidos** 61.1.
percibimento s. m. preparativo: **percibimentos** 108.4.
perdoança s. f. perdão: **perdoanças** 13.22.
perfioso adj. 103.22 encarniçado.
perlongado adj. adiado: **perlongada** 20.29.
pero conj. 4.8 embora.
pertecer v. i. pertencer, caber: imp. **pertecia** 39.23 **perteçiam** 187.12.
pestelença s. f. 88.2 peste, epidemia.
piom s. m. 81.11 peão: **pioões** 19.4. V. tb. **pyam**.
poder s. m. 90.9 possível.
poder s. m. 162.26 domínio.
poer v. t. 5.13 pôr: var. **pôr** 90.16 **pooer** 18.4 **poor** 40.11; p. p. **poserom** 76.20; imp. conj. **posesse** 7.11; inf. p. **poerdes** 24.9 **poerem** 16.4; ger. **poendo** 47.24. **pohendo** 125.4
pollo prep. + art. 4.20 pelo: **polla** 8.9.
ponto s. m. 38.29 ocasião.
por conj. 1.3 para.
porem conj. 23.18 por isso.
poridade s. f. 164.14 segredo, assuntos pessoais confidenciais. Var. **puridade** 162.17.
porto s. m. 127.17 passagem, vau.

pousada s. f. **37.17** alojamento: **pousadas** 37.17.
pousar v. t. estar alojado: imp. **pousava** 61.12 **pousavam** 4.22.
povoraçom s. f. 145.19 povoação.
praça (de) loc. adv. 63.23 publicamente.
prasmado adj. 2.1 censurado.
prazer v. i. agradar: p. i. **praz** 21.24; imp. **prazia** 9.28; p. p. **prouve** 7.12 **prougue** 13.4; cond. **prazeria** 5.11; p. conj. **praza** 63.7; imp. conj. **prouvesse** 7.20 **prouguesse** 20.3; fut. conj. **prouver** 8.3.
prazimento s. m. 120.17 prazer.
preçar v. t. prezar, apreciar: imp. **preçava** 71.9; p. p. **preçarom** 37.18.
precissom s. f. 174.2 procissão.
pregunta s. f. 4.28 pergunta.
preguntar v. t. 165.16 perguntar: p. p. **preguntou** 37.24 **preguntaram** 165.18; ger. **preguntando** 18.18.
prehender v. t. 32.6 prender: p. p. **prehendeo** 32.6.
preitejamento s. m. 91.11 acordo.
preitejar v. refl. estabelecer acordo: p. p. **preitejou** 103.23 **preitejarom** 70.13.
prepoer v. t. 157.23 incentivar.
prepoer v. t. propor: p. p. **prepos** 104.12; part. **preposta** 151.16.
preposito s. m. 108.14 propósito.
prestes adj. 21.10 pronto.
prestimo 153.19 s. m. porção dos réditos de um benefício: var. **prestemo** 150.3.
prevenda s. f. 31.2 prebenda.
prhenda s. f. 153.27 saque.
prhender v. t. 71.28 prender: imp. **prhendiam** 89.1.
priigo s. m. 24.2 perigo.
priigoso adj. perigoso: **priigosa** 94.26.
prioll s. m. 2.10 prior: var. **priol** 3.5.
priollado s. m. 14.7 priorado.
prisoeyro s. m. prisioneiro: **prisoeyros** 128.3; var. **prisoeiros** 130.26. V. tb. **prisoueiro**.
prisoueiro s. m. 139.17 prisioneiro: **prisoueiros** 129.20; var. **prisoueyros** 129.24.
proceder v. i. prosseguir: imp. conj. **procedessem** 54.19.
propor v. t. expor: p. p. **propos** 55.11.
proll s. m. 37.15 proveito.
prollego s. m. 1.6 prólogo.
provar v. t. 50.1 experimentar, pôr à prova; ger. **provando** 133.18.
puridade s. f. 162.17: v. **poridade**.
pyam s. m. 86.20 peão. V. tb. **piom**.

Q

qual conj. 5.14 como.
quanto adv. 35.4 um tanto.
quebrantado adj. 24.13 desanimado: **quebrantados** 151.5.
quebrantado adj. quebrado: **quebrantadas** 119.3.
quentura s. f. 162.15 febre: var. **queentura** 163.24 **queētura** 166.5.
quintaa s. f. 81.5 quinta: **quintaães** 88.6 **quintãas** 149.15.
quorenta num. 3.15 quarenta.
quyta s. f. quitação: **quytas** 201.28.

R

rabom s. m. 81.10 rábano.
rracova s. f. 110.26 récua.
ramo s. m. 72.16 um pouco.
ravalde s. m. 85.28 arrabalde. V. tb. **aravalde**.
razoado s. m. 186.6 exposição de razões.
razoado adj. 12.3 acertado: **razoada** 39.10.
razoar s. m. 152.2 argumentação.
razoar v. i. discutir, conversar: p. p. **razoou** 47.25; m. q. p. **razoara** 40.15; ger. **razoando** 56.14.
real s. m. 135.13 acampamento militar: var. **rreall** 110.5.
recado s. m. 9.18 disposição.
recado s. m. 105.4 medida de segurança.
recontar v. t. 40.14 contar: p. p. **recontou** 40.6.
recrecer v. i. e refl. acontecer inesperadamente: imp. **recreciam** 96.2; p. p. **recreceo** 159.11 **recrecerom** 125.1; imp. conj. **recrecesse** 43.24.
recudyr v. i. 27.7 voltar: p. p. **recudio** 87.5 **recudiram** 55.9 **recudyram** 173.13.
reduzer v. t. 41.3 convencer: var. **reduzir** 45.24; p. p. **reduzeo** 45.25; ger. **reduzindo** 9.13.
refeçe adj. 200.16 muito barato.
refertar v. i. arguir, requerer: imp. conj. **refertasse** 142.28.
refusar v. t. recusar: imp. **rrefusavam** 172.18; p. p. **refusarom** 176.18.
regedor s. m. 135.10 governador.
reger v. t. chefiar, dirigir: p. p. **regeo** 60.8.
reger v. refl. ser dirigido: imp. conj. **regessem** 16.19 part. **regidos** 17.13.
regnar v. i. reinar: ger. **rregnando** 14.14.
regno s. m. 2.13 reino: var. **reyno** 36.8.
rreguarda s. f. 17.8 retaguarda.
regueira s. f. 62.28 regato estreito.

remessar v. t. arremessar: p. p. **remessou**; part. **remessada** 174.19.
repartimento s. m. 148.4 distribuição.
repender v. refl. arrepender: p. p. **rependerom** 177.12; part. **rependido** 18.22.
rreposta s. f. 18.10 resposta.
reprhender v. t. repreender: ger. **reprhendendo** 90.28.
requerer v. i. 59.23 pedir.
rrequesta s. f. 21.3 desafio.
requestar v. t. 23.10 desafiar.
resguarda s. f. 67.9 retaguarda.
resguardo s. m. 7.3 recato.
ressiio s. m. 158.10 rossio. V. tb. **riisyo**
rretar v. t. 19.12 desafiar: var. **retar** 20.2.
retheudo adj. retido: **retheudas** 100.20.
retraer v. refl. recuar: imp. **retrayam** 68.15; p. p. **retraaeo** 52.27.
reynha s. f. 3.19 rainha: var. **reinha** 38.9.
rrezom s. f. 9.8 conversa.
ribança s. f. 136.22 margem alta.
rriigamente adv. 29.11 energicamente: var. **rijamente** 48.20.
rriigimento s. m. 60.10 formação militar.
riigo adv. 18.23 rapidamente.
riisyo s. m. 158.6. V. **ressiio**.
roldar v. refl. ter ronda: imp. **roldavam** 145.12.
romorder v. refl. murmurar: imp. **romordiam** 63.20.
rostro s. m. 69.26 frente.
rrostro s. m. rosto: **rrostros** 118.5.

S

saber v. t. saber: part. **sabudo** 177.11.
sabor s. m. 5.2 gracejo.
sabor s. m. 8.17 agrado.
saboroso adj. agradável: **saborosa** 162.8.
sages adj. 6.26 prudente.
salconduyto s. m. 21.1 salvo-conduto.
salla s. f. 36.20 banquete.
sangue s. m. 1.12 ascendência.
sanha s. f. 54.10 ira.
sanhudamente adv. 164.23 iradamente.
sanhudo adj. 35.4 irado.
sassenta num. 52.1 sessenta.
sayda s. f. 187.1 fim.

sazom s. f. 3.29 ocasião: var. **sezom** 155.7.
ser v. i. 16.21 ser: p. i. **som** 22.26 **soom** 23.6 **são** 23.24 **he** 23.8 **sodes** 62.8 **soes** 64.11 **som** 18.1; p. p. **forom** 20.26; imper. **seede** 65.5; inf. pes. **sermos** 63.11; ger. **seendo** 3.19.
seer v. i. 16.18 estar: imp. **siiam** 4.22; cond. **seriam** 79.28; inf. pess. **seerdes** 63.12.
seestra adj. 37.5 esquerda.
segurança s. f. 65.23 garantia.
seguro s. m. 160.4 salvo-conduto.
sembrante s. m. 21.18 semblante.
semelhar v. i. parecer: p. i. **semelha** 34.29; cond. **semelharia** 165.12.
senhorado adj. 162.11 apoderado.
servir v. i. servir: p. conj. **serva** 54.9.
ssequer adv. 64.10 ao menos.
seu s. m. 103.25 os seus haveres.
signal s. m. 93.25 preságio.
siguir v. t. seguir: imper. **siguide** 28.21.
siintido s. m. 154.27 ressentimento.
siintido adj. 156.25 adoentado.
simprezmente adv. 183.9 sem motivo especial.
sintido adj. receoso: **sintidos** 172.5.
sintimento s. m. 14.22 ressentimento.
so prep. 115.13 sob.
sobjeiçam s. f. 67.21 sujeição.
sobraçado adj. 163.25 seguro por debaixo dos braços.
sobrançaria 57.1 arrogância.
sobrechegar v. i. aparecer: p. p. **sobrechegarom** 163.6.
sofrer v. refl. conter: p. p. **sofreo** 62.13; p. conj. **soffrades** 168.30.
soffrer v. t. 29.7 suportar: p. p. **soffreo** 135.3.
solha s. f. cota guarnecida com lâminas de metal: **solhas** 30.4.
solto adv. 54.11 desabrido: **solta** 110.16 **soltas** 135.2.
soma s. f. 8.19 súmula.
somana s. f. 199.16 semana: **somanas** 181.9.
soomente adv. 99.17 excepto.
soterrar v. t. 121.3 enterrar.
subjeyto adj. sujeito: **subjeyta** 42.25.
sugiguado adj. submetido: **sugiguada** 47.9.
sy adv. 18.19 sim.

T

tallante s. m. 81.6 vontade.
tanto adv. 5.22 logo.

tanto (em) adv. 2.1 de tal modo.
tardança s. f. 15.18 demora.
teente s. m. 168.2 tenente: var. **tente** 189.3.
teer v. t. ter: fut. **terrey** 24.7; cond. **teerya** 58.27.
teer v. t. pensar: p. p. **teve** 77.3; ger. **teendo** 113.14.
teer v. t. 79.3 atalhar.
teer v. refl. ater: cond. **teerriam** 59.11; imp. conj. **tevessem** 48.14.
ter v. refl. 41.14 conter: p. p. **teve** 40.13.
theudo adj. obrigado: **theudos** 62.8.
tirar v. t. 95.21 atirar.
todavia conj. 34.21 em qualquer caso.
todo adv. 115.4 tudo.
todolos adj. 15.22 todos os: **todollas** 66.3.
tolher v. t. 170.1 tirar: fut. **tolherees** 186.20.
tomar v. i. 131.5 atacar.
topar v. i. 27.2 embater; p. p. **toparom** 68.9.
topo s. m. 90.12 embate.
tornar v. i. voltar: p. conj. **tornedes** 28.19.
torva s. f. 35.28 impedimento.
torvaçom s. f. 47.3 perturbação.
torvar v. t. 19.27 impedir: imp. **torvava** 56.19; p. p. **torvarom** 94.25; part. **torvada** 153.10.
torvar v. refl. perturbar: p. p. **torvou** 102.6; part. **torvado** 8.9
toste adv. 56.22 cedo.
tostemente adv. 190.9 depressa.
trabalhado adj. extenuado: **trabalhadas** 79.11.
trabalhar v. refl. esforçar: imp. **trabalhava** 14.18; p. p. **trabalhou** 3.28; imp. conj. **trabalhasse** 35.6.
tractador s. m. 147.16 negociador.
tracto s. m. 147.16 acordo.
tras adv. 98.10 atrás.
tras adv. 76.22 detrás.
traspasso s. m. 177.29 demora: var. **trespasso** 20.6.
trautar v. t. tratar: imp. conj. **trautasse** 58.26.
trauto s. m. tratado: **trautos** 153.24.
travar v. t. agarrar: p. p. **travarom** 94.25.
travesa s. f. 86.20 través.
trazer s. m. 120.8 vestidura.
trazer v. refl. 8.14 assear, compor.
trazer v. t. trazer: imp. **traziades** 128.20 **tragiam** 84.23; p. p. **trouve** 52.10 **trouverom** 164.6; m. q. p. **trouverees** 126.25; fut. **trazerá** 54.7; imp. conj. **trouvesse** 10.20 **trouvessem** 201.3.

treyçam s. f. 88.10 traição.
trigar v. refl. apressar: p. p. **trigarom** 37.9.
trintayro s. m. 38.10 trintário: var. **triintairo** 198.17.
trompeta s. f. 79.12 trombeteiro.
tronco s. m. 37.13 assento comprido.
troto s. m. 66.20 trote.

V

vaasqueiro adj. 146.2 não em cheio.
vainha s. f. bainha: **vainhas** 173.15.
vallado s. m. 119.3 cerca defensiva.
veigua s. f. 124.28 veiga.
vellar v. refl. vigiar: imp. **vellavam** 145.12.
venguarda s. f. 17.33 vanguarda. V. tb. **abengarda** e **avanguarda.**
ver v. t. ver: p. p. **vio** 7.21 **virom** 75.8; fut. **veredes** 124.1; cond. **veriades** 131.13; ger. **veẽdo** 78.15.
vergonhoso adj. 5.9 tímido.
vertuoso adj. 93.9 virtuoso.
vespora s. f. 116.20 véspera.
viço s. m. 3.24 bom tratamento.
viçoso adj. proveitoso: **viçosos** 11.18.
vigagem s. f. 102.30 estrutura interna.
vĩho s. m. 134.22 vinho.
viir v. i. 3.28 vir: var. **viinr** 82.14; p. p. **veo** 3.28 **veeo** 1.7; fut. **vinrá** 63.1; cond. **vinria** 87.20 **vinriam** 52.6 **vinrriam** 27.3; inf. pess. **viinrem** 82.3; ger. **viindo** 83.23.
viratam s. m. 102.30 virotão: var. **viratom** 174.18; **viratoões** 29.23.
voda s. f. boda: **vodas** 36.19.
volta s. f. 74.20 barulho.
volta (de) loc. adv. 27.7 misturados.

Y

ymiigo s. m. 93.10 inimigo: **ymiigos** 17.10. V. tb. *imiigo*.

ÍNDICE ONOMÁSTICO

Os números em itálico indicam páginas da introdução; os números em redondo referem-se ao texto da *Estoria*.

A

D

E

F

G

H

I

J

L

M

N

O

P

R

S

T

V

Z

ÍNDICE TOPONÍMICO

Os números em itálico indicam páginas da introdução; os números em redondo referem-se ao texto da *Estoria*.

A

B

C

D

E

F

G

I

J

L

M

N

O

P

R

S

T

V

X

Z

ÍNDICE GERAL

Págs.

Págs.

ADITAMENTOS E CORRECÇÕES

1. Em aditamento ao primeiro capítulo da *Introdução* convirá notar que da *Coronica do condestabre* foram publicados alguns trechos em antologias, das quais salientamos:

VASCONCELOS, José Leite de — *Textos arcaicos*. 3.ª ed. ampl., Lisboa, Clássica Editora, 1922, p. 81-83 (cap. I);

NUNES, José Joaquim — *Florilégio da literatura portuguesa arcaica*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1932, p. 122-123 (cap. LXXIX);

NUNES, José Joaquim — *Crestomatia arcaica*, 7.ª ed., Lisboa, Clássica Editora, s. d. [1970], p. 134-135 (partes dos cap. XVII e LII);

ROBERTS, Kimberley S. — *An anthology of Old Portuguese*, Lisboa, Livraria Portugal, s. d. [1956], p. 118-120 (parte do cap. LXVII).

2. As duas edições quinhentistas da *Coronica* são, naturalmente, referidas pela Dr.ª Maria Alzira Proença Simões no seu *Catálogo dos impressos de tipografia portuguesa do século XVI : a coleção da Biblioteca Nacional*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1990, p. 116 (referências n.º 212 e 213, respectivamente ed. 1526 e 1554). Aí se indicam outros exemplares existentes na Biblioteca Nacional.

3. Já depois de impressa a *Introdução* verificámos que na 15.ª edição da *História da literatura portuguesa*, 1989, p. 142, A. J. Saraiva e O. Lopes, definem como datas limites da redacção da *Estoria* 1431 e 1433 (ano da morte de D. João I), com base numa passagem do último capítulo que não é explicitada. Supomos que se trata da frase que ocorre em 198.17-18 — « ... ficou com el·rey seendo entom mestre...». É uma hipótese interessante, que figurou entre os nossos apontamentos para a *Introdução*, mas que abandonámos por considerar que a frase vem na sequência de numerosas

referências a «el'rey» a partir do cap. XLII, e que não difere delas de modo a singularizar-se como elemento peremptório de datação. A expressão «entom» aparece em várias passagens, nomeadamente em 5.18 referida ao próprio D. João. Outras referências do mesmo capítulo (p. 202), a «el'rey» e ao «princepe» D. Duarte são menos significativas por narrarem factos ocorridos em 1422 ou pouco depois.

4. Na p. CII poder-se-á estranhar que não mencionemos, entre as fontes da *Estoria*, concretamente do cap. I, os livros de linhagens, sobretudo atendendo a que Fernão Lopes, para matéria correspondente (*Crónica de D. João I*, 1.ª parte, cap. XXXII, p. 57), refere «ho livro de linhageēs dos Fidalgos no titulo viinte e huũ, parrafo undecimo». A verdade é que o texto da *Estoria* nos parece demasiado distante do *Livro das Linhagens* para que consideremos este como fonte daquela. O autor terá recorrido a outra fonte mais acessível.

5. Na p. CXXIX acrescente-se a opinião pessoal do prof. António José Saraiva sobre o estilo da *Estoria*, em comparação com o da narrativa da batalha do Salado: aquele é «mais primitivo, mais oral e familiar, brusco e ingenuamente realista» (*O autor da narrativa da batalha do Salado e a refundição do Livro do Conde D. Pedro*, «Boletim de Filologia», Lisboa, vol. 22, 1964-1971, fasc. 1-2, p. 1-16).

6. Acrescentem-se as seguintes notas ao texto crítico:

4.7 *ensayar*: ensayr *AB*. Cf. 115.18.
35.21 *piões*: picões *AB*. Cf. 111.21 e outras.
103.10 *beestas*: mantemos o que está em *AB*, mas seria aceitável também a correcção para *bestas*.
136.22 *rribança*: rribanca *AB*.

7. Corrijam-se as seguintes gralhas: LXXXIX, nota: *Froissant* para *Froissart*; 4.24 *mandaram'nos* para *mandarom'nos*; 53.17 *cousa* para *cousas*; 54.15 *Non* para *Nom*; 61.28 *Gonçalves* para *Gonçalvez*; 62.25 *Alvres* para *Alvrez*; 91.12 *Fernandes* para *Fernandez*; 137.9 e 160.17 *tomaram* para *tomarom* (note-se que estas terminações do pretérito em *-om* coexistem no texto com numerosos casos de terminações em *-am*). Retire-se a vírgula no fim da linha, em 22.21.